



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**Faculdade de Educação**

**JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA**

**EDUCAÇÃO INTEGRAL: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA**  
**“ESCOLA DA ESQUINA” NARRADAS POR SEUS**  
**PROTAGONISTAS**

**CAMPINAS**  
**2024**

JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA

EDUCAÇÃO INTEGRAL: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA  
“ESCOLA DA ESQUINA” NARRADAS POR SEUS  
PROTAGONISTAS

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Educação, na Área de Educação.

Orientadora: Ana Maria de Campos

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. ANA MARIA DE CAMPOS.

CAMPINAS  
2024

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

Costa, Juliana Gomes Santos da, 1985-  
C823e Educação integral : experiências vividas na "Escola da Esquina" narradas  
por seus protagonistas / Juliana Gomes Santos da Costa. – Campinas, SP : [s.n.],  
2024.

Orientador: Ana Maria de Campos.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas  
(UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Educação integral. 2. Práticas educativas. 3. Inquérito  
narrativo (Método de pesquisa). I. Campos, Ana Maria de. II.  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de  
Educação. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Integral education : experiences at the "Escola  
da Esquina" narrated by its protagonists

**Palavras-chave em inglês:**

Comprehensive educational services

Educational practices

Narrative inquiry (Research method)

**Área de concentração:** Educação

**Titulação:** Doutora em Educação

**Banca examinadora:**

Ana Maria de Campos

Corinta Maria Grisolia Geraldi

Dulcinéia de Fátima Ferreira

Vera Lúcia de Carvalho Machado

Rúbia Cristina Cruz

**Data de defesa:** 28-05-2024

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0001-0426-3129>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4331599972369147>

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TESE DE DOUTORADO**

**EDUCAÇÃO INTEGRAL: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA  
“ESCOLA DA ESQUINA” NARRADAS POR SEUS  
PROTAGONISTAS**

Autora: JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA

Este exemplar corresponde à redação final da Tese Defendida por Juliana Gomes Santos da Costa e aprovada pela Comissão julgadora.

Data: 28/05/2024

**COMISSÃO JULGADORA**

Presidente: Ana Maria de Campos

Membro Titular Interno: Corinta Maria Grisolia Geraldi

Membro Titular Externo: Vera Lúcia de Carvalho Machado

Membro Titular Externo: Rúbia Cristina Cruz

Membro Titular Externo: Dulcinéia de Fátima Ferreira

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

**2024**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos protagonistas que fazem a escola pública, às pessoas que cotidianamente estão a construir uma educação de Qualidade, Transformadora e Bonita.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha Vida e pela Vida recebida em meu ventre, Gabriel que nesse processo ocupou minha barriga, saiu dela, ocupou os meus olhos e coração e que defende ao meu lado esse que não é somente um trabalho de doutorado, é nosso grito.

A quem peço bença, tudo e todos que acredito, avós, avôs, bisavós e bisavôs, ancestrais que ecoam em mim mesmo que eu nunca tenha os ouvidos.

À minha mãe e ao meu pai pelo amor, dedicação e ensinamentos dedicados a mim.

À minha irmã, Fabiana, por não se cansar de me ensinar, pela paciência e pelo companheirismo.

Ao Rafael Fernando da Costa com quem dividi mais essa caminhada, meu parceiro acadêmico, de luta, de escrita, de vida. Agradeço por não ter me deixado desistir, por me trazer de volta incontáveis vezes, de volta para mim. Obrigada.

À Ana Maria de Campos, seu abraço naquela tarde e seu reconhecimento de minha força foi um encontro de vida, você é mais uma Ana que floresce o meu empoderamento, você é grande, nunca conseguirei te agradecer aquele abraço e suas mãos estendidas.

À UNICAMP, Universidade que me ensinou as nuances da vida acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela bolsa que me possibilitou a dedicação exclusiva no processo de doutoramento e na produção dessa pesquisa.

À cada funcionário da UNICAMP e, em especial, os das bibliotecas por onde andei.

Ao professor Antônio Carlos Amorim por, na função de coordenador da pós-graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, ouvir minha voz.

À professora Débora Jeffrey que por telefone me contou a sua história, me mostrando os fios que nos aproximam, se colocou pronta a me ajudar no que fosse preciso.

Ao GEPEC, no nome do professor Guilherme do Val Toledo Prado, por me receber nesse grupo de pesquisa.

Às professoras parceiras de viagem por essa terra: A, F, R e L que gentilmente me aceitaram em suas aulas e em suas vidas, muito me ensinaram.

Às crianças do segundo e terceiro ano do ensino fundamental de Educação Integral da “Escola da Esquina” do ano de 2019, que me explicaram o que é a escola, como ela se faz, que estudaram comigo.

À todas e todos da “Escola da Esquina”, porteiros, merendeiras, auxiliares, estagiárias, cuidadoras, equipe gestora e outras docentes com quem me encontrei naquele corredor.

À professora Corinta Maria Grisolia Geraldi pelo aceite para participar da banca de qualificação e de defesa, pela acolhida, pela grandeza que tem e pela disposição em contribuir com esta pesquisa e com esta que a admira e respeita. Cada palavra dita foi um bálsamo para essa pesquisadora que se faz e que aprende pouco a pouco a esticar suas asas e alçar voos desconhecidos.

À professora Heloísa Helena Oliveira de Azevedo por aceitar estar na banca de qualificação, por ser aquela que me ensinou mais de pesquisa, me ensinou mais de docência, de infância, de luta, de ser gente.

À professora Vera Lúcia de Carvalho Machado, que aceitou o convite para a banca de defesa, minha admiração e respeito pela professora de graduação que me reencontra agora, a professora de Iniciação Científica que tanto me ensinou sobre

pesquisa e a admirável professora que deixou tudo amarelo em minha tarde de defesa.

À professora Dulcinéia de Fátima Ferreira, que aceitou o convite para a banca de defesa, sempre minha admiração por pessoas que embalam as lutas, escritas, sonhos e realidades de professoras e professores em estudo e atuação nas salas de aula desse país.

À professora Rúbia Cristina Cruz por aceitar o convite para compor a banca de defesa. Colega de trabalho que muito me ensinou e ensina, obrigada pela doçura comigo e por dividir comigo os voos, um jeito de pensar passarinho.

À professora Maria Emília Caixeta de Castro Lima por aceitar prontamente o convite para compor a banca de defesa, uma professora que admiro e que me alegra por dedicar tempo de sua vida à leitura de meu trabalho.

Ao professor Tiago Duque por aceitar prontamente o convite para compor a banca de defesa, um menino de passarinho na cabeça que atento ao meu voo se colocou em leitura.

À professora Norma Sílvia Trindade de Lima pelo aceite em compor a banca de defesa, pelo seu afeto nas palavras e por alimentar o entusiasmo dessa acadêmica.

## RESUMO

A investigação narrativa aqui apresentada, tem como objetivo compreender as concepções circulantes acerca do conceito e das práticas envolvendo o tema Educação Integral, enquanto proposta que articula os entes da federação, por meio do Ministério da Educação, estados e municípios, incluindo a sociedade civil. A busca da compreensão de como se efetiva a Educação Integral numa escola da rede municipal de ensino de Campinas/SP, se faz a partir das perspectivas apresentadas por quatro professoras que se dispuseram a participar da pesquisa, abrindo suas salas de aula para que a pesquisadora tivesse acesso às vivências experimentadas pelos sujeitos – professoras e estudantes – nas aulas. Assim, pela partilha da experiência, pelo diálogo constante e por entrevistas narrativas, as quatro professoras disponibilizaram suas histórias para refletirmos e compreendermos o que se vivencia como Educação Integral, além de suas marcas de vida em relação à infância e vida profissional/trabalho. As crianças, por sua vez, forneceram também indícios de como vivem a Educação Integral através de seus comentários em aula, de suas brincadeiras, de suas participações no correr da vida dentro da escola. Além desse repertório proveniente do vivido, as crianças também produziram cartografias do trajeto da casa até a escola (seu caminho) e, por fim, do lugar que mais gostam de estar na escola, à qual demos o nome carinhoso de “Escola da Esquina”. No percurso dessa jornada contamos com o auxílio de autores que tratam do tema Educação Integral, bem como das práticas pedagógicas, da experiência, da narrativa e do cotidiano, como Freire (2019), Benjamin (1994), Connelly e Clandinin (1995), Rockwell e Ezpeleta (2007), Heller (1985), Moll (2009,2012). Destacamos as lições aprendidas ao final do texto, infância, Educação Integral e a boniteza do trabalho pedagógico, as lições aprendidas no processo de pesquisa perpassam todo texto e findam nessa pesquisa educacional, que foi desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC), da Faculdade de Educação da UNICAMP e contou com financiamento da CAPES.

**Palavras-chave:** Educação Integral; Práticas educativas; Investigação narrativa.

## ABSTRACT

The narrative investigation, presented here, aims to understand the current conceptions about the concept and practices involving the theme of Integral Education, as a proposal that articulates the entities of the federation, through the Ministry of Education, states and municipalities, including civil society . The search for understanding how Integral Education takes place in a school in the municipal education network of Campinas/SP, is based on the perspectives presented by four teachers who were willing to participate in the research, opening their classrooms so that the researcher had access to the experiences experienced by the subjects – teachers and students – in classes. Thus, by sharing their experience, through constant dialogue and through narrative interviews, the four teachers made their stories available for us to reflect on and understand what is experienced as Integral Education, in addition to their life marks in relation to childhood and professional/work life. The children, in turn, also provided evidence of how they live Integral Education through their comments in class, their games, and their participation in the course of life within the school. In addition to this repertoire from what they have experienced, the children also produced cartographies of the journey from home to school (their path) and, finally, of the place they most like to be at school, which we affectionately named “Escola da Esquina”. . Along the way, we counted on the help of authors who deal with the theme of Integral Education, as well as pedagogical practices, experience, narrative and everyday life, such as Freire (2019), Benjamin (1994), Connelly and Clandinin (1995) , Rockwell and Ezpeleta (2007), Heller (1985), Moll (2009,2012). We highlight the lessons learned at the end of the text, childhood, Integral Education and the beauty of pedagogical work, the lessons learned in the research process permeate the entire text and end in this educational research, which was developed in the Group of Studies and Research in Continuing Education (GEPEC ), from the Faculty of Education at UNICAMP and was funded by CAPES.

**Keywords:** Integral Education; Educational practices; Narrative investigation.

## LISTA DE FIGURAS

<b><u>Figura 1</u></b> – Abre a porteira.....	<b><u>16</u></b>
<b><u>Figura 2</u></b> – “Conquém” fazendo o firmamento .....	<b><u>18</u></b>
<b><u>Figura 3</u></b> – A partida.....	<b><u>27</u></b>
<b><u>Figura 4</u></b> – A menina voltou nessa terra e nessa casa .....	<b><u>34</u></b>
<b><u>Figura 5</u></b> – Ulin.....	<b><u>38</u></b>
<b><u>Figura 6</u></b> – Vó Mundinha e Vô Memé .....	<b><u>40</u></b>
<b><u>Figura 7</u></b> – Vó Maria e Vô Tutu/Afro .....	<b><u>41</u></b>
<b><u>Figura 8</u></b> – mamãe e papai.....	<b><u>46</u></b>
<b><u>Figura 9</u></b> – O casamento.....	<b><u>47</u></b>
<b><u>Figura 10</u></b> – Balanço na mangueira.....	<b><u>48</u></b>
<b><u>Figura 11</u></b> – Boteco da Vila São João .....	<b><u>50</u></b>
<b><u>Figura 12</u></b> – Professora Cristina .....	<b><u>53</u></b>
<b><u>Figura 13</u></b> – Pé de árvore com Bibi .....	<b><u>54</u></b>
<b><u>Figura 14</u></b> – Sítio e medo de galinha .....	<b><u>55</u></b>
<b><u>Figura 15</u></b> – Gabriel a desenhar um sol no chão da praça .....	<b><u>66</u></b>
<b><u>Figura 16</u></b> – Os pés.....	<b><u>68</u></b>
<b><u>Figura 17</u></b> – Junqueirópolis .....	<b><u>70</u></b>
<b><u>Figura 18</u></b> – Nascer do sol de Junqueirópolis.....	<b><u>71</u></b>
<b><u>Figura 19</u></b> – Um caminho de roça .....	<b><u>72</u></b>
<b><u>Figura 20</u></b> – Meu pé na cerca.....	<b><u>77</u></b>
<b><u>Figura 21</u></b> – Se vê ao longe .....	<b><u>94</u></b>
<b><u>Figura 22</u></b> – A estrada que me espera .....	<b><u>95</u></b>
<b><u>Figura 23</u></b> – Se vê mais de perto.....	<b><u>103</u></b>
<b><u>Figura 24</u></b> – Árvore que carrega pote .....	<b><u>121</u></b>
<b><u>Figura 25</u></b> – Capa página do Facebook da “Escola da Esquina” .....	<b><u>123</u></b>
<b><u>Figura 26</u></b> – Capa de revista – Marielle Franco .....	<b><u>137</u></b>
<b><u>Figura 27</u></b> – Cartografia Caminho “E.K” .....	<b><u>140</u></b>
<b><u>Figura 28</u></b> – Cartografia Caminho “A.L” .....	<b><u>141</u></b>
<b><u>Figura 29</u></b> – Cartografia Caminho “N.L” .....	<b><u>142</u></b>
<b><u>Figura 30</u></b> – Cartografia Caminho “V.T” .....	<b><u>143</u></b>

<a href="#"><u>Figura 31 – Cartografia Caminho “D.V.”</u></a> .....	<a href="#"><u>144</u></a>
<a href="#"><u>Figura 32 – Cartografia Caminho “D.L.”</u></a> .....	<a href="#"><u>145</u></a>
<a href="#"><u>Figura 33 – Cartografia Caminho “M.S.”</u></a> .....	<a href="#"><u>146</u></a>
<a href="#"><u>Figura 34 – Cartografia Caminho “L.D.”</u></a> .....	<a href="#"><u>147</u></a>
<a href="#"><u>Figura 35 – Cartografia Caminho “P.D.”</u></a> .....	<a href="#"><u>148</u></a>
<a href="#"><u>Figura 36 – Cartografia Caminho “N.S.”</u></a> .....	<a href="#"><u>149</u></a>
<a href="#"><u>Figura 37 – Cartografia Caminho “E.D.”</u></a> .....	<a href="#"><u>150</u></a>
<a href="#"><u>Figura 38 – Cartografia Caminho “H.G.”</u></a> .....	<a href="#"><u>151</u></a>
<a href="#"><u>Figura 39 – Cartografia Caminho “M.G.”</u></a> .....	<a href="#"><u>152</u></a>
<a href="#"><u>Figura 40 – Cartografia Caminho “D.K.”</u></a> .....	<a href="#"><u>153</u></a>
<a href="#"><u>Figura 41 – Cartografia Caminho “I.Z.”</u></a> .....	<a href="#"><u>154</u></a>
<a href="#"><u>Figura 42 – Cartografia Caminho “L.V.”</u></a> .....	<a href="#"><u>155</u></a>
<a href="#"><u>Figura 43 – Cartografia Caminho “L.A.”</u></a> .....	<a href="#"><u>156</u></a>
<a href="#"><u>Figura 44 – Cartografia Caminho “K.L.”</u></a> .....	<a href="#"><u>157</u></a>
<a href="#"><u>Figura 45 – Cartografia Caminho “A.V.”</u></a> .....	<a href="#"><u>158</u></a>
<a href="#"><u>Figura 46 – Cartografia Caminho “A.D.”</u></a> .....	<a href="#"><u>159</u></a>
<a href="#"><u>Figura 47 – Cartografia Caminho “Y.G.”</u></a> .....	<a href="#"><u>160</u></a>
<a href="#"><u>Figura 48 – Alface da “Escola da Esquina”</u></a> .....	<a href="#"><u>167</u></a>
<a href="#"><u>Figura 49 – Horta “D.V.”</u></a> .....	<a href="#"><u>169</u></a>
<a href="#"><u>Figura 50 – Biblioteca E.K.</u></a> .....	<a href="#"><u>170</u></a>
<a href="#"><u>Figura 51 – Biblioteca D.K.</u></a> .....	<a href="#"><u>171</u></a>
<a href="#"><u>Figura 52 – Biblioteca M.S.</u></a> .....	<a href="#"><u>172</u></a>
<a href="#"><u>Figura 53 – Biblioteca “E.D.”</u></a> .....	<a href="#"><u>173</u></a>
<a href="#"><u>Figura 54 – Quadra Y.G.</u></a> .....	<a href="#"><u>174</u></a>
<a href="#"><u>Figura 55 – Quadra “V.T.”</u></a> .....	<a href="#"><u>175</u></a>
<a href="#"><u>Figura 56 – Quadra “H.G.”</u></a> .....	<a href="#"><u>176</u></a>
<a href="#"><u>Figura 57 – Quadra “E.D.”</u></a> .....	<a href="#"><u>177</u></a>
<a href="#"><u>Figura 58 – Quadra “N.L.”</u></a> .....	<a href="#"><u>178</u></a>
<a href="#"><u>Figura 59 – Quadra “I.Z.”</u></a> .....	<a href="#"><u>179</u></a>
<a href="#"><u>Figura 60 – Quadra “A.L.”</u></a> .....	<a href="#"><u>180</u></a>
<a href="#"><u>Figura 61 – Informática “A.D.”</u></a> .....	<a href="#"><u>181</u></a>
<a href="#"><u>Figura 62 – Informática “N.S.”</u></a> .....	<a href="#"><u>182</u></a>
<a href="#"><u>Figura 63 – Informática “D.L.”</u></a> .....	<a href="#"><u>183</u></a>
<a href="#"><u>Figura 64 – Informática “P.D.”</u></a> .....	<a href="#"><u>184</u></a>

<b><u>Figura 65 – Parque “K.L.”</u></b> .....	<b><u>185</u></b>
<b><u>Figura 66 – Parque “L.V.”</u></b> .....	<b><u>186</u></b>
<b><u>Figura 67 – Parque “AV.”</u></b> .....	<b><u>187</u></b>
<b><u>Figura 68 – Parque “L.D.”</u></b> .....	<b><u>188</u></b>
<b><u>Figura 69 – Parque “L.A.”</u></b> .....	<b><u>189</u></b>
<b><u>Figura 70 – Parque “M.G.”</u></b> .....	<b><u>190</u></b>
<b><u>Figura 71 – O coração da bananeira</u></b> .....	<b><u>192</u></b>
<b><u>Figura 72 – Pé de café</u></b> .....	<b><u>199</u></b>
<b><u>Figura 73 – Sino</u></b> .....	<b><u>243</u></b>
<b><u>Figura 74 – Carrinho sem cavalo carregado de infinitos</u></b> .....	<b><u>248</u></b>
<b><u>Figura 75 – A mangueira de minha primeira terra</u></b> .....	<b><u>249</u></b>

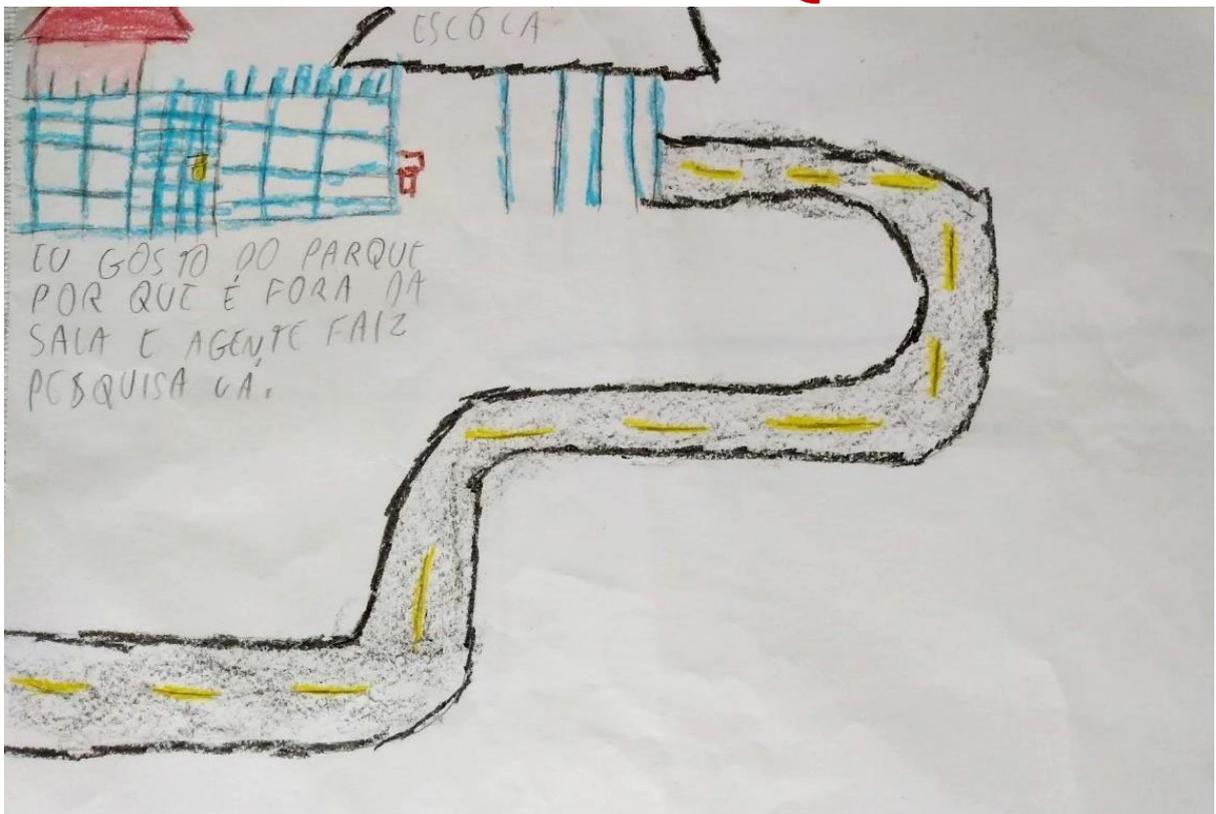
## SUMÁRIO

ABERTURA.....	15
<b>1</b> <b><u>A TERRA.....</u></b>	<b>16</b>
<b>1.1</b> <b><u>“ESCOLA DA ESQUINA” – CAMPO DE PESQUISA.....</u></b>	<b>20</b>
<b>1.2</b> <b><u>A VISITA.....</u></b>	<b>23</b>
<b>1.3</b> <b><u>PASTEL DE QUEIJO.....</u></b>	<b>25</b>
<b>1.4</b> <b><u>A PARTIDA.....</u></b>	<b>27</b>
<b>1.5</b> <b><u>A VIAGEM E O TRABALHO QUE ATRAVESSA ESSA TERRA-TESE.....</u></b>	<b>30</b>
<b>2</b> <b><u>A MENINA DO PASSARINHO NA CABEÇA.....</u></b>	<b>34</b>
<b>3</b> <b><u>SANDÁLIAS.....</u></b>	<b>66</b>
<b>3.1</b> <b><u>O NARRAR QUE TRAGO NAS SANDÁLIAS.....</u></b>	<b>68</b>
<b>3.2</b> <b><u>O COTIDIANO QUE TRAGO NAS SANDÁLIAS.....</u></b>	<b>77</b>
<b>4</b> <b><u>ESTRADAS, CARREADORES, CAMINHOS, TRILHOS, PISADEIROS, RASTROS E PEGADAS.....</u></b>	<b>95</b>
<b>4.1</b> <b><u>ESTRADAS CONSOLIDADAS: PEGADAS E RASTROS ENCONTRADOS.....</u></b>	<b>103</b>
<b>4.2</b> <b><u>CAMINHOS A SEREM CONHECIDOS.....</u></b>	<b>111</b>
<b>5</b> <b><u>CAMPO: PLANTAR, CULTIVAR E COLHER.....</u></b>	<b>123</b>
<b>5.1</b> <b><u>CARTOGRAFIAS.....</u></b>	<b>129</b>
<b>5.1.1</b> <b><u>O colorido dos canários-da-terra e seus caminhos.....</u></b>	<b>140</b>
<b>5.1.2</b> <b><u>O colorido dos canários-da-terra e o que mais gostam.....</u></b>	<b>166</b>
<b>5.2</b> <b><u>ENTREVISTA NARRATIVA.....</u></b>	<b>192</b>
<b>5.2.1</b> <b><u>O CONTAR DE SI DAS PROFESSORAS: AS QUE PLANTAM, CULTIVAM E COLHEM.....</u></b>	<b>202</b>
<b>5.2.1.1</b> <b><u>Professora “F”.....</u></b>	<b>208</b>
<b>5.2.1.2</b> <b><u>Professora “A”.....</u></b>	<b>214</b>
<b>5.2.1.3</b> <b><u>Professora “R”.....</u></b>	<b>225</b>
<b>5.2.1.4</b> <b><u>Professora “L”.....</u></b>	<b>234</b>
<b>5.2.2</b> <b><u>O encontro das meninas.....</u></b>	<b>243</b>
<b>6</b> <b><u>UM SORRISO NA MANGUEIRA.....</u></b>	<b>249</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>261</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>267</b>
<b>GRANDE SILO/TULHA INVENTÁRIO DE PESQUISA.....</b>	<b>267</b>
<b>GRANDE SILO/TULHA INVENTÁRIO DE PESQUISA (ITENS).....</b>	<b>270</b>

<b><u>TEXTUALIZAÇÃO PROFESSORA “F”</u></b> .....	<b><u>271</u></b>
<b><u>TEXTUALIZAÇÃO PROFESSORA “A”</u></b> .....	<b><u>281</u></b>
<b><u>TEXTUALIZAÇÃO PROFESSORA “R”</u></b> .....	<b><u>300</u></b>
<b><u>TEXTUALIZAÇÃO PROFESSORA “L”</u></b> .....	<b><u>312</u></b>
<b><u>PARECER COMITÊ DE ÉTICA</u></b> .....	<b><u>329</u></b>



## ESCOLA DA ESQUINA



## 1 A TERRA

*Eu estou apaixonado por uma menina terra  
Signo de elemento terra, do mar se diz: terra à  
vista Terra para o pé, firmeza, terra para a mão, carícia  
Outros astros lhe são guia  
Terra Terra  
Por mais distante o errante navegante Quem jamais te esqueceria  
Caetano Veloso*

**Figura 1** – Abre a porteira



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

A terra me trouxe família, alimento, pessoas que me enraizaram. A terra me leva; ela tem caminhos traçados e me fez e faz criar pisadeiros<sup>1</sup> próprios. A terra é estada, mas é viagem, é a sabedoria do matuto vivente naquela porção de terra que o recebeu no mundo e que é e será seu único e último lugar antes da grande partida. A terra é a grandeza de quem passa por ela em vários lugares, viaja, se perde e se acha em terras distantes e tão próximas. A terra é um estado de ser, estar e viver.

A terra aqui se mostra fofa, arenosa, barrenta, de tantas cores, com corredores, carreadores<sup>2</sup> entre pés de café, submersa, seca, empoeirada; está fincada em nós até o final da estrada, está presa nas sandálias, na cabeça e no

<sup>1</sup> Pisadeiros aqui são os caminhos que se fazem de tanto pisar. Caminho de mato ralo ou chão de terra batida, que é traçado pelos pés, pisadas repetidas, caminho não oficial, sendo que este termo é comum entre os trabalhadores da Vila São João, em Junqueirópolis, lugar de origem da menina do passarinho na cabeça.

<sup>2</sup> Caminho aberto no meio de uma lavoura, aprendi esse termo com meus pais e avós. Palavras de minha mãe: “Um carreador na roça, é assim, para chegar vamos no meio, café de um lado e café do outro, para que as pessoas cheguem ao final é preciso fazer um carreador”.

coração.

A terra, logo aqui nesse início, é introdução, faz a transposição mostrando um ingresso em terras novas e coisas encontradas nesse sempre novo lugar. A terra, da qual apanho só o que é essencial, me ajuda a convidar você leitora, leitor, a acompanhar esse percurso com esta andarilha.

Comecei a caminhada de elaboração da pesquisa participando do processo seletivo pelo qual ingressei no curso de doutorado em Educação da UNICAMP, em 2017, encantada por essa que me conquistou: a narrativa. Ainda não tinha certeza de como caminhar naquele terreno tão novo e amplo, mas sabendo que pisar em tal terreno era o que eu queria fazer.

Com essa determinação, a pesquisa foi sendo pensada, retirando do meu “bortal”<sup>3</sup> cada porção de terra que precisava, como a galinha d’angola quando faz a terra, no Conto africano<sup>4</sup> (**Figura 2**). Assim, fui escrevendo e lapidando minhas ideias, produzindo os trabalhos para serem entregues nas disciplinas cursadas, participando dos Seminários de Pesquisa, enviando trabalhos para Congressos e neles debatendo as primeiras aproximações relativas à pesquisa. Apresentar trabalhos em congressos é bom, pois a gente aprende a ouvir e aprende a debater o nosso tema, fazer os primeiros ajustes a partir das sugestões de pesquisadoras e de pesquisadores mais experientes. Também elaborei o projeto que foi encaminhado ao Comitê de Ética, que logo foi aprovado. Escrevi textos enviados para a orientadora, como também iniciei minhas tratativas com gestores e professoras da “Escola da Esquina” e, evidentemente, escrevi muitos textos para mim mesma. Como um modo de me compreender no percurso da pesquisa passei a elaborar uma “Escrita de si, escritas em mim, escrita de uma tese”<sup>5</sup> nesse curso de doutorado.

---

<sup>3</sup> Sacola de pano, couro ou outro material com alça longa.

<sup>4</sup> D’ ALMEIDA, Gercilda. Bruna e a galinha D’ Angola. Ilustrações Valéria Saraiva. 2000.

<sup>5</sup> 5Título de Trabalho apresentado no VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – 2018, enquanto reflexões iniciais do processo de uma pós-graduanda no doutorado.

**Figura 2** – “Conquém” fazendo o firmamento



**Fonte:** BRUNA e a galinha d'angola<sup>6</sup>

O trabalho inicial, apresentado durante o processo seletivo, tinha o título “Caminhos da Educação Integral na cidade de Campinas: cotidiano escolar, práticas pedagógicas e formação humana”. Com esse texto, iniciei a abordagem do tema da Educação Integral, tendo como campo privilegiado de estudo a “Escola da Esquina”, referência com a qual nomeei a escola-campo onde a pesquisa se realizou. Esse “pseudônimo”, atribuído à escola, faz referência ao fato de ela estar fisicamente situada em uma esquina, em um bairro periférico da cidade de Campinas, SP. Na comunidade a escola é um ponto de referência.

Existem escolas que são denominadas como sendo de “Educação Integral” e apresentam esse atributo de maneira documentada, mas aqui queremos tratar do conceito “Integral” para além do documentado. Essa preocupação está enraizada também na minha própria história de vida, pois tenho nítidas lembranças de como o espaço escolar por vezes floresceu em mim, me fez crescer e, por vezes, me podou e foi derrubando, pouco a pouco, minha integralidade, minhas vontades, minhas linguagens, meu jeito de ser e estar no mundo.

Busquei ter como parceiras de pesquisa professoras que trabalhavam em uma escola de Educação Integral, a que chamei de “Escola da Esquina”. Nossa

---

<sup>6</sup> BRUNA e a galinha d'angola. Autoria e produção de Gercilda de Almeida. 2021. YouTube (7min08seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1bCkA1lCa4q>. Acesso em: 28 abr. 2024.

parceria teve início quando comecei a ouvir as suas histórias. Ouvir histórias das professoras é parte da pesquisa, mas, também preciso admitir que é prazer, pois ao ouvir suas narrativas também fui me refazendo e aprofundando a compreensão de minha profissionalidade, ou seja, de meu modo de ser professora, do trabalho docente. Quatro professoras da “Escola da Esquina” aceitaram o convite para participar dessa pesquisa e com isso, lembrando João Cabral de Melo Neto<sup>77</sup> em seu poema “Tecendo a manhã”, essa pesquisadora ficou muito interessada nos fios que foram sendo transpassados coletivamente, pois “Um galo sozinho não tece uma manhã”.

O cotidiano escolar sempre nos surpreende, e tomando contato com as histórias vividas pelas pessoas que fazem a “Escola da Esquina” existir podemos ter acesso a esse universo como quem nos conta o que se pensa e se vive de Educação Integral, o que se fala e se vive como integralidade, o que se vê e se vive entre a horta, a CPA<sup>88</sup> das crianças, as idas ao banheiro, as atividades de sala de aula e o derradeiro comentário em frente ao portão, prestes à saída.

Nessa pesquisa, por meio das narrativas das pessoas que vivem o cotidiano escolar, tratamos do tema Educação Integral, como é percebida, negada, suprimida, revista, escondida... Esse cenário é composto, portanto, por meio das narrativas, construídas por falas de crianças, desenhos, professoras em seu trabalho e em suas narrativas, anotações pessoais da pesquisadora, gente que andou por aquela “Escola da Esquina”. As narrativas escritas por mim, foram narrativas mais solitárias, redigidas nos caderninhos de campo, como companheiros de ouvidos atentos a recolher os sinais e evidências da vida...

Essa pesquisa narrativa é composta de diferentes fios, recolhidos e lançados por mim e por todos os protagonistas da pesquisa, eu professora-pesquisadora, me enrosquei neles, tropecei e até me desgarrei, ao mesmo tempo que ouvi ao longe “galos” que cantavam insistentemente trazendo narrativas de crianças e professoras parceiras.

---

<sup>7</sup> Poeta pernambucano (1920-1999). Poema “Tecendo a manhã” escrito no ano de 1966 e publicado no livro: A educação pela pedra.

<sup>8</sup> Sigla referente à Comissão Própria de Avaliação. No caso da “Escola da Esquina” a CPA é composta por diferentes segmentos e também pelas crianças, que avaliam a escola como um todo: alimentação, organização dos tempos e espaços da escola etc.

## 1.1 “ESCOLA DA ESQUINA” – CAMPO DE PESQUISA

Desde a primeira vez que a visitei, vi que sua localização era numa esquina do bairro, perto de uma outra escola, de frente a um ponto de ônibus. Mais tarde, visitando esse campo de pesquisa, percebi que sempre utilizei a entrada do estacionamento e não aquela usada pelas crianças.

Após um período, já estando na “Escola da Esquina” e descobrindo o outro portão, observei que a edificação ocupa uma esquina enorme, e o portão de entrada das crianças está localizado em uma outra rua. A partir dessa constatação, passei a chamá-la de “Escola da Esquina”, lugar dessa pesquisa, nossa encruzilhada<sup>9</sup>.

Por uma grande calçada, podemos caminhar ao redor da escola, observando a entrada do estacionamento, os carros das professoras, as árvores que refrescam e dão cor ao ambiente. Conseguimos visualizar também as salas de aula com suas janelinhas e o parque. Ele [o parque] fica localizado próximo ao portão de entrada das crianças; esse portão oficial de entrada das crianças só descobri depois de algum tempo visitando a escola.

A chegada à “Escola da Esquina” se deu depois de algumas andanças, após o tema relativo à Educação Integral emergir como uma preocupação de pesquisa. Estar inserida em uma escola de Educação Integral, portanto, participando de alguns momentos do seu cotidiano, foi se tornando imperativo para o desenvolvimento desse estudo. Assim, realizei um primeiro levantamento sobre as escolas da rede municipal de ensino de Campinas que atuam com a modalidade de Educação Integral, chegando aos nomes das seguintes<sup>10</sup> : Prof. Zeferino Vaz – Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC); Escola Municipal de Ensino Fundamental de Educação Integral (EMEFEI) Pe. Francisco Silva; Escola Municipal de Educação Fundamental Integral/Educação de Jovens e Adultos (EEI/EJA) Dr. João Alves dos Santos; Escola Municipal de Educação Fundamental Integral/Educação de Jovens e Adultos (EEI/EJA) Raul Pila; Escola Municipal de Ensino Fundamental de Educação Integral (EMEFEI) Pe. Avelino Canazza.

Após leitura de notícias e de outras informações colhidas via internet sobre

---

<sup>9</sup> Lugar onde se cruzam ruas, estradas, caminhos, cruzamento. Lugar para o qual oferto esse trabalho, minha oferenda e que desejo proteção.

<sup>10</sup> Escolas de Educação Integral de Campinas, consulta realizada em 2017 para pesquisa.

as escolas de Educação Integral da rede municipal de ensino de Campinas e já com a definição do tema de pesquisa, bem como ajustes no projeto para envio ao Comitê de Ética, entrei em contato com todas as escolas citadas. Enviei e-mail apresentando o interesse pela realização de uma pesquisa na escola e do possível diálogo com a equipe gestora para apresentar o projeto e entregar um convite formal. Obtive resposta de três escolas, as outras duas escolas não responderam aos e-mails, mas, como contava com a resposta de três escolas, inclusive com visitas agendadas, isso me animou muito. Assim, no primeiro semestre de 2018, no mês de fevereiro, um ano após o ingresso no doutorado, me vi prestes a entrar na escola, ou nas escolas e, ali no cotidiano, vivenciar as experiências de uma escola e de seu universo singular.

Conversa agendada com o coordenador e com a vice-diretora e, ao chegar, memórias me invadiram e me arremessaram para um tempo já um pouco distante, quando fui aluna da graduação, no ano de 2008. Nessa escola, realizei o estágio do curso de Pedagogia e, logo na chegada, lembrei de um som característico, pois a escola conta com moradores cantadores: cigarras e grilos. Passei por aquele portão e encontrei com a “Juliana estagiária”, uma graduanda inexperiente e curiosa. Fui caminhando até a secretaria e o cheiro e os barulhos foram refrescando a minha memória.

A conversa com o coordenador e com a vice-diretora foi boa. Eles se mostraram receptivos e educados, mas já apresentaram a dificuldade para que a pesquisa fosse realizada, pois muitos outros pesquisadores já estavam ali instalados, assim como os grilos e as cigarras. Minhas alegrias se dissiparam frente a essa realidade. Minha cantoria interna cessou e concluí que não seria esse o lugar onde poderia me instalar. Mesmo assim, tomei o percurso como necessário e visualizei um lindo dia. Afinal, a visita me fez bem. Tive uma sensação boa, como um presente, mesmo sabendo que a pesquisa não poderia caminhar por debaixo daquelas árvores e nem reencontraria com seus moradores barulhentos.

A outra escola que podia ser campo de pesquisa era também próxima de minha casa, tanto quanto a escola das cigarras e grilos, inicialmente respondeu sim para minha visita, porém, depois do aceite mudou de ideia. Agora, então, eu que tinha três escolas possíveis para serem campo de estudo, acabei ficando agarrada à uma única esperança, a uma única escola. Justamente uma escola desconhecida, distante de minha casa e nunca vista. Nem na sua frente eu havia passado algum

dia. Além disso, como as demais, a “Escola da Esquina”, apesar de ter respondido positivamente ao e-mail, também poderia mudar de ideia e isso me angustiava. Para intensificar minha apreensão, a orientadora pedagógica informou não conseguir manter a conversa para fevereiro e somente em março pode fazer o agendamento. Aguardei seu contato, com angústia, durante todo o mês de março, mas ele não veio. Então, em 20 de abril de 2018, retomei as conversas por e-mail. Recebi a resposta e, assim, fiz o primeiro contato via telefone, em uma conversa com a orientadora “V”, já no mês de maio de 2018.

No dia 03 de maio, às 9 horas, cheguei à “Escola da Esquina”. Entrei pelo estacionamento e procurei por “V”, a orientadora pedagógica. Nos apresentamos e fui convidada para uma conversa na sala das professoras<sup>11</sup>.

Apresentei o projeto de pesquisa, meus interesses, a busca por uma escola de Educação Integral que eu pudesse visitar/estar durante alguns dias da semana. A Orientadora Pedagógica “V”, muito receptiva, contou um pouco sobre a escola, o tempo que ali atua e a mudança para essa forma de funcionamento – a de Educação Integral – com horário diferenciado. Ela relatou sobre a dificuldade de se compreender que, para além da ampliação do horário, a escola também funciona de forma diferente, com projetos, com outras atividades para além de um currículo mais tradicional. Nossa conversa foi longa e agradável, porém “V” não respondeu se eu teria ou não autorização para realizar a pesquisa. Ao contrário, disse que nossa conversa havia sido agendada para que pudesse compreender um pouco melhor a demanda e, assim, conversar com as professoras, pois somente elas poderiam escolher se desejam ou não participar da investigação que estava propondo.

No dia 13 de junho, às 15h10, retornei à escola para participar de uma reunião com as professoras a convite da orientadora “V”. Com a autorização delas, na biblioteca, com todas aquelas mulheres desconhecidas e, ao mesmo tempo tão conhecidas em seu ofício, pois afinal somos colegas, solicitaram que eu apresentasse o projeto de pesquisa. Percebi, em seus comentários, que a maior preocupação era relativa a um possível trabalho que, talvez, precisassem fazer. Como se estivesse pisando em ovos fui narrando a proposta.

---

<sup>11</sup> O substantivo é feminino, visto ser a totalidade do corpo docente constituído por mulheres.

## 1.2 A VISITA

*Minha coleta de dados se inicia, dentre tantas folhas escritas do projeto (passado) há pelo menos 4 anos, com os meus pensamentos mais recentes (presente), com o intuito de chegar em um lugar novo (futuro/expectativa). Num campo, que é novo para mim, com novas caras e vozes, num prédio novo e tudo que ouço na primeira visita. Confesso a minha ansiedade e, neste cenário, tento conversar (convencer até), e me vejo entre vontades, riscos, possíveis “sim’s” e “não’s” e tudo que virá pela frente.*

*Algumas conversas organizaram meus passos ali naquela escola, entre trabalhos nas paredes e professoras tecendo suas redes. Um convite para visitar a reunião de terça-feira para dialogar com as docentes e assim apresentar a minha pesquisa. Estou dentro da “Escola da Esquina”! Elas (as professoras) já leram meu projeto, eu já tinha enviado e elas já tinham se aproximado da proposta, leram meu projeto e estavam ali prontas para minha ação junto com meu poder de convencimento.*

*Sento-me, recuso um café para que possa o quanto antes falar do meu trabalho, do que planejo. Assim, meu começo é apresentando o que estudo, o que desejo, o que ainda precisava de ajuste, possíveis sacolejos e faço o convite por tê-las ao meu lado nesse percurso. Vou dizendo da possibilidade de participação na pesquisa, das minhas idas e vindas semanais e que estarei na escola.*

*Quando estava na “Escola da Esquina”, a primeira pergunta de uma das professoras foi: “Tenho que escrever?” Ela não me dá nem tempo para responder, e acaba ela mesmo respondendo: “Não tenho tempo para escrever, não posso ter mais demanda do que já tenho, se tiver que escrever não posso!”. Com isso, as outras três professoras que aceitaram de início se colocam em dúvida pensando como cada uma trabalhará para uma pesquisa, e que escrever não está entre as atividades “desejantes” para além do cotidiano profissional na “Escola da Esquina”. Vejo-me pressionada, mas me recomponho e vou ao diálogo com minhas possibilidades de estada na “Escola da Esquina”, respondo: “Não precisa escrever de início, quero te ouvir, então podemos fazer de outra forma, quem sabe um dia, pode ser?”*

*Exato! Um dia deverão escrever! Mesmo que por enquanto suas lembranças são registradas apenas pelo meu ouvir atento. Acho que as professoras gostaram do que ouviram, parece que contar qualquer coisa de maneira “falante” é mais prático e fascinante para elas, que já estão exaustas no seu fazer pedagógico cotidiano.*

*Mas não paramos por aí, os desafios e a resistência persistem..., falas vêm à tona como: “não posso falar com você em tais dias”, “não tenho muito tempo”, “não sei se consigo”, “gostaria de me envolver na pesquisa, mas...”, e outra professora ainda me questiona: “Quando termina?”. Vou respondendo e tentando não causar desânimo, digo que começamos no próximo semestre e que pretendo ficar por essa esquina pelo menos por dois anos e assim pouco a pouco percebo um sorriso de satisfação por ali, vão aceitando depois de ouvirem: “podemos começar e vamos nos falando para saber o quanto está bom, o quanto não está, vamos conversando para sabermos se as conversas são possíveis e se chegaremos ao registro por escrito, isso no tempo de vocês e no tempo da pesquisa”.*

*Eu saio da escola meio zozza, foi tanta pergunta, caras novas e meu receio em espantá-las, uma mistura de medo de perder esse campo e querendo elas para pesquisa e não querendo exigir coisas, e querendo parecer pesquisadora, mas com vergonha de ser pesquisadora (como na imagem hipotética de uma pesquisadora*

*que vem impor, com um ar de superioridade), a zonzeira me toma e sei que precisarei esperar que cada uma pense, elabore e resolva se vai por essa terra.*

***Jujuba açucarada como visita envergonhada buscando mulheres-terra para essa viagem pesquisa que seguirá adiante (06/2018) e (04/2024).***

Retorno positivo e eu feliz da vida, assinatura da autorização em agosto de 2018 e espera da resposta do Comitê de Ética. Uma espera de quase um semestre para que todas as exigências fossem cumpridas e eu pudesse ir para “Escola da Esquina” não mais como visita e sim como “andante” naquele lugar.

Setembro de 2018, mesmo ainda visitante, tive permissão para ir à “Escola da Esquina” participar de sua festa da família e além de comer pastel de queijo pude ver aquela escola, suas professoras, sua equipe gestora, os funcionários, a comunidade e os pais das crianças, essas, por sua vez, entre pasteis, bingo, ansiedade para apresentação e saltitantes naquela tarde. Me sentei à mesa comprido refeitório e com cartela na mão, querendo ganhar algo no bingo, suspendi meu olhar para o local onde uns pés transitavam para lá e para cá, entre vontade de bingo e nada de ganhar. O prêmio principal era uma bicicleta e acabei me envolvendo com o pedido para que eu ajudasse na entrega de refrigerantes e pasteis, já que a venda estava a mil. Foi uma tarde agitada e mesmo timidamente senti que fiz parte daquela escola e daquela esquina por algumas horas.

Não só comi o pastel de queijo como também fiz um, que trago aqui bem crocante:

### 1.3 PASTEL DE QUEIJO

*Agosto me trouxe esse campo e ali o tecer me veio, pela observação, participação e a escrita que produzi quando vi a tessitura de um encontro nomeado como “Festa da Família”. Eu tinha ido naquele lugar estranho para mim, fui a primeira vez preocupada em acertar o lugar, fui da segunda vez mais tranquila e a festa foi um convite recebido de maneira tão carinhosa que a única coisa que poderia fazer era ir e levar minha caneta para o bingo.*

*Quando recebi o convite, vi o entusiasmo da equipe gestora e das docentes, mas não imaginava que era um momento tão especial. Já vi muita festa de escola, já fui em muitas e às vezes sinto que as festas que ficam em calendário são muito mais uma atividade para cumprir do que algo para curtir.*

*Me surpreendi, cheguei na escola num sábado de manhã, a entrada da escola acontece sempre pelo portão do estacionamento, isso eu nunca entendo.*

*Cheguei com o bingo sendo gritado e aí começa o melhor do relato. As professoras estavam organizadas pela pequena escola, umas nas barracas de lanche e refrigerante e outras organizando o bingo ou o caixa surpresa. Vi famílias e alunos nas mesas do refeitório ansiosos pelos números cantados e todos bem arrumados para essa festa.*

*Foi saboroso, me sentei, brinquei e sorri com as pessoas que estavam na mesma mesa que eu. Depois cansei, nada ganhei e, então, fui conversar com as professoras que tinha conhecido antes pelas conversas na escola. Fui “selecionada” para ajudar no pastel, ali vi mais de perto as relações das famílias e alunos com as docentes e a equipe gestora, conversando e perguntando dos filhos, da família, do trabalho, muito me adoçou ficar aquelas horas ali. Foi conversa, foi dança das crianças com música de Palavra Cantada e, numa manhã e tarde ensolarada, fiquei num pedacinho da quadra acompanhando as apresentações e a reação de vó, de mãe, de pai e tanta gente que ali escolheu estar.*

*A professora de Arte – “R” e a professora de Educação Física – “L” estavam radiantes, tanto ou mais que as outras professoras, a festa estava marcada para terminar às 16 horas, mas já passava das 17 horas e a festa não parava, as famílias pediam mais uma rodada de bingo e as crianças estavam pulando e comendo bolos ali vendidos.*

*Pode até ser uma observação que me adoçou tanto e essa doçura pode não ser todo dia, mas sei que a festa me deu balanço, ali fiquei olhando para tudo, conversando sobre o número que saiu no bingo. Respirar um pouco de escola foi como voltar para as festas e gincanas já vividas<sup>12</sup> como aluna, e que trouxe saudade com gosto de infância.*

#### ***Jujuba açucarada com sabor de pastel de queijo, com esperança do bingo e dança bem festeira (09/2018)***

O ano de 2019 começou com tudo confirmado, a “Escola da Esquina” à minha espera, não, a escola não espera, a escola acontece e a gente pensa que ela espera, mas as experiências, a vida pulsa e não espera ninguém, minha vida pulsa e

<sup>12</sup> Na Escola Municipal Sylvia Simões Magro.

sacode demais. Quatro professoras confirmaram sua participação na pesquisa.

Na tarde de 30 de abril de 2019, tive uma conversa com minhas quatro companheiras de jornada nessa esquina. Como já explicitado anteriormente, a primeira preocupação delas é se terão de escrever, preencher algum papel. Quando digo que isso será construído pouco a pouco, preciso também explicar que viverei, escreverei, ouvirei e enxergarei narrativas delas, das crianças, da escola, da vida daquela escola, que irei escrevendo e que, se em algum momento, juntas, acharmos a escrita delas necessária faremos isso. Começo então a construir a narrativa dessa pesquisa e enfim consigo “acampar” naquela esquina junto às parceiras que me ensinaram a colocar cada estaca, ajeitar minha lona e aceitar o vento que tocará em meu abrigo.

Me ponho a pensar que a narrativa traz a subjetividade explosiva e relacionando com a pesquisa que vivo e faço, viver sua explosão é ainda mais forte. Quando a narrativa se articula com o meu cotidiano de professora-pesquisadora, mulher, negra, nesse momento da história de meu país, há um movimento de transbordamento do que vivo, conto, reconto, descubro e levo inclusive para o âmbito acadêmico. Em meio a transbordamentos, acusações e defesas vejo que preciso/precisamos de posicionamento na escolha da forma de pesquisa e em como consideramos o texto escrito com toda a sua complexidade:

A metodologia se constrói no dizer narrativo, enquanto penso e sinto a palavra, pois vivencio a palavra que escrevo. A palavra é ação que testemunha minha presença-de-corpo como autora do texto e protagonista de minha formação acadêmica. A metodologia também se constrói na própria configuração da “intriga narrativa” (RICOEUR, 1989, 1994, 2006) da tese, quando se considera este texto como um todo (FARIA, 2018, p. 28).

São fios de sol que compõem a pesquisa, tendo o cuidado para não embarçá-los e sabendo que apesar da singularidade de cada fio<sup>13</sup>, é no seu entrelaçar, que nos é dado o que se escreve, quando assim fazemos a trama, o encontrar de fios de sol é o coletivo necessário para o acontecimento.

---

<sup>13</sup> Fio aqui tem como referência fios de sol do poema “Tecendo uma manhã” e também tem referência em tecido como conceito sociológico de “Tecido social”, que se refere aos aspectos sociais da coletividade.

## 1.4 A PARTIDA

Participando semanalmente da vida na “Escola da Esquina” e o acontecer da Educação Integral, fui percebendo que contar sobre o cotidiano e contar por meio de narrativas era uma tática de pesquisa, de vida, escola e de lutas e resistências travadas nessas diferentes frentes. Assim, meu caminho, minha busca aqui intitulada como objetivo é o de compreender as concepções circulantes acerca da Educação Integral elaboradas por sujeitos que vivem a experiência da educação escolar em uma instituição pública de Ensino Fundamental da rede municipal da cidade de Campinas.

Nesse desenvolvimento do trabalho, tendo o percurso traçado enquanto caminhamos, com imprevistos e situações inusitadas, fomos percebendo que também planejamos as paradas da viagem, para reorganização, reflexão, avaliação. Assim apresentamos algumas das paradas, sinalizando também o percurso que realizamos. A partir dessa estação continuamos a caminhada investigativa, destacando algumas das intenções:

**Figura 3 – A partida**



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

- Analisar os documentos da proposta de Educação Integral pelo Ministério da Educação em nível nacional e a documentação sobre a Educação Integral na cidade de Campinas, bem como os documentos da escola-campo de pesquisa: **Mapa pelas estradas consolidadas e caminhos a serem conhecidos.**
- Identificar e compreender as concepções de Educação Integral de quatro professoras dessa escola, dialogando com elas sobre o entendimento da prática pedagógica em seu contexto na realidade de uma Escola de Educação Integral, por meio das entrevistas narrativas e do trabalho pedagógico observado: **Pistas e tesouros garimpados nas entrevistas narrativas e pela observação da experiência aula na “Escola da Esquina” (Currículo em ação).**
- Aproximar do cotidiano escolar de uma escola de Educação Integral de Ensino Fundamental municipal da cidade de Campinas, contando com as compreensões e indicações apresentadas pelas crianças em suas cartografias com a intenção de conhecer, mesmo que parcialmente, as práticas pedagógicas desenvolvidas naquele universo sociocultural: **Pistas e tesouro garimpados das narrativas sobre os caminhos e o que mais gostam na “Escola da Esquina” – cartografias.**

Aqui em nossa partida definimos as paradas, a fim de nos organizarmos para a viagem, objetivos específicos que contaram com análise documental, partindo dos documentos em nível nacional, passando pelos documentos municipais, chegando, por fim, ao Projeto Político Pedagógico da “Escola da Esquina”, compreendido como documento local, nos possibilitando a construção de uma “cartografia” de como foi sendo pensada a Educação Integral, documentada, levada ao local onde ela “acontece” efetivamente. Na primeira parada com essa cartografia inicial, construída a partir dos documentos oficiais, em nível nacional, municipal e local buscamos nos aproximar de um desenho do que se pensa e de como se vive a Educação Integral na escola-campo, por meio do Projeto Político Pedagógico.

Em nossa segunda parada fomos identificando as pistas e tesouro, com a

participação de professoras mulheres-terra. Fomos tecendo o trabalho com muitas mãos, trazendo as professoras parceiras e suas narrativas, com a riqueza dos seus modos de narrar. Com elas, ampliamos nossa compreensão da Educação Integral, o que compreendem de Infância e de Trabalho. Elas trouxeram possibilidades de percorrermos caminhos utilizando percursos improváveis, com voltas completas, que só descobrimos pelos olhos delas, ajustando nosso caminhar, observando meridianos e trópicos, ou seja, as “linhas imaginárias” e, por vezes, não só imaginárias, mas que só podemos compreender como pistas através das suas narrativas e das crianças da “Escola da Esquina”.

Por fim, nossa terceira e última parada foi o que consideramos pistas e um grande tesouro. Com cartografias em mãos, com traçados de crianças cartógrafas-canários-da-terra e as narrativas de uma poeta-pesquisadora, fomos percorrendo um território, observando pistas e entrelaçando mãos e fios de sol, em uma parceria que a “Escola da Esquina” nos deu.

Com observações narradas, visitas semanais, registros no caderno de campo, diálogos ocasionais, encontros combinados previamente, trabalhos realizados em aula, ou seja, com as experiências partilhadas durante o percurso de desenvolvimento da pesquisa, dos olhares dos moradores daquela terra chamada “Escola da Esquina”, nos aproximamos das compreensões sobre Educação Integral em uma escola historicamente situada na Rede Municipal de Ensino da cidade de Campinas.

Seguindo adiante nessa caminhada, tivemos companhia e fomos nos atentando para as pistas observadas, ouvidas, lidas, transcritas, relidas, textualizadas, tematizadas, desenhadas, coloridas e ecoadas no ouvido da andarilha e de suas parceiras e parceiros de jornada. O tesouro foi sendo carregado com muito cuidado na bagagem, que começou a ser organizada nessa Terra (Introdução) e seguiu viagem a fora. O que foi visto, sentido, memorizado, fotografado, os desenhos e as conversas, foram retomados em diferentes oportunidades, pois precisamos retornar sempre ao tesouro. Começamos a compreender que não é possível carregar tudo de uma só vez, precisamos de muitas viagens, precisamos voltar a esse território muitas vezes. Mais partidas e mais paradas, pois encontramos sempre muitos tesouros!

## 1.5 A VIAGEM E O TRABALHO QUE ATRAVESSA ESSA TERRA-TESE

*Todo ponto de vista é a vista de um ponto.  
Para entender como alguém lê, é necessário saber como são  
seus olhos e qual é a sua visão do mundo...*

Leonardo Boff<sup>14</sup>

Estávamos já viajantes nessa terra-tese, vivendo a qualificação do trabalho e ouvindo aquelas que nos mostravam possíveis caminhos. Com cartografias coloridas na bagagem e entrevistas narrativas ricas em experiências, paramos para qualificar o trabalho, muitas palavras, muitas memórias, muitas histórias e, com as contribuições da banca organizamos os temas de análise das textualizações das entrevistas.

A Infância é marca nas narrativas das professoras, elas contam de suas famílias, de sua terra de origem, de quantos irmãos e quantos sonhos se tinha na infância, terminam suas narrativas contando de seu encontro com a “menina da infância”. Outra marca é como pensam a Educação Integral, como vivem e o que experienciam na “Escola da Esquina”, mas aqui trazemos uma marca que perpassa, para além da análise das textualizações, todo o texto, toda tese, todo o trabalho: o tema “Trabalho”.

O Trabalho é conceito que corta<sup>15</sup>toda tese, toda terra, o trabalho vai da Introdução (A Terra) aos dados e análise (Plantar, Cultivar e Colher), passa pela narrativa da pesquisadora e sua história no memorial que conta da menina do passarinho na cabeça, também está nas “Estradas” e chega até o “Sorriso na mangueira”. Trabalho é como “avistamos o ponto”. O trabalho,

[...] é a capacidade humana para trabalhar sobre a natureza com o uso de instrumentos para produzir coisas para a satisfação de necessidades e para a reprodução da vida. O trabalho não é uma atividade humana universal, imutável e trans-histórica. Os processos através dos quais a força de trabalho vem a ser subjetivamente entendida e objetivamente aplicada, e suas inter-relações, são de profundo significado para o tipo de sociedade que é produzida e para a natureza e formação particular de suas classes (WILLIS, 1991, p. 12).

---

<sup>14</sup> Teólogo brasileiro. BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 9.

<sup>15</sup> O corte de terra é o preparo do solo para o plantio com mais qualidade.

O trabalho no capitalismo é “força de trabalho”, que nessa tese é trazida pela família de trabalhadores rurais da menina e dos trabalhos de pais, avós e das próprias professoras narradoras: “[...] Parece natural que áreas tão diferentes como agricultura, entrega de leite e trabalho fabril acabem todas tendo chefes em cima do trabalhador e trabalho entediante a ser feito a fim de se obter o mágico envelope marrom” (WILLIS, 1991, p. 200).

O trabalho nessa tese aparece para contar dos empregos que nossas narradoras tiveram no decorrer da vida, como nos lembrou a professora “A” quando contou da exploração vivida pela mãe, pai e por ela mesma, “[...] os empregos são vistos somente como forma de ganhar dinheiro revelam a realidade de uma sociedade capitalista e de trabalhos ditos como “pesados” e na maioria dos casos manuais” (WILLIS, 1991, p. 130). Trabalho, porém, também foi destaque nas palavras de uma criança cartógrafa informando que criança não só trabalha, como ganha dinheiro. Ela nos contou, nesse pequeno diálogo, que trabalha porque quer ter dinheiro e comprar o tênis sonhado. Em uma sociedade capitalista,

[...] A força de trabalho é uma espécie de barreira às demandas do mundo, não uma conexão íntima com ele. Não se espera ter satisfação no trabalho. Nega-se o exercício daquelas partes do eu que poderiam ser apropriadas para uma satisfação intrínseca no trabalho (WILLIS, 1991, p. 132).

É trabalho infantil que vem a tona nas cartografias- desenhos e nas narrativas quando aprendemos sobre trabalho, como se dá a relação de trabalho numa sociedade capitalista. A criança ainda contou que “o braço nem dói”, nos fazendo entender que se é dito que não dói é porque dói. Então, trabalho nesse texto que salta, por diversas vezes, do emprego, do trabalho assalariado e do trabalho no cuidado com casa e família, como o narrado pela professora “F” e seus filhos gêmeos, que demandaram trabalho e a organização do trabalho fora de casa para não se ausentar. O trabalho pedagógico também foi marcado nas palavras das professoras narradoras, seja o trabalho que elas realizam diariamente como professoras e sua lida na “Escola da Esquina”, seja no papel que elas têm na vida de estudantes, no ensinar, no processo de aprendizagem e de compreensão de como se organiza a sociedade:

[...] O mundo do trabalho é explorado e estudado para demonstrar a

variedade das riquezas e interesses que pode apresentar para a atenção e o envolvimento de todos os tipos de características humanas. Dessa forma, oferece-se aos indivíduos uma base para que encontrem suas diferentes satisfações no trabalho [...] (WILLIS, 1991, p. 117).

O trabalho foi citado tantas vezes e com tantas possibilidades de leitura que precisamos marcar aqui que a tematização, feita a partir das entrevistas narrativas, olhou para esse conceito ouvindo as histórias de vida das professoras e problematizando o que cada uma contou, desde sua infância, sobre a relação com o trabalho, da sua família, da exploração, das violências, das alegrias e conquistas. O trabalho como meio para conseguir o dinheiro que possibilitou o estudo, lembrado pela professora “L”, quando contou dos pais como aqueles que trabalharam para que ela pudesse estudar. O trabalho que exigiu a migração, narrada pela professora “F” e seu estar viajante, sempre ligado ao trabalho conseguido pelo marido ou por ela mesma nesse ou naquele lugar, nesse ou naquele estado da federação. O trabalho no prestar concurso para manter a família, para resolver questões como marido desempregado ou porque sem trabalho não há possibilidade de almejar uma vida confortável. O trabalho para que se pudesse comer uma maçã enrolada em papel de seda roxinho, como nos contou a professora “A”.

O trabalho pedagógico foi expresso pelas professoras, quando contaram sobre o seu fazer na escola, contaram sobre o livro ponto, sobre as horas destinadas aos cursos de formação, sobre a carga horária maior numa escola de Educação Integral e, com isso, remuneração melhor, inclusive para aposentadoria. O trabalho que todas nós – professoras – levamos para casa, como narrou a professora “R”, quando contou dos cadernos que precisou levar e do quanto trabalharam em pesquisa para as aulas e projetos. O trabalho na “Escola da Esquina” é como nos lembrou a professora “F”: “quem acredita que servidor público não trabalha, nunca foi numa escola”. Então, o trabalho foi terra visitada durante toda feitura da tese, em diferentes contextos, por diferentes narrativas e com diferentes significados o trabalho veio à tona. A terra dessa tese teve trabalho por todos os cantos e empoeirou toda a viagem.

Após leitura e releitura, de olhar, parar e voltar nesse caminho que a tese nos possibilitou, acompanhada das viajantes que conosco “rasgaram” os rastros dessa terra, partimos tendo na bagagem de pesquisa (tese) a temática da Educação Integral e a preocupação com a formação humana, mediada pela educação escolar,

tendo um Trabalho de Pesquisa.

Organizamos nosso trabalho da seguinte forma: “A terra”, como introdução a esse trabalho, contando sobre nosso primeiro contato com a escola-campo e como a visitamos, comemos pastel de queijo e partimos para uma viagem que teve bem acomodado o conceito trabalho rasgando os caminhos.

Na sequência, nos encontramos com “A menina do passarinho na cabeça”, que apresenta a andarilha, em forma de memorial do que quis contar. Uma menina que retornou para si durante o processo de doutoramento e produziu uma tese sobre Educação Integral se deixando inteira e respeitando o voo dos passarinhos de sua cabeça.

Em “Sandálias” foram mostrados os calçados da pesquisadora, do seu jeito de narrar e do seu interesse pelo cotidiano escolar, do ouvir e escrever narrativas ao encantamento e atravessamento que a experiência trouxe.

No capítulo “Estradas, carregadores, rastros, pegadas, trilhos e pisadeiros” foi apresentado o encontro com a Educação Integral, com a partilha das estradas já consolidadas, adentrando por um caminho novo, local, singular, em face do encontro de uma “Escola da Esquina” receptiva à nova estudante.

No “Campo: Plantar, cultivar e colher”, foram compartilhadas narrativas colhidas a partir das cartografias produzidas pelas crianças-estudantes, armazenadas junto com as narrativas da pesquisadora.

De coloridos de canários-da-terra em caminhos desenhados representando o percurso de sua casa até à escola, como também os desenhos dos lugares favoritos para se estar na “Escola da Esquina”. São ainda partilhadas as entrevistas de professoras, “fazedoras” do ensinar e da fé no aprender.

Ao final da viagem, nos acomodamos todas juntas e temos “Um sorriso na mangueira”, embaixo da qual nos ajeitamos para contar sobre as lições aprendidas, sobre a descoberta de novas terras, novos caminhos, trilhos, pisadeiros e do revisitar de estradas já percorridas, carregadores já varridos, poeiras que se levantaram mais uma vez... Sabemos que, sempre quando retornamos à terra bem conhecida, podemos nos alegrar, por estar novamente em um lugar que nos acarinha. Que essa terra também receba você, leitora, leitor, e que seja fértil a sua leitura.

## 2 A MENINA DO PASSARINHO NA CABEÇA

Todas as manhãs ele se arrumava, colhia uma flor e dava a volta na ilha com a flor presa ao peito. No fim do passeio, jogava o ramo nas águas do mar. Essa imagem é para mim a mais forte sobre nossa origem. “Ele achou aquela terra e aquela terra o achou (...)”. (RAMOS, 2017).<sup>16</sup>

**Figura 4** – A menina voltou nessa terra e nessa casa



**Fonte:** Acervo pessoal de Juliana Gomes Santos da Costa

### VIVER NA FAZENDA<sup>17</sup>

Eu gosto de estradas  
antigas (...)De breves  
cantigas  
De tempos  
passados  
De vida  
serena (...)  
De pasto  
molhado  
De cheiro de terra (...)  
De ouvir passarinho no mato cantar (...)  
Eu gosto da gota de orvalho na flor

<sup>16</sup> Relato de Lázaro Ramos sobre sua origem, contada por tia Alzira, e a descrição sobre seu bisavô materno que veio para Ilha do Paty – Bahia.

<sup>17</sup> Interpretada por Maria Bethânia.

do canteiroDo canto do galo no pé  
do coqueiro  
Do cão, de cavalo, do chão do  
terreiro (...) Me leva pra lá  
(CAYMMI; PINHEIRO, 2016).

Poderia começar contando sobre a escola, sobre a minha vida nas carteiras e nos bancos escolares, contar com burocracia sobre como caminhei academicamente até o doutorado. Mas não irei fazer isso porque uma narrativa contando passo a passo minha vida na escola não contaria exatamente sobre mim, sobre quem sou e sobre o que vivi e vivo, inclusive pensando em escola.

Começo pedindo a “bença”<sup>18</sup> <sup>18</sup> - talvez isso seja uma das coisas “mais minhas”, ou seja, uma confusão de “benças” em mim: tem muita gente, tem santa, tem dança, tem tudo que me mantém esta que sou. Começo pelo pequeno altar de minha casa, pela bagunça de santos, santas, patuás, divindades, incensos e fumo de corda ao lado de doces e velas; começo abrindo meus caminhos com a “bença” que preciso para contar sobre a vida e para escrever este trabalho, um novo fazer velho de vivências, velho de sentidos e se fazendo novo como suspiro - o suspirar é sempre novo e por vezes velho. Se é para lembrar, se é para contar, narrar, reviver, sorrir e chorar, é para se viver. E, para se viver, se pede “bença”.

### A “BENÇA”

*A “bença” minha criança, criança que faz morada aqui dentro de mim e que é também um pouco de mim.*

*A “bença” minhas avós, minhas mulheres queridas, minhas fortalezas, a “bença” dessas que representam a força da aridez da terra e o rio que corre de maneira tão doce.*

*A “bença” meus avôs, a “bença” de todos os chapéus de palha, de todas as sandálias arrastadas pelo chão, a “bença” que virá dessas mãos com calos de trabalho na roça e com cheiro de “paieiro” que tanto me comove.*

*A “bença” minha mãe<sup>19</sup>, minha mãe gigante, minha mãe que tem sangue, sangue quente como o meu, que corre, ele corre, ele é quente.*

*A “bença” meu pai<sup>20</sup>, a “bença” meu senhor de gargalhada solar, eu herdei seu sorriso.*

*A “bença” meus santos, minhas crenças, minhas proteções, minhas fitas*

<sup>18</sup> Cumprimento usado para familiares em que se pede para lhe abençoar, lhe dar força, lhe proteger para o dia, para a vida, para qualquer enfrentamento de vida. Aqui, uso a forma “bença” como acontece na oralidade. Na sequência, incluo texto “A Bença” que assino como Jujuba Açucarada (assim como nos demais textos que aparecem no decorrer deste capítulo).

<sup>19</sup> O nome de minha mãe é Rosileni Ferreira Gomes Santos.

<sup>20</sup> O nome de meu pai é Francisco dos Santos.

*coloridas no tornozelo que com muito zelo mantem meus pés firmes.*

*A “bença” a todas e todos que fazem parte do meu cordão, um cordão protetor que é costurado com muito amor e que sempre me empurrou para luta.*

*A “bença” meus conhecidos, aqueles que me dão sorrisos e me formam.*

*A “bença” de todas as mãos e corpos inteiros que comigo escrevam tais palavras. Estou aqui inteira, protegida, feliz.*

*A “bença” dos tambores, a bença da minha nossa senhora que com o manto gasto e “lascada” me põe nessa caminhada, a “bença” a senhora dos ventos e das tempestades, que os ventos dançam agora. Que a chuva caia, que hoje eu sinta o cheiro de terra molhada antes que tudo se esvaia.*

*A “bença”, a “bença” e a “bença” para essa pequena que aqui está protegida pela fé na vida, em que metade dela é cabelo e a outra metade sorriso de satisfação.*

### ***Jujuba Açucarada pedindo a “bença” para começar essa conversa...***

Um memorial nos convida a escrever sobre o percurso de nossa vida; no meu caso, minha vida não dá para ser contada de forma linear, harmônica e organizada. Fiada por tanta gente e por tantas mulheres, acaba toda emaranhada e, então, me vejo tentando iniciar um memorial, outro, outro e outro. Para me debruçar nesta, que é mais uma de tantas tentativas de escrever sobre mim, tive que escrever muito: já escrevi sobre minha vida escolar, mas acabei parando no Ensino Fundamental da Escola Silvia Simões Magro. Em seguida, fiz uma escrita sobre meus avôs, trazendo Nordeste e Carcará em outra escrita e novamente parei; também escrevi sobre minhas avós e a força de ser uma mulher, mas mais uma vez parei. Fui parando, tentando, reescrevendo e lendo mais uma vez... Enfim, enviei meus textos como pedaços de memórias para leitura por parte da orientadora, mas nada ainda havia me deixado satisfeita.

Então, pensei: por que é tão difícil escrever sobre si e finalizar tal escrita? E me vi tentando responder temporariamente a mim mesma, sabendo que eu preciso escrever um memorial. E como eu preciso, assim escrevo, escrevo e rasgo. Não, eu não rasgo, pois o computador não é rasgável, o Word não se rasga... O que eu poderia fazer era deletar, mas também não é possível, porque o que escrevo não pode ser deletado assim; machucaria...

### **NADA**

*Tenho facilidade em escrever. Agora basta saber que preciso de um memorialem que as folhas ficam em branco e as memórias se misturam a ponto de*

me deixar em prantos.

*No Memorial, é necessário que tenha relatos, que selecione fatos da vida, que tenha histórias mais e outras menos acolhidas. Preciso contar com uma cabeça que lembre e que às vezes não lembre.*

*Preciso narrar pessoas memoráveis, preciso localizar asas de aves que se foram.*

*Não é tão simples.*

*Preciso organizar academicamente o que nunca organizei; nem mentalmente, nem por um segundo.*

*Eu preciso não chorar sem parar cada vez que uma história vier para minhas mãos, preciso sentir cheiros e ouvir vozes, mas, em outro momento ou neste mesmo, preciso tapar o nariz e os ouvidos ao mesmo tempo. Não tenho mãos para tanto, não tenho.*

*Pensa que é simples, que são histórias bonitas e fáceis de se contar?*

*Pensa que consigo fazer isso sem ler em voz alta? Sem chorar sozinha sentada em frente a um computador frio que não sabe se meu coração bate mais acelerado ou se está assustado com tanto sentir, quando eu mesma estou a me pedir: “escreva”!*

*“Escreva algo, não fragmente sua escrita”.*

*“Escreva num só documento, pare de começar diversas escritas e acabar não tendo um trabalho que se apresente”.*

*Pense em quantas vezes já me sentei aqui, em quantas xícaras de café eu já levantei para pegar.*

*Como eu vou me explicar para mim mesma essa angústia de poeta, essa vontade de jogar fora essas palavras e conversar com um doce, com uma sobremesa.*

*Como alguém, que acorda na madrugada, vê o sol nascer agarrada a papel ecaneta, não consegue escrever suas memórias tão repetidas?*

*Como?*

*Me diga como... Como não saber por onde começar?*

*Como escrever memórias sem ser enterrada e respirar fundo como se estivesse debaixo d'água?*

*Como selecionar?*

*Como não querer silêncio, para acordar o que se é e o que se sabe, e, ao mesmo tempo, ouvir músicas sobrepostas? Ouvir todas ao mesmo tempo, barulhos. Como ter silêncio e barulho junto?*

*Como ter memórias e revivê-las na mesma hora em que se escreve de novo e de novo o vivido?*

*Como não ter enlouquecido nessa conversa com você mesma, nessa mesma mesa, com as mesmas letras?*

*Como compreender que você tem na pasta várias escritas e, ao mesmo tempo, tem nada? Nada que se diga pronto.*

***Jujuba Açú<sup>21</sup> ... e nada, em tanto tudo, nada, e no nada, tanto tudo...***

<sup>21</sup> Em Tupi Guarani “açú” significa “grande”. Ex. Jacaré açú é a maior espécie de jacaré (jacarés gigantes). Açú, para Jujuba Açucarada, era para contar a incompletude que senti quando o nada, em relação à escrita, me invadiu; mas a professora Heloisa, durante a qualificação deste trabalho, me deu novo significado que deixo em nota de rodapé e assumo nesse momento como minha assinatura para as narrativas.

Convencida de que não há possibilidade de contar sobre mim sem uma bagunça causar, resolvi não me afastar do que sou e trazer tudo num emaranhado sem achar a ponta da lã, da linha, do nó. Eu não quero me preocupar em não parecer confusa, não quero me preocupar em não transparecer a ansiedade que me compõe e me impõe esta e não outra Juliana. Quero mostrar uma história de vida viva, revestida de fatos e lapsos, revestida de tudo que me trouxe até aqui, nesse momento de escrita e reescrita de mim mesma. Uma parada, uma corrida, mãos nervosas e cochilos para organizar as palavras para serem ditas.

Em meio a minha bagunça, vou contando o que é ser menina, o que é ser mulher, o que é se descobrir “preta”; vou contando sobre a família que tenho, as durezas ouvidas e vividas, e as alegrias compridas que lembro, que sei, que acredito. É no meio dessa bagunça, num baú sem fundo, que contarei sobre um percurso, um discurso, um correr para trás, como Curupira<sup>22</sup>.

Então, não se preocupe. Leia caminhando tranquilo num caminho seguro, porque essa terra tem buraco, tem barro até a canela, tem poeira e pode ser iluminada com a luz do sol; mas, também pode ser uma escura estrada com grilos gritões e pedras danadas que pisamos sem ver, nos deixando doloridos os pés que continuam na caminhada.

**Figura 5 – Ulin**



Fonte: Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

---

<sup>22</sup> Figura do folclore brasileiro que se caracteriza como uma entidade das matas que protege a floresta contra caçadores e ataques. Seu cabelo vermelho pode se acender e tornar-se fogo vivo, seus pés são virados para trás e, por isso, digo passos Curupira no correr para trás.

Essa menina se chama Ulin. Ela tem um passarinho na cabeça e está sentada numa terra vermelha. Todas as escritas que estão aqui são feitas e analisadas por ela, todas são sobre essa menina e é ela mesma que escreve. Para começar essa conversa com ela e sobre ela, é importante falar da terra em que seus pezinhos pisam. É importante contar sobre o seu firmamento.

Existem duas vegetações em terras diferentes, mas muito parecidas na valentia de buscar o “vingar”. Para contar um pouco sobre o firmamento e a vegetação que se dá em certas terras, trago, a seguir, uma música que essa menina gosta muito, pois, quem tem sangue de carcará sempre dança ao observar esse voo do passáro dono da terra que escolhe pousar.

### CARCARÁ

Carcará  
Lá no sertão  
É um bicho que avoa que nem avião  
É um pássaro malvado  
Tem um bico volteado que nem gavião

Carcará  
Quando vê roça queimada  
Sai voando, cantando, Carcará  
Vai fazer sua caçada, Carcará  
Come inté cobra queimada

Quando chega o tempo da internada  
O sertão não tem mais roça queimada  
Carcará  
Mesmo assim não passa fome  
Os burrego que nasce na baixada

Carcará  
Pega, mata e come  
Carcará  
Não vai morrer de fome  
Carcará  
Mais coragem do que home  
Carcará  
Pega, mata e come

Carcará é malvado, é valentão  
É a águia de lá do meu sertão  
Os burrego novinho num pode andá  
Ele puxa o umbigo inté mata

Carcará

Pega, mata e come  
 Carcará  
 Num vai morrer de fome  
 Carcará, mais coragem do home  
 Carcará

(VALE; CÂNDIDO, 1965).

**Figura 6 – Vó Mundinha e Vô Memé**



**Fonte:** Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

### **CAATINGA (AVÓ E AVÔ PATERNO)**

*Vem do tupi e significa mata branca. Tem uma paisagem esbranquiçada no período seco, pois as plantas perdem as folhas e os troncos ficam secos.*

*Metade de mim é caatinga: as folhas se vão e pensa-se que o tronco ficará seco eternamente, mas não; o tronco encontrará suas folhas em outro lugar, talvez longe, numa terra quente, mas não a caatinga onde carcará vem cantar.*

*Vem de pai a caatinga que aqui venho contar.*

*Vem do Ceará, de Barbalha, o carcará voa e o Nordeste quer cruzar. Não importa o medo e nem se tem que arranhar e rasgar com as unhas seu destino. Não se entrega, vem no pau-de-arara para em outra terra pousar.*

***Jujuba metade caatinga***

**Figura 7 – Vó Maria e Vô Tutu/Afro**



Fonte: Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

### **MANGUE (AVÓ E AVÔ MATERNO)**

*Alagado, a água que falta flui em ti.*

*Calmaria de rio era seu jeito.*

*Manguezais são ricos em nutrientes; ele era rico em experiência.*

*Experiência com a terra, com a relva, com a vida, idas e vindas.*

*Teve um encontro como o encontro do rio com o mar.*

*Metade de mim é mangue; ele era mangue vermelho, pés se arrastando pelo terreiro. Era de vila, calmária firme, Afro de africano.*

*Nesse mangue podem achar raízes externas, raízes aéreas, raízes Pernambucanas.*

*Pode-se achar poemas como de João Cabral de Melo Neto<sup>23</sup> que nos conta como se tece uma manhã.*

*Esse mangue é de parte de mãe, vem de Pernambuco, é um senhor lúcido e tem um solo úmido.*

*Vem banhado, vem acompanhado, vem com ela, lagoa de transparência bela.*

### **Jujuba metade mangue**

Meus avós, sobre quem acabo de escrever (**Figura 6 e Figura 7**), são

<sup>23</sup> Poeta pernambucano que marca a menina do passarinho na cabeça com “Tecendo a manhã” e se torna um eco poético eterno na pesquisadora Juliana, pois “um galo sozinho não tece uma manhã”.

dois tipos de vegetação. Dois tipos de vegetação com características muito próprias. Dois homens – dois bons homens – que sempre estão de chapéu, são sombra da menina, têm cheiro de goiaba e fumo de corda, são firmamento, são galhos, são folhas e são escolhas que findaram na menina do passarinho na cabeça. Minhas avós – duas boas mulheres - são duas velhas senhoras que estão ao lado deles. Esses velhos senhores e essas velhas senhoras que, não estando aqui, se fazem presente, são um gosto da menina: gosto de mandioca frita. Sempre por eles fui acolhida. É na simplicidade e na força que se fazem homens como meus avôs´. E é com muita água e com seca que se conta a história delas, minhas avós. São dois senhores que carrego como fio de contas, são axé; são duas senhoras que estão como cordão transpassado no peito. São jeitos de viver que admiro e aos quais me inclino.

Não há possibilidade de escrever e rever momentos com meus velhos e velhas sem uma música colocar. A seguir, eu coloco Asa Branca, do senhor Gonzaga, e não me canso de apresentar meus velhos senhores de sabedoria.

### **ASA BRANCA**

*As lágrimas caem todas as vezes... são como água caindo da moringa, elas pingam.*

*Eu não consigo conter, não há possibilidade de deter.*

*Talvez nesse momento eu saio voando, talvez seja isso. Eu estou no azul de lá de cima, bem alto, no céu, nas nuvens brancas, como a asa que canta nos meus ouvidos.*

*Toda vez é isso, os ruídos... Essa asa me leva a um lugar que nunca visitei, ao Ceará de reis.*

*Eu sou levada à sede, à fome, mas não só ao que se reclame; sou levada ao calor, sou levada às pessoas que não vi e que não estão aqui.*

*Eu sou levada à terra em que nunca pisei, ao santo pelo qual nunca rezei, maseu vou... Solto as mãos, abro os braços e vou/voou.*

*Encontro talvez meus pedaços... Eu vejo laços. Eles são coloridos e desconhecidos. Eles são percebidos por mim sempre que essa música vem e não me contém. Eu choro. Nesse momento eu sempre rogo por pessoas que me formam ainda hoje.*

*Penso na vinda dos Cearenses que conheço e naqueles de quem nunca pedi a “bença”.*

*Penso naquele senhor com suas asas brancas, abertas, que de força se cobriu e trouxe os seus como um rio que corre e não se desvia. Eu vejo ele de “paieiro” nos dedos, com calças de tecido e cinta naquele corpo magro. Eu o vejo, eu sinto o cheiro. Ele chega e do caminhão desce. Ele não esmorece.*

*Ele é uma raiz. Não sou eu quem diz, são as folhas de uma árvore que o acolhe.*

*São os frutos de café que ele e os seus engolem.  
 Ele se recolhe em suas lágrimas, mas nunca fecha as suas asas.  
 Ele é aquele homem feito de trabalho.  
 Essa música me leva, me dobra, me pica em retalhos.  
 Mas, essa asa me acolhe.  
 Essa Asa Branca é de carne de bode. Meu peito explode e me tomo toda  
 com esse fole.  
 Asa Branca sempre me console.*

***Jujuba não foi feita por mim, foi Asa Branca, um senhor com sorriso  
 de banda. É gosto de mandioca frita. Essa escrita não é minha, é de Seu Memé<sup>24</sup> e  
 é bonita.***

### **SÃO TODOS, TODAS E SÃO JOÃO**

*Na fotografia, ele tem uma camisa quadriculada e está com ela  
 agarrada em seus braços. Ele dança e o porta-retrato até balançar.*

*É São João! Hoje cedo comi o pão. Foi a filha dele, foi a cria que ele me  
 deu, eita se ele estivesse aqui.*

*Não vou chorar, eu vou sorrir.*

*É São João e o seu Tutu vem cedo com seu chinelo arrastando pelochão.*

*Ele era um senhor Afro<sup>25</sup>, um senhor de nome Maurício, um senhor da  
 dança arrasta-pé da gota serena.*

*Ele é um senhor na nossa memória, uma glória. Ele marcou em mim  
 várias histórias.*

*Eu sou a Ulin que levava seu sapatão de trabalho da roça, eu sou mais  
 uma neta de tantas que o homem marcou na história.*

*Ele gostava da velha, de São João e talvez de pamonha.*

*Ele traz uma cor pretinha para minha vida, ele é a comida repartida, é  
 pirão de costela. Fez minha família bela, nos ensinou a importância de comida na  
 panela, ele é um carinho de trivela<sup>26</sup>.*

*Com essa escrita espero lhe saudar num dia de São João e lhe acender  
 uma vela. Saudar, pedir “bença”, lembrar do senhor e ser aquela menina pretinha  
 que seu chinelo buscava e seu sapato levava.*

*Saudades sim, tristeza não... Quero é lembrar do vô dançando um  
 arrasta-pé na vila São João.*

*Vô, viva São João!*

***Jujuba Açucarada com sabor de amendoim torrado, de paçoca doce,  
 de Vô Tutu cheio de histórias, de saudade e de memória.***

As apresentações estão feitas. Meus avôs já apareceram junto com a  
 menina e, claro, nada de desfeita. É preciso começar daí, porque depois da “bença”

<sup>24</sup> O nome do meu avô paterno é Manoel José dos Santos.

<sup>25</sup> O nome do meu avô materno é Afro Maurício Gomes, axé.

<sup>26</sup> Trivela é uma referência do futebol, chute de trivela que é um passe pouco utilizado e comelevada capacidade técnica, executado com a parte exterior do pé, difícil execução, mas com grande espectacularidade.

nada se ajeita se não falarmos com os mais velhos. Algo que aprendi com a africanidade é carregara "bença" aos meus mais velhos e a "bença" aos meus mais novos. Aos mais velhos a quem devo respeito e aos mais novos a quem devo exemplo. Já apresentados os meus velhos, passo agora a contar como se fia uma menina, como se faz uma mulher.

### VOZES-MULHERES

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. Ecoou lamentos de uma infância perdida.

A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela.

A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes  
Recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2008).

Conceição Evaristo fala sobre as vozes das mulheres que, na maioria das vezes, são caladas. A autora conta sobre as gerações e traz à tona uma questão de gênero, uma questão de classe e uma questão de raça. Talvez aí eu me encontre e comece a pensar sobre mim. Sou neta de duas mulheres feitas de rede, de peitos com leite. São mães de mais de seis e são Marias. São duas Marias: uma Raimunda<sup>27</sup> e outra Maria<sup>28</sup> sem nada, além de Tutu. Minha formação como mulher vem, inicialmente, destas vozes-mulheres – Maria e Raimunda –, mulheres de fibra, vindas do mesmo Nordeste quente de meus avôs e com tantas vontades quanto eles.

<sup>27</sup> O nome de minha avó paterna é Raimunda Maria dos Santos.

<sup>28</sup> O nome de minha avó materna é Maria Ferreira Sobrinho Gomes.

## **SOU FILHA**

*Sou filha da música, de Bethânia, de Nina Simone, de Clementina, de Clara, de Gal, de Ivone Lara e de sambas em noites claras.*

*Sou filha de Anastácia, de Dandara, Iansã, de Iemanjá e suas águas, de Nanã, de perfumes e espelhos, de pitangas, de terra e tempestades.*

*Sou filha de Nossa Senhora, de Santa Luzia, de Santa Bárbara, de Marias todas.*

*Sou filha da lua, de estrelas, de terra, de estrada e remada em águas serenas.*

*Sou filha do feminino. Não... Sou feminina, feminista, boa bisca.*

*Sou filha de minha mãe, de minhas tias, de minhas primas e de minhas avós. Sou uma menina de muitos "as" e de muitos nós que me atam e não desatam.*

*Sou filha de textos, livros, estantes e instantes. Tenho poesia, tenho alegria que o ser menina me dá.*

*Sou filha da inquietude, da luz, da cruz, da beleza. Sou filha de trabalho, de laços e de retalhos.*

*Sou filha de olhos pintados, de boca vermelha ou sem nada nela. Sou filha de quê? Sou filha de quem? Sou o quê?*

*Sou filha do que quero, do que me segura, do que me balança, do que metraz dança e do que me alcança na vontade que invade uma mulher.*

*Sou filha de uma mulher e sou feita de mulheres que metem colheres em meucaminhar, que me fazem menina, que me fazem mulher, que me fazem velha. Nasço e morro, mas sempre estou como mulher filha de tantas coisas, neta de toda a força que a mulher sabe bordar.*

### **Jujuba Açucarada sabendo de quem e do que é filha.**

Vejo-me aqui falando sobre os fios que me tecem e pensando que não há como falar sobre o bordado sem contar sobre quem nesta pesquisa está além de mim, sobre a maneira como se chega na pesquisa, no desejo, na curiosidade e no tema que tem a ver com o caminho de vida percorrido. Afinal, não se caminha só, se caminha com os pés de muita gente.

**Figura 8 – mamãe e papai**

**Fonte:** Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

### **PASSOS DE UÇÁ<sup>29</sup>**

*Nós não somos feitos só de passos, um atrás do outro, em linha reta.  
Somos feitos também de passos curupiras, de um arrastado de sandálias  
caipiras.*

*Somos feitos de pés descalços, corredores sem cansaço. Somos feitos de  
passos de Uçá.*

*São caminhos repentinos, de um lado e de outro.*

*Somos muitas pisadas, com pés bem fincados e afofados e também com  
pés que ficam no mesmo lugar a girar e girar com braços abertos para equilibrar.*

*Somos pés de muita gente e, mais que de repente, consigo ver que posso  
ser da família de Uçá. No percurso da vida e de escrita, se anda também para os  
lados, se faz Uçá a passos largos ou rápidos e curtos. O que se quer é caminhar.*

*Uçá vem do tupi u'sa (caranguejo).*

***Jujuba Açucarada com passos de Uçá.***

---

<sup>29</sup> Uçá é um termo indígena (tupi) que nomeia um caranguejo típico do manguezal.

**Figura 9 – O casamento**

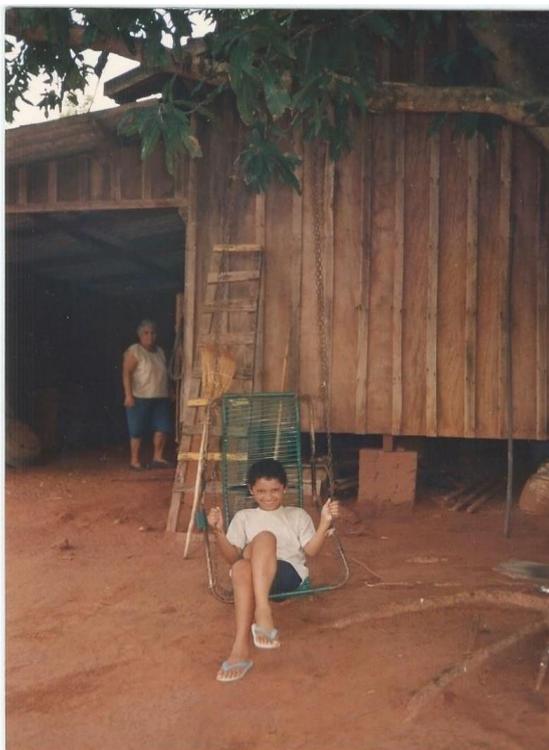
**Fonte:** Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

Eu sou a primeira filha de dois jovens filhos de agricultores, netos da terra, que, pela realidade vivida, aprenderam a andar para todos os lados. Também são feitos de passos de Uçá.

Eu sou uma menina pretinha, filha de uma menina de vestido de rosas cor de rosa e de um garoto com pernas que correm atrás de bola.

Eu sou uma menina nascida em setembro, que traz flores, que traz céu azul. Uma noite escura me trouxe. A menina de vestido de rosas, num caminhão, chegou ao hospital e maternidade de Junqueirópolis, uma pequena cidade “do interior do interior” de São Paulo. Eu fui mais uma neta dos meus avôs. Digo mais uma porque venho de uma família grande, com muitos tios e tias, com muitas primas e primos.

**Figura 10** – Balanço na mangueira



**Fonte:** Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

Gosto de saber que venho de avós e avôs nordestinos, e cada dia gosto mais. Acredito que isso me satisfaça, porque acho que essa característica é o que me aquece.

Vó Mundinha e vô Memé são os pais do meu pai, figuras queridas, cearenses e trabalhadores. Pais de muitos filhos, dentre eles meu pai – o caçula entre os homens. Aqui trago uma história: desde muito pequena, ouvia meu pai contando sobre sua chegada ao interior de São Paulo. Meu avô Manuel, que aqui e na vida toda chamo de vô Memé, veio para São Paulo quando meu pai era um menino de três ou quatro anos. Antes, eles moravam no Ceará. Meu pai é nascido em Barbalha, cidade protegida por Santo Antônio, e me conta que meu avô queria muito “tentar a vida” em São Paulo, história recorrente entre tantas e tantas histórias de famílias que se construíram nesse caminhar para outro lugar - Carcará já contou - para tentar não morrer de fome, para se construir dignamente trabalhando. O que não é corriqueiro, nessa história, é que meu avô não pensava em ter outra família em São Paulo. Vô Memé queria sua família cearense. Tanto a quis que não cedeu à briga com vô Mundinha e trouxe as filhas e os filhos sem pestanejar; até mesmo o caçula dos meninos (meu pai) ele não deixou no Ceará, ficando lá só a tia “Miúda” e a vó

Mundinha para depois aqui em São Paulo se “aprochegar”.

Vô Memé era um homem teimoso, mas a teimosia pode ser tanto um desgosto quanto uma qualidade. Então, veio para São Paulo deixando a vó Mundinha com a menina caçula no Nordeste – que muitos chamam de Norte. Veio com sua teimosia e todos os filhos, entre eles papai. Ouvi essa história durante toda a minha vida: que ele veio de “pau-de-arara” com todos os filhos, sendo o mais novo meu pai. Chegou em Junqueirópolis e, em busca de uma oportunidade de trabalho na lavoura, se estabeleceu debaixo de uma árvore muito grande, frondosa e acolhedora, que se fez casa para ele e seus filhos.

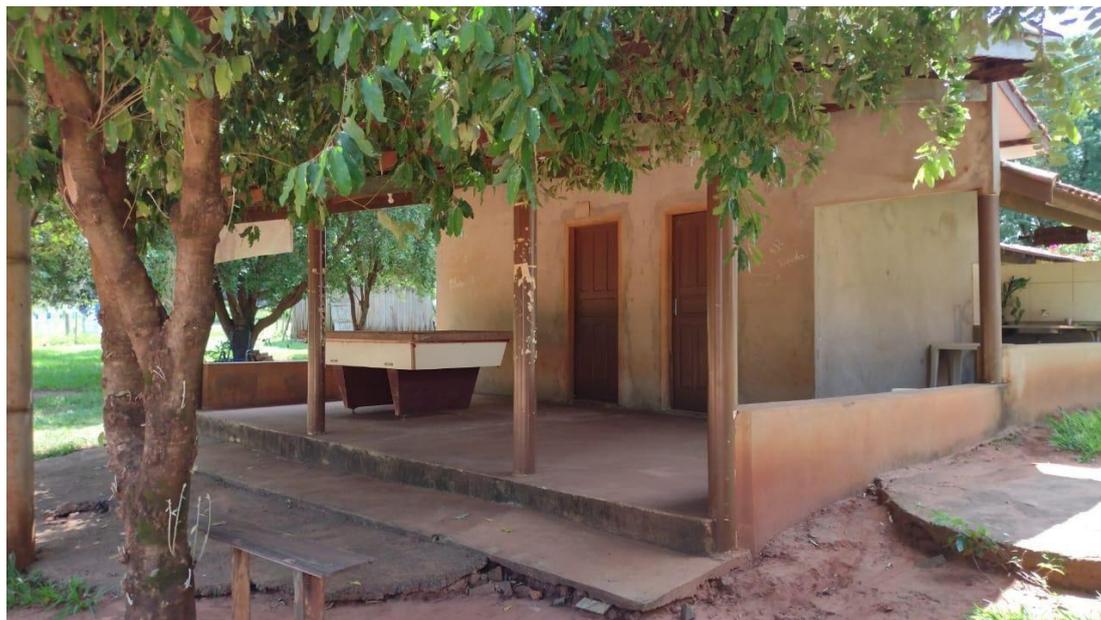
Lavoura é o preparar da terra para que aconteça o cultivo – a agricultura, por isso me relaciono tão bem e fortemente com a terra. Acredito que essa relação venha dos que me fizeram, dos que me ensinaram a viver. Vô Memé buscava trabalho e, enquanto este não vinha – conforme conta meu pai –, os frutos de café foram seu alimento, saboreados com o amargo gosto de lágrimas de meu avô que não tinha um emprego definido, que não conseguia colocar seus braços a trabalhar.

Assim que teve a oportunidade certa, meu avô por lá ficou, junto aos filhos que também na lavoura se fizeram e cresceram. Depois disso, vó Mundinha veio com a menina caçula e, assim, deixaram aquele Ceará e se fincaram em São Paulo, como raízes de uma mangueira.

São João é uma vila que fica bem no interior do estado de São Paulo, um lugar de memórias para meus pais... Papai conta que frequentou os “butecos”<sup>30</sup> dessa vila (**Figura 11**), um local de famílias que se conheciam, onde tiveram casamentos, dentre eles o de meus pais. Minha mãe, aquela do vestido de rosas cor de rosa, é uma das filhas da vó Maria e do Vô Tutu. Minha mãe conta sobre a vida na roça, da lida, do acordar cedinho, do pegar ovo, do ouvir galo cantar de manhãzinha. Meus avôs maternos são pernambucanos e vieram também para “esses cafundós”, frequentando essa mesma Vila São João. Também viviam com o sustento da roça, da colheita e da bondade de São Pedro – quem é criado na agricultura logo aprende a gratidão às chuvas e a agradecer com festas da colheita para São Pedro, Santo Antônio e São João.

---

<sup>30</sup> Usamos Botecos ou butecos com a mesma intenção, como na oralidade. Aqui, lembramos que temos dois botecos na Vila São João: Boteco do seu Chico e Boteco do Dudu (aquele com o telefone público, o famoso “orelhão”, muito importante para aqueles moradores em tempos passados).

**Figura 11 – Boteco da Vila São João**

**Fonte:** Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

Conta minha mãe que, nessa “vida de roça e de trabalho com a terra” e com plantação de café, de cana-de-açúcar e outras mais, meus avôs maternos, em um ano, ganharam tanto dinheiro com a colheita que poderiam ter comprado roça, ter feito plantação própria e não precisado mais trabalhar para fazendeiro; mas, ao invés disso, resolveram visitar Pernambuco – ao contrário dos cearenses que não querem voltar, pois de fome quase morrem por lá. Sendo assim, queriam voltar para visitar uma velha senhora, uma bisavó que não conheci, a bisavó Júlia, mãe da vó Maria que era esposa do vô Tutu cujo nome era Afro Maurício Gomes.

Enfim, meus avôs maternos acabam retornando a Pernambuco. Até hoje, minha família acha ‘coisa de maluco’ eles terem gastado o dinheiro ganho com tanta labuta no plantar e no colher para ir visitar uma terra tão distante. No entanto, eu considero essa uma história bem bonita. Na época, vó Maria queria visitar a mãe, pois passou muitos anos sem vê-la. Quando voltou, foi reconhecida pelo cheiro, já que a bisa não enxergava mais. A bisavó Júlia reconheceu sua “Nininhá” pelo cheiro que todo nordestino dá a sua cria.

É assim que minha família traz de herança algumas histórias incríveis. Histórias como essa do dinheiro gasto na ida para Pernambuco e na compra de um Jipe que hoje já não sei que fim teve.

Minha mãe é filha desse casal tão decidido, vem de muitos irmãos e também conhece a Vila São João. Fui a primeira filha de um casal jovenzinho e

conheço a terra vermelha daquele lugar, mesmo tendo ficado ali até aproximadamente meus três anos. Sei que eu tinha um gato quando pequenininha e que quebrei o rabo dele com minhas mãozinhas tão fortes. Sei também que, logo que fui embora, depois de duas semanas miando de saudades, ele sumiu. Sei que adorava papinhas de abobrinha com feijão, feitas por tia Nete, que muito cuidou de mim. Sei que minha paixão por goiaba vem dos pés que me rodearam a vida toda; se não era morando na roça quando criança pequena, era indo nas férias esperadas para o sítio, visitar o barulho de grilos.

Sei que meu pai fez com caixote, um banquinho na bicicleta dele, para me levar para a Vila São João nas tardezinhas. Depois de muito trabalho, sua diversão estava em jogar “sinuca” e eu lembro dos doces do boteco da vila (Boteco do Seu Chico) e do suspiro cor de rosa. Sei o que minha mãe conta: que minha paixão por doce data de quando eu voltava dormindo, nesse banquinho da bicicleta, segurando um pirulito e que minha vó Maria ficava muito brava porque, além de eu me lambuzar com os doces, voltava tarde com meu pai.

Sei que eu era uma criança danada, que dormia de dia e ficava acordada à noite. Me contam que, numa noite dessas, peguei o fumo de corda do vô Tutu e espalhei pela casa. Fumo de corda é uma das coisas mais maravilhosas. Para alguns, cheiro ruim; para mim, lágrimas. Eu não posso sentir esse cheiro, do contrário, são lágrimas pingando ligeiro, pois tem cheiro de vô, tem o cheiro dos meus avôs. Essa memória me faz sentir, nas pontas dos dedos, o chapéu do Seu Afro; e, ainda, consigo sentir o abraço do vô Memé, suas mãos no meu cabelo.

Lembro-me que, sempre que estou num mercado municipal e sei que vou encontrar aquele lugar que vende fumo de corda, eu já vou me desmontando... Quando o cheiro forte chega, eu não consigo controlar a emoção e, novamente, já pela milésima vez em minha vida, sinto meus dedos no chapéu e o abraço do vô Memé.

Sei que engatinhei de forma diferente, já contrariando o senso comum, com o bumbum a arrastar no chão; sei que os corredores dos pés de café foram os caminhos mais explorados por mim enquanto aprendia a engatinhar; sei que eu era uma menininha rápida na arte de fugir engatinhando de maneira muito ágil. Aprendi a caminhar com nove meses e demorei a falar, por incrível que pareça. Minha mãe, quando cansa do meu falatório, até hoje, atribui essa tagarelice a minha vó Maria: a história é que, na roça, para uma criança andar e falar, existem simpatias e mais

simpatias e, assim, vó fez algumas, preocupada para que eu andasse e falasse logo.

Para andar, a simpatia é conforme narrado por mamãe: vá até um curral<sup>31</sup> e jogue sal no cocho<sup>32</sup> do gado; a criança vai andando pelo cocho (dentro do cocho) e alguém vai com um machado; a cada passo que a criança dá, o machado faz um corte imaginário com a seguinte frase “Leve esse medo que ela tem de andar”.

No caso da menina, vó Tutu ficava com um pequeno machado e ia cortando o medo enquanto vó Maria segurava a menina a caminhar pelo cocho... Eu sempre quis entender o porquê dessa simpatia, mas nunca tive explicação. A outra simpatia que acho mais engraçada é a ideia de colocar um pintinho para piar na boca da criança... Minha avó fez muito isso, diz a minha mãe, e eu adoro essa história. Acho que fizeram efeito as simpatias, pois gosto de falar – tranquilidade para minha avó e canseira para minha mãe que me ouve desde então.

A roça tem suas alegrias e belezas, mas a vida na lavoura não é tão bonita assim. Meus pais resolveram vir para região de Campinas com a mesma ideia que paira na minha família, tanto paterna como materna, de que precisamos buscar um lugar ao sol, uma vida melhor. Eles vieram do sítio, quando eu era bem pequena, ficaram em Santa Bárbara D'Oeste por um tempo e moraram perto da minha madrinha “tia Miúda”, a irmã do meu pai – aquela que ficou com a vó Mundinha, no Ceará, quando o vó Memé veio, já que ela era ainda um bebê. Moramos perto dessa minha madrinha durante um tempo. Neste ponto, cabe contar sobre um apelido que eu tinha – Ulin, pois meu padrinho, ainda hoje, me chama assim. Não sei por que, mas sempre que o escuto, lembro das histórias dessa menininha do passarinho na cabeça que sou eu, que fui eu e que ainda vive em mim.

---

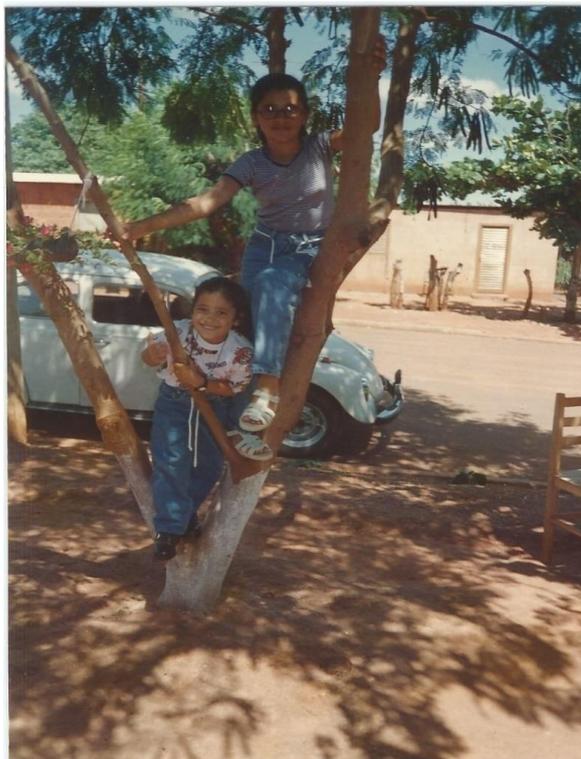
<sup>31</sup> Cercado onde se prende o gado para ordenha, vacina e cuidados diversos.

<sup>32</sup> Bebedouro e/ou comedouro para gado.

**Figura 12 – Professora Cristina**

**Fonte:** Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

Depois de Santa Bárbara D'Oeste, viemos para Campinas onde a saga de mudanças parou e onde vivo desde então. Aqui, quando eu tinha cinco anos, nasceu minha irmã Fabiana, Bibi. Bibi é minha única irmã, uma menina doce e tranquila, ao contrário de mim. Nós frequentamos a mesma creche, a “Aurora Santoro”; Bibi desde bebê. Minha mãe conta que ela chorava muito pela manhã, quando ficava na creche, e minha mãe chorava porque tinha que deixá-la para poder ir trabalhar. Mamãe trabalhava em casa de família como empregada e cuidava das crianças da família em questão. Nunca falei para ela, mas fico pensando sobre como foi isso: deixar sua filha chorando na creche para ir cuidar de outras crianças, afinal é seu trabalho e não há como não fazê-lo.

**Figura 13** – Pé de árvore com Bibi

**Fonte:** Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

Eu e Bibi estudamos também na mesma escola municipal de Ensino Fundamental, Sylvia Simões Magro, no nosso bairro, Jardim Ipaussurama. Lá fiquei por oito anos e lá aprendi muito. Não falo aqui de Matemática, nem de Redação; falo de gincana e da tentativa de um grêmio estudantil; falo das horas e horas dentro da escola dançando; lembro da escada – aliás, das escadas daquela escola, lembro do banheiro das meninas e do pátio, que parecia tão grande e, hoje, quando olho, o vejo tão pequeno – a infância aumenta o tamanho das coisas ou o não ser criança torna as coisas pequenas.

Lembro que, quando estava na creche, eu olhava para escola vizinha pela cerca e queria estar lá; e depois, quando estava na escola para criança grande, olhava pela cerca e queria estar na creche... Até hoje, olho o balanço da creche (CEMEI) com vontade de estar lá a balançar, e a cada dia o balanço me faz mais vontade.

Até os 14 anos, meu mundo era o bairro, a escola, os vizinhos, o esconde- esconde à noite, naqueles quarteirões perto da minha casa; ali estavam todas as pessoas que eu conhecia, com quem eu convivia, gostava e desgostava. Eu só tinha meu olhar ampliado quando voltava nas férias para aquele

lugar de terra vermelha perto da Vila São João – neste momento, eu saía como um passarinho que voa longe. Nas férias, eu encontrava aquela menina “Ulin” e era um encontro bom, porque nos víamos nos pés de goiaba, no cheiro de jaca, no leite tirado cedo da vaca, numa “renca”<sup>33</sup> de primos e primas, e na seriguela, fruta favorita.

**Figura 14** – Sítio e medo de galinha



**Fonte:** Acervo pessoal Juliana Gomes Santos da Costa

Quando voltava das férias, voltavam meus pés ao asfalto, voltava à escola e ao esconde-esconde. Meu Ensino Fundamental talvez seja o momento escolar mais incrível. Minhas frustrações, alegrias, descobertas, sofrimentos e paixões estão lá. Fui uma aluna mediana, mais uma aluna “fulana”, nada de grandes destaques, mas ali foi o lugar mais bonito e mais frequentado.

Fiz o Ensino Médio na escola estadual Mário Natividade, “Mana”, e não mais no bairro ficaria, iria para escola ‘logo ali’. Eu ia começar a pegar ônibus, andar até a escola que ficava um tanto longe do ponto. Geralmente, vejo que as pessoas não falam muito do seu Ensino Médio, provavelmente porque não é algo que as marque tanto ou que as envolva. Talvez o que meu Ensino Médio tenha me dado de mais especial tenha sido a descoberta da escrita; não a escrita para os professores

---

<sup>33</sup> Renca da oralidade para dizer muitos primos.

ou para as provas, nada disso! Vestibular também não era o motivo da minha escrita.

A escrita apareceu para mim como uma forma de conversar comigo sobre o mundo, sobre os acontecimentos da vida. Não era escrita obrigatória, era escrita para se contar história. Até hoje, tento justificar para mim por que escrevo, por que tenho a necessidade de escrita que, por vezes, não atende ao que se quer de escrita para uma pesquisadora, acadêmica, estudante, professora.

Escrevo porque vivo, escrevo porque como. O ato de comer acontece quando se sente fome ou pelo horário que está culturalmente definido como hora de comer. Escrever, para mim, é isso. Não sei se é por conta da minha cultura, da cultura oral existente em minha vida e em minha existência, ou se é por conta da minha necessidade “tagarela”, sei lá mais uma vez... Talvez seja por conta de uma cultura do contar, do falar desesperadamente.

Por que escrever sobre mim? Por que escrever sobre minha experiência como estudante, como doutoranda, como mulher, como mulher negra, como professora, como formadora, como pedagoga, como aprendiz, como eu, como outra, como estranha e como muito conhecedora de mim? Não sei. Acho que sempre escrevi sem saber ao certo por que, como se a gente precisasse sempre explicar o porquê, a causa, para que serve. Não sei ao certo.

Eu sempre escrevi em meus cadernos de escola, nas últimas páginas, desde o Ensino Fundamental, escritas soltas. Depois, quando mais velha e no percurso escolar, já no Ensino Médio, carregava comigo pequenos caderninhos na mochila. Sentada no ônibus, com uma caneta, eu escrevia sobre a minha vida, amores, sonhos, angústias, família, escola. Acabei jogando fora os cadernos quando comecei a folheá-los e entrei naquele pensamento de “isso não serve para nada”, “isso muda o que?”. Eu mesma disse para mim que essas escritas para nada serviam. Assim, larguei os cadernos por um tempo e passei a anotar coisas em folhas soltas; talvez soltas exatamente porque eu não queria organizar meus pensamentos e escritas, não queria lhes dar importância, lhes dar um lugar, um caderno, uma pasta. Mas timidamente voltei. Peguei as folhas soltas. Mas só voltei a organizar e a olhar com carinho para as minhas escritas quando percebi que, na minha atuação como professora, não conseguiria viver se não escrevesse.

Eu estudei num cursinho pré-vestibular, no meu bairro, ao mesmo tempo em que comecei o Ensino Médio. Mas, nessa época, acabei mudando de bairro e

indo morar na Vila União, onde tem um cursinho chamado “Herbert de Souza” – lugar incrível, em que a professora de Literatura me marcou. Uma professora que me ensinou que se lê e se escreve porque vivemos; que há quem viva sem ler e sem escrever, mas que nós, pessoas “poetas”, não podemos e não somos capazes disso, precisamos escrever.

Eu escrevo porque preciso e porque não consigo viver sem. É como o choro e o sorriso, é o meu sono, o meu acordar ouvindo passarinhos, é comer, é beber, é trabalhar, é conversar com a minha mãe, é necessário, é como quando eu preciso de um doce, quando eu preciso de um abraço, quando eu preciso chorar, quando eu preciso dormir, quando eu preciso tirar esse chiclete do meu sapato imaginário. Mas, não é uma necessidade assim ‘do nada’; é louco mesmo, é algo que fica beliscando, que faz cócegas, que puxa o meu cabelo, que me arrepia, que dá rasteira e que está grudado no meu pé.

A Faculdade de Pedagogia que fiz, de 2006 a 2009, na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas, por momentos, me deu beliscos e, em outros, os levou por um bom tempo embora. Era tudo novo. Quando prestei o vestibular, optei primeiramente pelo curso de Letras, talvez já mexida pela questão da escrita, mas, como segunda opção, estava a Pedagogia.

Após a prova, já no dia do resultado, eu, descrente, não tinha qualquer curiosidade sobre ter sido aprovada, isso porque pensava que não o seria, acreditava que não tinha passado sequer para a segunda opção. Então, quem fez a consulta na lista de aprovados no vestibular foi o grande parceiro que tenho na minha vida. Assim, fui chamada para ver que não só tinha passado, como tinha sido aprovada nas duas opções. Explosão de felicidade e de preocupação. Felicidade porque, na minha família, pela primeira vez alguém entraria pelos portões de uma Universidade. Por gerações, jamais alguém de minha família havia passado pelas calçadas de uma Universidade, então ineditamente teríamos essa oportunidade. A preocupação dizia respeito a como viver essa oportunidade sem dinheiro, ou seja, como seria frequentar uma Universidade particular com mensalidades para assumir.

Fiz a matrícula com a ‘vaquinha’<sup>34</sup> familiar e vivi meus quatro anos de curso entre cheques, dívidas, tentativas de bolsas, vaquinhas para as matrículas, meus pais ajudando com as passagens de ônibus, meu salário de Educadora

---

<sup>34</sup> Vaquinha é uma ação feita por pessoas próximas (família) para contribuir com alguém e assim o alcance do objetivo financeiro.

Social.em uma ONG<sup>35</sup> sendo enviado integralmente para pagar cheques de negociações. No entanto, em meio a isso tudo, tenho belas histórias da Faculdade que muito me formaram. São três.

A primeira história é sobre o que me aqueceu nesse momento de vida: minha blusinha de frio creme com botõezinhos, que minha mãe me deu. Era uma blusa que pouco me aquecia nos invernos que vivi na PUC-Campinas. Para quem não sabe, naquelas “bandas” faz muito frio no inverno. Foi minha mãe quem comprou na Treze de Maio – já que para mim, na época, comprar qualquer coisa era impossível – essa blusa que me protegeu. Não era a lã, nem o tecido que me protegia, era a minha mãe. Tenho essa blusa até hoje, restando nela apenas dois ou três botões.

A segunda história é o que me esfriou e resfriou. Tardes de verão podem ter chuvas, e algo que aprendi com uma amiga de mestrado - “Ana Mota” – foi que chuva não devia fazer a gente se esconder e sim pular de alegria. Ela que veio estudar em Campinas, sendo do Ceará, não entendia por que, quando chove, nós aqui da cidade nos escondemos, nos “empoleiramos” como pássaro dentro de casa.

A chuva de verão me pegou quando eu estava saindo de um ônibus. Na época, o dinheiro da condução me permitia pagar apenas por uma viagem. Para chegar até a faculdade, porém, eram necessários dois ônibus. Então, eu fazia assim: pegava um ônibus até o terminal de Barão Geraldo e, depois, já dentro do terminal, pegava outro sem custo até o ponto mais perto da PUC. Acontece que esse ônibus não entrava no campus da Faculdade. Eu precisava ir a pé até o prédio do meu curso, que, para minha sorte, era bem distante. Nesse dia fatídico, ao descer do ônibus, abri meu guarda-chuva e o vento de lansã o agarrou sem dó, como canta Bethânia: “Foi o vento de lá, foi de lá que chegou. Foi o vento de lansã dominador que dormia nos braços da manhã e despertou”<sup>36</sup>.

O guarda-chuva quebrou e fui eu na chuva bem fria, descendo até o prédio. Chegando lá, me vi com o vestido vermelho todo molhado. Ao entrar no banheiro, o tirei, o torci e o vesti mais uma vez, pois, mesmo com o vestido úmido, precisava estar em aula. Naquele dia, chorei. Mas, mesmo chorando, me refiz como um raio, pensando: “chuva nenhuma nessa vida vai me parar”. Pensei do mesmo

---

<sup>35</sup> Organização Não-Governamental.

<sup>36</sup> Música: Vento de lá – Roque Ferreira, interpretada por Maria Bethânia.

jeito que Maria Bethânia quando diz “Não mexe comigo...”<sup>37</sup> Sou como haste fina, qualquer brisa verga, nenhuma espada corta”. (Veloso, 2012).

A terceira história vai nos levar à escrita que está na minha vida. Eu tive momentos na faculdade que me fizeram escrever para além do processo de entregar atividades. É nos caderninhos de narrativas<sup>38</sup>, das aulas de Matemática, e nos diários de campo de estágio que encontramos mais um fio para atar um nó da história. Os diários de campo eram, por vezes, um sacrifício, mas me faziam contar sobre o que era visto e vivido nas idas à escola. Eram anotados pela professora e “re-anotados” por mim. Era um tal de “escreve, lê o que a professora escreveu, escreve mais uma vez e pensa, e gosta e desgosta” e, nisso, a escrita me acompanhou durante toda a graduação. Terminei a Faculdade e fui me aventurar na carreira docente.

Comecei, em 2010, a atuar como professora no Ensino Fundamental. Parei em 2011 e só voltei em 2013. Assim, após o mestrado, de 2011 a 2013, que cursei também na PUC de Campinas, já convencida de que escrever não era perder tempo, tendo estudado narrativas e vendo que aquilo que eu produzia “existia” na vida e na academia, em 2013 escrevi sobre minha prática, sobre meus alunos, sobre o mundo, sobre conhecer o mundo – movimento que a escola deveria fazer, mas que deixa de lado ou ensina a deixar em segundo plano. Assim, escrevi loucamente, escrevi contando a minha experiência como professora numa Escola chamada Neli Helena Assis de Andrade, escola estadual que se localiza na Vila Georgina, na cidade de Campinas. Ainda me lembro daquele período, lembro do sorvete que tomava no *shopping* que ficava em frente à escola e da aula de equação que fiz com pizza; lembro do meu aluno Eduardo com Espectro do Autismo; lembro daquelas manhãs, dos corredores, lembro das filas horrorosas, dos “bom-dia” com olhos pequenos e bocejos. Escrevi naquele ano muitas coisas sobre gênero, naquele momento isso me tomava um pouco e me incomodava muito.

Cada trabalho em cada escola e em cada ano me trouxe algo que invadia mais meus olhos. Em 2013 foi gênero. Produzi escritas, narrativas, fui para eventos para contar sobre isso. Em 2014, gênero continuava, mas a questão de ser mulher e

---

<sup>37</sup> Música Carta de Amor escrita e interpretada por Maria Bethânia.

<sup>38</sup> A professora da disciplina de Metodologia da Matemática propunha que as alunas registrassem em caderninhos, ao final de cada aula, como se sentiam em relação à aula, à atividade e ao conceito trabalhado em Matemática, suas memórias com a Matemática e suas experiências como aluna e na realidade de estágio.

de ser uma mulher negra me invadiu. Uma descoberta sobre mim mesma, uma reescrita de mim. É louco lembrar isso, visitar o caminho que percorri.

A escrita é feita a partir de alguma coisa que me tire o sossego, num estado de não-tranquila. Não sei escrever se não for assim. Só escrevo quando algo mexe comigo. Pode ser coisa boa, desde que arranque de mim um sorriso de canto de boca, uma gargalhada de bruxa ou um olhar amoroso. O arrepio, a raiva, a fúria, as dores, as brigas e o silêncio também são coisas que me fazem escrever. Tudo que gera um movimento em mim tem letra, tudo o que me afeta.

Um lembrete, um lembrete doce, assino minhas escritas como Jujubas, jujubas açucaradas. Jujubas porque sou Juliana e acabo tomando o apelido como assinatura; açucarada talvez porque eu goste de doce, mas como as jujubas nem sempre têm açúcar, acabei adotando isso. É uma escrita que gera recomposição, que organiza meus pensamentos. Jujuba apesar de açucarada, às vezes é amarga, às vezes é caramelizada; já tive algumas com sabor de limão, outras docinhas, algumas têm risadas e outras são mais caladas, mas todas são Jujubas e me fazem mais açucarada. Nesse processo de doutoramento, me surpreendi e fui presenteada com uma nova assinatura: “Jujuba Açú” de Grande, revelando assim o que representa a escrita em minha vida, o quão é gigante a função de escrita para que eu viva em paz. Minhas narrativas de sala de aula não são nomeadas assim, são narrativas nesse lugar do mundo, porque narrar é narrar a vida, narrar o asfalto, o bêbado, o frio, o andarilho, o pão na chapa, o dia qualquer. Então, eu acabo nomeando as minhas narrativas como vivências com as crianças que encontrei, com pessoas, com aquelas que dividiram comigo um ano, dividiram suas manhãs ou tardes. Aqui trago, com seus títulos, as “Jujubas de sala de aula”, momentos que vivi na escola, nesse lugar com tanta gente e tantas histórias. Em 2013...

### **PROFESSORA JUJUBA**

*Ela é louca! Essas conversas não podem acontecer com as crianças...*

*A sala dela parece uma baderna: é barulho, carteiras desarrumadas, as crianças sentam nas mesas e, outro dia, a vi sentada de dupla com uma criança no fundo da sala, que absurdo...*

*Ela fala de viado, de casamento, de macumba, de tudo...*

*Não pode, professor não é para isso! Em casa que se aprende isso... Por issoque essas crianças conversam de coisas que não são para idade delas...*

*Já viu que ela não tem fila? Já viu o cabelo dela? Já viu como ela trata aquelas crianças?*

*Já ouviu as músicas? Todo dia tem música naquela sala.*

*Já viu que eles não só chupam bala, como combinam o dia de pirulitos e doces? E ela traz também...*

*Já viu que eles assistem a filmes que não são da videoteca? Já viu que é cinema mudo e com pipoca?*

*Espera para ver onde vamos chegar...*

*Espero que longe... ou que pelo menos continue o caminhar...*

### ***Jujuba Açucarada explicitando a professora que é em seu trabalho.***

Essa Jujuba Açucarada foi escrita depois que ouvi, de colegas professoras, como eu era vista – como a professora Juliana era enxergada na escola, e, assim, acabei me enxergando também com tais características.

### **A FILA – TRENZINHOS ROSAS E AZUIS: PRIMEIRA PARTE**

*São tentativas. São tentativas cansativas e repetidas de enfrentar a fila. Aliás, as filas são sempre de meninas e meninos e nunca única.*

*As filas, desde sempre nas escolas, são duas e dividem as crianças assim: as meninas “rosas” de um lado e os meninos “azuis” em outra fila do outro lado. Aliás, que fique claro que aos berros se diz “você está na fila errada”. São tão fortes os lugares em que cada corpo deve estar, que não aceitar passivamente isso parece loucura, falta de conhecimento ou provocação: o ‘provocar’ das meninas em relação aos meninos ou dos meninos puxando os cabelos daquelas que são tidas como “princesas”.*

*A tentativa inicial acontece em 2013, mas o fracasso logo vem. A escola tem no chão, com pintura em tinta branca, o local onde devem ficar as filas de meninos e de meninas de cada turma. As crianças chegam e já se colocam entre os riscos brancos. Não se arriscam, não rabiscam. E eu arrisco e não consigo conceber a ideia de fila única, pois único é o pensamento. Mas a organização é essa, de anos, de todos, de sexos, de gênero. Batalha perdida e luta perseguida.*

### ***Jujuba Açucarada, dura em sua fila, a pensar como a regra inculcada aparece como verdade.***

### **“A” – FÁBULA: A ROSA E A BORBOLETA**

*Moral da história: nada de projeto, nada de fábula e nem moral. Vamos confabular? Isso mesmo, dentre tantas possibilidades, a questão que não quer calar, antes de discutir a fidelidade e mesmo de ter um momento de teatro para representar a fábula contada, a negação é a preocupação, a necessidade de confirmar o não.*

*“Não pode... A borboleta é menina e a rosa também”, “Não entendi gente, o que houve turma?”*

*“Prô, são duas meninas, veja que terminam com “a”, então está no feminino, não pode”.*

*Moral: Discussão grupal.*

O sim e o não dividem opinião.  
O pecado e o errado de mãos dadas sentam em cadeiras próximas na  
roda.

Caem pétalas.

Lagartas e borboletas conversam. Pode e não pode, pode e não pode.

Um sopro de vento diz: “Se elas se amam, por que não? Elas se amam, amarrão faz mal”.

Tudo fora do normal, frente ao argumento de amor, os espinhos ainda tentam espetar, mas são surpreendidos por tesouras e cortam-se verdades semperfumes.

Moral: Caiam na real.

### **Jujuba Açucarada**

#### **FESTA JUNINA – “ANARRIÊ”**

Semanas e semanas dedicadas à história da Festa Junina. As escolas se dedicam por meses para isso.

São bandeirinhas e mais bandeirinhas recortadas... São doces, músicas e danças a serem feitos para outros olharem.

Não adianta discutir, é rotina escolar há décadas... Então, me basta olhar e tentar tirar algum proveito disso tudo em meio a interrupções da aula para ensaios e reclamações de crianças que precisam fazer “parzinhos” para quadrilha. Em meio a isso, uma quadrilha se organiza e me questiona em interrogatório: por que temos que fazer pares? Por que não podemos dançar de outro jeito? Por que todo ano?

E eu, sem resposta, indico que negociem com as professoras do ensaio, com as professoras de Educação Física. Mas, por fim, é inconcebível essa negociação com as profissionais que trabalham o corpo; para elas, mudar o que tradicionalmente sempre vem sendo feito seria aprisionar o corpo, afinal, segundo elas, o corpo feminino precisa acompanhar o corpo masculino.

Já vencidos, tanto a professora quanto a turma, com seus corpos colocados de braços dados e em frente da quadrilha, a dança começa:

Olha a cobra!!! Não, é mentira. OLHEM AS COBRAS.

Ninguém percebe, ou melhor, todos percebem as muitas faltas. Tanta gente não vem no dia do grande baile e, assim, os ensaios caem por terra. Tentam, então, montar os “parzinhos” com o que tem de meninas e meninos... Mas, aí, somos surpreendidos por cobras, por olhos arregalados e por corpos posicionados.

“Vamos dançar juntos e daí?” – É a fala de dois meninos, conhecidos pelo futebol moleque, pelas brigas no recreio e pelo comportamento de “macho” que eles têm. Eles dão os braços e resolvem que irão abrir a quadrilha, como um casal de noivos, como um casal, como duas pessoas que brincam ou como uma provocação para aqueles olhos arregalados que, sem entender, não conseguem negar, chamar a atenção ou mesmo proibir. Quando percebemos, estão lá cantando “Anarriê!”. Por fim, ouve-se o “voltar todos aos seus lugares”, e assim todos voltam. As crianças voltam rindo e os craques voltam tranquilos depois de um grande baile. Mas nenhum deles fica como os professores que, segurando os queixos, voltam para suas salas, resmungando sobre o baile dos meninos que dançaram como casal de noivos. Os resmungões voltam para as salas não podendo deixar de reconhecer que a criançada bailou belamente e “Anarriê!”.

### **Jujuba Açucarada Anarriê**

Durante minha vivência em sala de aula, em 2014, já em outra escola

estadual, na cidade de Campinas, estive envolvida com o projeto “Mitologia Africana”.

Eu acordava às três horas da manhã, com o ‘chiclete no sapato invisível’ que estava no meu pé. Lembra da história do sapato e do chiclete? Então... Voltamos a ela. Esse ‘chiclete e mesmo o sapato’ podem até ser invisíveis, mas para mim são tão visíveis que fazem com que meus pés fiquem grudando a cada pisada. Eu acordava incomodada porque ia dormir com o tal ‘chiclete’; mas, teimosa que sou, tentava dormir mesmo com o ‘chiclete no pé’. Aí, às três da madrugada já não aguentava mais e levantava, ligava o computador e “ufa!”, conseguia respirar novamente. Enquanto fazia a pesquisa para o projeto, escrevia coisas que eu tinha tentado deixar de lado; mas elas não me deixavam. A fila volta à tona, mas a centopeia nasce... Assim, me pego a pensar sobre o que é uma sala de aula (textos “Centopeia” e “Sala de Aula”) e sobre o que uma aluna chamada Ana causa ao me transformar (texto “Ana – Menina de Angola”). Em 2014...

## **CENTOPEIA**

*A Centopeia nasceu. São pés que formam a fila mais longa daquela escola. A fila é ainda algo para ser repensado e mesmo superado, mas os trens feitos de ferro, pelos trilhos com suas cores pintadas por outros, dão lugar a uma centopeia colorida à mão, de cabelos longos e curtos, de bermudas, de vestidos, de sandálias, tênis e chinelos, e suas cores indefinidas. O que se vê no pátio é a centopeia reboleadeira que caminha, corre e escorrega em si mesma. Nessa batalha, a cabeça, o corpinho e o bumbum da Centopeia mudam todos os dias. São outras pinturas, outras posturas e outras figuras.*

## **Jujuba Açucarada**

## **SALA DE AULA**

*São quatro horas por dia, paredes frias, pessoas frias e conhecimentos por vezes frios querendo esfriar raios de sol...*

*É um espaço que pode se tornar mar, deserto, rua, congresso. Ali tem criança com seu corpo, cabeça, rosto, gosto; tem a sala que pode ser um arcabouço ou um alvoroço, pode ser nave espacial, lua, floresta; tem meninos, meninas, tem “periquitas” e “papagaios”, tem um universo de conversas e possibilidades. Por que não olhar para isso como um céu que, sem fim, nos faz caminhar, ir e voltar, querer, mudar, rever, cansar?*

*Sem ser um céu de bondade e um inferno cheio de desejos... Desejo de perguntar, mas não poder... De querer olhar e ser perseguido pelo certo e errado, ensinado no puro erro... No puro meninas e meninos, separados pelo corpo,*

*na distância de uma educação que os prende e repreende. Que a sala de aula seja tudo, menos um espaço de silêncio, de preconceito, ou empobrecido de conversas. Que seja espaço de formação para um ser integral e não um apenas um ser “respondedor” e “aceitador” de coisas.*

***Jujuba Açucarada azeda com tanto arremedo.***

### **ANA – MENINA DE ANGOLA**

*O que Ana fez comigo?*

*O que Ana fez com meu sorriso?*

*O que Ana fez entrou até pelo umbigo.*

*Ana, aluna preta linda, sorriso grande, bem grande como a sua beleza, a sua riqueza e a sua “negreza”.*

*Ai Ana, se soubesse o que fez em mim, se soubesse que foi por causa de você que me vi assim...*

*Me descobri em mim.*

*Ana, minha aluna tão lembrada, minha negritude escondida, meu espelho por mim perseguido.*

*Ana, você olhou para mim, notou meu batom vermelho, meu cabelo, e desenhou minha força com seu novelo.*

*Ana, você se viu em mim, se pintou de força, viu Angola que traz nos braços, no rosto, no peito.*

*Ana, eu me vi em você, você me refez, levou embora a insensatez e a confusão instalada em mim.*

*Ana, você criou em mim a mulher que tinha se perdido. Foi um mundo aprendido.*

*Um sorriso trocado com você, menina que me empoderou e me deu mais rima.*

*Ana, o nome do meu empoderamento é Ana Carolina que, com 9 anos, me fez essa Juliana.*

***Jujuba Açucarada sabor de melão de cana,  
sabor de Ana.***

Num processo de me descobrir e redescobrir, de saber quem sou e o que me compõe, de saber quem são os alunos e alunas que convivem comigo, num processo de ser, estar e conhecer, eu fui sentindo que a escola é um lugar de escrita, porque é um lugar de vida. Dessa forma, ela foi revelando como minhas escritas vão se mostrando aqui. Foi aos poucos... Às vezes se escondendo, às vezes querendo mostrar os olhares, os lugares que ninguém olha, e os momentos que acabam não ficando para história por serem as escritas mais revolucionárias.

Aquele “momento qualquer” que, na maioria das vezes, ninguém quer é o momento em que vemos um castelo de areia tomando forma. Às vezes, somos a onda que o engole e, às vezes, podemos ser a criança (ou nós mesmos) que se recolhe

quieta, calada pela onda, com pés soterrados e com dificuldade de andar. Falo isso porque me arrisco a dizer que o desejo pelo estudo da Educação Integral e a escolha por uma pesquisa narrativa tem a ver com esse castelo, com terra, com areia nos pés.

Por que Educação Integral?

Isso eu devo a um grupo de estudos que me fez bem, que me trouxe leituras e descobertas, incluindo as lamúrias contadas por docentes de escolas de Educação Integral de Campinas e leituras de mundo e de escola que foram, nesse espaço, ensinadas a mim. Numa mistura de dança, comida, pintura, música, poesia e cotidiano escolar vivido, comecei a ouvir sobre as escolas de Educação Integral e sobre como uma educação é em sua raiz integral.

Algumas perguntas ficaram em mente, porém... A escola de Educação Integral tem o tempo ampliado ou são os espaços da escola? São os projetos realizados ou o mesmo feito diferente? Foram questões sobre integralidade que apareceram no grupo de estudos e ocuparam os meus pensamentos, me levando até um projeto para iniciar o doutorado.

Somada ao desejo de trabalhar com a Educação Integral, existe a proposta de olhar de uma forma narrativa e poética para escola e para o que se tem no dia a dia escolar. O que se vive numa escola de Educação e Tempo Integral soou como uma oportunidade de me realizar em tudo que sou. Vi, nessa ideia, a chance de olhar melhor para a vida que se vive na escola. Indo mais além e apresentando uma abstração sobre o aspecto escolar, vale ressaltar que dentro da escola há muito do que está fora dela; na verdade, há muito do que está dentro e fora, afinal, nesse tipo de educação, se está integral e dividido, se está numa terra remexida como terra de horta, em que se quer plantar e, para isso, se mexe, se remexe, se coloca adubo e se respeita a seca e o alagado.

### 3 SANDÁLIAS

**Figura 15** – Gabriel a desenhar um sol no chão da praça



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

#### **SAL DA TERRA**

Anda  
Quero te dizer nenhum segredo  
Falo nesse chão, da nossa casa  
Vem que tá na hora de arrumar

(...)

A paz na Terra, amor  
O pé na terra

A paz na Terra, amor  
O sal da Terra

(...)

Canta

Leva tua vida em harmonia  
E nos alimenta com seus frutos

(...)

Deixa nascer, o amor  
Deixa fluir, o amor

Deixa crescer, o amor  
Deixa viver, o amor

O sal da terra

(GUEDES; BASTOS, 1981).

Para começar a contar sobre pesquisa narrativa e cotidiano, preciso rememorar as vivências escolares com as quais me deparei nos estudos do doutorado, voltar pelas marcas de pés e reencontrar, em minha memória, os aromas, lembrar de quando me deparei com tais caminhos e das dúvidas que me geraram, o que ficou ecoando em meus pensamentos e no meu processo formativo.

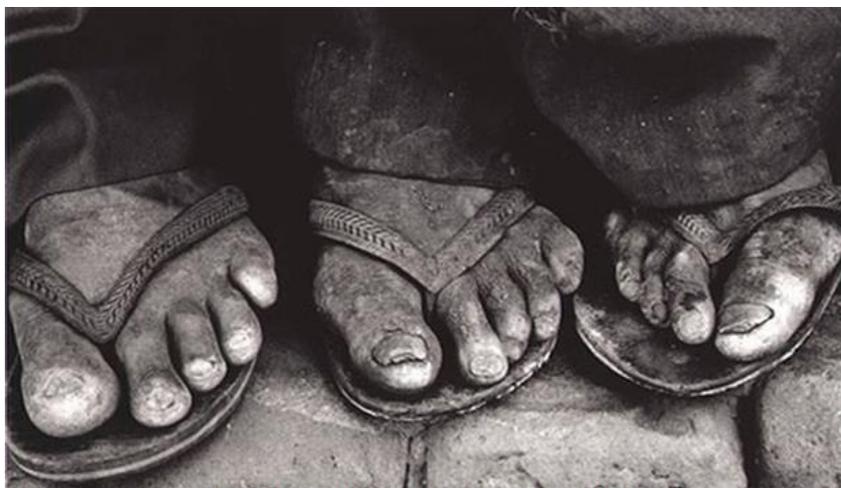
Quando estava percorrendo os caminhos do mestrado, cursado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e estava a ler narrativas produzidas por profissionais da Educação Infantil, me via ali, por meio das narrativas daquelas mulheres, envolvida com o que contavam sobre seu cotidiano pedagógico. Naquelas escritas, o cotidiano escolar saltava escritas que traziam um pouco do fazer diário da Educação Infantil, as concepções de criança, a infância, a própria Educação Infantil e o ser profissional da Educação Infantil. Naquelas escritas, por vezes tímidas e por vezes bem marcadas, vinham à tona vivências do cotidiano escolar da Educação Infantil, o rotineiro na vida daquelas mulheres profissionais da Educação Infantil. Contudo, o cotidiano desse fazer pedagógico das profissionais não era algo que gerava tamanha reflexão, pois, naquele período, eu estava trabalhando com formação de profissionais da Educação Infantil e meu olhar estava voltado para compreender o que elas definiam como criança, infância e escola de Educação Infantil. Ali, o que já me envolvia completamente era o narrar, as narrativas que elas traziam,

(...) Nuestro propio trabajo, entonces, se convierte en un trabajo que consiste en aprender a contar y a vivir un nuevo relato de investigación en la enseñanza y en el aprendizaje que esté construido de forma colaborativa. Y lo que emerge de esta relación colaborativa son nuevas historias de los profesores y de quienes aprenden como creadores de currículos, historias que ofrecen nuevas posibilidades tanto para los investigadores y los profesores implicados como para aquellos que lean sus historias (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 51).

Então, no percurso de doutoramento, fui apurando, assim como se apura o doce de abóbora na panela, o narrar em mim, o narrar das professoras por meio do seu contar, o narrar observado no desenho das crianças cartógrafas e o narrar enquanto forma de tese, forma de escrita, de apresentação de dados, de perguntas e respostas, de transcrições e emoções, biográfico, autobiográfico, plástico, estético, um universo em si.

### 3.1 O NARRAR QUE TRAGO NAS SANDÁLIAS

**Figura 16 – Os pés**



Fonte: Sebastião Salgado – Série Êxodos<sup>39</sup>

*“Não existe agonia maior do que guardar uma história não contada dentro de você”*  
 Maya Angelou<sup>40</sup>

Começo aqui com Maya Angelou, aquela que, ao narrar, mostra voos e faz a gente olhar para o céu e para a terra. Angelou está comigo há pouco tempo, nesta tese. Encontrei com ela em um momento em que tive que parar a andança com os pés e caminhar para dentro de mim, olhar com atenção para meus passos já dados, não só no doutorado, como na vida.

A narrativa para mim, como já contei no capítulo “A menina do passarinho na cabeça”, é um respirar, não há como conter e, por isso, quando parei de escrever, foi quando as grades da gaiola me impediram de voar aqueles voos por terras novas e terras conhecidas. Assim, Angelou apareceu em minha vida e, com ela, um novo momento, um novo desejo por narrar e por escrever este trabalho em que apresento caminhos e tateio por significados de integral/integralidade.

#### **BATER DE SANDÁLIAS**

*Fui para escola querendo saber da “Escola da Esquina”. De lá fui saindo com o que as crianças contavam de sua vida/família/história e, de mim, foi saindo tanta coisa...*

*Conforme eles contavam, eu ia me contando; era mais forte do que*

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/sebastiao-salgado-num-retrato-verbal-de-si-23268>. Acesso em: 11 mar. 2024.

<sup>40</sup> ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Ed. Astral cultural. 2018.

*qualquer objetivo de pesquisa, planos, cronograma.*

*Conforme os desenhos contavam, eu desenhava, e saltava em mim a minha menina moradora de mim.*

*O que nos autoriza a narrar?*

*Eu estava tão sensível...*

*Ouvidos, olhos e corpo todo que, quando vi, estava invadido.*

*As crianças, as professoras e a “Escola da Esquina” iam mostrando a poeira de suas sandálias e, assim, tive que observar as minhas sandálias. Se perder e se achar.*

### ***Jujuba açucarada e seus devaneios (2019)***

Então, aqui destaco o que a narrativa fez e faz em mim, o que a narrativa tem de potência para contar sobre educação, sobre Educação Integral, sobre vida, sobre trabalho, sobre profissão, sobre o que acontece numa “Escola da Esquina”. *O pássaro canta na gaiola* e a narrativa é uma forma de cantar, seja dentro de uma gaiola, seja fora dela. A narrativa pode vir poética ou de tantas outras formas, o importante, porém, é que ela venha, pois não se deve conter as histórias, o vivido e a experiência que narrada se faz viva e não é esquecida.

Busquei e busco o narrar por meio das camadas às quais pude ser apresentada, iniciada, conquistada, levada e, aqui, aparecem como forma de escrita, forma de entendimento do trabalho pedagógico, forma de contar de uma pesquisa. O narrar é a terra que minhas sandálias passeiam, seja na tese que está a caminhar aqui, seja na vida, com um narrar de experiências, com uma narradora que tem interpenetrado dois grupos, como sugere Benjamin (1994)

(...) A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores (BENJAMIN, 1994, p. 198-199).

**Figura 17** – Junqueirópolis



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Carrego comigo os dois narradores interpenetrados, porque ser a viajante me atravessa quando penso que aquela “Menina do Passarinho na Cabeça” saiu daquela casa de madeira, saiu daquela cidadezinha e foi para outras terras, como canta a música de Djonga (2019), que conta sobre uma avó que dá a “bença”:

Mas nunca esqueça onde reside sua força  
 Então volte pras origens, é o colo de quem 'cê ama  
 Será que entende do que eu 'to falando?  
 Dessas coisas que deixa acesa a chama  
 E ela me disse assim  
 Vai e vai, ganha esse mundo sem olhar pra trás  
 E vai, só não esquece de voltar pra...  
 Vai e vai, anda esse mundo sem olhar pra trás  
 E vai, só não esquece de voltar (DJONGA, 2019)<sup>41</sup>.

Penso que aquela “Menina do Passarinho na Cabeça” voou, fez voos distantes da pequena Junqueirópolis, mas voos também para dentro de si. Isso a tornou também aquela que está fincada na terra como raiz das árvores frondosas de Junqueirópolis, do caminho até a Vila São João.

A “Menina do Passarinho na Cabeça” também ficou. Ela não se despediu daquela casa de madeira para nunca mais voltar, muito pelo contrário! Ela quis voltar e, quando voltou na mesma terra vermelha, ela voltou para si mesma, voltou

<sup>41</sup> Trecho da música “Bença” do *rapper* brasileiro Djonga e parte do álbum “Ladrão”, lançado em 13 de março de 2019 pela gravadora Ceia. Pode ser acessado no *YouTube* em <https://youtu.be/vltmJnY-waY?si=QnK3u3XAxWMHx4z>.

ao ninho. O passarinho que vive na cabeça dela voa para terras distantes e voa para dentro de si, que também é imensidão. Esse passarinho que está na cabeça dela nunca perde sua raiz, sabe exatamente para onde voltar depois, conhece o caminho de voo, tem seu mapa de voo guardado na memória e seus olhos conhecem bem cada cor daquele caminho, o cheiro que a terra tem, os barulhos familiares ao passarinho da cabeça dela.

O que descobri na pesquisa narrativa é o que se escreve na menina. Tanta coisa a habita, tantas meninas vivem nela e ainda há espaço para duas narradoras que vivem ali. Dois passarinhos estão na cabeça dela: o que voou longe e quer estar mais alto e, juntinho com ele, o que se aconchega no ninho. Não são dois passarinhos separados, são dois passarinhos na mesma cabeça, na mesma menina. Seja voando sem sair do ninho seja saindo do ninho a voar, o ninho pode ser carregado em suas asas.

**Figura 18** – Nascer do sol de Junqueirópolis



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Meus passarinhos são: viajante e camponês. São de cor amarela e branca. Me sinto viajante sim, turistando por outras terras, conhecendo outros nasceres do sol, outros tons de amarelo e alaranjado do pôr do sol. Mas, me sinto também a matuta da terra, que conhece cada história daquele lugar, cada pessoa, os que morreram, os que nasceram, tudo que aconteceu por ali, o período de chuva que fará bem para roça e o período de seca que trará desafios. Meus passarinhos me enchem a cabeça e me fazem narrativa, me fazem menina, me fazem crescer, me fazem criar e me fazem escrever. Eu tenho uma cabeça com passarinhos que cantam em seu pleno voo, mas também sabem cantar na gaiola, como Angelou me

ensinou.

Estava eu num escrever de projeto para o comitê de ética e a estabelecer meus contatos com a “Escola da Esquina”, estava eu coberta até os olhos com a pesquisa, como caranguejo coberto no mangue, e, toda coberta, sabia eu que a única coisa que não sairia de mim seria a narrativa. De que forma? Ainda não sabia. Eu não sabia se a narrativa apareceria somente na minha escrita ali em campo de pesquisa ou no escrever da tese. Então, foi estudando um pouco sobre narrativa e pesquisa narrativa que fui juntando minhas porções de terra, como João de Barro faz a cada voo e volta para o ninho. Fui buscando a terra, o “acontecer” e construindo com/como narrativa esse trabalho apresentado aqui:

[...] são produzidas as narrativas – na relação imediata e direta do pesquisador com o acontecimento narrado, como individuo singular – cuja singularidade é reconhecível principalmente pela diversidade estilística das narrativas, mas também pelo conteúdo (do campo de atuação do professor) e construção composicional. A partir das narrativas, pode-se introduzir outros materiais e linguagens específicas: música, poesia, imagens, fotografia, literatura, história, matemática, etc.; marcando singularmente o gênero acadêmico (SERODIO; PRADO, 2015, p. 92).

**Figura 19** – Um caminho de roça



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Aqui, posso fincar minhas sandálias e envolvê-las completamente com a narrativa. Aqui, me reconheço e apresento à banca e aos leitores e leitoras uma pesquisa narrativa que assume um compromisso e deixa, talvez empoeirada, uma outra forma de pesquisa:

A pretensão de objetividade, racionalidade e neutralidade do pesquisador, desejável pela visão cartesiana de ciência que impera ainda sobre nossas produções têm uma direção diversa do percurso narrativo, que baseia-se em nossa subjetividade, sensibilidade, parcialidade na tomada de decisões. Assumimos a não imparcialidade, não neutralidade, (im)precisão, subjetividade de qualquer indivíduo (escritor ou leitor) e sabemos que podemos oferecer o rigor da verossimilhança, o calor da afetuosidade, a emoção do compartilhamento de nossas experiências narradas em nossa pesquisa (SERODIO; PRADO, 2015, p. 93).

O que temos aqui, neste terreno em forma de tese, é uma pesquisa que se compromete inicialmente em estar na escola, em estar numa escola de Educação Integral, em ter os protagonistas da escola juntos nessa viagem, por estradas mais conhecidas pelos “matutos” daquela terra chamada “Escola da Esquina” e sendo descoberta por essa viajante pesquisadora que pela estrada está a viajar.

Os protagonistas<sup>42</sup> da Educação Integral na “Escola da Esquina”, que ficam a contar sobre si, sobre escola, sobre Educação Integral, sobre território e sobre tanto, também viajam nessa pesquisa. A maneira de viver essa viagem e de contá-la é a narrativa. As ferramentas para a lida de pesquisa (que foram as entrevistas narrativas das quatro professoras plantadeiras da “Escola da Esquina”), as cartografias das crianças (desenhos de seus caminhos de casa até a escola) e as narrativas feitas pela pesquisadora, durante o percurso de pesquisa, foram o que fizeram o campo ter cultivo e colheita.

A narrativa pode transformar a vivência em experiência, porque onde, por vezes, está a ‘desimportância’ e/ou o contar em que há a coletividade, há também encontros de histórias, de memórias, de sonhos e de medos. Quando narro, materializo o que foi vivido. É a materialidade que me faz narrar. “[...] La razón principal para el uso de la narrativa en la investigación educativa es que los seres humanos somos organismos contadores de historias, organismo que, individual e socialmente, vivimos vidas relatadas” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 11).

---

<sup>42</sup> Protagonistas como “narrador camponês” em Walter Benjamin.

Eu tenho uma memória (uma vida, uma vivência) que se torna experiência quando eu, por meio da narrativa, a toco com as mãos e com meus pensamentos, sinto sua textura, temperatura e formato. Quando a potência se faz vista pelos olhos, se faz marca e atravessa. A narrativa é a forma de colocar a experiência sobre a mesa.

A pesquisa narrativa<sup>43</sup> se deu também com as entrevistas narrativas de cada professora e com os desenhos de nossos pequenos cartógrafos que, como protagonistas deste trabalho, nos apresentaram a “Escola da Esquina” - seus espaços, seus tempos e seu território - pensando em bairro e arredores da escola pesquisada. Quando trazemos o protagonismo dos participantes, revelamos que

[...] la investigación narrativa transcurre dentro de una relación entre los investigadores y los practicantes que está construida como una comunidad de atención mutua (caring community). Cuando ambos, investigadores y practicantes, cuentan historias sobre su relación en la investigación, es muy posible que sean historias que se refieran a la mejora en las propias disposiciones y capacidades (empowerment) (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 19).

A narrativa é uma forma de contar o que encontramos; é uma forma de texto. A narrativa deste trabalho, portanto, revela um estilo individual (afinal, considero minha tese uma pesquisa narrativa com poética), em que destaco a metáfora escolhida. O texto e a menina que aqui fala têm como atravessamento a Terra cujo firmamento acomoda esta tese.

A pesquisa narrativa, para ser o que entendemos como metodologia narrativa de pesquisa em Educação, exige que o pesquisador se coloque como participante da pesquisa, de maneira subjetiva, implicada e nada neutra, com seus atos responsivos ao que vier, inclusive conflitos. Ainda que tenham objetivos concretos que dirijem seus atos investigativos, eles estão na relação com os estudantes, então outros horizontes de futuro se abrem. E, portanto, outras formas típicas de enunciados são possíveis com a inserção do estilo individual no geral, que é elemento intrínseco dos gêneros (SERODIO; PRADO, 2015, p. 101).

Esta pesquisa narrativa traz um memorial que conta sobre a menina e seu percurso de vida. Ela conta também sobre sua vida acadêmica. A menina nos apresenta ainda a “Jujuba Açucarada” que, agora, é também uma Jujuba Açú,

---

<sup>43</sup> Registros apresentados no capítulo “Campo: Plantar, cultivar e colher”.

quando revela suas experiências docentes na escola e em outros tantos espaços educativos, quando escreve sobre si e sobre a sala de aula, sobre a rua e sobre os sonhos, os incômodos no trabalho e o acontecer do dia a dia. Tudo que se revela como experiência é narrado por essa menina que precisa inventar. A menina precisa criar; por isso, escrevo para criar e crio coisas que quero escrever:

Ao produzir nosso memorial de formação, vamos (re)conhecendo nossa história, iluminando nela o que é relevante segundo nossa subjetividade, parcialidade e não neutralidade para a escolha da temática que trouxemos para pesquisa e que talvez nem nos déssemos conta antes desta escrita-evento. Ao produzir e revisitar as narrativas produzidas, vamos produzindo sentidos para o mundo que vivemos ou produzindo outros mundos possíveis, narrativamente (SERODIO; PRADO, 2015, p. 108).

É importante destacar que a audição das histórias de vida e de trabalho docente das quatro professoras fez a presente pesquisadora cavar, cutucar, cavocar, revolver, escavar, fazer buraco e aprofundar o seu “ser professora”, o seu trabalho e a sua vida. A audição foi também uma forma de viajar. Foi a partir dessas narrativas das quatro professoras e das crianças cartógrafas que se construiu esta pesquisa, feita conjuntamente com a “menina do passarinho na cabeça”.

É no estar nas aulas com professoras e crianças; é no estar na “Escola da Esquina”; é no registrar do que se passa pelos olhos da menina do passarinho na cabeça que se faz essa pesquisa narrativa; é “(...) escuchando los relatos de los participantes sobre sus experiencias en la enseñanza e en el aprendizaje, esperamos escribir narraciones sobre lo que significa educar y ser educado” (CONNELLY; CLANDININ, 1995, p. 50).

Nas conversas posteriores às entrevistas narrativas, realizadas com as professoras, também é possível ver movimentos de falas reveladoras sobre si mesmas. Essas falas podem nos fazer pensar que o movimento de contar sobre si, enquanto professora, poderia gerar um outro jeito de se descobrir professora ao narrar, narrando e se ouvindo. Contando sua própria história, a professora vai “descobrir e abrindo caminhos pela Educação enquanto estuda, pesquisa e trabalha”, como afirma Prado (1992, p. 02).

É entre o ler livros e o ler aquela esquina a partir de tantos olhos, de matutos da terra visitada ou de olhos de viajante (olhos por vezes de caixeiro-

viajante<sup>44</sup>); é nesse encontro de olhos atentos, de trabalho docente, de trajetos e de caminhos das crianças, de Educação Integral e de acontecimentos na esquina pesquisada, que apresentamos esta tese: um contar de pesquisa e de vida, em que a narrativa é o contar, o ter relatos, o ter dados, o ter histórias e, enfim, ter tudo que trazemos aqui.

---

<sup>44</sup> Empregado comercial que anda de terra em terra com o mostruário da casa que representa. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixaiero-viajante>. Acesso em: 21 mar. 2024.

### 3.2 O COTIDIANO QUE TRAGO NAS SANDÁLIAS

#### O COTIDIANO

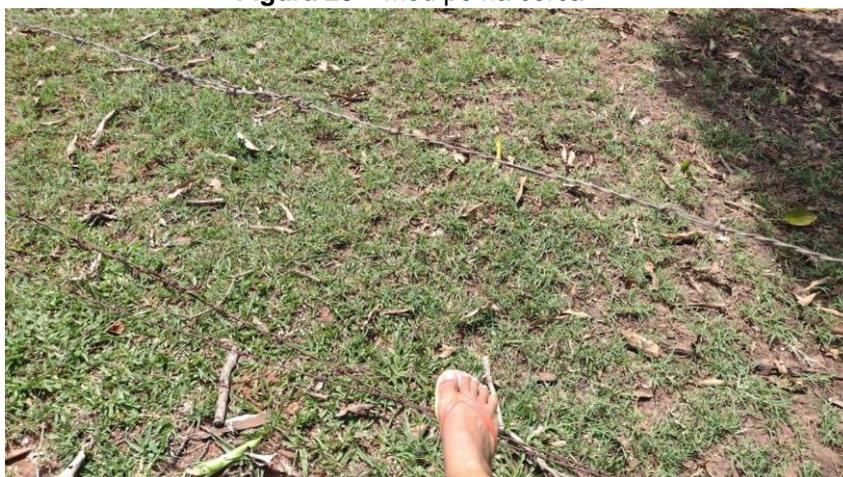
o cotidiano  
esse fazer e refazer  
se constrói  
com gestos  
panos e  
rituais

às vezes de dentro de  
um armário salta um  
verso  
ou entre as  
palavras perdidas  
encontramos um  
garfo  
ou um prato manchado

essa  
fabricação  
contínua de  
sonhos e  
cheiros  
de lágrimas  
desmedidas  
para onde  
vai?

em que mar deságua  
toda essa vida? (MURRAY, 2010<sup>45</sup>).

**Figura 20** – Meu pé na cerca



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

---

<sup>45</sup> MURRAY, Roseana. O cotidiano. In:\_. *Poesia essencial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Manati, 2010.p. 110.

O cotidiano escolar veio durante o mestrado, como marcas de sandálias, mas apesar de ver as sandálias marcadas pela terra, eu não compreendia para onde poderiam me levar tais marcas. Mais tarde, após concluir o mestrado em 2013 e ter o desejo de voltar aos estudos regulares, em nível de doutorado, fui ao encontro de um grupo de estudos na Faculdade de Educação da UNICAMP, grupo que, naquele momento, começava e onde vi fios entrelaçados em minhas mãos, emaranhados ainda como o pisotear das sandálias. Foi nesse momento que comecei a pensar em como trabalhar com uma pesquisa que trouxesse o cotidiano escolar. O grupo de estudos discutia escola e algumas colegas de estudo eram docentes de escolas da rede municipal de Campinas e região.

Nesse contexto, se deu a minha aproximação com o tema cotidiano, tanto com a palavra quanto com o seu conceito. Lendo e ouvindo as colegas, comecei a perceber o colorido possível no emaranhado de marcas de pés e sandálias, e a enxergar a vida naquele dia a dia que se encontra no espaço da escola. Fiquei pensando em como, durante minha vida escolar, o cotidiano foi belo, intenso e não visto, não vivido e não refletido; não sei se só por mim, aluna, ou se também pelos professores que estavam ali comigo, em seu fazer pedagógico tão cotidiano cujos fios de cotidianidade talvez ficassem invisíveis.

Após um tempo frequentando aquele grupo e ouvindo sobre integralidade do ser humano, me envolvi com o debate sobre Educação Integral. Entendendo que a Integralidade em questão é a do Princípio de Totalidade (GADOTTI, 2009), a partir do qual a educação pode e deve desenvolver todas as potencialidades humanas “[...]que envolvem o corpo, a mente, a sociabilidade, a arte, a cultura, a dança, a música, o esporte, o lazer etc.” (GADOTTI, 2009, p. 97-98). Assim, a escola é espaço privilegiado para que esse movimento aconteça, devendo se perceber viva e responsável pela mudança, pela busca de uma sociedade igualitária e por um outro mundo possível, ou seja, um mundo em que a igualdade de oportunidades paire, a dignidade humana seja cara e tenhamos conquistas coletivas e sustentáveis.

É importante destacar que a integralidade aqui discutida não está somente para crianças/alunos, mas também para professores e para todos que compõem o espaço escolar. A integralidade também está no processo de pesquisa, no movimento de encontrar um caminho no meio de um amontoado de marcas de sandálias, e na problematização da realidade da Educação Integral.

Entre 2016 e 2017, a problematização da Educação Integral estava em voga no município de Campinas, mas não era mais um projeto piloto, pois já estava sendo implementada. De toda forma, ainda era a construção de uma escola de Educação Integral, com muitas questões em pauta, como por exemplo: Educação Integral representa mais tempo de permanência no espaço escolar? São os espaços? O que faremos com isso?

Conjuntamente com essa realidade do município, discutida no grupo de estudos, eu buscava entender a Educação Integral no cotidiano escolar, vindo assim a encontrar uma possibilidade de trabalho de pesquisa no campo da educação. Uma pesquisa possível e desafiadora, podendo ser saborosa, colorida e cheia de vida, de olhar, de viver e de conviver na Educação Integral, partindo das vivências dos protagonistas que estão ali, com a intenção de tentar compreender o trabalho desenvolvido dentro de uma escola, ouvindo, visitando e vivendo com os protagonistas. Esse era o desejo para o doutorado: eram frestas de luz solar nas marcas de sandálias que inspiraram o desenho de um projeto. Na tentativa de concretizar o desejo de ingressar no curso de doutorado na UNICAMP, buscava, a partir desse caminho, aterrar e, estudar sobre Educação Integral, numa perspectiva de pesquisa narrativa com tudo que esse viés me possibilitasse, passando por muitas oportunidades de trajetos, mas que fossem narrativos.

O doutorado vinha, então, sendo alimentado com desejo: propostas foram sendo pensadas, projetos outros foram escritos, o tema “Educação Integral no cotidiano escolar” permanecia como interesse e os estudos naquele grupo me ajudavam a pensar na pesquisa futura. Então, com cuidado, estudei a terra, vi como a luz do sol batia ali, observei com cuidado e coloquei a mão; estudei a trama de pequenas raízes fincadas ao chão, as cores que uma pesquisa pode ter e percebi que vamos pintando aos poucos; fui educando meu olhar e minhas mãos e, dessa forma, decidi que o que eu submeteria como projeto de pesquisa estava no conhecer das experiências escolares e em ter o contexto escolar da Educação Integral como experiência a ser narrada. Assim, determinei que a partir do narrar e do ouvir das narrativas, eu construiria uma tese.

Em 2017, ingressei no programa via processo seletivo e, no primeiro ano de doutorado, as disciplinas precisavam ser cursadas. Foi quando me deparei com a disciplina “Seminário I: Estudos do/com cotidiano escolar”; ali, pude observar a tessitura feita sobre cotidiano e cotidiano escolar. Me vi diante de perguntas que me

acompanharam durante a disciplina e que ainda caminham comigo durante todo esse percurso de pesquisa, como, por exemplo: Qual a importância de se estudar o cotidiano no contexto da educação escolar? O que chamaríamos de cotidiano na realidade da escola? Como se dá uma pesquisa do/no/com cotidiano escolar?

Com essas questões (e com outras não registradas aqui), estive no primeiro ano de estudos por meio da disciplina e das leituras, tentando escrever o que aprendi e aprendendo sobre cotidiano/vida, cotidiano/prática, cotidiano/cotidianidade escolar, acompanhada de autores que me provocaram e me convidaram a refletir sobre o tema. Comecei, assim, a tessitura da pesquisa e a tessitura de me tornar, de me perceber, de continuar e de me fazer pesquisadora.

Não desenvolvi uma pesquisa no/com cotidiano escolar, mas me coloquei como quem ouve os protagonistas que estão cotidianamente na Escola da Esquina. Ou seja, a base material para a narrativa são fragmentos do cotidiano de uma escola, narrados por seus protagonistas, contextualizados em um tempo/espço singular. Não tenho uma pesquisa que se comprometa e cumpra um papel de pesquisar o cotidiano escolar, mas me envolvo a partir dos olhos daqueles que estão a tecer o cotidiano daquela escola. Assim, percebi que preciso compreender o que é cotidiano e cotidiano escolar, e que preciso continuar meu processo exploratório como pesquisadora para não colocar sandálias apertadas ou largas demais, mas sim sandálias ajustadas aos meus pés, observando também as sandálias de outros que caminham por ali.

Começo com reflexões de Duran (2009) que ensina que pensar em cotidiano é pensar em versão, pois haveriam versões para se compreender o cotidiano escolar. Indo à “Escola da Esquina” e tendo a possibilidade de conversar com as professoras e com as crianças, compreendi que cada pessoa traz sua versão sobre a escola (o que se vive ali); cada qual, com suas sandálias, conta sobre o vivido, sobre o sentido, sobre os desejos e sobre as realidades. Desse jeito, vou compreendendo que estudar cotidiano é estudar por uma ótica e não apresentar todas as possíveis óticas; assim, falar de cotidiano é falar de um lugar, olhando para um lugar, para algo deste lugar, e olhar tudo isso tendo os olhos provocados e revirados pelo que o cotidiano pode nos mostrar ou mesmo nos esconder.

Comecei a frequentar a “Escola da Esquina”, oficialmente, a partir de março de 2019, apesar de, em 2018, já ter ido à escola em reuniões e festa. Fui tentar a pesquisa, olhar os espaços, as pessoas, a vida pulsante, o acontecimento

saltante daquela esquina. Assim, fui apresentada às professoras pela Orientadora Pedagógica, que agendou um encontro, realizado na Biblioteca, no dia 13 de junho de 2018. Quatro colegas de profissão acolheram o convite para participar dessa tessitura. Comecei a ir para a escola como uma estudante ansiosa, colocando o tênis pela manhã, participando das aulas e das demais atividades, durante todo o dia, ou durante todo o período. As visitas foram semanais em duas salas, com duas professoras parceiras, que atuavam em período integral, e com as professoras de Educação Física e Artes.

O estar na escola possibilitou vivências na horta, no pátio, na quadra, no parque, no refeitório, na sala dos professores, no laboratório de informática, na biblioteca, no banheiro, no corredor, no portão, no “bom dia” e no “boa tarde” para o porteiro, para o ajudante, para as merendeiras, para as professoras, para a equipe gestora e para as crianças amorosas, barulhentas e, por vezes, silenciosas, ativas e cansadas, com calor e em dias preguiçosos de chuva, nas manhãs ainda com orvalho nas folhas das árvores e no final do dia em tardes quentes com mochilas a caminho de casa.

### **QUADRA MOLHADA**

*É a penúltima semana de aula da turma aqui na escola da esquina. Cheguei e estava nublado.*

*Tem feijão preto, salada de repolho, arroz e carne. Agora enquanto almoçamos garoa fina cai. Cotidiano da escola também é quadra molhada? Aqui a quadra não é coberta e quadra molhada, às vezes, é motivo de muita tristeza. Eu gosto muito de chuva, mas não sei se a turma da escola da esquina gosta tanto assim.*

***Jujuba Açucarada olhando quadra molhada por garoa fina  
(11/12/2019).  
A quadra foi coberta enquanto a pesquisa estava a caminhar  
(Um viva por essa conquista!).***

Olhei para “Escola da Esquina” por uma ótica baseada em minhas visitas semanais e por tantas outras percepções, como dos sujeitos que viajaram comigo nessa pesquisa, professoras, crianças, etc. Tive versões daquela escola, no ano de 2019, acompanhada pelas crianças do segundo e do terceiro ano do Ensino Fundamental, pelas quatro professoras e pelos seus olhos e meus olhos visitantes que, com toda certeza, não viram tudo que ali acontecia, mas que foram provocados

e revirados. A gente sempre pisca e minhas mãos tentavam registrar as provocações e reviradas de olhos vividas ali. Conheci essa esquina, a visitei, fui em festa e comi pastel de queijo, segurei firme e me lancei no caminho dessa viagem, enredada numa escola de Educação Integral. Agarrada ao cotidiano escolar narrado, fui pisando com as sandálias nesse campo de pesquisa, nesse lugar de vida... Hoje, me vejo nesse contexto, por vezes calmo e em outros momentos revoltado; de toda forma, sigo a pesquisar e a perguntar, na esquina, na terra, no viver.

Em Duran (2009, p. 32-33), nos deparamos com a convocação de Penin e Henri Lefebvre e a necessidade de se discutir e “conhecer a sociedade global conhecendo a cotidianidade e conhecer o cotidiano como conhecimento crítico da sociedade global”. Assim sendo, e partindo da lógica dialética, a escola não pode ser compreendida como uma simples decorrência da sociedade, assim como não se mantém alheia a tal sociedade. Conhecer a Escola da Esquina e a sua singularidade possibilita compreender o movimento de vida vivida em uma escola de Educação Integral historicamente situada, as práticas educacionais anunciadas nos documentos oficiais e a sua possível “materialização” no fazer pedagógico, no trabalho pedagógico que a escola faz.

A “Escola da Esquina” é uma escola da rede municipal da cidade de Campinas/SP, oferece a modalidade “Educação Integral” dentro do que se pede no nível macro e meso, e seu dia a dia, seu acontecer escolar é só seu. Ali estão marcas únicas que cada pé, calçado com sua própria sandália, no caminhar cotidiano por esse caminho - e não por outros pés e por outros caminhos - ,consolida seu jeito singular de ser e estar como instituição pública de Educação Integral.

Conhecer o cotidiano da escola é a possibilidade de conquistá-lo compreendê-lo e de planejar ações para transformá-lo. No caso de nossa esquina, no movimento de formação se dá a transformação, tanto a nossa própria, como também das professoras e das crianças. Conhecendo como e com quem se caminha, podemos ajustar nossos pés dentro do couro das sandálias, caminhando como o poeta Thiago de Mello em “A vida verdadeira”<sup>46</sup>, (1965), publicamente andando compartilhando e aprendendo.

Em concordância, temos o olhar a singularidade sem deixar de lado o

---

<sup>46</sup> O poema da obra “Faz escuro mas eu canto” está disponível no link <https://sientopasareltiempo.blogspot.com/2015/10/a-vida-verdadeira-de-thiago-de-mello-de.html>.

macrossocial, em perceber que não estamos estáticas. A escola não espera, a escola se esmera em ser rápida, constante, feita de instantes e acontecimentos, a escola é obra em construção, como nos lembra Rockwell e Ezpeleta (2007), quando dizem que ela se constrói todos os dias e faz isso em seu cotidiano. Estar em obra é ser escola, ter acontecimentos cotidianos e vê-los como transformação constante é viver a cotidianidade.

Deste modo, as pesquisas sobre vida cotidiana, cotidiano e cotidianidade contam, com dois expressivos grupos de pesquisa em cotidiano escolar. São eles o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC), da Faculdade de Educação da UNICAMP, e o Grupo de Pesquisa Alfabetização dos alunos e alunas das Classes Populares (GRUPALFA), da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), que são apresentados, dentre outros lugares, no artigo: "O currículo no cotidiano escolar – conversa com Corinta Geraldi e Regina Leite Garcia", publicado no periódico internacional Currículo sem Fronteiras, no ano de 2007. O artigo traz a narrativa das duas professoras sobre o percurso pessoal/profissional dessas duas grandes cotidianistas.

Por meio desse artigo, entro em contato com uma reflexão acerca da prática docente frente ao currículo, trazendo a provisoriidade e tendo consciência do movimento da aula, do movimento próprio de cada turma, entendendo e valorizando as curvas e encruzilhadas que o cotidiano apresenta.

A importância do trabalho coletivo também está nesse artigo, quando se faz referência às redes e ao tecer reflexões sobre currículo e cotidiano, sempre mediadas por pessoas de diferentes Universidades, diferentes grupos e regiões, notando que a dialogicidade é o movimento para se pesquisar, se aproximar, perceber as curvas e estar a tecer a vida cotidiana, bem como o cotidiano em diferentes espaços, entre eles a escola:

Fazer pesquisa nos/dos/com os cotidianos, inclui o coletivo como parte integrante do processo de conhecer, de buscar conhecer não como acessório ou complemento, mas como condição dele, como parte das tantas redes que somos e que tecemos na vida cotidiana de mulheres, professoras, pesquisadoras, militantes (OLIVEIRA, 2007, p. 127).

Fazer pesquisa nos/dos/com os cotidianos se torna uma constante e, com isso, há uma valorização da construção que as pessoas fazem do seu dia a dia, dos

hábitos e do corriqueiro; é uma construção contraditória que revela práticas e comportamentos que aparecem na escola e compõem o viver na escola. Os protagonistas escancaram a vida cotidiana a mostram por que a vida do indivíduo é a expressão dessa cotidianidade, o indivíduo é simultaneamente um ser particular e um ser genérico, como afirma Heller (1985). O homem e a mulher teriam sua particularidade social, em que “todo conhecimento do mundo e toda pergunta acerca do mundo motivados diretamente por esse “Eu” único, por suas necessidades e paixões, é uma questão da particularidade individual” (HELLER, 1985, p. 20).

No campo de um ser genérico, temos a “consciência de nós”, que dialoga com a percepção de que as revoluções invisíveis se dão na cotidianidade por muitos “Eus” que enquanto indivíduos são “[...] produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; mas o representante do homem-genérico não é jamais um homem sozinho, mas sempre a integração” (HELLER, 1985, p. 21). Assim, apontamos a complexa tarefa de perceber, no cotidiano escolar, o “ser particular” e o “ser genérico”, numa integração necessária entre os diferentes modos de “ser” enquanto indivíduo e a integração deste com outros indivíduos e com a comunidade e a cotidianidade, sendo que esta se modifica, apresenta contradições e se movimenta dia a dia.

Heller (1985) traz, como característica dominante da vida cotidiana, a espontaneidade, apontando esta como sendo formada por motivações particulares e ainda por atividades “humano genéricas”, não estando em contradição absoluta e implicando-se mutuamente. A espontaneidade se daria como uma ação já refletida e que vem à tona, não como ato “automático”, mas como um ato já interiorizado, com base na reflexão, e pensado por contradição e não a partir da contradição.

Articulando o pensar a realidade da escola, com a finalidade dela, compreendemos que pensar a finalidade da escola, por si só, já nos faz pensar por contradição. Conforme apresentado por Freitag (1980), a educação possui teorizações distintas e contrárias. Apresentamos, a seguir, as teorias discutidas no quadro teórico da obra “Escola, Estado e Sociedade”.

Durkheim e Parsons são apresentados por Freitag (1980) como pensadores que acreditam que o homem precisa ser corrigido; para eles, o homem é visto como um ser que, para agir em sociedade, precisa de educação; assim, a escola corrigiria seus traços egoístas. Dessa forma, para que o indivíduo viva em sociedade, anula-se o indivíduo para termos um ser social. Já para Dewey ou

Mannheim, de acordo com Freitag (1980), não se anula o indivíduo e a sociedade continua como está, não há a crítica da sociedade na questão estrutural, mas sim propõe-se que o indivíduo viva sua própria vida e, assim, forçosamente transforme seu processo educativo. Nessa perspectiva, “As desigualdades na sociedade não são percebidas como diferenças geradas histórica e socialmente pelo próprio sistema social estabelecido, mas como justas, decorrentes das diferenças naturais entre os homens” (FREITAG, 1980, p. 19-20). E continua:

O objetivo final, no caso de ambos os autores, é a sociedade democrática harmoniosa, em que reina a ordem e tranquilidade, onde conflitos e contradições encontram seus mecanismos de solução e canalização. Assim sendo, Dewey e Mannheim não diferem – quanto aos resultados finais de suas teorias – da posição *a priori* conservadora de Durkheim e Parsons. Pois, uma vez implantada a sociedade democrática, a função da educação se reduzirá a sua manutenção (FREITAG, 1980, p. 24).

Em discordância destes primeiros pensadores, para Freitag (1980), Passeron e Bourdieu veem a sociedade estruturada em classes, mediante a divisão social do trabalho. Nesse contexto, a educação é necessária para uma sociedade capitalista, pois reproduziria a cultura da desigualdade; além disso, teria também a reprodução da estrutura de classes:

[...] Durkheim, Parsons, Dewey e Mannheim praticamente reduzirão a função das instituições escolares a essa última, ou seja, a reprodução de cultura deixando de lado o que Bourdieu chama de reprodução social, isto é, a função de perpetuar a própria estrutura social hierarquizada, imposta por classe social a outra. Assim nas palavras de Bourdieu, o sistema educacional garante a “transmissão hereditária do poder e dos privilégios, dissimulando sobre a aparência da neutralidade o cumprimento desta função” (FREITAG, 1980, p. 24-25).

Freitag (1980) destaca ainda Althusser, Establet e Poulantzas, que têm o entendimento da escola como lugar que qualifica os indivíduos para o trabalho e para a sociedade capitalista. Esses autores colocam esses indivíduos em suas classes sociais fazendo-os pensar por meio da ideologia burguesa e, assim, se mantendo na dominação vigente. Ou seja, postulam que a escola é o aparelho ideológico do Estado que serve à sociedade burguesa.

Por fim, a autora apresenta a perspectiva de Gramsci frente à educação e

qual seria sua função. Freitag diz que Gramsci atribui à escola e à outras instituições uma dupla função e isso de forma dialética, atribuindo à escola o papel de “conservar e de minar estruturas capitalistas”. Gramsci diz que a estrutura determina a superestrutura, mas também precisamos ter a revolução no mundo das ideias, no campo ideológico, para construir a transformação estrutural.

Notamos que, na última perspectiva apresentada, na qual a escola é compreendida como campo de luta, podemos articulá-la com a ideia de Certeau (1994) sobre “táticas”. Ou seja, entendendo a escola também como campo de luta e localizando na escola um lugar da atividade tática, conseguimos enxergar as possibilidades que se dão somente no cotidiano, mas não necessariamente se encerram:

Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas (CERTEAU, 1994, p. 46-47).

As práticas cotidianas que Certeau (1994) traz à tona nos remetem às narrativas advindas da Escola da Esquina por seus protagonistas de sandálias acostumadas àquele solo, protagonistas com seus passos ziguezagueantes, que vão revelando suas táticas, suas astúcias frente ao contexto da Educação Integral, e vão contando sua “caça não autorizada” numa esquina escolar.

Compreendendo que há distinções entre os autores, mas me utilizando da ideia de cotidiano escolar, me aventurei também a uma caça não autorizada, colocando em diálogo Gramsci e Certeau: esses teóricos povoaram meus pensamentos e, enquanto eu lia e pensava em possíveis encontros de pés entre eles, me trouxeram “brechas” existentes na realidade da escola e como, por meio de táticas (Certeau) e a escola como campo de luta (Gramsci), nos aproximamos da revolução, pois a revolução do modo de produção se dá na revolução no modo

cultural.

Revolução como a arte do ato e efeito de revolver, do movimento de mexer, às vezes em movimentos giratórios, para esta que calça sandálias, nada melhor do que pensar a revolução como o revirar da terra; revolução, então, aqui entendida como uma revolução cotidiana e pensada a partir da escola, um remexer a partir do cotidiano, um revolver a partir da escola.

A seguir, apresentamos Rockwell e Ezpeleta (2007) e o estudo na escola, entendendo o cotidiano escolar e a necessária e difícil tarefa de ter, no cotidiano, o mote para o estudo/pesquisa e, assim, culminar numa mudança do pensar a escola.

Lendo o artigo “A escola: relato de um processo inacabado de construção”, de Rockwell e Ezpeleta (2007), fui surpreendida com os conceitos “cotidiano escolar” e “cotidianos escolares”, em que as autoras foram apresentando seus estudos sobre a escola. O primeiro ponto de interrogação que tive, nesta leitura, e que me guiou até o fim do artigo foi: A escola como coadjuvante? Isso porque as autoras propoem a pensar como realizamos pesquisa na escola, até que ponto temos a escola como lugar vivo ou até que ponto, nas pesquisas educacionais, a colocamos como coadjuvante. Nessa provocação, tem-se, como principal, as teorias estudadas e as hipóteses levantadas, desconsiderando as brechas contadas pelos protagonistas, os “pulos do gato” revelados, e considerando que uma hipótese de pesquisa não será suficiente, pois saltos, pulos e brechas não são tão previsíveis; por vezes, nem são visíveis se não olhados a partir dos olhos de seus “videntes” e narradores.

Deste modo, fui tomada nessa leitura, fui me colocando em dúvida também, pois, quando escolho fazer pesquisa e quando escolho fazer pesquisa numa escola e entrar em seu cotidiano, até que ponto estou encaixando os atores numa cena já “pré-escrita” por mim, precisando confirmar hipóteses iniciais mediante as falas, os relatos e anotações no decorrer da pesquisa? Em meio a esses questionamentos, chego à discussão de que cada escola é formada por um lugar e em um tempo específico; está inserida e se insere em uma comunidade; tem diferentes pessoas com diferentes crenças e ações; há nela condições socioculturais e econômicas distintas, afinal,

A escola é, na teoria tradicional, uma instituição ou um aparelho do Estado. Tanto na versão positivista (Durkheim), como nas versões

críticas (Althusser, Bourdieu), sua pertença ao Estado transforma-a automaticamente em representante unívoca da vontade estatal. A escola tem uma história documentada, geralmente escrita a partir do poder estatal, a qual destaca sua existência homogênea. Nesta interpretação, a escola é difusora de um sistema de valores universais ou dominantes que transmite sem modificação. Na versão positivista, a escola, além de conseguir a inculcação dos valores e normas comuns à sociedade, consegue também a realização dos direitos civis e da justiça social. As versões críticas da escola, baseando-se na própria história documentada, demonstram por sua vez seu caráter reprodutor da ideologia dominante e das relações sociais de produção. Sustentam estas versões, com valoração oposta, o conceito de escola homogeneizante, cuja determinação fundamental é estatal e estrutural (ROCKWELL; EZPELETA, 2007, p. 133-134).

Pensadas versões e não única versão, e pensada a escola e seu cotidiano como para além do que está documentado, vemos que o não-documentado pode estar juntamente com o documentado e se mostrando tanto quanto o mesmo. Também pode-se considerar o não-documentado se abrindo e a saltar, ganhando vida e nos mostrando que a escola acontece de forma material, saindo da homogeneidade documentada e nos mostrando a multiplicidade de realidades cotidianas. Entendendo, portanto, que, na dimensão cotidiana, a construção da escola se dá com todos que ali estão e que se apropriam da escola, como também são parte dela. Quando o não-documentado é visto, o documentado se torna uma versão e não a única forma de se ver.

Em meio a essa leitura que me foi apresentando como se dá e como é pensada a pesquisa com o cotidiano escolar, suas características e importância, fui “ajeitando os dedos na sandália”. Primeiro, “o sentir dos pés” na minha pesquisa de doutorado; depois, fui pensando em como estar no cotidiano escolar que constitui parte de minha pesquisa, em como pensar em Educação Integral e nas concepções circulantes acerca deste conceito e dessa forma de organização da escola.

As autoras vão discutindo o caminho de pesquisa e as tensões que acompanham o pesquisador, pois, mesmo com uma preparação prévia, quando se chega na escola e parte-se para a observação e registro, há questões que nos deixam inseguras: O que consideramos importante? Ao que devemos nos ater? Essas perguntas nos exigem vigilância. Essa observação na pesquisa e a própria vivência de pesquisa do/no/com cotidiano escolar nos impõe olhar para a escola de maneira atenta, pois conforme as autoras,

[...] a escola é vista ora como integrada, ora como seletiva, ora como reprodutora, sem que nenhum destes conceitos permita apreender tudo o que ocorre aí no dia-a-dia. Aqui também a confusão atinge: funções, normas, hierarquias vão e vêm, aparecem e desaparecem em relação a situações inconcebíveis nestas dimensões (ROCKWELL; EZPELETA, 2007, p. 136).

Para esse olhar atento na pesquisa e na cotidianidade, é necessário que nos aproximemos do que seria vida cotidiana. Assim, como pesquisadora que conseguiria estar para além do chegar e observar,

O conceito de “vida cotidiana” delimita e, ao mesmo tempo, recupera conjuntos de atividades caracteristicamente heterogêneas empreendidas e articuladas por sujeitos individuais. As atividades observadas na escola, ou em qualquer contexto, podem ser compreendidas como “cotidianas” apenas em referência a estes sujeitos. Deste modo, elas se restringem a “pequenos mundos”, cujos horizontes definem-se diferentemente de acordo com a experiência direta e a história de vida de cada sujeito (ROCKWELL; EZPELETA, 2007, p. 140).

Esse olhar para a vida cotidiana e para a pesquisa em educação é determinante e de fundamental importância para contextualizar ou se apropriar do lugar e da história em que estamos inseridas como pesquisadoras. Para a análise em primeiro nível, acerca de cotidiano, a ação se daria em atividades observáveis que se repetem ou não (continuidade e descontinuidades).

A vida cotidiana em sua relação e mesmo em sua “feitura”, juntamente à escola, existiria como espaço de intersecção entre sujeitos individuais que, com seus saberes e na complexidade de uma heterogeneidade não documentada, participariam da construção da escola. Em minha pesquisa acerca das concepções circulantes de Educação Integral, por parte dos protagonistas da escola, percebo que a vida cotidiana e a cotidianidade estão postas como lugar para se ouvir, se ver, se sentir o que circula como Educação Integral. Essa percepção vem à tona quando ouço as professoras, quando ouço as crianças, quando observo seus desenhos e quando registro visitas feitas àquela esquina:

[...] a realidade escolar aparece sempre mediada pela atividade cotidiana, pela apropriação, elaboração, refuncionalização ou repulsa que os sujeitos individuais levam a cabo. Este conceito de vida cotidiana obriga-nos a conservar a heterogeneidade, umas das características mais notáveis de qualquer escola. Existe não apenas

uma grande diversidade de âmbitos, de sujeitos, de escolas, mas também coexistem, sobretudo em cada conjunto de atividades, em cada “pequeno mundo”, elementos com sentidos divergentes. Qualquer registro de atividades cotidianas da escola apresenta incongruências, saberes e práticas contraditórios, ações aparentemente inconsequentes (ROCKWELL; EZPELETA, 2007, p. 142).

As autoras, para pensarem no cotidiano como objeto de estudo para a pesquisa educacional, destacam e se atentam à questão da heterogeneidade e da construção histórica e, percebendo que as atividades observadas no cotidiano escolar são de sujeitos histórico-culturais, são contextualizadas no mundo e no chão da escola. Nesse momento, destaco o conceito de apropriação, visto pelas autoras como diferente do conceito de socialização, já que sujeitos podem se apropriar sem necessariamente acreditar ou aprovar “regras”, mas estarem no movimento de apropriação para “sobreviver” a uma realidade.

Com essas leituras e na tentativa de amadurecer a pesquisa, me vejo num percurso de compreender, de me preparar e de me vigiar, para me lançar, para adentrar o cotidiano escolar visto pelos olhos dos protagonistas dessa pesquisa, no qual o interesse de pesquisa é olhar o que circula acerca de Educação Integral e como o que se entende sobre isso vai tomando forma. Vou aos poucos, com passos largos e outros curtos, com sandálias bem acomodadas nos pés e, também, com paradas pelo caminho, desenhando com a companhia de outras pessoas, o que a vida cotidiana mostra, vou me apropriando cotidianamente do que seria e como se faria uma pesquisa. Ainda me vejo com passos tímidos, entre o meio fio, dominação e rebeldia, fiando minha compreensão e tomando intimidade conceitual/teórica com o cotidiano.

De fato, não faço uma pesquisa no cotidiano, não estive lá todos os dias, mas as minhas sandálias pisaram naquele chão. Nas narrativas das professoras, aquele cotidiano se apresentou. A espera daqueles alunos “desejantes”<sup>47</sup> em relação a mim trouxe também o cotidiano. No farfalhar que a escola tem, ouvi o cotidiano. E, portanto, assim como no mestrado, o cotidiano foi atravessador; ele atravessa a pesquisa e me atravessa como prego nas sandálias. Cotidiano é vida, pesquisa é vida e vida é como poeira nas sandálias: pode sacudi-las, pode molhá-las; pode

---

<sup>47</sup> “Desejantes” aqui entendidos como alunos e alunas que estão aquecidos e aquecidas pelo desejo de aprender; não estão conformados com o que lhes é oferecido e desejam, têm querer e têm vontades.

passar por estradas e por caminhos diversos.

Então, como uma poeta que pesquisa, não posso descuidar do inesperado, da surpresa, das sandálias que calço, das marcas de dedos produzidas, do lamaçal enfrentado, da seca e do molhado que as circunstâncias foram apresentando na vida cotidiana; muito pelo contrário: é preciso prestar atenção principalmente ao inesperado e não ser levada pelo esquecer,

E eu me esquecia do acaso da circunstância, o bom tempo ou a tempestade, o sol ou o frio, o amanhecer ou o anoitecer, o gosto dos morangos ou do abandono, a mensagem, ouvida a meias, a manchete dos jornais, a voz ao telefone, a conversa mais anódina, o homem ou a mulher, anônimos, tudo aquilo que fala, rumoreja, passa, aflora, vem ao nosso encontro (SOJCHER, 1976, p. 145 *apud* CERTEAU, 1994, p. 43).

Com o olhar atento, fugindo de esquecer, com sandálias bem afiveladas, encontramos uma plantação e a experiência de Plantar, Cultivar e Colher.

Até aqui, a narrativa traz à tona a experiência, e, quando pensamos no cotidiano escolar narrado por seus protagonistas, não estamos a falar somente do *“todo dia ela faz tudo sempre igual (...)”*<sup>48</sup>. O cotidiano está no brotar de experiências. Maria Rita Kehl, em vídeo publicado por labcon.lab<sup>49</sup>, nos traz uma leitura acerca dos conceitos de vivência e experiência em Benjamin cuja transcrição apresentamos a seguir, para um achado entre as pisadas de sandálias que fomos aprendendo, durante esse processo de estudo chamado Pós-Graduação:

A velocidade com que nós cumprimos múltiplas tarefas elimina a possibilidade de a gente construir uma experiência.

E o que é que nós chamamos de experiência?

Eu vou tomar um pouco aqui do Walter Benjamin, ele faz uma diferença entre a vivência e a experiência. A vivência é a composição dos nossos atos rápidos ou não rápidos, mas do dia a dia. Quer dizer, acordo, tomo banho e escovo dentes e vai trabalhar...paro no supermercado no caminho e volta, vai buscar dinheiro no banco. O nosso dia é composto de vivências, mas de vez em quando no meio dessas vivências acontece um fato extraordinário, que nos faz ter vontade de contar aquilo.

Quando a gente quer contar e passar adiante, a gente transformou a vivência em uma experiência. Porque a vivência é, não pra quem

<sup>48</sup> Trecho da música “Cotidiano”, do cantor Chico Buarque.

<sup>49</sup> Laboratório de Estudos sobre o Contemporâneo. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/C2OBY72P6Sp/?igsh=aG9mcTF3dnBsZHNo>. Acesso em: 13 fev. 2024

está vivendo, mas ela não significa, ela não necessariamente adquire significados. Quando você consegue narrar a sua vivência ela se torna uma experiência (A VIVÊNCIA, 2024).<sup>50</sup>

A narrativa das crianças e das professoras, da narradora e pesquisadora que aqui fala, são experiências do vivido, são um aproximar do cotidiano e um achar na peneira do dia a dia dos acontecimentos; acontecimentos para as crianças, que contam sobre os seus espaços, ruas, casas, praças, gostares e não gostares; acontecimentos para as professoras que, ao “se contarem”, revelam suas experiências de vida e, nessa vida, revelam muitas coisas. A Educação Integral, como realidade naquela escola, tem integralidade no que se é e no que se faz.

Nossa colheita veio por narrativas que, saídas das experiências na “Escola da Esquina”, nos mostraram o trabalho realizado numa escola pública do município de Campinas, numa esquina de um bairro, num território, num pulsar de marcas de sandálias, num cotidiano que tem acontecimento e experiência.

Aqui, vejo que a narrativa, nesse trabalho que se caracteriza como uma pesquisa-narrativa, a experiência numa escola tratada como “Escola da Esquina”, em que só é experiência porque temos as crianças cartógrafas trazendo seus desenhos da sua vivência cotidiana do ir e vir para escola e trazendo, em forma de desenho e em forma de escrita (narrativa/bilhetes), o que consideram importante de ser partilhado e revelado, o que acreditam ser seus acontecimentos diários.

As professoras, quando narram, podem ter em “suas cabeças”, em seus pensamentos e reflexões e também em seu fazer corriqueiro, miúdo, diário, e em seus braços, o cotidiano escolar; estão lá, não só todos os dias, como estão lá completamente envolvidas e encharcadas do fazer pedagógico de cada dia. Estão lá vivendo e criando a Educação Integral da Escola da Esquina, juntamente com todos os demais protagonistas dessa instituição escolar do município de Campinas/SP.

Ouvi essas professoras e me aproximei, em certa medida, para entender sobre Educação Integral, para perceber e aprender sobre as compreensões que circulam ali, seja pelas professoras ou pelas crianças do terceiro ano, para perceber quais significados e o que vivem na “Escola da Esquina”. O que fiz foi olhar a terra bem de perto, numa tentativa de envolvimento com ela. Consegui em certa medida, mas não completamente, como quem é raiz plantada e crescida na terra citada.

---

<sup>50</sup> Vídeo postado nas redes sociais do Laboratório Estudos do Contemporâneo. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C2OBY72P6Sp/?igsh=aG9mcTF3dnBsZHNo>. Acesso em: fev. 2024.

As sandálias que aqui calço são as de narrar os momentos do cotidiano que vivi e ouvi, pois escrevo porque preciso, como o poeta, mas também como pesquisadora que produz uma investigação educacional e, assim, escuto atenta porque preciso ouvir bem, para poder escrever e analisar. As sandálias que coloco e tiro são um remexer de terra. Sapateio empolgada com experiências trazidas, contadas, desenhadas, choradas e feitas também de sorrisos. A narrativa traz as marcas do cotidiano, do vivido e do vivido narrado, que sobe como poeira. Sendo assim experiência, e sendo experiência, é terremoto chamado acontecimento; aqui acontecimento visto como o significar da experiência e não acontecimento como acontecido apressado e deixado rapidamente pela memória. Acontecimento visto como marca, guardado na memória num baú narrativo.

O que temos agora, nesse caminhar, são as “Estradas, carreadores, caminhos, rastros, pegadas, trilhos e pisadeiros”. São as estradas que as sandálias caminharam nesse trabalho de doutorado. O tema da Educação Integral esteve entre meus dedos como terra que se acampa nos pés. Foi meu interesse inicial para entender o que era integral, integralidade, como se fazia e como era uma escola de Educação Integral.

Apresento, a seguir, estudos sobre essas possibilidades de se viver/fazer escola, as estradas que estudei e que aprendi. Entre muitas possibilidades, a “Escola da Esquina” foi meu pisadeiro de pesquisa, aquele caminho marcado na terra de tanto pisar, um trilhozinho, às vezes estreito, para conhecer a terra que está lá no final do carreador.

Agora vamos saber um pouco sobre essas estradas, construídas como política educacional e que, no município de Campinas, foram se fazendo com as marcas de pegadas de tantos pés. Vamos ver um pouco mais sobre essa terra que foi se compactando e se formando como caminho, mostrando rastros iniciais e estradas mais consolidadas, além de caminhos a conhecer.

**Figura 21** – Se vê ao longe



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

#### 4 ESTRADAS, CARREADORES, CAMINHOS, TRILHOS, PISADEIROS, RASTROS E PEGADAS...

**Figura 22** – A estrada que me espera



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

### **CAMINHOS DO CORAÇÃO**

Há muito tempo que eu saí  
de casa Há muito tempo  
que eu caí na estrada Há  
muito tempo que eu estou  
na vida  
Foi assim que eu quis, e assim  
eu sou feliz Principalmente por  
poder voltar  
A todos os lugares onde  
já cheguei Pois lá deixei  
um prato de comida  
Um abraço amigo, um canto pra  
dormir e sonhar E aprendi que se  
depende sempre  
De tanta, muita, diferente  
gente Toda pessoa  
sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras  
tantas pessoas E é tão bonito  
quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente onde quer que  
a gente vá É tão bonito quando a gente

sente  
 Que nunca está sozinho por mais que  
 pense estar É tão bonito quando a gente  
 pisa firme  
 Nessas linhas que estão nas palmas de  
 nossas mãos É tão bonito quando a gente  
 vai à vida  
 Nos caminhos onde bate, bem mais forte o  
 coração [...] O coração  
 O coração

(GONZAGUINHA, 1982)

Essa viagem pela terra escolhida, pela pesquisa (**Figura 22**) tem o destino de compreender as concepções circulantes acerca da Educação Integral. Circulantes porque contamos com os protagonistas que estão numa escola de Educação Integral de Campinas que, vivendo a “Escola da Esquina”, se colocam como quem está na Educação Integral diariamente, vivendo aquele contexto, naquele lugar, pisando firme como canta (Gonzaguinha, 1982). Circulante aqui porque consideramos, para além do documentado, o que os sujeitos/protagonistas trazem, o que compreendem como Educação Integral e o que consideram mais marcante e mais determinante nesta proposta, que é política educacional, que é projeto, e é também o que acontece na escola, ou seja, o acontecimento pedagógico<sup>51</sup> e o que circula no trabalho docente e no que as crianças revelam do seu dia a dia na escola.

Inicialmente, a Educação Integral é entendida, nesta pesquisa, como algo para além da ampliação do tempo de permanência na escola. A Educação Integral, aqui, está numa perspectiva progressista que adota uma cultura colaborativa, pois a “[...] atitude de diálogo e o trabalho coletivo são elementos-chave para a constituição da rede de saberes inerente a esse novo paradigma e para a gestão compartilhada de um projeto contemporâneo de educação integral” (MOLL, 2012, p. 151-152). Para nosso estudo, contamos com a aproximação de diferentes perspectivas da Educação Integral e olhamos para rastros e trilhozinhos os quais foram e ainda vão sendo desenhados por ela, tanto em nível nacional quanto no contexto do município de Campinas.

A educação escolar, para significativa parcela da população, pode ser entendida apenas como a escolarização das crianças e, aqui, cabe lembrar que

---

<sup>51</sup> Acontecimento pedagógico com as presenças civis que fazem a escola (Rockwell e Ezpeleta)

entendemos escolarização como o que foi vivido num lugar chamado escola. O processo de escolarização começa quando a criança entra na escola (mesmo sendo a creche) e se estende por anos, dependendo do contexto de cada uma. A educação escolar também pode ser compreendida como um processo contínuo em que os estudantes são aqueles que participam e, para além do saber sistematizado, também constroem conhecimentos e colaboram com o saber cultural, social e artístico, enfim, um saber integral.

Para começar nosso caminhar pelas estradas, buscamos compreender a Educação Integral na sua construção histórica e, para isso, estudamos as teorias de pensadores, tais como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire, estudo que apresentamos em “Estradas consolidadas”. Também trazemos um levantamento que fizemos via Banco de Dados de Teses e Dissertações, as quais demonstram as pesquisas realizadas no país pelos estudantes e pesquisadores vinculados a programas de Pós-Graduação em relação ao tema Educação Integral.

Apresentamos um trabalho inicial indicativo por meio de um levantamento preliminar realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Aqui, a busca foi a de identificar concepções de Educação Integral antes de começar o diálogo com as professoras participantes da pesquisa. Assim, enquanto me aproximava da proposta de Educação Integral implementada na cidade de Campinas, ia fazendo um levantamento para compreender como, nos trabalhos acadêmicos, a Educação Integral estava a ser estudada.

Nos sacolejos por essa estrada, decidimos por fazer um recorte de rastros, num período compreendido entre os anos de 2010 a 2015 e, nesse levantamento, estávamos procurando pegadas escondidas, utilizando o descritor “Educação Integral” como bússola. Por essa via, fui acessando resumos e, assim, observando pesquisas que traziam dados e tendências sobre Educação Integral.

O levantamento foi feito sobre a temática da Educação Integral na BDTD, que é uma base de dados com produções de programas de Pós-Graduação de todo o Brasil. Com esse levantamento, buscamos encontrar uma visão ampla sobre o tema. A princípio, cento e setenta e sete trabalhos com o descritor “Educação Integral” foram o escopo de pesquisa, mas, na tabulação dos dados, identificamos duplicações e, com isso, chegamos ao número de cento e setenta e três trabalhos com a temática Educação Integral. Nesse levantamento, o maior número de trabalhos voltados ao debate da Educação Integral são dissertações, totalizando

81%, enquanto 19% são teses.

As dissertações se debruçam sobre aspectos específicos da realidade de Educação Integral, dentre eles, a prática pedagógica em determinada escola, uma experiência em determinado município e, ainda, os estudos de caso. Já estudos mais amplos sobre Educação Integral, concepções, questões e conceitos centrais vemos com mais detalhes nas teses. O período de 2010 a 2015 revela uma linha em ascensão nos números de trabalhos, como podemos ver no Gráfico 1:

**Gráfico 1** – Ascendência de trabalhos sobre Educação Integral



**Fonte:** Dados organizados pela autora

No Gráfico 1, pode-se observar uma queda no ano de 2015, mas é significativo o aumento de trabalhos em todo período, sendo os anos de 2013 e 2014 de maior produção. É importante salientar que a Educação Integral tem o Programa Mais Educação<sup>52</sup> como forma de atendimento para que a ampliação do tempo na escola oportunizasse, aos estudantes, atividades optativas agrupadas por macrocampos, sendo assim “acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica” (CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2018).

O aumento de pesquisas, que vai de 2012 até 2014, se explica pela

<sup>52</sup> Criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 no governo Lula (Segundo mandato), o programa tem como foco a ampliação da jornada escolar e reorganização curricular, visando uma educação integral, com um processo pedagógico que conecta áreas do saber à cidadania, ao meio ambiente, direitos humanos, cultura, artes, saúde e educação econômica.

previsão do Programa, como nos alerta Moll (2012):

[...] ultrapassar as 32 mil escolas públicas, chegando às escolas do campo e compondo as ações do grande esforço de enfrentamento das profundas desigualdades sociais articuladas pelo Governo Federal por meio do programa 'Brasil sem miséria' (p. 135).

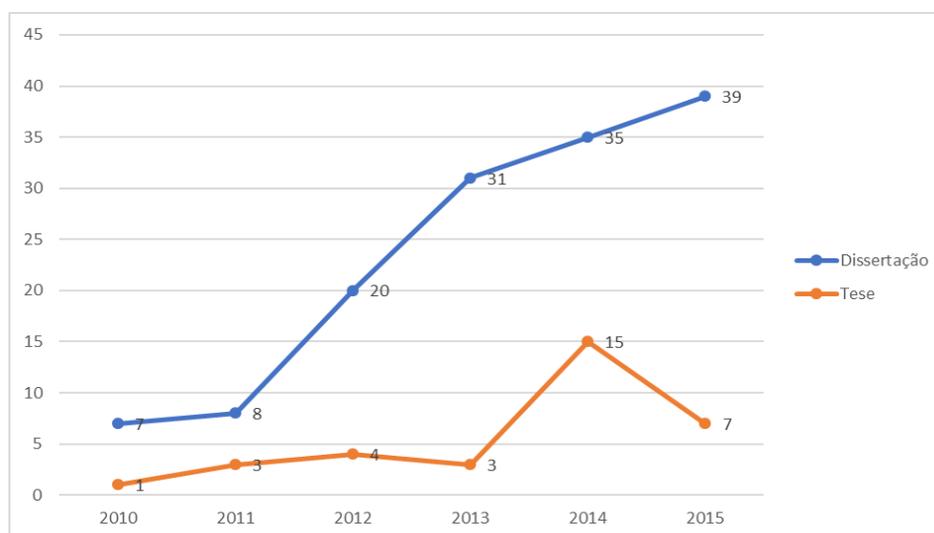
O aumento nas pesquisas nos programas de Pós-Graduação está atrelado ao aumento expressivo de atendimento do Programa e, assim, mais experiências vão sendo reveladas em estudos, como também vão sendo discutidas as concepções, as teorias e a história dessa, que se tornaria uma política do governo federal durante a gestão Lula. Foi, portanto, substancial o aumento de atendimento do Programa Mais Educação, afinal

[...] as atividades tiveram início em 2008, com a participação de 1.380 escolas, em 55 municípios, nos 27 estados para beneficiar 386 mil estudantes. Em 2015, o programa possuía quase 51.440 escolas inscritas, nos 26 estados e Distrito Federal. (CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2018).

Essa é a demonstração do aumento de pesquisas sobre Educação Integral e, a partir delas, vieram à tona as diferentes realidades vividas no país com o Programa e a Educação Integral.

Já na análise, distinguindo produção de dissertações e produção de teses dentro do período de 2010 a 2015, verifica-se uma trajetória diferente entre elas, como pode-se conferir no Gráfico 2:

**Gráfico 2** – Comparativo entre teses e dissertações sobre Educação Integral

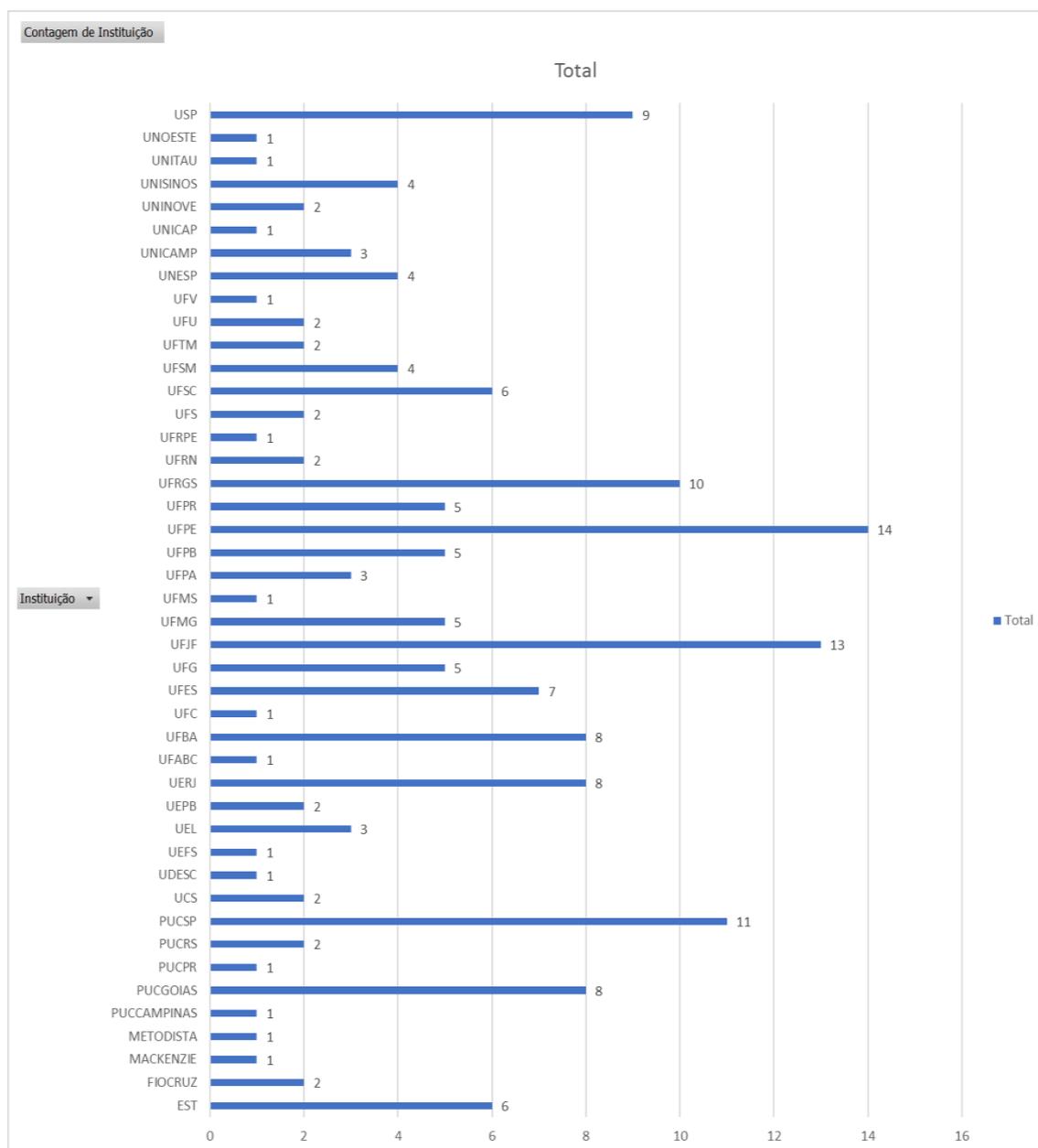


Fonte: Dados organizados pela autora

De acordo com os dados apresentados no **Gráfico 2**, as dissertações mostram constante ascendência, enquanto as teses seguem uma linearidade, com exceção do ano de 2014, em que 15 teses são sobre a temática de Educação Integral. Esses dados sugerem que, ao longo dos anos, a temática se faz presente e pesquisas direcionadas à temática da Educação Integral a caracterizam enquanto um campo específico e importante de pesquisa na área da educação.

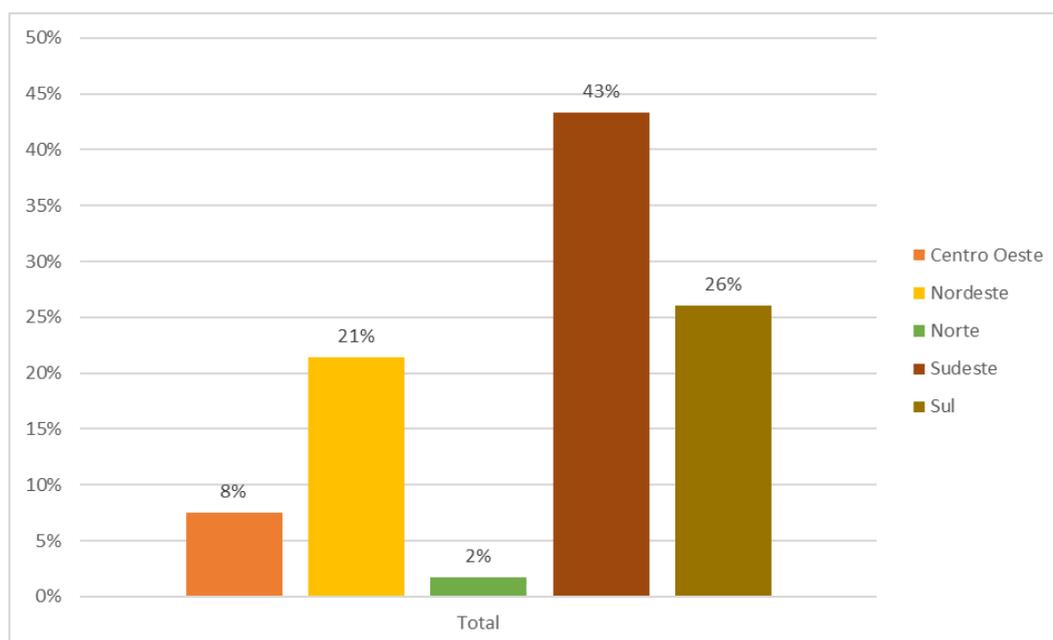
Os trabalhos foram produzidos em quarenta e quatro diferentes instituições de ensino superior, sendo que se destaca, em números de trabalhos, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com quatorze produções acadêmicas, acompanhada da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com treze trabalhos, seguida da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com onze trabalhos, e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com dez trabalhos. É possível notar, também, um número expressivo de instituições de Ensino Superior que têm apenas um trabalho com o descritor selecionado “Educação Integral” no período de 2010 a 2015. Excluindo-se as instituições que têm mais de dez trabalhos, que foram destacadas acima, assim como as instituições que possuem apenas um trabalho, chegamos a uma média de quatro trabalhos por instituição.

O levantamento na BDTD possibilita que se faça um destaque para as regiões nas quais os trabalhos vêm sendo produzidos: quase 70% da produção está concentrada no eixo Sul-Sudeste, assim como apenas 2% dos trabalhos estão localizados na região Norte. Há que se considerar o número de programas de Pós-Graduação existentes em cada região. Sul e Sudeste, embora menores territorialmente, mas mais populosos, têm mais programas de Pós-Graduação, como pode se conferir no Gráfico 3:

**Gráfico 3 – Universidades com teses e dissertações sobre Educação Integral**

Fonte: Dados organizados pela autora

A seguir, no Gráfico 4, podemos ver mais uma sistematização, agora sobre um comparativo das produções de pesquisas por região do país, relativamente ao descritor “Educação Integral”:

**Gráfico 4** – Comparativo de produções por região sobre Educação Integral

**Fonte:** Dados organizados pela autora

Em meio ao levantamento de trabalhos que tratam do tema Educação Integral, há uma diversidade de concepções e preocupações acerca da realidade educacional voltadas para discussão e vivência do que se nomeia como integral.

Pensando nessa nossa viagem de estudos, podemos notar que temos uma linha que traz as marcas de como se caminha na construção da Educação Integral. Existem tendências, estradas consolidadas, pois também se tem rastros e pegadas apoiadas em estradas conhecidas.

#### 4.1 ESTRADAS CONSOLIDADAS: PEGADAS E RASTROS ENCONTRADOS

**Figura 23** – Se vê mais de perto



**Fonte:** acervo pessoal da autora

### **A ESTRADA**

Esta estrada onde moro, entre duas voltas  
do caminho, interessa mais que uma avenida  
urbana.

Nas cidades todas as pessoas se parecem.  
Todo o mundo é igual. Todo o mundo é toda  
a gente. Aqui, não: sente-se bem que cada  
um traz a sua alma. Cada criatura é única.  
Até os cães.

Estes cães da roça parecem homens de  
negócios: Andam sempre preocupados.  
E quanta gente vem e vai!

E tudo tem aquele caráter impressionante que faz meditar:  
Enterro a pé ou a carrocinha de leite puxada por um  
bodezinho manhoso.

Nem falta o murmúrio da água, para sugerir, pela voz dos  
símbolos, Que a vida passa! Que a vida passa!

E a mocidade vai acabar.

(BANDEIRA, 1986)<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> BANDEIRA, Manuel. A estrada. In: \_\_\_\_\_. **Estrela da vida inteira**. 11. ed. Rio de Janeiro: José

Os trabalhos, as pesquisas e os nossos estudos vão percorrendo estradas, caminhos, observando rastros e pegadas, pisados constantemente quando se fala de Educação Integral, olhando mais de perto; são rastros e pegadas tão conhecidas, são estradas mais consolidadas. Nessa estrada, as tendências educacionais de Educação Integral brasileira carregam as ideias de Anísio Teixeira (1900-1971) com sua escola-classe e escola-parque, nas quais se dividiam atividades escolares “tradicionais” (leitura, escrita, aritmética, ciências físicas e sociais) e atividades físicas, esportivas, artísticas e culturais.

Em leituras preliminares, foi localizado o termo Educação Integral no contexto da Educação Brasileira na primeira metade do século XX, defendido por educadores de matrizes político-ideológicas diversas, com destaque para Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire, tendo ações e propostas que foram articuladas com diferentes governos e em diferentes Estados: Bahia, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Vale destacar outras experiências que podem ser consideradas como Educação Integral, os colégios vocacionais<sup>54</sup> de São Paulo, antes da ditadura (década de 70).

A experiência de Anísio Teixeira inspirou outras atividades “precursoras” da Educação Integral, como os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) da década de 1980 no Rio de Janeiro, os Centros Educacionais Unificados (CEUs), experiência criada na cidade de São Paulo nos anos de 2000-2004, entre outras. Tais iniciativas contaram com o ideário de outros dois grandes pensadores brasileiros que compõem a estrada consolidada, Darcy Ribeiro (1922-1997) e Paulo Freire (1921-1997). Os três educadores são destacados como idealizadores da busca de uma educação enquanto direito e de qualidade para todos, sendo essa voltada para a formação humana, para formação da vida, pois “a vida passa” (Bandeira, 1986):

O conceito mais tradicional encontrado para a definição de educação integral é aquele que considera o sujeito em sua condição multidimensional, não apenas na sua dimensão cognitiva, como também na compreensão de um sujeito que é sujeito corpóreo, tem afetos e está inserido num contexto de relações. Isso vale dizer a compreensão de um sujeito que deve ser considerado em sua dimensão biopsicossocial. Acrescentamos, ainda, que o sujeito

---

Olympio, 1986, p. 85.

<sup>54</sup> Artigo: Ensino vocacional: formação integral, cultura e integração com a comunidade em escolas estaduais paulistas na década de 1960. Tamberlini, Angela Rabello Maciel de Barros. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 70, p. 119-137, dez. 2016.

multidimensional é um sujeito desejante, o que significa considerar que, além da satisfação de suas necessidades básicas, ele tem demandas simbólicas, busca satisfação nas suas diversas formulações de realização, tanto nas atividades de criação quanto na obtenção de prazer nas mais variadas formas (GONÇALVES, 2006, p. 3).

Educação Integral, vista dessa forma, busca a formação do educando em sua integralidade, assim como visa ao combate às desigualdades estruturais e conjunturais brasileiras e, também, as desigualdades da própria superestrutura, da qual faz parte a instituição escola, no que tange ao acesso, permanência e aproveitamento educacional, tendo como referência a educação básica pública. Portanto, a Educação Integral, por essa ótica, deveria possibilitar não só a ampliação do tempo de permanência diária na escola, mas também a ampliação dos espaços de ensino e das possibilidades e, por que não, da própria ideia de escola.

A Educação Integral, entendida como possibilidade de melhor qualidade da educação pública, portanto, tem seu início na história do Brasil, nas propostas de Anísio Teixeira, na primeira metade do século XX, e tem reflexos na legislação educacional brasileira, como podemos perceber nos seguintes registros:

Na Constituição Federal, artigos 205, 206 e 227; Na Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDBEN), artigos 34 e 87; Na Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA), capítulo V, art. 53; Na Lei nº. 11.494, de 20 de junho de 2007 (FUNDEB); No Decreto nº. 7.083, de 27 de janeiro de 2010 (Programa Mais Educação); No Projeto de Lei nº. 8.035/2010 (Plano Nacional de Educação 2011-2020). (DIÁRIO OFICIAL DE CAMPINAS, março 2014, p. 6).

Acreditamos ser necessário atentar para temática a fim de compreendê-la para além de um slogan eleitoreiro e populista, ou para além de uma intenção de confinamento, ou ainda sobre a impossibilidade de sua universalização, para além das “divisões” entre curricular e extracurricular. Há de se compreender que a integralidade da vida do educando e da educanda necessita de um processo de ensino e aprendizagem que abarque este ser plural e que seja também integral, integrante e integrado.

Tal preocupação vem pautada na Constituição Federal (1988), na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), de 1996 e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de 1990, que traz em seu Capítulo V, artigo 53, a atenção e a obrigatoriedade do acesso e da permanência na escola, “(...) reconhecendo que o desenvolvimento

integral da criança e do adolescente requer uma forma específica de proteção e, por isso, propõe um sistema articulado e integrado de atenção a esse público, do qual a escola faz parte”. (BRASIL, 2009, p. 22).

Destacamos aqui a violação que aconteceu em 2016, após o Golpe de Estado que destituiu a Presidenta Dilma Rousseff e alçou ao poder um representante das oligarquias nacionais, Michel Temer, o qual apresentou ao Congresso Nacional a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 95<sup>55</sup>, mediante a qual foi autorizado o congelamento, por 20 anos, do financiamento da educação e da saúde. Essa Emenda Constitucional, conhecida como “PEC da Morte” ou Emenda do Teto de Gastos Públicos, alterou a Constituição e enfraqueceu o pacto social em vigor, que tinha alguns mecanismos em favor do bem-estar e da proteção social. Vemos que esse desmonte tratou a educação e a saúde como mercadorias, comprometendo o Plano Nacional de Educação (PNE), que não pode mais atingir as metas definidas anteriormente.

A Educação Integral inicialmente teve, como projeto, articular políticas públicas que contribuíssem com a diversidade de vivências, assim foi instituído pelo Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), de 2007, e pelo Programa Mais Educação, também de 2007. É importante destacar que, frente ao desmonte da educação nacional, o projeto de Educação Integral no país sofreu alterações e o reflexo nos municípios tem sido imenso, resultando em pouco ou nenhum recurso para ampliação de projetos, dificultando a oferta de uma Educação Integral pública de qualidade, com investimentos no trabalho pedagógico desenvolvido no chão da escola, em sua própria realidade.

O Programa Mais Educação, por sua vez, foi substituído pelo Programa Novo Mais Educação, de 2016, implantado após o golpe de Estado travestido de *impeachment* de 2016. Nessa abordagem, este Programa tem como objetivo:

---

<sup>55</sup>A Emenda Constitucional n.º 95, também conhecida como a Emenda Constitucional do Teto dos Gastos Públicos, alterou a Constituição Brasileira de 1988 para instituir o Novo Regime Fiscal. Trata-se de uma limitação ao crescimento das despesas do governo brasileiro durante 20 anos, alcançando os três poderes, além do Ministério Público da União e da Defensoria Pública da União. Durante o processo legislativo, recebeu diversas denominações: PEC do Teto, PEC 241 na Câmara dos Deputados e PEC 55 no Senado Federal. Felizmente foi revogada após a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para um terceiro mandato em 2022. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Emenda\\_Constitucional\\_do\\_Teto\\_dos\\_Gastos\\_P%C3%BAblicos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Emenda_Constitucional_do_Teto_dos_Gastos_P%C3%BAblicos). Acesso em: 10 jun. 2020.

melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes, otimizando o tempo de permanência dos estudantes na escola (BRASIL, 2016).

Posto isto, o Programa mudou, não mais oferecendo

atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica (BRASIL, 2007).

A ideia inicial, apresentada em 2007, era de que no contraturno os alunos pudessem ter atividades diferenciadas e era um início para se pensar a Educação Integral como algo além do que se tem no currículo tradicional, no que está estabelecido como conteúdo. O Programa Mais Educação, que esteve em curso no início da proposta, contava com diversas experiências pedagógicas; em algumas escolas, as oficinas eram oferecidas, por vezes, por educadores externos à escola e, em outras situações, pelos próprios docentes; para isso, verbas eram destinadas às escolas públicas. Esse programa trazia discussões, levantando questões que pudessem envolver a comunidade escolar e ressaltando a importância de outras atividades para além da rotina escolar, como música, esporte e formação humana.

[...] além de prever a ampliação do Ensino Fundamental para tempo integral, a Lei nº 9.394/96 admite e valoriza as experiências extraescolares (Art. 3º, inciso X), as quais podem ser desenvolvidas com instituições parceiras da escola (BRASIL, 2009, p. 22).

Com esse programa em desenvolvimento, a escola teria a possibilidade de escolher atividades e ter, como trabalho, o acompanhamento pedagógico exigido para que o Programa Mais Educação acontecesse nas unidades escolares.

Posteriormente, o contraturno veio a ser substituído por um período na escola com tempo estendido e tendo um aumento do número de aulas, um funcionamento do trabalho pedagógico com projetos e a inclusão de língua estrangeira:

Falar sobre Educação Integral implica, então, considerar a questão das variáveis tempo, com referência à ampliação da jornada escolar,

e espaço, com referência aos territórios em que cada escola está situada. Tratam-se de tempos e espaços escolares reconhecidos, graças à vivência de novas oportunidades de aprendizagem, para a reapropriação pedagógica de espaços de sociabilidade e de diálogo com a comunidade local, regional e global (GONÇALVES, 2006 *apud* DIÁRIO OFICIAL DE CAMPINAS, 2014, p. 6).

Na cidade de Campinas, escolas de Educação Integral e outras que não fazem parte desse projeto puderam vivenciar o Programa Mais Educação e, posteriormente, o Programa Novo Mais Educação. É importante destacar aqui que o Programa Mais Educação, criado em 2007 no governo Lula, tinha como foco a ampliação da jornada escolar e reorganização curricular “[...] visando um processo pedagógico que conecta áreas do saber à cidadania, ao meio ambiente, direitos humanos, cultura, artes, saúde e educação econômica” (Centro de Referências em Educação Integral, 2018<sup>56</sup>). Dessa forma, o programa tinha atividades agrupadas em:

[...] macrocampos, incluindo acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, [cultura](#) e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, [educomunicação](#), educação científica e educação econômica (CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL, 2018).

Como já exposto, em 2016 houve o fim do Programa Mais Educação e este foi substituído pelo Programa Novo Mais Educação, no governo de Michel Temer. Mesmo mantendo a ampliação da jornada escolar, a concepção de educação deste último é divergente do projeto inicial, pois, na política original, visava-se à formação integral, ampliando a oferta de saberes, métodos, processos e conteúdos educativos. Já no Novo Mais Educação há um outro objetivo: melhorar a aprendizagem em Língua Portuguesa e Matemática e tendo a ampliação do tempo na escola.

No Programa Novo Mais Educação se via uma concentração na oferta de apenas duas disciplinas e reforçava-se “uma noção de reforço escolar, por vezes ineficaz, em lugar de oferecer uma Educação Integral” (Centro de Referências em Educação Integral, 2018). Por fim, em 2019, tivemos a extinção do Programa e, na realidade de estados e municípios, houve uma Educação Integral acontecendo e

---

<sup>56</sup> Site do Centro de Referências em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/linha-do-tempo>. Acesso em: 24 mar. 2024.

sendo debatida e construída a partir do que cada contexto apresentava e desenvolvia como possibilidade.

Há marcas nas estradas que assustam, então, aqui, nesta parada necessária, constatamos que a educação, como todas as demais dimensões do país, viveu um período de obscurantismo durante o governo Bolsonaro (2019-2022), um governo truculento, negacionista da ciência, perseguidor da educação e da cultura. Nesse período sombrio, houve muitas perdas. Perdas de direitos e perdas também no campo da educação. Tivemos, durante esse governo, que ocorreu entre 2019 e 2022, um Ministério da Educação frágil e sucateado, com quatro trocas de Ministros, cortes de verba, sendo esse governo o que mais retirou recursos da Educação, Cultura e Ciência, e que, inclusive, extinguiu o Ministério da Cultura.

Nesse período trágico, perdemos e vivemos/sobrevivemos a uma pandemia que teve agravamentos e um expressivo número de mortes em decorrência da deliberada ação governamental de adiar e protelar a vacinação em massa da população e também de dificultar o isolamento social necessário no período anterior à vacinação. Esses crimes serão julgados por pressão da sociedade civil e esperamos que sejam exemplarmente punidos. Após um dos piores momentos do país, estamos aqui. Não passamos mais por uma pandemia e encerramos uma era de infelicidade para vários campos, inclusive na educação.

Em 2023, o Ministério da Educação, sob o terceiro governo Lula, lançou o programa Escola em Tempo Integral, com o interesse em ampliar a oferta de vagas de tempo integral, da Educação Infantil ao Ensino Médio, em escolas públicas. Com a meta de 3,2 milhões de matrículas até 2026, a educação em tempo integral, que é a meta 6 do PDE, voltou ao debate com a expectativa de criar novas oportunidades para a Educação Integral.

Já neste ano de 2024, o Ministério da Educação lançou um guia<sup>57</sup> de elaboração da política de Educação Integral com o objetivo de apoiar estados e municípios com orientações para elaboração de Políticas de Educação Integral em Tempo Integral. É importante ressaltar em nossa pesquisa que, neste governo e neste momento, a política volta a ser afirmada como de Educação Integral em

---

<sup>57</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2024/marco/mec-lanca-guia-de-elaboracao-da-politica-de-educacao-integral>. Acesso em: 25 mar. 2024.

Tempo Integral, entendendo que há uma extensão do tempo na escola, mas em primeiro lugar está a Educação Integral, nos dando uma leitura para além da ampliação do tempo de permanência na escola.

Antes de chegarmos na construção das estradas da Educação Integral em Campinas e pelos pisadeiros, chegamos à “Escola da Esquina”, e apresentamos aqui o que o guia de Elaboração de Educação Integral, datado de 2024, nos traz: o que se tem de agenda para Educação Integral em Tempo Integral. O guia tem cinco tópicos: o conceito da política de Educação Integral em Tempo Integral; os possíveis caminhos para o processo de elaboração da política; as diretrizes para a política (Portaria nº 2036/2023); os instrumentos de apoio que trazem ferramentas de gestão para serem adotadas na construção da Política; e, por fim, as referências complementares com lista de documentos e publicações.

Nos documentos oficiais, a Educação Integral é pensada como uma educação que deve abarcar aspectos sociais que interferem na aprendizagem do aluno, no cotidiano escolar e na integralidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo. A Educação Integral, na escola pública, “passa a incorporar um conjunto de responsabilidades que não eram vistas como tipicamente escolares, mas que, se não estiverem garantidas, podem inviabilizar o trabalho pedagógico” (BRASIL, 2009, p. 17).

## 4.2 CAMINHOS A SEREM CONHECIDOS

Na cidade de Campinas, foi criado o projeto piloto de Educação Integral, a partir de ações de escolas e da prefeitura para repensar o tempo escolar e, ainda, o projeto de escola de Educação Integral, sendo integral para além do contraturno e mesmo para além do tempo ampliado. O projeto piloto de Campinas, divulgado no Diário Oficial do município em 2014, apresenta o oferecimento de uma educação de período integral nas escolas públicas municipais a partir do PNE (2011- 2020), que instituiu o ano de 2016 para que crianças e adolescentes fossem atendidos nesse projeto de período integral em escolas públicas no país. O interesse seria o de oferecer uma educação de melhor qualidade e, assim, uma melhor formação aos estudantes. A cidade de Campinas, desde 2011, vem implementando o Programa Mais Educação em todas as escolas de Ensino Fundamental “(...) induzindo a organização do tempo e do currículo na perspectiva de uma educação que amplie significativamente as dimensões, os tempos, os espaços e as oportunidades formativas dos estudantes” (DIÁRIO OFICIAL DE CAMPINAS, 2014, p. 5).

Enquanto o Programa Mais Educação era oferecido nas escolas, o debate sobre a melhor forma de oferecer uma Educação Integral aos alunos acontecia no município, tendo em 2012 a EMEF “Zeferino Vaz” – CAIC, uma proposta para Educação Integral. Assim, em 2013, ficou instituído, pela Secretaria Municipal de Educação, o debate e a construção da escola de educação e de tempo integral.

A implantação da escola de Educação Integral em Campinas teve início em 2014 com duas escolas piloto: EMEF “Zeferino Vaz” - CAIC e EMEF “Padre Francisco Silva”. A Secretaria Municipal de Educação seguiu aumentando gradativamente esse número e, em 2015, mais quatro escolas foram incluídas nesse projeto: EMEF “Raul Pila”, EMEF “João Alves dos Santos”, EMEF “Padre Avelino Canazza” e CEMEFEJA “Paulo Freire”. Em 2020, foram incluídas mais duas escolas: EMEF “Orlando Carpino” e EMEF “Profa. Elza Maria Pellegrini Aguiar”, totalizando oito escolas. Recentemente, no ano de 2024, a EMEF “Julio de Mesquita Filho”, que é polo bilíngue (LIBRAS), também se tornou escola de Educação Integral da rede municipal de Campinas.

O documento do município de Campinas traz a reflexão sobre tempo e educação, sobre o quanto se diferenciam ou se aproximam quando se trata de Educação Integral. A reflexão é feita sobre a ideia de que aumentar o tempo dentro

da escola poderia não confirmar uma melhor aprendizagem por parte dos alunos e alunas; não significaria processos de aprendizagem mais significativos, não significaria mais desenvolvimento,

[...] assim mais tempo em período escolar não quer dizer, necessariamente, mais aprendizagem, o que torna ainda mais importante a reflexão sobre as diferentes dimensões da Educação Integral (DIÁRIO OFICIAL DE CAMPINAS, 2014).

Algumas questões emergiram desse contexto de debates: A Educação Integral seria a possibilidade de ressignificar os tempos e espaços da escola? Levaria em consideração o sujeito com multidimensões e um movimento contínuo na vida do aluno e da aluna? Seria pensada como uma educação escolar que não descolasse aprendizagem do mundo no qual alunas e alunos vivem? Como seria a Educação Integral frente a uma educação de qualidade que alunos e alunas da escola pública deveriam ter?

No projeto piloto do município ainda encontramos, as ações demandadas para a construção de uma Educação Integral, lembrando do papel dos protagonistas da escola, inclusive da comunidade onde essa escola está inserida,

[...] trata-se de instituir uma mobilização consequente para a formação que reconheça a diversidade como patrimônio imaterial fundamental da sociedade, que incentive a educação ambiental e o respeito aos direitos humanos” (MOLL, 2009, p. 28).

O trabalho pedagógico das escolas de Educação Integral teria como princípio, conforme sugerido no documento,

[...] valorização da experiência extraescolar dos alunos; promoção de uma postura investigativa do aluno; apropriação e produção de cultura; articulação com o mundo do trabalho e tematização das questões de classe, gênero, de sexualidade e étnico-raciais” (DIÁRIO OFICIAL DE CAMPINAS, 2014, p. 8).

Nos documentos oficiais, a Educação Integral é pensada como uma educação que deve abarcar aspectos sociais que interferem na aprendizagem do aluno, no cotidiano escolar e na integralidade dos sujeitos envolvidos no processo educativo. A Educação Integral na escola pública “passa a incorporar um conjunto

de responsabilidades que não eram vistas como tipicamente escolares, mas que, se não estiverem garantidas, podem inviabilizar o trabalho pedagógico” (BRASIL, 2009, p. 17).

Expresso no documento que trata do projeto piloto, a concepção de Educação Integral considera os sujeitos em sua condição multidimensional, ultrapassando a questão de ampliação do tempo escolar e considerando multidimensões que fazem parte da formação dos alunos e alunas. Aqui cabe destaque também ao que se entende como Educação Integral e a questão do tempo integral, essa distinção é vista no Quadro 1 a seguir (FERNANDES, 2023, p. 162):

**Quadro 1 – Comparativo das concepções<sup>58</sup>**

AUMENTO DO TEMPO	EDUCAÇÃO INTEGRAL
Ampliação do tempo de permanência dos alunos com acréscimo de algumas disciplinas ou atividades complementares como dança, música, esporte ou mesmo reforço	Reformulação da escola alterando e ampliando a oferta de conhecimentos articulados entre si e com a compreensão da realidade
AUMENTO DO TEMPO	EDUCAÇÃO INTEGRAL
Divisão em turnos – alunos pensando separadamente, de manhã aulas e a tarde atividades complementares	Possibilidade de uma formação mais completa para o aluno enquanto ser humano e não apenas como estudante, conciliando os conceitos didáticos com outros aspectos da vida
Hiperescolarização: oferecer mais do mesmo	Reorganização dos tempos, espaços e conteúdos para desenvolver os alunos de forma completa, em sua totalidade
Forma de dar ocupação aos alunos	Cuidado para promover um trabalho que persiga a formação e o desenvolvimento humano mais amplo e múltiplo possível
Aumenta-se o tempo, mas não existe um esforço em garantir a qualidade desse tempo ofertado aos alunos	As crianças e os adolescentes são incentivados a desenvolver diferentes formas de expressão, como a artística, física, intelectual, digital e social

Fonte: FERNANDES, 2023, p. 162

As concepções acerca de Educação Integral são identificadas, inicialmente, a partir da análise de documentos e referências e, aqui, destacamos o que orienta o trabalho no município, no qual há uma organização e um desenvolvimento curricular por eixos de trabalho:

<sup>58</sup> Resolução SME nº 5/2014, de 07 de março de 2014. Campinas (2014b, p. 6). Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/uploads/pdf/883748667>. Acesso em: 11 jan. 2020.

Os Eixos de Trabalho compreendem áreas mais amplas do conhecimento que procuram estabelecer uma coerência entre os diversos componentes curriculares e as práticas sociais e buscam promover o desenvolvimento das estruturas cognitivas e das dimensões afetiva, social e motora dos estudantes dos diferentes anos dos ciclos (CADERNO CURRICULAR TEMÁTICO, 2021, p. 63).

Temos, assim, um documento produzido pelos profissionais do município, sobre a experiência na Educação Integral, que é o Caderno Curricular Temático Educação Integral, com dois volumes. O primeiro traz uma discussão conceitual com foco no percurso histórico e na construção da Educação Integral, traz assim marcos legais e características do projeto no município de Campinas. Já o segundo volume é um encontro de pisadas pelos trilhos da narrativa, com a participação de profissionais que compõem a Educação Integral na cidade. Nesse volume, são disponibilizadas narrativas escritas por docentes e equipes gestoras, de forma individual ou coletiva, contando sobre experiências de Educação Integral vividas nas diferentes escolas e com diferentes projetos. As narrativas dão “visibilidade às práticas cotidianas dos profissionais que estão construindo a proposta” (CADERNO TEMÁTICO EDUCAÇÃO INTEGRAL, v. 2, 2021, p. 15).

As narrativas tratam das experiências de professoras de diferentes escolas do município e, aqui, destacamos que as quatro professoras participantes de nossa pesquisa são narradoras também nesse volume do Caderno Temático. As professoras participaram dessa pesquisa narrativa contando sobre si, como apresentado nessas linhas e, a partir da transcrição e textualização das entrevistas, foi elaborada uma tematização, compartilhada no capítulo “Campo: plantar, cultivar e colher” e também, coletiva ou individualmente, revelavam suas experiências e seu trabalho pedagógico por meio de narrativas, no volume 2 do Caderno Temático. Das quatro professoras participantes de nossa pesquisa, três contam sobre a “Escola da Esquina”, sobre suas práticas. Seja a professora “F”, quando narra sobre literatura, sobre textos literários e sua importância para a formação de sujeitos críticos; seja a professora “R”, quando conta sobre a arte e o projeto de identidade e memória com teatro, dança, música e artes visuais; ou seja, ainda, a professora “L”, quando, com a linguagem corporal e a ginástica, conta como o corpo está presente numa escola de Educação Integral.

A professora “A”, que no período atual não está mais na “Escola da

Esquina”, apresenta uma narrativa focada no descobrir e escrever coletivamente sobre Educação Integral, como nasce uma escola de Educação Integral e como se nasce como profissional numa escola de Educação Integral.

Em relação ao projeto de Educação Integral desenvolvido no município e o que acontece dentro dos portões das escolas, reconhecemos a escola enquanto unidade, espaço de reflexão. Escola é a possibilidade de pensar cotidiano e quais pisadeiros são necessários naquele caminho advindo das políticas de nível macro e mesmo daquelas do município (meso). Então, a escola é um lugar, um lugar produtor de um tipo de Educação Integral que tem vivências e experiências circulantes próprias, singulares, produzidas em um dado território e, portanto, uma escola com suas especificidades.

Acreditamos que “[...] não é apenas o professor que deve ser reflexivo – é a escola que precisa ser reflexiva” (FREITAS, 2005, p. 929). A escola é uma unidade e seu Projeto Político Pedagógico (PPP)<sup>59</sup> revela esse poder reflexivo acerca de seu território, de seu trabalho pedagógico, seus projetos, suas necessidades e objetivos:

Eis onde reside a disputa. Tudo a favor do aumento do acesso ao conhecimento (ainda que não só isso) das camadas populares, mas nada a favor da concepção de sociedade, escola e de formação humana que orienta este esforço dos reformadores. Suas concepções reforçam a dinâmica social existente, sabidamente insuficiente, e impõem uma padronização do ensino. Por isso evitam discutir estas concepções e procuram caracterizar a educação como um grande esforço nacional e suprapartidário – sem ideologia (FREITAS, 2014, p. 1091).

Aqui, compreendemos a escola também como sendo espaço sociocultural, que tem sua função social, convivendo dentro dela diferentes visões de mundo e de projetos de sociedade. As questões macroestruturais precisam dialogar com a organização e a gestão do trabalho educativo, bem como com os processos de formação dos docentes, remetendo assim às várias dimensões relativas à qualidade em educação e às suas “múltiplas dimensões, extra e intraescolares” (DOURADO; OLIVEIRA, 2009, p. 205).

Frente ao nosso objetivo de pesquisa de compreender as concepções circulantes acerca da Educação Integral, numa escola de ensino fundamental da

---

<sup>59</sup> Utilizamos o Projeto Político Pedagógico do ano de 2019 e, como temos um acordo, junto à escola, de não identificação, o PPP não estará nas referências bibliográficas da tese.

rede municipal da cidade de Campinas, buscamos conhecer a escola-campo e como se concebe naquela esquina a Educação Integral.

Nesse encontro de narrativas, sobre Educação Integral, com as professoras vamos caminhando para encontrar o “Campo: plantar, cultivar e colher”, mas, antes da colheita realizada a partir do que é dito nas entrevistas narrativas e através dos desenhos das crianças cartógrafas, observamos o PPP da “Escola da Esquina”. Estudamos como as concepções de Educação Integral emergem e sustentam o PPP, assim como uma raiz sustenta e sai para fora da terra, a Educação Integral no projeto pedagógico da “Escola da Esquina” nos faz perceber passadas bem marcadas, trazendo para este trabalho/tese o micro, compreendendo a Educação Integral como construção cotidiana, entre o documentado e o não-documentado (ROCKWELL; EZPELETA, 2007). Portanto, aqui, estamos a conhecer, a partir do PPP, a Educação Integral que está registrada no documento da unidade escolar e, posteriormente, a Educação Integral que está na grande plantação com as concepções circulantes expressas pelas professoras da “Escola da Esquina”, com o que observamos e experienciamos nas visitas junto aos protagonistas deste lugar, entre os quais as crianças, que expressaram sua maneira de ver a escola e a Educação Integral nessa escola, nesse bairro, nessa esquina desenhando e colorindo de amarelo, cor de canário da terra.

No Projeto Político Pedagógico, ficam explícitos os objetivos da Educação Integral:

Promover um ensino fundamental de excelência, sistematizando os conhecimentos acumulados pela humanidade e subsidiando a formação humana integral do estudante; conjugar a ampliação do tempo com a intensidade das ações educativas. Um tempo que deve proporcionar aos alunos aprofundar conhecimentos, vivenciar novas experiências, esclarecer dúvidas, desenvolver atividades artísticas e esportivas, enriquecendo seu universo de referências; proporcionar uma formação humana integral, sólida e ampla que supere a formação escolar vigente; e oferecer à comunidade escolar estrutura adequada e possibilidade concreta de formação constante, de produção do trabalho educativo de forma integrada e coletiva. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019)<sup>60</sup>.

O PPP, no que tange ao conceito de Educação Integral, tem no seu plano de ação o coletivizar. Afirma, como princípio básico da proposta, o trabalho coletivo,

---

<sup>60</sup> A fonte consultada, nesta citação, não é paginada.

buscando formar um sujeito que constrói o conhecimento na interação com o outro e que esse trabalho é coletivo:

[...] sendo desenvolvido em grupos (duplas, trios e outros), de maneira que não haja colunas, os alunos desta U.E. dispõem-se em grupos produtivos, de maneira a atingir suas necessidades, além de favorecer a coletividade entre pares, que acreditamos ser o maior ganho da transformação da escola de EMEF para E.E.I (Projeto Político Pedagógico, 2019)<sup>61</sup>.

O PPP preconiza que uma escola de Educação Integral deva ter um projeto que contemple especificidades, tendo, assim, uma matriz curricular adequada, e define como eixos e componentes curriculares: Linguagem e cultura; Natureza e sociedade. O próprio PPP traz a importância dos eixos de trabalho e qual o objetivo:

[...] orientar o planejamento do trabalho pedagógico considerando tanto o desenvolvimento dos conteúdos dos componentes curriculares como o aprofundamento de temáticas consideradas significativas para a consolidação das aprendizagens nas diversas áreas de conhecimento em que a prática social é ponto de partida e chegada. A metodologia dos eixos de trabalho será a de projetos temáticos interdisciplinares articulados às Diretrizes Curriculares Nacionais e as da RMEC. Destaca-se a importância do trabalho coletivo nessa forma de organização curricular e construção do projeto pedagógico numa perspectiva interdisciplinar, compreendendo e assumindo esta prática como forma de organização administrativa e pedagógica (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019)<sup>62</sup>.

Destaca-se ainda, na análise do PPP, o trabalho por projetos, demonstrando que, sendo uma escola de Educação Integral, colabora para o desenvolvimento de projetos, tendo mais tempo para desenvolver as atividades. Sugere-se, conforme exposto no PPP, que seja amplamente divulgado, para a comunidade escolar, os resultados dos projetos realizados, “(...) bem como a continuidade dos trabalhos com projetos, principalmente aos que tange a prática da leitura, utilização de material concreto para o trabalho com matemática, além da continuidade do trabalho do projeto de literatura”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019)<sup>63</sup>.

Um projeto em destaque no Projeto Político Pedagógico e que também é

---

<sup>61</sup> Ibid.

<sup>62</sup> Ibid

<sup>63</sup> Ibid

contado pela professora “F” participante dessa pesquisa é o “Projeto: Saberes e sabores”:

A necessidade do projeto surgiu da observação da alimentação das crianças na escola. Se por um lado é possível perceber alunos que exageram na alimentação, comendo porções maiores do que sua necessidade diária, por outro lado, é notável que alguns alunos apresentam dificuldades em se alimentar e rejeitam uma variedade enorme de alimentos. A escola de Educação Integral é responsável pelas principais refeições do dia, torna-se fundamental que a criança tenha conhecimento da importância de alimentar-se bem, assim como, experimentar alimentos diversos (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019)<sup>64</sup>

Tal projeto objetiva que alunos com suas famílias pensem sobre os hábitos alimentares que adotam e o impacto que tais hábitos têm na saúde da criança e de toda família.

O Projeto Político Pedagógico, no que se refere à Educação Integral, detalha as ações de formação para os docentes e os tempos pedagógicos: Trabalho Docente de Formação (TDF), Trabalho Docente Entre Pares (TDEP) e Trabalho Docente Coletivo (TDC).

Há destaque para a necessidade de se ter professoras adjuntas no plano de demanda de recursos humanos, argumentando que uma unidade de Educação Integral necessita desse tipo de profissional para não haver problemas no atendimento aos alunos por questões de faltas e licenças.

Acreditamos que essa análise do PPP nos aproxima da “Escola da Esquina” no que temos de documentado, nos objetivos da escola e de como se autodefine enquanto unidade escolar. Também consideramos importante a leitura e a aproximação do Projeto Político Pedagógico conjuntamente com nosso compromisso de ouvir, apreender e debater, neste trabalho, elementos e ideias que circulam, entre os protagonistas, sobre o que é e como se vive e se faz Educação Integral nesse território situado.

No compromisso da viagem por esses caminhos, olhamos para o tipo de formação que é proposta para a Educação Integral. Alguns rastros mostram uma discussão sobre escola, prática pedagógica, avaliação da aprendizagem, formação de professores e professoras etc. Há rastros do que se entende e se busca entender

---

<sup>64</sup> Ibid

sobre formação e a complexidade desse conceito, multidimensional, com nuances, “regado” de acontecimentos, sentimentos, informações, conhecimentos teórico-práticos, visões de mundo, de homem, de mulher e de sociedade.

Desejamos, aqui nesta parada em terras estranhas, um dialogar sobre como é entendida a prática pedagógica em um contexto dialético, numa realidade de Educação Integral na escola-campo. As entrevistas narrativas ampliaram nosso olhar para Educação Integral e marcaram também um foco para olhar um território. As cartografias das crianças, juntamente com o contar das professoras, foram nossos instrumentos de orientação nessa viagem, por essas estradas. É o que partilhamos na chegada ao campo, observando a plantação.

Olhando nesse momento para a jornada percorrida até aqui, apesar de algumas marcações, precisamos reforçar, marcar e contornar ainda mais, buscando uma compreensão e atualização do que foi orientado pelo Ministério da Educação, sobre as mudanças constantes que o próprio município fez e faz e, ainda, sobre o traçado fundante referente ao Projeto Político Pedagógico da “Escola da Esquina”, que nos traz pistas partilhadas pelas professoras e crianças de como a Educação Integral na “Escola da Esquina” acontece durante o processo de pesquisa. Esse olhar para o tema traz a valiosa contribuição das perspectivas apresentadas por quatro professoras que se dispuseram a participar da pesquisa, abrindo suas salas de aula, pelo menos uma vez por semana, para a pesquisadora estar com elas e seus alunos e alunas, aprendendo sobre como se faz e se vive Educação Integral na “Escola da Esquina”.

Tentamos, assim, compreender como concepções acerca de Educação Integral circulam nas práticas desenvolvidas e como são vividas também pelas crianças. As crianças nos dão pistas de como experenciam a Educação Integral através de seus comentários em aula, de suas brincadeiras, de suas participações no correr da vida dentro da escola. Destacamos a produção de cartografias pelas crianças do trajeto da casa até a escola e, por fim, do lugar que mais gostam de estar quando estão na “Escola da Esquina”.

Através dos documentos do município, do PPP, das entrevistas narrativas com as professoras, das conversas nos diferentes espaços da escola, com docentes, com crianças, com demais profissionais atuantes nessa escola, das anotações da pesquisadora, que também viraram narrativas, dos bilhetes e também dos desenhos de nossos cartógrafos, foi possível encontrar pisadeiros naquela

esquina, que pouco a pouco possibilitaram construir uma compreensão sobre a educação escolar e a escolarização, a escola no contexto do município, a Educação Integral e a Educação Integral vivida e praticada na “Escola da Esquina”.

Acreditamos que a ideia de Educação Integral deva ser entendida também a partir da escola, da sua singularidade, ou seja, do como perpassa os encontros, os trabalhos desenvolvidos, as diferentes ações vividas no espaço escolar, por isso essa pesquisa busca conhecer melhor as relações estabelecidas a partir dos corredores, do pátio, do parque, da horta, da aula e, enfim, dos lugares onde se acham carregadores e pisadeiros quando se chega à escola. Apesar dos caminhos e das estradas já percorridas, é necessário criar trilhozinhos e encontrar as concepções que circulam, são achadas, perdidas, reencontradas nesse espaço singular chamado aqui de “Escola da Esquina”, convivendo com a possibilidade de observar e compreender como se faz na experiência a Educação Integral, como acontece na escola o fazer/viver pedagógico e a integralidade no tempo, espaço e educação.

Essas reflexões sobre Educação Integral possibilitaram pensar e buscar o contexto e as pistas, a fim de ir integrando cada dia mais a cartografia. Assim como a Educação Integral se dá na terra chamada escola e o que na “Escola da Esquina” as/os protagonistas/sujeitos, dizem/narram sobre a Educação Integral, os potes que são carregados por uma árvore (Figura 24).

Este estudo, que partiu de documentos oficiais e de levantamento do tema em banco de dados de pesquisas, chegou em um caminho rumo ao campo (Escola-campo) em que, a partir das entrevistas narrativas e das cartografias produzidas pelas crianças estudantes, pude me aproximar desse universo cultural singular e nele ser acolhida. A partir da acolhida, passei a me arriscar a ver, viver, compreender. Em meu diário de campo fiz registros, rabiscos, anotações sobre histórias de vida, que revelam quem são essas mulheres/professoras, que escola elas enxergam e constroem. Além das entrevistas, também tive a honra de “ler” desenhos, cartografias, bilhetes. A partir dessas estradas iniciais enveredei, pelos caminhos, pisadeiros e trilhos para pensar o tema Educação Integral e chegar logo ali adiante ao “Campo: plantar, cultivar e colher” para observar uma grande plantação, olhar as raízes e as experiências da esquina.

Aqui, saí das “Estradas, carregadores, caminhos, trilhos, pisadeiros” já com sandálias bem ajustadas aos pés e caminhando pela terra que escolhemos e que nos acolheu. Convido agora para irmos ao campo, para nos encontrarmos com o

que foi plantado, cultivado e colhido nesse percurso de pesquisa, observando como a tese foi crescendo quase como uma árvore (BARROS, 2010).

**Figura 24** – Árvore que carrega pote



Fonte: Acervo pessoal da autora

## MUNDO PEQUENO

XII

Bernardo é quase árvore.  
Silêncio dele é tão alto que os  
passarinhos ouvem de longe.

E vêm pousar em  
seu ombro. Seu  
olho renova as  
tardes.

Guarda num velho baú seus instrumentos  
de trabalho: 1 abridor de amanhecer  
1 prego que farfalha  
1 encolhedor  
de rios – e 1  
esticador de  
horizontes.

(Bernardo consegue esticar o horizonte  
usando três fios de teias de aranha.  
A coisa fica bem esticada.)

Bernardo desregula a natureza:  
Seu olho aumenta o poente.  
(Pode um homem enriquecer a natureza com a sua  
incompletude?)

(BARROS, 2010)<sup>65</sup>.

---

<sup>65</sup> BARROS, Manoel de. Mundo Pequeno XII. In:\_\_\_\_. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010. p.322.

## 5 CAMPO: PLANTAR, CULTIVAR E COLHER

Figura 25 – Capa página do Facebook da “Escola da Esquina”



Fonte: Imagem do Facebook da escola campo – “Escola da Esquina”

Nota: consulta em 27/12/2023

### UM PASSARINHO ME ENSINOU

Um passarinho me ensinou  
 Uma canção feliz  
 E quando  
 solitário estou  
 Mais triste do  
 que triste sou  
 Recordo o que ele  
 me ensinou  
 Uma canção que  
 diz:  
 Eu vivo a  
 vida  
 cantando  
 Hi, Lili, hi, Lili,  
 hi lo  
 Por isso sempre  
 contente estou  
 O que passou,  
 passou  
 O mundo  
 gira  
 depressa

E nessas  
 voltas eu vou  
 Cantando a canção tão  
 feliz que diz  
 Hi, Lili, hi, Lili, hi lo  
 Por isso é que sempre  
 contente estou  
 Hi, Lili, hi, Lili, hi lo

(Hi-Lili – na voz de Gal Costa)<sup>66</sup>

A “Escola da Esquina” é o campo de pesquisa por onde caminhamos; é uma terra desconhecida com brotos à vista; é a encruzilhada onde depus minha fé de pesquisa; é um ninho temporário que a menina do passarinho na cabeça adotou durante o doutoramento.

A “Escola da Esquina” foi fundada em 1980 e está localizada em Campinas, “Este bairro foi umas das principais ocupações ocorridas em Campinas no governo do então prefeito Francisco Amaral” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019<sup>67</sup>). Em 2015, tal escola começou a implementar o projeto piloto da rede municipal de Campinas como uma Escola de Educação Integral.

Há pássaros<sup>68</sup> que gostam de tomar banho em terras quentes, há pássaros que preferem regiões abertas, campos, pastos e principalmente plantações; aqui, o passarinho que está na cabeça da menina é o canário-da-terra, e ele voa nesse capítulo que nos apresenta o campo por diferentes perspectivas. As concepções circulantes de Educação Integral – a questão dos tempos-espacos – que aparece, nesse capítulo, nos convida a uma reflexão sobre a ampliação do tempo e da necessidade de reorganizar os espaços.

Esses programas não se propõem a apenas ampliar o tempo, mas a

<sup>66</sup> “Hi-Lili, Hi-Lo” é uma [canção popular](#) com música de [Bronislaw Kaper](#) e letras de [Helen Deutsch](#). Foi publicada em 1952 e teve destaque no filme *de 1953 Lili*, estrelado por [Leslie Caron](#). Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Hi-Lili,\\_Hi-Lo](https://en.wikipedia.org/wiki/Hi-Lili,_Hi-Lo). Acesso em: 27 fev. 2024. Gal Costa gravou uma versão em português, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JaKnY9PcfJs>. Acesso em: 27 fev. 2024.

<sup>67</sup> O Projeto Político Pedagógico foi lido e acessado em endereço eletrônico, sendo assim não temos páginas nas citações, pois o documento digital não contém paginação. Disponível em: <https://pplinesme.campinas.sp.gov.br/homologados>. Acesso em: 06 abr. 2024.

<sup>68</sup> “Como nos ensina o povo Guarani – Todo mundo deriva do pássaro. A alma da criança é como um passarinho que está aprendendo a voar. *PORAHÉI* significa canto. *MITÁ*, criança. *MBOVY’ AHA* significa a hora de ficar feliz” (Yvoty Medina) – Curso oferecido para as escolas em atendimento a Lei 11.645/2008 que torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.

reorganizar com radicalidade os tempos-espacos do viver a infância-adolescência, tornando-os mais próximos de um digno e justo viver ao menos na totalidade dos tempos-espacos escolares. Assumida essa radicalidade, seremos obrigados a repensar e reorganizar toda a lógica em que planejamos o tempo-espaco, desde a enturmação até a sequenciação dos conteúdos, das aprendizagens e das avaliações. Repensar radicalmente os rituais de reprovação-repetência, as rupturas de sequencias temporais, de desrespeito as especificidades de cada tempo mental, cultural, identitário, humano. Somos obrigados a articular os tempos-espacos no ordenamento curricular e os tempos-espacos do viver concreto, do indigno e mal-viver das infâncias-adolescências dos educandos (ARROYO, 2012, p. 43).

Apresentamos uma análise do trabalho pedagógico na “Escola da Esquina” tendo documentos do município, Projeto Político Pedagógico e olhares, seja de quatro mulheres de asas abertas, nossas aqui contadoras de suas histórias, professoras, semeadoras, “criadeiras”, seja pelos olhos de cartógrafos coloridos, que estão a esticar suas asas em sua meninice passarinha, seja pelos olhos dessa que por lá passarinhou, que apresenta aqui o que conseguiu ver do céu, por uma ótica de quem tem passarinho na cabeça, vontades voadoras e pesquisa no firmar da terra.

A “Escola da Esquina” é uma escola de Ensino Fundamental de Educação Integral do município de Campinas, que está localizada na região Sul, conforme a divisão por regiões feita pela Secretaria de Educação do município. A escola, até 2022, tinha um público de 137 alunas e alunos atendidos em tempo integral, oferecendo aulas do 1º ao 5º ano no horário das 07h20min às 15h00min:

(...) está localizada num bairro bastante antigo, numa área predominantemente residencial, contornada por pequenos comércios. A região possui uma praça esportiva de espaços públicos adequado, sendo este o mais frequentado pela população. As igrejas também possuem um papel social importante, sendo a pessoa do pastor uma liderança no bairro.

De acordo com pesquisas realizadas pela Unidade Escolar, pudemos observar que o bairro já foi constituído de uma comunidade mais carente e hoje se observa uma população com melhores recursos econômicos. Devido ser um bairro antigo, a escola já recebe os filhos de ex-alunos, que quando constituem sua família, ficam por um tempo com os pais até ter estabilidade econômica (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019<sup>69</sup>).

A pesquisa de campo desenvolvida nessa tese se fez de forma narrativa,

---

<sup>69</sup> A fonte consultada nesta citação não é paginada.

seja pela escrita que se apresenta nestas linhas; seja pelas narrativas artesanais feitas pela pesquisadora “Menina” no decorrer das visitas à “Escola da Esquina”; seja pelas narrativas das professoras que, confiando neste trabalho e nesta narradora, contaram sobre si, contaram suas histórias de vida, seus olhares para escola e para “Escola da Esquina”, e sobre o que pensam sobre Educação Integral; seja também pelos desenhos que trazem narrativas de crianças do terceiro ano da “Escola da Esquina”, que nos mostram caminhos em suas cartografias, mostram suas análises da escola e seus espaços. Buscamos, então, compreender a “Escola da Esquina” a partir da realidade vivenciada pelos estudantes e professoras sujeitos da pesquisa. As cartografias que foram desenhadas pelas crianças são partilhadas aqui como estratégia viável de aproximação do universo infantil dessas alunas e desses alunos, por meio de suas próprias elaborações e tiveram, “como inspiração, o fundamento metodológico (...) proposta por Ribeiro (2006)”, a cartografia da ação social:

A metodologia da Cartografia da Ação Social é compreendida como instrumento analítico dos movimentos da sociedade e do território, desenvolvido pela professora Ana Clara Torres Ribeiro e seu grupo de pesquisa, o Laboratório da Conjuntura Social, Tecnologia e Território (Lastro). Dessa forma, a Cartografia da Ação Social concebida por Ana Clara Torres Ribeiro inscreve-se na proposta teórica e metodológica de referência dialógica e dialética, que parte do princípio das trocas de olhares entre as produções científica e do princípio da produção social e dos conhecimentos produzidos pelos sujeitos em seus cotidianos praticados (DUARTE, 2019, p. 91)

A Cartografia, neste trabalho, é vista como uma “arte de conceber, de levantar, de redigir e de divulgar mapas” (SOUZA; KATUTA, 2001, p. 55). Sendo assim, desenhar o percurso percorrido da casa até a escola – representar esse caminho – foi uma produção artística feita pelos pequenos cartógrafos para compor este trabalho, para nos apresentar como percebem o contexto da vida cotidiana, como pensam seus passos, como utilizam seu chão, como enxergam o seu ir e vir no bairro e na cidade. Buscamos, assim, com os registros das crianças, aprender sobre suas vivências como crianças, como estudantes, como alunas e alunos da “Escola da Esquina”, uma escola de Educação Integral de Campinas.

O desenho da criança é tomado como uma ferramenta analítica para se pensar a Educação Integral e nos aproximar da compreensão de como identificam a escola. E é aqui um sustento da memória dos caminhos percorridos cotidianamente,

de sua ida de casa para escola e da escola para casa, das ruas, dos atalhos, dos estabelecimentos que encontram, da sorveteria, do barbeiro, da mercearia, e do que está mais perto ou mais longe de casa. Aqui, o desenho do cartógrafo/criança não é somente uma ilustração que tem como função “embelezar” o trabalho ou mesmo fazer de conta que ela participa da tessitura da tese, mas, sim, há a intenção de, a partir do desenho da criança cartógrafa, procurar ver a sua perspectiva em relação aos caminhos, ao que gosta e o que circula como Educação e escola Integral, mais especificamente na “Escola da Esquina”, que é território desses investigadores pequeninos:

Esta seria uma forma de representação da ação que poderia alimentar narrativas e que, em vez do território naturalizado, trataria, como orienta Milton Santos (1996, p. 18), de território usado. O território não é uma categoria de análise, a categoria de análise é o território usado. Ou seja, para que o território se torne uma categoria de análise dentro das ciências sociais e com vistas à produção de projetos, isto é, com vistas à política [...] deve-se tomá-lo como território usado (RIBEIRO *et al.*, 2001-2002, p. 23).

Não nos bastaria o que os mapas oficiais nos dão sobre a cidade, o bairro e os arredores da “Escola da Esquina”; a perspectiva oficial se faz importante, mas as perspectivas cartográficas do território usado pelas crianças, pisado pelas crianças e, então, vivido por elas no dia a dia, nos é fundante para, de alguma forma, nos colocar caminhantes nas raízes saltadas na terra que tem a “Escola da Esquina” instalada.

Cabe apontar que em relação às ações sociais, o território usado (SANTOS, 1999) constitui uma particular manifestação do agir, inscrita no cotidiano e no lugar. Exige a inclusão de todos os atores, e sua conceitualização está dirigida à reflexão do espaço banal. (SANTOS, 1996) O espaço banal é uma dimensão concreta e via de acesso à totalidade social (...) (RIBEIRO *et al.*, 2012, p. 25).

As crianças, nesta pesquisa, trazem seus traços e embelezam sim, com sua arte, o texto apresentado para responder ao objetivo e para identificar concepções circulantes sobre a Educação Integral; é uma arte que mapeia a forma como vêem seus caminhos cotidianos, como vivem, e como enxergam seu lugar, seu local social. E as raízes saltam, para além de falarem, por meio dos desenhos, sobre seus caminhos e seus espaços favoritos na escola, contam sobre si, contam

sobre o que vivem em casa, contam sobre suas famílias, suas férias, seu viver, seu sujeito em formação. Os desenhos são uma linguagem acessível aos cartógrafos pequeninos, que trazem a representação da realidade vivida por eles nesse momento histórico escolar de suas vidas.

O “homem lento” é outro conceito utilizado de Milton Santos no artigo “Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro: compreendendo contextos, abordagens, conceitos e proposta metodológica da Cartografia da Ação Social”. O “homem lento” seria aquele que conhece os lugares e o conhecer é o caminhar pelos lugares, reconhecendo seu território, percebendo que seu mundo – seu país, sua cidade – está inicialmente naquele micro, no seu dia a dia, naquele ir e vir do dia após dia. Sendo assim, a criança que aqui desenha e nos dá mapas, nos mostra os caminhos de uma pessoa em tenra idade, que conhece seu lugar e, de alguma forma, nos apresenta perspectivas outras para além e em diálogo de concordância ou discordância com a perspectiva oficial. Aqui os cartógrafos pequeninos nos mostram em seus traços as concepções que circulam sobre o que é a Educação Integral que acontece naquela “Escola da Esquina”.

A seguir, o que apresentamos são os mapas e as realidades representadas pela lupa de cada criança, pelo seu olhar como cartógrafo que nos apresenta seu caminhar diário. Convido vocês a passearem pelo “território usado”, observando as cartografias de acordo com Milton Santos como um “*homem lento*”, que percebe, olha e se demora na “Escola da Esquina” e nas demais esquinas que compõem esse lugar. Aqui também me coloco como o “*homem lento*” que, em diálogo com as cartografias, espera observar e aprender um pouco mais sobre as concepções circulantes de Educação Integral ofertadas pelos pequenos cartógrafos.

## 5.1 CARTOGRAFIAS

**ESTRADA DE TERRA, NA MINHA TERRA**

Na minha terra  
Há uma estrada  
tão larga Que vai de  
uma berma à outra

Feita tão de terra  
Que parece que não foi construída.  
Simplesmente, descoberta.

Estrada  
tão  
comprida  
Que um  
homem  
Pode caminhar sozinho nela.

É uma estrada  
Por onde não se vai nem se volta.

Uma estrada  
Feita apenas para desaparecermos.

(MIA COUTO, 2016<sup>70</sup>)

As cartografias feitas pelas crianças foram realizadas com pequenos grupos, de três a quatro crianças, para cada momento de registro. Levaram poucos dias para serem elaboradas e, enquanto a professora “A” trabalhava em sala, eu, com essas crianças, ia para as mesinhas próximas ao pátio ou mesmo mesas do refeitório, para ali convidá-las para o registro. O convite era para criarem um desenho representando o seu caminho de casa até a escola e, prontamente, as crianças foram, com lápis de cor e giz de cera, fazendo seus traços. Os desenhos foram uma opção de registro para que os sujeitos, que constroem essa pesquisa conjuntamente com a pesquisadora, expressassem artisticamente seu caminhar e nos fizessem vislumbrar como caminham pela sua terra (bairro, escola), como se veem como caminhanes. Essa escolha também se deu por percebermos que as crianças desse terceiro ano vivenciavam fortemente, com a professora “A”, a compreensão dos pontos de referência geográfica e também realizavam isso com a professora de Artes; assim, desenhar era uma ação muito prazerosa para maioria do

---

<sup>70</sup> COUTO, Mia. Estrada de terra, na minha terra. In: Poemas escolhidos – 1ª ed. – São Paulo: Companhia da Letras, 2016.

grupo e poderia nos informar<sup>71</sup> a respeito de como leem seus caminhos e de como enxergam sua escola.

Participaram da produção cartográfica 21 crianças estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental da “Escola da Esquina”, um grupo advindo da turma da professora “A”. Conto a vocês meu encontro com esses passarinhos, pessoas de passarinho na cabeça como a pesquisadora, canários. O canário-da-terra, também é conhecido como Canarinho, canário-da-horta, canário-da-telha em Santa Catarina, canário-do-campo, chapinha em Minas Gerais, canário-do-chão na Bahia, canário-do-reino no Ceará, coroinha, cabeça-de-fogo e canarinho. Então, aqui temos 21 canários, 21 passarinhos da terra, 21 cartógrafos que compartilharam conosco seu voo em desenhos. Nosso encontro, da passarinhada, conto na narrativa das fagulhas que aqui nada destruíram, mas sim geraram encontro, de pesquisadora com pesquisadores, atravessados pela pesquisa que em nós produziu faíscas.

### **FAGULHAS**

*Saudades de meter-me em tudo, medo de me fagulhar.*

*Hoje, retorno à Escola da Esquina. Aquela à que resolvi me aproximar já faz um ano, que quis, mesmo com tamanha distância, porque queria ver o antes não visto. Queria andar em um lugar novo, queria ser tomada por uma fagulha formativa que aquele lugar poderia me proporcionar, queria experimentar um gosto desconhecido.*

*Não vou contar do distanciamento que me aconteceu, como quando saltamos para trás, frente a uma fagulha saltante da fogueira que nos aquece. Contarei de meu primeiro dia frente àquela turma de desejantes curiosos.*

*Hoje, me levantei carregada de “se eu for e...”, “se eu não for e...” com um tênis bem acomodado nos pés nervosos fui à Escola da Esquina, entrei pelo portão em que se entra tudo, carros, visitas, pais, funcionários, folhas de árvores e pesquisadora curiosa.*

*Adentrando pelo pátio que se colore com os bambolês pendurados pelo alambrado, bambolês entortados, que parecem rodopiar mesmo bem presos, avisto a coordenadora pedagógica, essa que muito me ajudou, muito me olha com olhos perguntantes de que pesquisa é essa que até agora não chamou ninguém para uma entrevista, nem um papel sequer está na mão dessa menina, um preenchimento qualquer, mas tais questões não são verbalizadas e, confortavelmente, me vejo sem ter que responder, pois não fui perguntada.*

---

<sup>71</sup> Aprendi, nessa tese com Ana Maria de Campos, minha orientadora que em uma pesquisa acadêmica, quase sempre, temos um olhar “informado” ao analisar os contextos, os documentos, as diversas formas de acesso à realidade. Esse olhar informado se manifesta pelas nossas opções, sejam elas metodológicas, teóricas, políticas, subjetivas. Nesse sentido, podemos dizer que aqui tratamos de uma parte de uma dada realidade, com o auxílio do olhar, também situado, de cada interlocutor, sujeito da pesquisa. Não temos condição de abarcar o “todo” de dada realidade, visto ser ela multifacetada, plural.

*Na primeira sala, à esquerda, bato naquela porta desconhecida, sem ao menos uma fechadura, uma fresta, um lugar que meus olhos possam ver o que me espera, abri a porta.*

*Olhos e mais olhos me olham, professora “A” está lá, espremida na janela, coberta de crianças que perguntam se está certa a atividade, se é assim mesmo, se posso começar outra página, como está o desenho; ela me vê depois de um tempo que estou ali com os bracinhos para trás, parada no mesmo lugar a esperar a professora.*

*O corpo se coloca como se a pequena Juliana fosse adentrar a fila em ordem de tamanho, em sua bermuda azul marinho. Me sinto ali não como colega de profissão, nem mesmo a roupa de pesquisadora me veste, é uma sensação de aluna com bermuda azul, há um gosto de sala de aula com atividade colorida no caderno e olhos de professora que escolhe te ver.*

*Enfim ela me vê, sacode a mão, não me lembro bem qual, se a esquerda ou direita, mas sacode me chamando para mais perto e eu, com os braços atrás, nas costas, ando ao seu encontro, um cumprimento aquecido de alguém que está à minha espera faz um tempo, desde quando aceitou fazer parte de uma pesquisa que não está produzindo papel. Ao mesmo tempo que me cumprimenta, as bolinhas de sabão vêm de uma vez, são perguntas sem fim, bolinhas de sabão que me atravessam e nem sei por onde começar a responder os desejantes; me acalmo quando a professora diz: “ela responderá tudo na entrevista”.*

*Me acalmo por segundos, depois penso: “Que entrevista meu Deus?”. Não me lembro de ter combinado entrevista com ninguém; trazem uma carteira e me colocam sentada de frente para sala; um outro desejante corre até o armário e vem com uma caixa que tem uma filmadora; outra diz: “Eu farei as perguntas, pois da última vez foi...”, não consigo ouvir o final da fala porque estou procurando onde coloco minha bolsa, estou bem acomodada na cadeira que colocaram para mim, mas e a entrevista?*

*Alguém faz comigo um girar, girar e depois ter que caminhar por linha reta, eles vão me entrevistar e eu pesquisadora estou ali ainda com o sentimento da Juliana de bermuda azul marinho, mas tendo que enfrentar uma onda de crianças me espremendo contra a lousa; a professora tenta organizar os desejantes e as perguntantes. Eu tento me organizar para parecer confortável e vejo que estou presa naquela carteira, não conseguiria sair, mesmo que quisesse; eles começam a perguntar e aquela menina que dessa vez fará a entrevista porquê da última vez....*

*Se põe a brigar e falar para que todos parem, ela perguntará e depois abrirá para outras perguntas dos colegas:*

*Qual o seu nome?*

*Juliana. Meio nervosa ainda pela situação e uma câmera na minha cara.*

*Digo: “O nome completo?”*

*Todos meio que decepcionados sacodem a cabeça dizendo que sim; acho que ali tem que se falar o nome completo, parece uma norma, então digo:*

*Juliana Gomes Santos da Costa.*

*Você é professora?*

*Sim.*

*Você é professora ou ajudante de professora?*

*Sou professora igual a professora “A”.*

*Vai dar aula?*

*Não.*

*A professora diz para pararem de conversar e ouvirem com atenção a entrevistada.*

*Tem quantos anos?*

*Farei aniversário no próximo mês, na primavera, 34 anos.*

*São objetivos, jornalistas que logo me dizem:*

*Então tem 33 anos.*

*Não veem muita importância que o aniversário é mês que vem e que nasci na primavera, acho que só eu mesma acho isso um máximo. Continuam...*

*Veio fazer o que aqui?*

*Respondo que vim fazer uma pesquisa e eles se acalmam. Exclamação:*

*Ela é pesquisadora igual a gente!*

*Como assim como a gente?*

*Apesar de que agora já estou achando eles bem melhores do que eu, sinto frio na barriga em entrar em sala estranha, me sinto perguntada pela orientadora que não disse nada, não seria tão boa quanto os desejantes, que pegaram a entrevistada, sentaram ela, espremeram-na contra a lousa e foram bombardeando perguntas. Já estou achando que essa turma sim faz pesquisa, eu estou aprendendo.*

*Nesse momento “escuto mentalmente” a orientação que recebi para voltar à “Escola da Esquina”:*

*“Vá lá disposta a aprender, você vai olhar e viver tudo para aprender”.*

*Meus ombros relaxaram agora, porque estou ali para aprender e posso sentir medo dessas carinhas desconhecidas e ter sorrisos nervosos frente aos colegas pesquisadores. Ainda fazem perguntas sobre como é a minha pesquisa.*

*O que você pesquisa?*

*Pesquise escola.*

*Como assim? Nós pesquisamos insetos e você?*

*Pesquise como funciona a escola, as pessoas da escola, como acontecem as atividades, o que fazem na escola, o que as professoras fazem, vim aqui aprender como essa escola acontece.*

*Mas ficará aqui quanto tempo? Até o final do ano?*

*E pode substituir a professora quando ela faltar?*

*A professora “A” já diz que não, que não sou professora substituta e sim pesquisadora como eles.*

*Mas você vai escrever um livro como a gente?*

*Vou sim, no final do trabalho vou escrever tipo um livro.*

*Vai no passeio na terça-feira para a orquestra sinfônica?*

*Não, porque venho de quinta e sexta-feira.*

*Professora “A” pergunta se há mais perguntas, eles dizem que não, me deixam respirar um pouco e vejo que, enquanto um colega guarda a câmera, o outro continua com a câmera do celular e uma luz na minha cara; buscam materiais das pesquisas realizadas; com muito orgulho a primeira é a produção do livro sobre insetos, com fotografias que tiraram, tem nesse momento pelo menos dez crianças a minha volta, dedinhos indicadores mais nervosos que meus pés e mostram e dizem sobre o inseto que pesquisaram, quanto tempo eles têm de vida, o que comem, suas cores e histórias que aconteceram enquanto realizavam a pesquisa.*

*Vejo o livro todo, depois vem outro sobre os pontos turísticos de Campinas, tem mapa, caminho, como chegar ao ponto, sua história.... Gritam para professora, que, a essa altura, me largou e está pela sala falando das atividades com os outros alunos desejanter, mas mais preocupados em terminar o desenho de*

*Geografia do que em saber da novidade. Gritam:*

*Professora vamos mostrar a caixa da natureza e nosso teatro de sombras?*

*A professora pede que me deixem um pouco.*

*Ela está cansada, vocês precisam deixar ela um pouco, depois mostramos, ela vai ver, fiquem tranquilos, eles se sentam, outros caminham pela mesa dos colegas e eu...*

*Ufa! Sobrevivi a tudo, nem sei como devia ter me comportado nessa abordagem, faz tempo que não sou pega de surpresa assim, logo eu que quero controlar cada passo que dou, me vi com os pezinhos bem paradinhos e com boca respondendo tudo que precisava para entrar nessa turma. Turma dos cismados.*

*Levanto-me, a professora “A” está numa turma de cismados, curiosos e jornalistas, pesquisadores, geógrafos, matemáticos etc., ela anda como se estivesse rodeada de crianças e eu enxergo colegas de área. Depois de todo esse movimento, ela me tira daquela carteira e começamos uma conversa, melhor, uma tentativa de conversa, interrompida a cada cinco segundos por algum desejante. Ela fala comigo tudo picotado, conversas picotadas serão normais daqui para frente, mas ela me explica que essa abordagem dos alunos é normal, são curiosos assim mesmo e que ela deixa, ela mesmo reconhece que não daria para ser de outro jeito. Me diz que essa é a pior turma da escola, a sala lhe foi atribuída e todas as docentes pensavam que ela reclamaria, mas ela queria essa turma mesmo.*

*“Ponto de referência”. Essa é a atividade que as crianças estão realizando nessa manhã, tem uns desenhos maravilhosos de igreja, sorveteria, posto de saúde, escola, aí entendo o que a professora tinha acabado de falar comigo. Ela optou por trabalhar de outra forma com essa turma, tudo contextualizado, usando sempre, de princípio, a realidade deles, os espaços que frequentam, primeiro é contextualizar como é a vida vivida por eles. Então, os desenhos são lugares que eles conhecem e frequentam no bairro e sabem que as pessoas sempre falam desses lugares para se localizarem ou ajudarem alguém a se localizar...*

### ***Jujuba Açucarada entrevistada, entre a alegria curiosa e a vergonha de estar entre pesquisadores (29/08/2019).***

São crianças que me receberam com todo afeto, são maiores do que o tamanho de um canário<sup>72</sup>, mas de cores intensas, assim como o amarelo das penas desse passarinho; também, como os filhotes, com penas cantam cedo. Nossos 21 cartógrafos, em sua maioria entrou no primeiro ano nessa escola e lá permaneceu, estão em tempo integral e são de famílias trabalhadoras; alguns moram ali por perto da “Escola da Esquina”, já outros caminham mais, precisam registrar caminhos mais esticados em suas cartografias.

Nossas conversas, nossos encontros nesses pequenos grupos, foram virando anotações no diário de campo da pesquisadora, foram virando bilhetinhos e também narrativas elaboradas pela pesquisadora, quando se sentiu atravessada

---

<sup>72</sup> Tamanho aproximado: 13,5 centímetros. Peso médio: 20 gramas.

pelo vivido. Aqui, trago uma narrativa afetuosa que conta sobre esse encontro e depois cada desenho de cada caminho com bilhetinhos (anotações das falas das crianças, diálogos entre elas, diálogos entre pesquisadora e crianças, leituras que a pesquisadora fez a partir do momento vivido no fazer a cartografia ou depois na observação das cartografias etc.).

### **UM DIA DE CARTOGRAFIAS**

*Dez da manhã e estou aqui adentrando a “Escola da Esquina”. Hoje vim já no caminho pensando na cartografia que quero fazer com o terceiro ano, já confirmei por mensagem com a professora se podia e ela sempre, tão querida, disse que posso sim e que acha bem legal essa atividade.*

*Sempre que apareço na porta do terceiro ano, eles se levantam e vêm numa correria só me dar um abraço coletivo; fico às vezes desconfortável porque eles interrompem tudo que estão fazendo e penso que atrapalho a aula, mas “A” nem liga, todos retornam para sua cadeira e dou aquele abraço em “A”, pergunto como ela está e como a turma está, geralmente tenho a resposta que estão todos bem e ela, hoje, me mostra as avaliações que fizeram; tem vários montinhos de provas, um montinho de história, outro de matemática. Ela gosta sempre de pegar alguma prova que está muito boa e me mostrar; também pergunta o que acho da elaboração que ela fez, parece que quer dividir comigo as conquistas deles, mas também parece querer sair daquela solidão de ser professora. Quando sentimos que estamos só, escola é cheia de gente, tem professoras como nós e, mesmo assim, nos vemos num barco à deriva por várias vezes ou numa estrada em que não vemos ninguém, nem a frente, nem nos virando para trás.*

*Ela quer saber se gostei da elaboração da prova; sempre leio e acho maravilhosa. Ela tem um tempo de carreira e fico admirando seu trabalho, sua batalha, uma luta cotidiana mesmo; fico pensando como ela quer que eu dê alguma opinião, ela é tão professora, mas tão professora, que fico ali querendo aprender, mas esse negócio de ser vista como pesquisadora muitas vezes faz com que sejamos colocadas num lugar de supervisora do trabalho docente, sabe?!*

*Outra coisa que “A”, nesses encontros, foi dividindo comigo, como quem divide o remo para que o barco avance, foram as angústias da relação professora- gestão. Sempre que chego, além do abraço coletivo e de ela me mostrar o que fizeram nos dias que não visitei, ela me conta algo da gestão; percebo que a relação é sempre de medo, de cobrança, mas sem muita parceria; deve ser difícil ficar sozinha com o remo, os braços cansam, o corpo dói, não há com quem conversar e o coração deve se angustiar em pensar que o barco pode virar e você estará sozinha.*

*Mas, voltemos à atividade de cartografia que veio junto comigo pelo longo caminho até a “Escola da Esquina”. Já tinha mandado mensagem para “A” e ela tinha dito que tudo bem ter as crianças comigo fazendo a cartografia; então, logo pergunto quem posso levar comigo para realizar a cartografia. “A” me diz que posso levar “L.A” que já terminou a atividade, também posso levar “V.T” porque ele não termina nada mesmo e “D.L” que, no caso, é conhecido como um aluno com alguma deficiência ainda não descoberta; há professoras que dizem que “D.L” é hiperativo, outras acham que ele é autista; a verdade é que entre palpites do que ele tem, “D.L”*

acaba por não realizar as atividades comuns aos colegas; tem tratamento por vezes de proteção, por vezes de dispensá-lo e por vezes de descrédito... Vamos nós, “L.A”, “V.T”, “D.L” e eu para uma parte do pátio que tem umas mesinhas com cadeiras, uma área aberta em que podemos conversar e as crianças podem desenhar. Enquanto oriento que devem desenhar onde moram e o caminho até a escola, engato uma conversa com “L.A”, sempre muito falante, boa aluna, participativa... Ela me diz que não sabe se desenha a casa da mãe ou da tia. E pergunto:

- Mas, afinal “L.A”, você, quando vem para escola, vem de qual casa?
- Da minha mãe, ela responde..., mas quando saio da escola vou para casada minha tia e fico lá trabalhando até minha mãe passar e me pegar...
- Trabalhando?
- Sim, eu trabalho Juliana. Eu dobro caixas, minha tia monta caixas para lojas.

Eu não entendo bem, mas “L.A” me explica que são caixas como se fossem de presente. Ela, a tia e primos fazem isso todas as tardes depois da escola; ela estuda das 7h40 às 15 horas e, quando sai, leva uns trinta minutos para chegar na casa da tia; então, das 16 horas até às 20 horas, que é quando a mãe a pega, ela trabalha e está bem feliz porque com o dinheiro que guarda comprará um tênis. Todos estão a desenhar e “L.A” me contando tudo isso, então escuto “D.L” dizendo “Criança não trabalha” e “L.A” responde ao colega: “Trabalha sim e ganha dinheiro”.

Eu calada ainda espantada com tudo que ouvi de “L.A”, seu desejo de comprar o tênis, vários primos que ficam à tarde trabalhando e ela me diz, quando perguntada se ela se cansa: “Não, nem dói o braço”. “L.A” acredita que o cansaço é quando algo no seu corpo dói.

Depois disso pergunto o que gostam de fazer em casa; “V.T”, “L.A” e “D.L”, apesar de tão diferentes entre si, respondem em coro: - “Jogar videogame”, então digo: Além do videogame o que mais fazem? “D.L”, que mora num apartamento, diz que o videogame é o que ele joga e que o apartamento é pequeno, então, nesse espaço, não dá para fazer muita coisa...

Conversa interrompida quando vão perguntando um ao outro sobre os pontos de referência, aprenderam isso com a professora de Arte e um pergunta ao outro sobre os comércios e lugares que servem de ponto de referência.

“V.T” está bem calado desenhando a quadra, seu lugar favorito na escola, porque gosta muito de jogar futebol e “D.L” está a desenhar os computadores, já que seu lugar favorito na escola é a sala de informática porque ele fica jogando.

Além de desenharem seus caminhos, peço que desenhem o que mais gostam na escola e eles começam a dar destaque aos espaços que a “Escola da Esquina” dispõe. Os três me entregam os desenhos e com seus estojos voltam aos saltos e correria para sala de aula. Eu fico com os desenhos e a cabeça cheia de coisas dentro, uma conversa curta, só com três crianças já me trouxe tanta pergunta, tanto sentimento.

Hoje ficarei o dia todo, então as crianças terão aula de Educação Física com a professora “L” e estão todas organizadas porque haverá uma apresentação na mostra da escola para os pais e comunidade. Vão apresentar uma performance com bambolês, fita e bolas (ginástica artística).

Estou sentada no “bancão”, as crianças em trios ou quartetos ensaiando, professora “L” vendo tudo; ela tem olhos pelo corpo inteiro, vê e escuta tudo e nessa semana vemos pais entrando e saindo o tempo todo; está acontecendo o processo de matrículas, com isso até eu no bancão sou afetada; a secretária vem correndo,

*me olha e grita: Você! Você mesma!*

*Eu espantada, olho e recebo as instruções de uma maneira pouco pedagógica: Vá até o portão do estacionamento e fale para o guarda abrir o portão do parque para as crianças entrarem...*

*Foi tão áspero e tão rápido que levou um tempo para eu me levantar e fazer ofavor que foi ordenado. Chamo o guarda que é sempre tão querido e ele vai ao portão do parque abrir para as crianças que foram passear. Nem quero mais ficar observando a aula de Educação Física, o ensaio em questão, medo de outro grito daqueles.*

*Caminhando pelo corredor vejo que “A” está em sua sala de aula sozinha arrumando cadernos de recado; entro na sala e pergunto se está tudo bem, ela me diz:*

*- Ontem chorei, eu chorei, chorei, chorei. Faço de tudo com essa turma que ninguém gosta, tiraram deles passeio e acham que não estou trabalhando bem com eles, acham que eles não escrevem bem, e que não leem bem, mas você viu as provas, eles são bons.*

*Eu só consigo acenar com a cabeça dizendo que sim.*

*Estou cansada. Eles pesquisam, são ativos, mas muito inteligentes, ninguém reconhece.*

*Ela segue falando e eu calada, ela mesma termina dizendo que pedirá a remoção e que só sente muito por deixar essa turma.*

*Eu só consigo dizer que pelo menos essa turma a conheceu e viveu uma experiência bonita. A turma vai retornando para a sala e nossa conversa acaba. Hoje o 3º ano trocou o horário de almoço com o 5º ano que foi passear (aquela turma do portão que já contei). Vamos almoçar, mas ainda estou pensando que “A” chorou.*

*Após o almoço, na hora do descanso, estamos ouvindo música instrumental (piano) e “L.A” está dormindo muito; alguém vai chamá-la e ela está muito cansada; estamos sentadas próximas e ela explica que está tão cansada porque não está dormindo bem à noite, sua irmã de um mês chora muito e ela acorda.*

*Segunda aula de Educação Física, ficarão na sala de aula, precisam completar o caderno de Educação Física com as atividades pendentes, pois professora “L” irá pegar os cadernos em breve para ver um por um. As crianças estão recortando revistas com imagens e fotos de esportes, então vem “A.V” me mostrar a capa de uma revista e, olhando para mim, diz:*

*Você parece com ela. Ela é Marielle Franco<sup>73</sup>.*

*Professora “A” me diz:*

*As crianças estão com saudades do Parque. Me explica que o 3º ano está proibido de ir ao parque por tempo indeterminado, porque fazem bagunça. As crianças recortam as revistas enquanto conversamos. Com isso, nas duas últimas aulas irão assistir a um filme, ainda não foram proibidos de irem assistir filme... Filme do dia: Zootopia.*

<sup>73</sup> “Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, foi socióloga, ativista e política brasileira. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro para Legislatura 2017-2020, durante a eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação. Em março de 2018, foi assassinada a tiros junto de seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes. No dia 24 de março de 2024, os irmãos Domingos Brazão e Chiquinho Brazão, juntamente com o delegado Rivaldo Barbosa, foram presos, acusados de serem os mandantes do atentado contra Marielle Franco em março de 2018”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle\\_Franco](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marielle_Franco). Acesso em: 05 abr. 2024.

**Jujuba Açucarada em dia de cartografia (09/2019).**

**Figura 26 – Capa de revista - Marielle Franco<sup>74</sup>**



**Fonte:** Capa da Revista Veja, Edição 2574 – ano 51 – nº 12 (21/03/2018)

Essa turma de cartógrafos pequeninos é composta de crianças pesquisadoras, curiosas e desejantes, mas semelhantemente ao que acontece com os canários-da-terra, suas vozes vigorosas não trazem só admiração, pois, por conta da não compreensão do canto, podem ser aprisionadas em cativieiro como a avezinha amarelada. Então, as proibições estão aí para vermos que os desejantes têm uma ameaça de corte das asas. Frente ao conhecimento sobre os canários-da-terra com penas e os canários-da-terra sem penas, aqui, as cartografias vêm do céu de criatividade dessas crianças cartógrafas.

Passarinhos voantes por terras de larga extensão, podem ver ao longe o horizonte, mas aqui também podem ver de forma plana. Observem bem, leitoras e leitores, as cartografias que se apresentam.

<sup>74</sup> Marielle Franco é uma marca para todas as mulheres pretas que militam, que lutam, ela vem para essa tese por um canário-da-terra que me vê com traços parecidos à essa mulher que faz soar o grito: Marielle Presente, hoje e sempre. Dela somos sementes (sementes aqui nesse trabalho são saudadas e me sinto presenteada).

Aqui estão partilhadas uma por uma. Cada canário conta sobre o seu caminho para casa e para “Escola da Esquina”; cada um traça sua perspectiva do ir e vir da escola. Aqui tem ruas mais longas e outras mais curtas, largas e estreitas; por vezes passam por muitos lugares até encontrar a esquina onde estudam; por vezes é mais rápido e objetivo e logo adentram os portões daquele que pode ser refúgio e/ou gaiola.

Os bilhetes mostram o que contaram/cantaram enquanto desenhavam seu trajeto. Os bilhetes mostram o que essa menina do passarinho na cabeça, que pesquisa, viu e ouviu contar/cantar em seu ouvido quando olhava tais caminhos, o que ela leu, o que saltou aos olhos e o que ela procurou escondido no colorido feito pelos canários-da-terra.

Você leitora, leitor, como mais um viajante aqui, com asas ou não, com olhos de águia ou colorido de canário, pode sim ter outros bilhetes, pode, dependendo da altura que está desse desenho, anotar outros saltos que seus olhos deram. Aqui temos uma versão de bilhetes, mas as possibilidades são muitas, como olhar o horizonte, como observar hectares e hectares de terra, há uma imensidão de possibilidades, de bilhetes, de voos.

Os bilhetes que apresentamos junto com as cartografias de cada criança, informam aos olhos dessa menina do passarinho na cabeça, como esses cartógrafos se veem, como veem seus caminhos, seu bairro, seu território. Demonstram como vivem a condição de ser criança num lugar, num espaço, numa escola, num ir e vir. “Criança, palavra que deriva do latim “creantia”, plural de “creare”: criar, fazer, crescer”. Nosso propósito é pensar no conceito criança como pessoa constituída a partir das relações sociais, em desenvolvimento e envolta em um dado universo cultural, ou seja, contextualizada. (COSTA, 2013, p. 19)

As crianças também vão, de forma implícita ou explícita, contando como vivem a Educação Integral na “Escola da Esquina”, contam sobre o seu cansaço, a sua casa, os espaços da escola e do bairro, contam sobre os pontos de referência e contam sempre mais, são caminhos que se perdem no infinito. Aqui trazemos ponderações emergentes, ressoantes, dos momentos vividos com elas, anotadas em pequenos bilhetes; são escutas e olhares para cada desenho. A Educação Integral, como é lida e vivida pelas crianças, também é firmada como pés descalços no correr da terra; as crianças contam seu viver da Educação Integral na “Escola da Esquina”, o que passa pelo seu dia, pelo seu “todo dia”, seja na escola ou no

caminho até ela.

Desejamos “esticar horizontes”, como ensinou o poeta<sup>75</sup>, na observação e diálogo com os desenhos apresentados nesse capítulo, convidando mais uma vez a leitora e o leitor-caminhante dessa terra para novos e outros atravessamentos sobre a formação humana integral que se faz na escola, nos seus arredores, em todos os lugares enfim... Nos seus desenhos cartográficos, as crianças elaboram suas percepções, experiências vividas na escola e no percurso até ela e nos convidam também a ampliarmos nosso olhar sobre o tema da Educação Integral, da Educação de Tempo Integral e da formação humana nesse contexto de sociedade capitalista excludente e desigual. Olhando os desenhos a seguir, de alguma forma, olhamos a Educação Integral.

---

<sup>75</sup> BARROS, Manoel de. Bernardo é quase árvore. In:\_. **Poesia Completa**. São Paulo:Leya, 2010. p. 322.

### 5.1.1 O colorido dos canários-da-terra e seus caminhos

Figura 27 – Cartografia Caminho “E.K”



DESENHO DE UM  
MENINO QUIETO...  
NO SEU CAMINHO  
TEM UM CAMPO DE  
FUTEBOL  
(PESQUISADORA)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 28 – Cartografia Caminho “A.L.”



ÁRVORE DA  
GRATIDÃO QUE  
CONTÉM CARTAS  
PARA TODOS DA  
ESCOLA.  
(PESQUISADORA)

MINHA CARTA DE  
AGRADECIMENTO  
FOI FEITA POR A.  
L., ELA ME DISSE:  
É SURPRESA.  
(PESQUISADORA)

PROJETOS:  
MAQUETE DA  
POLUIÇÃO E DO  
SISTEMA SOLAR.  
(PESQUISADORA)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 29 – Cartografia Caminho “N.L.”



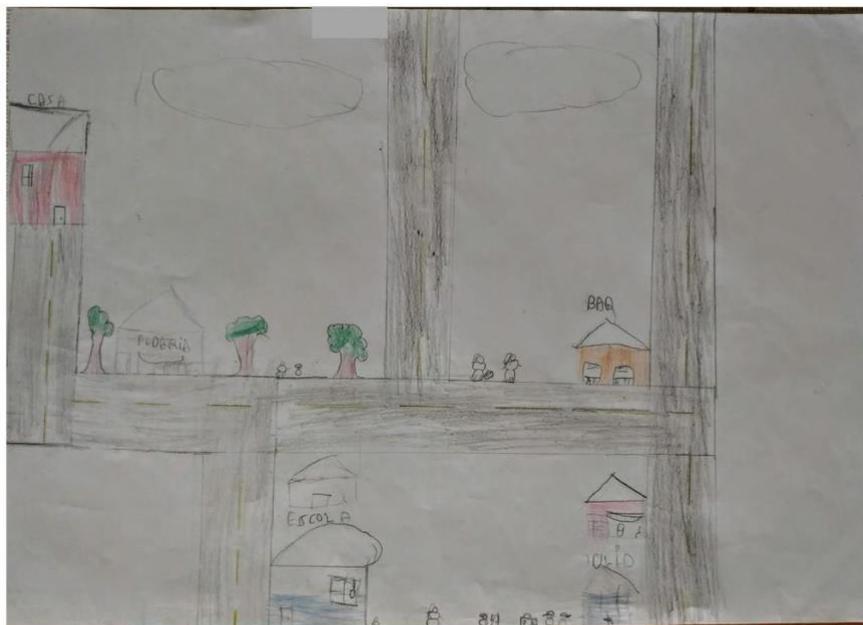
MEU PAI NÃO  
LIGA PRA MIM,  
ELE SE SEPAROU  
DA MINHA MÃE E  
TEM OUTRA  
MULHER. (N. L.)

A SALA DE ARTE  
É BEM LEGAL,  
TEM UM  
ESQUELETO E  
TINTA. (N. L.LY)

TERÇA E  
QUINTA TEM  
INGLÊS.  
(N. L.)

Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 30** – Cartografia Caminho “V.T”

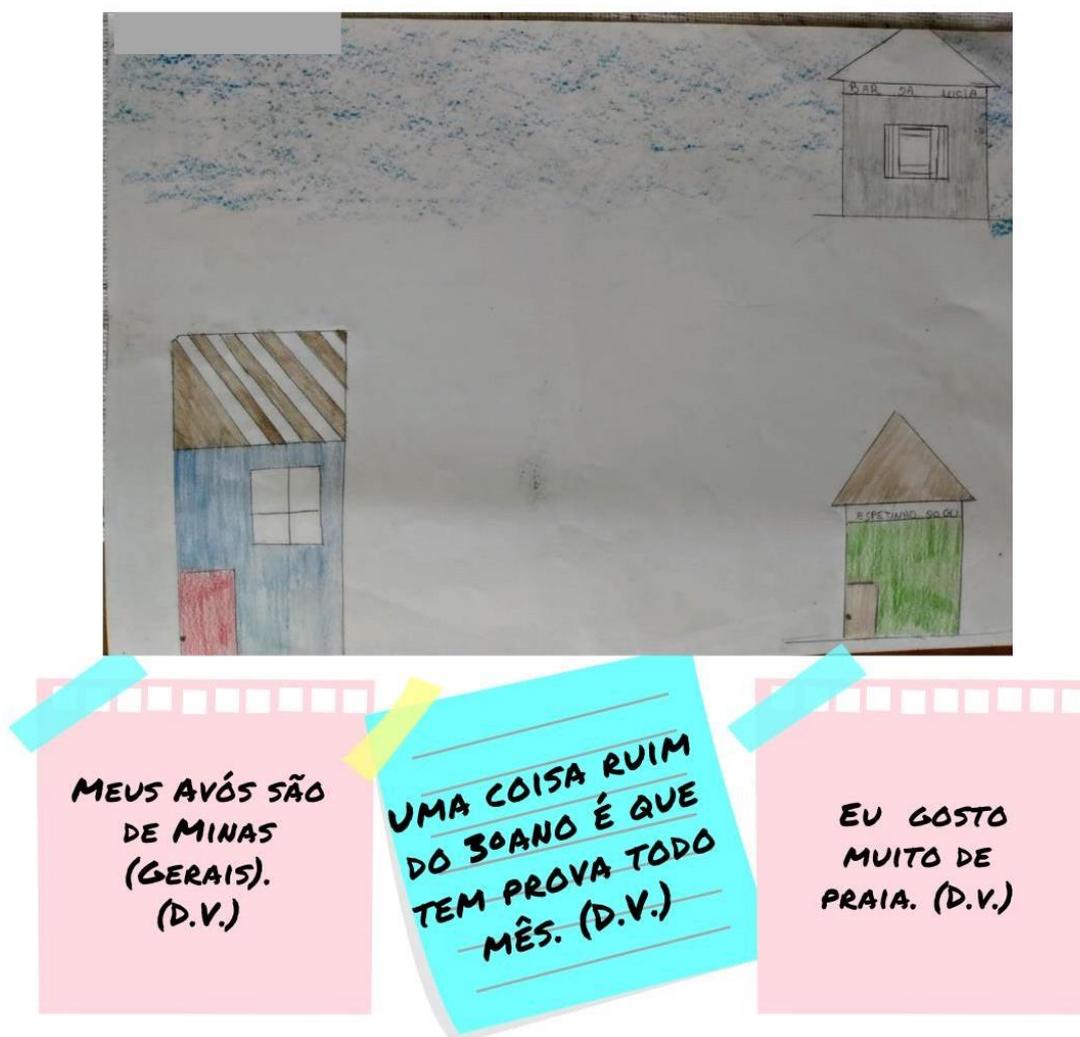


**PONTOS DE  
REFERÊNCIAS:  
PADARIA, BAR,  
"JULIO" E  
"DAVI".  
(PESQUISADORA)**

**NO DESENHO DO  
CAMINHO DO V.T.  
TEM PESSOAS A  
CAMINHAR.  
(PESQUISADORA)**

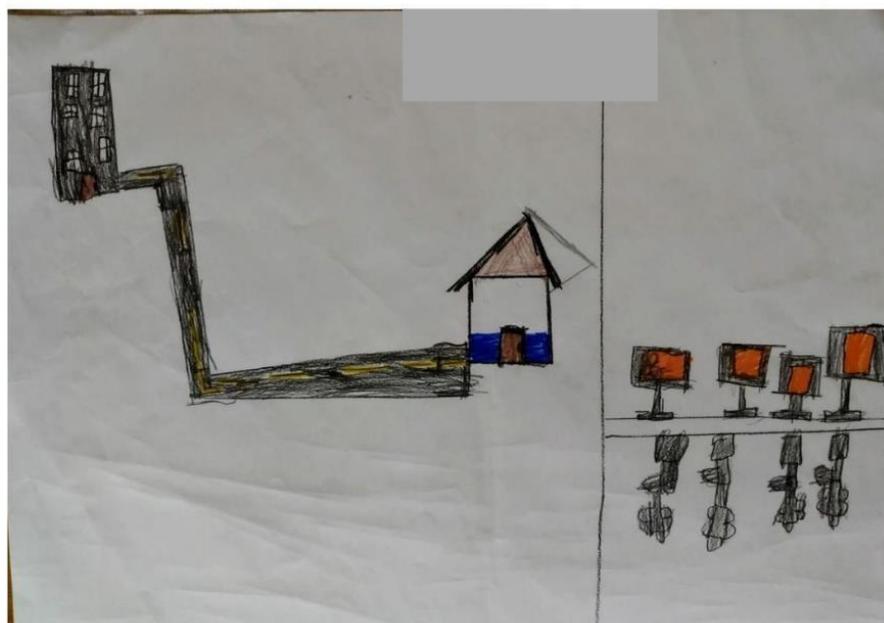
Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 31 – Cartografia Caminho “D.V.”



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 32 – Cartografia Caminho “D.L.”

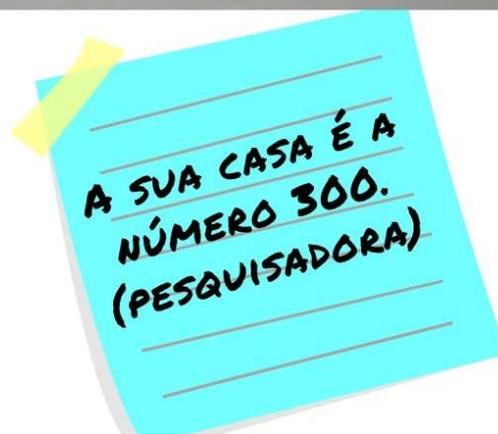
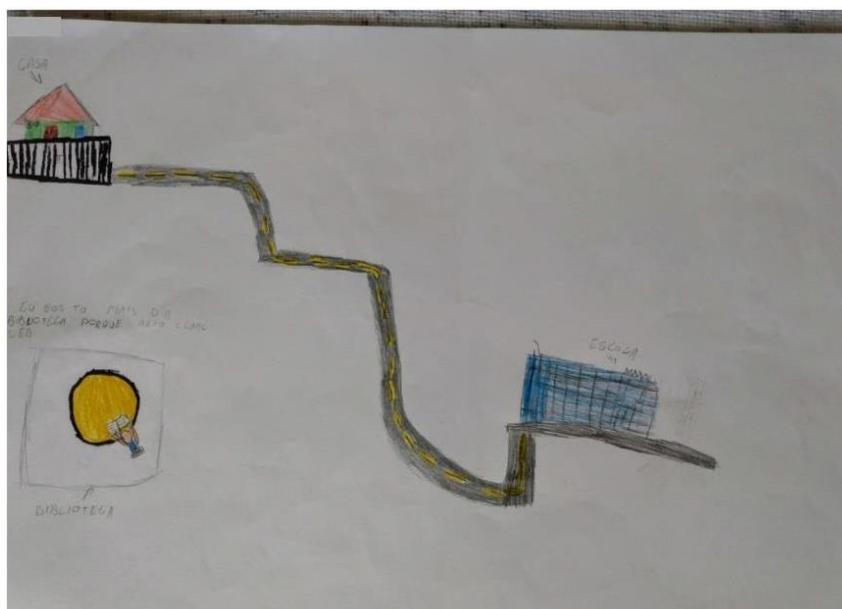


SÃO 30 MINUTOS  
DE VOLTA PARA  
CASA. (D.L.)

O APARTAMENTO  
É PEQUENO.  
(D.L.)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 33 – Cartografia Caminho “M.S.”



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 34 – Cartografia Caminho “L.D.”



NO CAMINHO TEM  
A CASA DE  
MACUMBA. (D.V.  
E L.D.)

A FAMÍLIA DA  
MINHA MÃE VEIO  
DA UCRÂNIA. (L.D.)

NAS FÉRIAS VOU  
VIAJAR PARA  
MINAS TAMBÉM.  
(L.D.)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 35 – Cartografia Caminho “P.D”



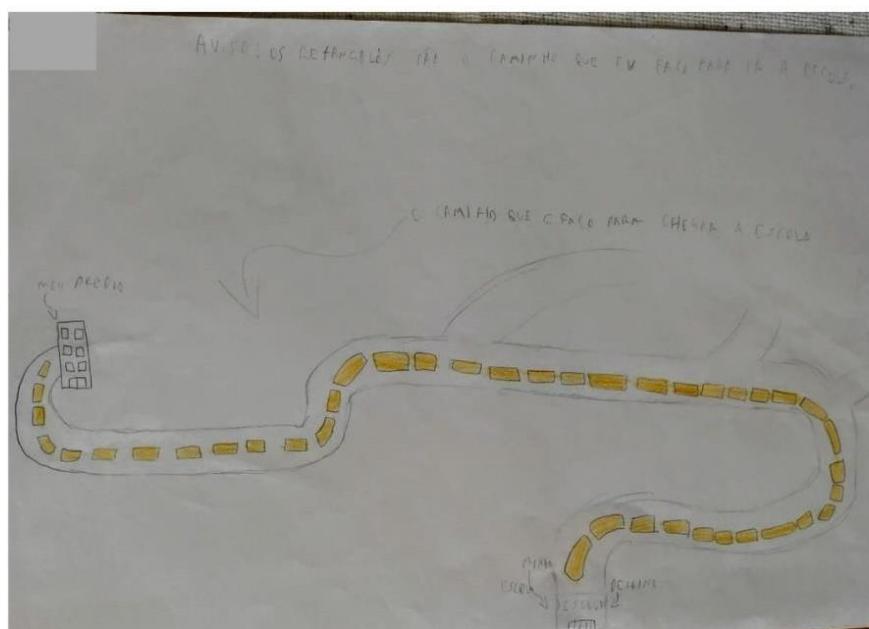
NESTE ANO FIZEMOS  
MUITOS PROJETOS  
LEGAIS E NÓS  
AGRADECEMOS A  
PROFESSORA "A". (P.D.)

NÓS  
APRENDEMOS  
MUITAS COISAS  
INTERESSANTES.  
(P.D.)

O QUE É  
COLETIVO?  
APRENDER SOBRE  
ESTAR NUM  
GRUPO, CONSENSO.  
(PESQUISADORA)

Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 36 – Cartografia Caminho “N.S”**



OS RETÂNGULOS,  
FORMA GEOMÉTRICA  
PARA EXPLICAR O SEU  
CAMINHO, SEU  
DESTINO.  
(PESQUISADORA)

AQUI TEM MUITA  
CONSTRUÇÃO  
COLETIVA,  
PROJETOS E  
MATÉRIA DIÁRIA.  
(PESQUISADORA)

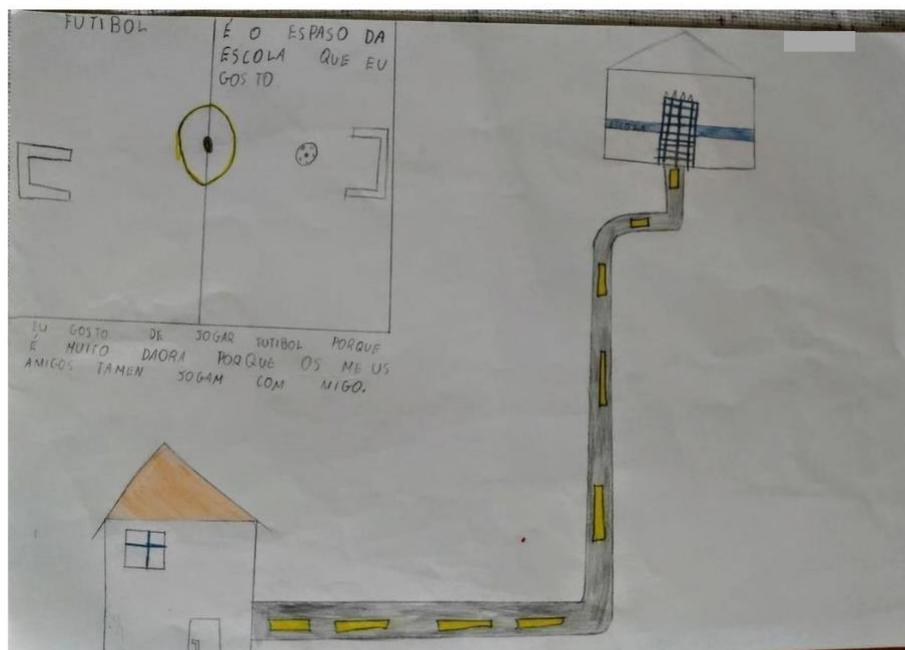
Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 37 – Cartografia Caminho “E.D.”**



**OS PERGUNTADORES  
SÃO PESQUISADORES  
- LIVRO: ANIMAIS E  
INSETOS.  
(PESQUISADORA)**

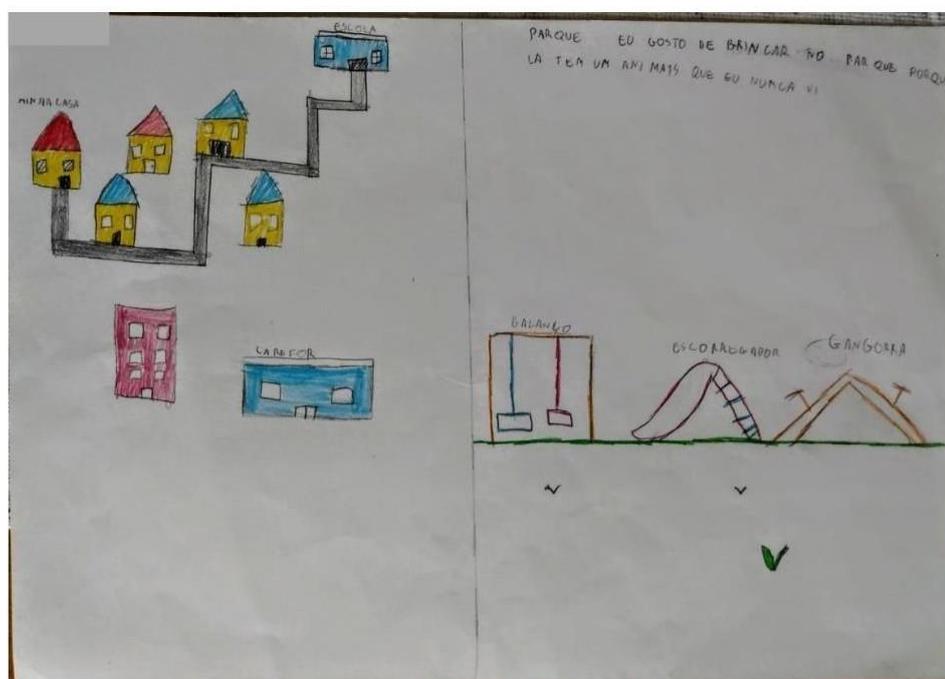
Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 38** – Cartografia Caminho “H.G”

"QUANDO VOCÊ VEIO  
PRA GENTE, COMEÇOU  
A VIR E FICAR COM A  
GENTE..." (H.G.)  
ME SENTI UM  
PRESENTE.  
(PESQUISADORA)

Fonte: Acervo pessoal da autora

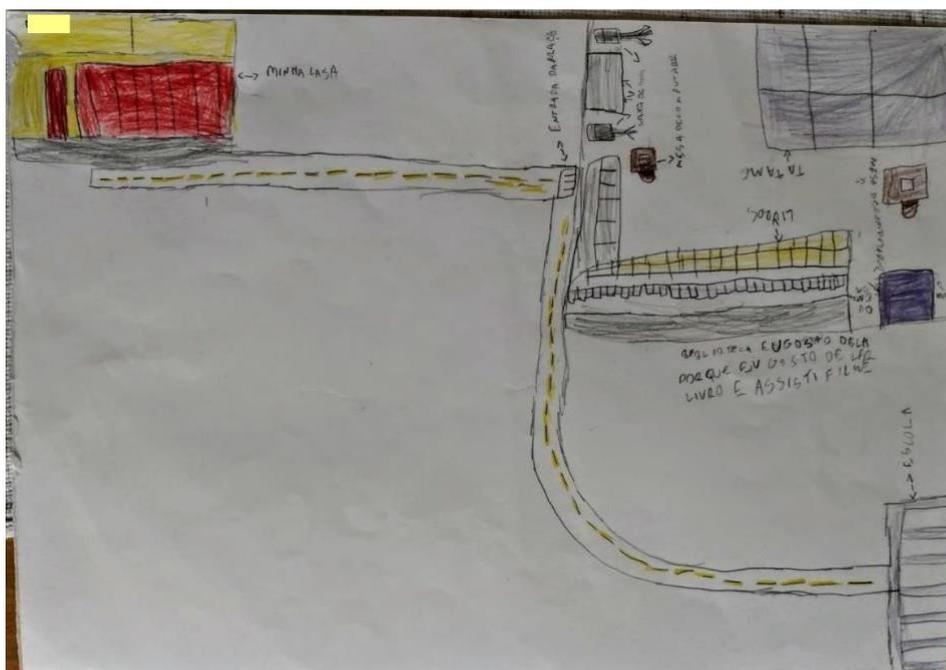
Figura 39 – Cartografia Caminho “M.G.”



A GENTE  
APRENDEU PONTOS  
DE REFERÊNCIA:  
BAR DA LUCIA E  
ESPETINHO DO  
GU. (M.G.)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 40 – Cartografia Caminho “D.K”



TENHO UM MONTE  
DE CAMINHOS  
PARA IR PARA  
CASA. NÃO SEI  
QUAL EU  
ESCOLHO. (D.K.)

Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 41** – Cartografia Caminho “I.Z”



**I.Z. FEZ A CAPA DO  
LIVRO PRODUZIDO PELA  
TURMA: "CIÊNCIAS -  
ANIMAIS E INSETOS",  
COM LANÇAMENTO  
FEITO NA BIBLIOTECA  
PARA TODA ESCOLA  
(PESQUISADORA)**

Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 42** – Cartografia Caminho “L.V.”

NOSSAS MÃES  
ESTUDARAM AQUI (L.V.  
E K.L.).

MINHAS FÉRIAS  
SERÃO EM  
JACUTINGA-MG.  
(L.V.)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 43 – Cartografia Caminho “L.A.”



QUEREMOS CONTINUAR  
COM ESSA TURMA E  
COM A PROFESSORA "A".  
AQUI NÓS FAZEMOS  
PESQUISA, NÃO FICAMOS  
SÓ SENTADOS COPIANDO.  
(L.A.)

"CRIANÇA NÃO  
TRABALHA" (D.L.)  
"TRABALHA SIM E GANHA  
DINHEIRO. VINTE REAIS POR  
DIA, ZOO SACOLAS PARA  
LOJA. PARA COMPRAR UM  
TÊNIS DA FILA" (L.A.)

MEU PAI ESTÁ PRESO,  
MEU PADRASTO  
TAMBÉM.. (L.A.)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 44 – Cartografia Caminho “K.L.”



APRENDEMOS PONTOS DE REFERÊNCIA AQUI, COM A PROFESSORA "A". (K.L)

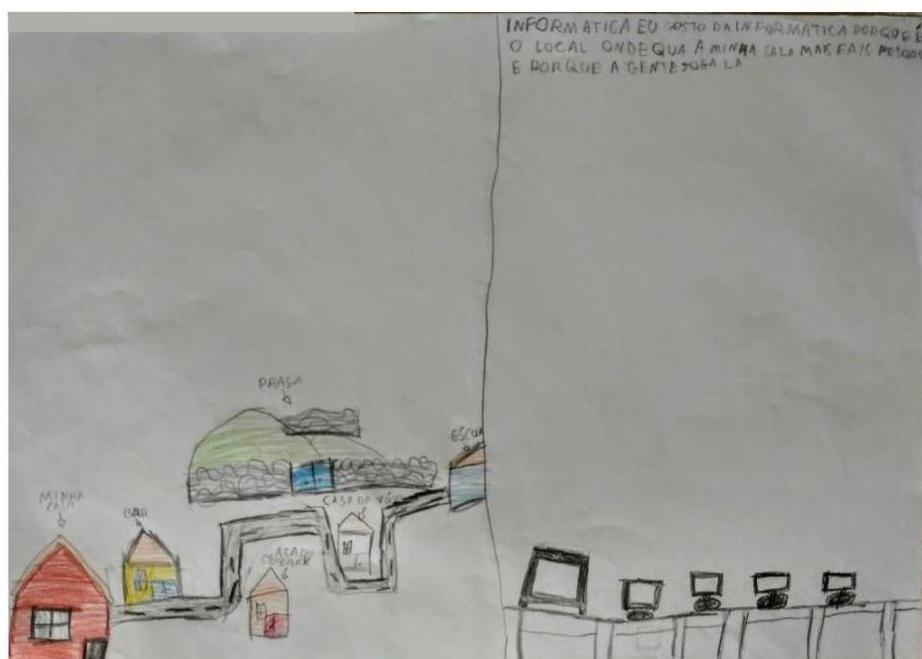
FICA COM A GENTE - SE REFERINDO A PROFESSORA "A". É SÓ VOCÊ TROCAR COM A PROFESSORA QUE VAI PEGAR A GENTE. (K.L.)

EU GOSTO DE CLUBE, PRAIA E MINAS (GERAIS). (K.L.)

Fonte: Acervo pessoal da autora



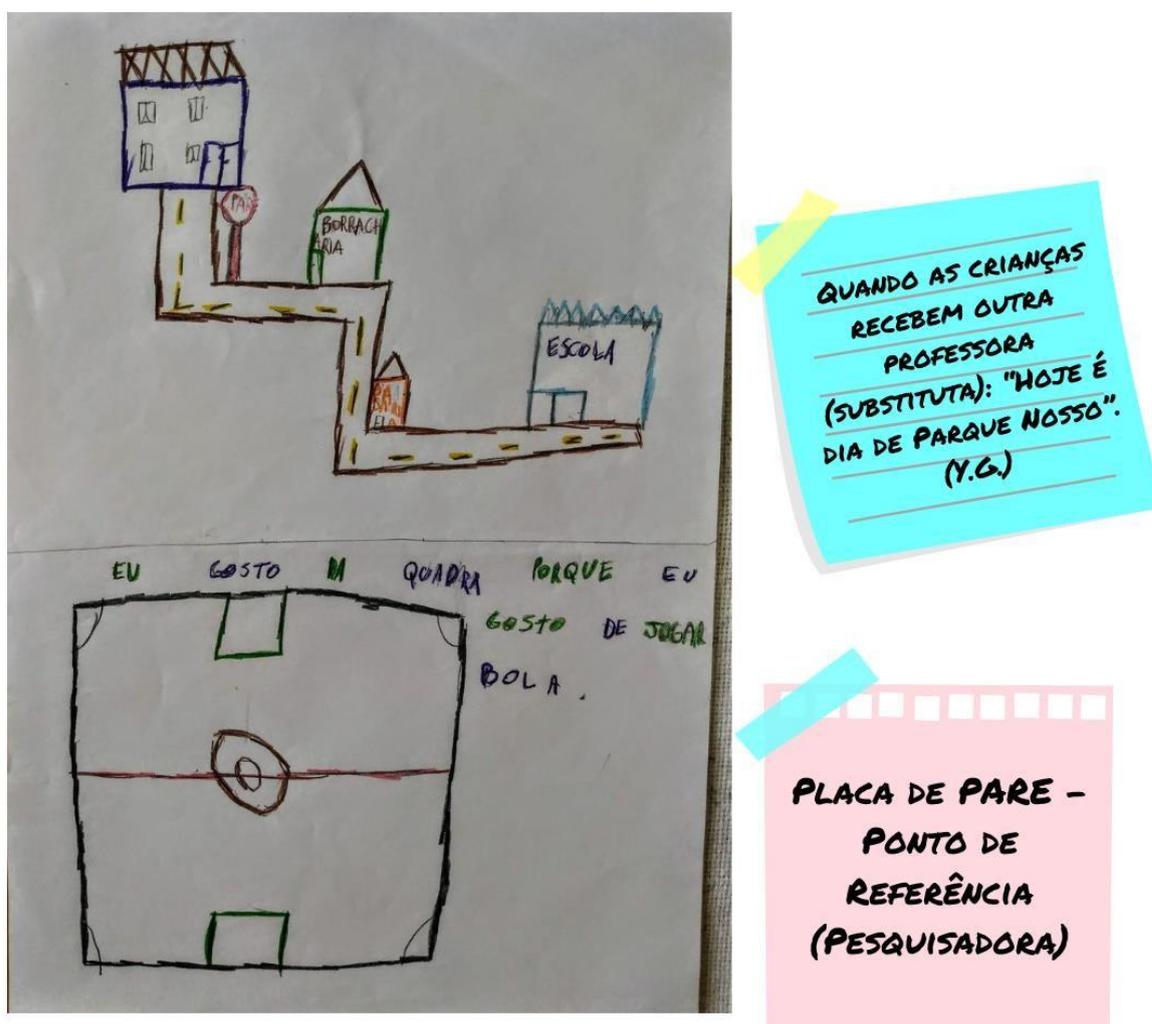
**Figura 46 – Cartografia Caminho “A.D.”**



**AQUI OS PONTOS DE REFERÊNCIA SÃO: CASA DO D.K., CASA DA VOVÓ, O BAR E A PRAÇA...DEPOIS CHEGAMOS NA ESCOLA. (A.D.)**

Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 47** – Cartografia Caminho “Y.G.”



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Escritas e reflexões aparecem nos bilhetes que acabamos de observar, olhos de quem caminha numa estrada gostosa de caminhar, talvez um caminho com alguns incômodos, como descobrir como se sente uma criança com ausências, como se sente uma criança com cansaço e, ainda, crianças que trabalham, que não gostam de prova todo mês.

Os bilhetes coloridos trazem a escrita em si que podemos ver no seu organizar de letras, mas podem também trazer, com olhos de leitora e leitor, até mesmo com olhos de quem pesquisa, outros tantos bilhetes “invisíveis”. Não é possível anotar tudo (que bom que não é), o viver é rápido demais e devagar demais para conseguir ser organizado em bilhetes. Então, temos uma tentativa, nesta tese, de trazer bilhetes possíveis, alguns saltos, buscamos com o que ouvimos e vimos

compartilhar com a leitora e o leitor o pulsar da infância dessas crianças cartógrafas, crianças pesquisadoras, desejantes. Buscamos com nossos bilhetinhos trazer um pouco, não tudo, mas o tanto do vivido pela criança em seu território, do sentido que esta criança atribui aos seus caminhos, às suas ruas, aos pontos de referência, como compreendem a vida, o que fazem e gostam ou desgostam no seu dia a dia, o que sabem sobre suas famílias, o que doí além do braço, o que é gostoso de fazer nas férias, na escola, em casa.

Agora uma pergunta que atravessou a pesquisadora, no encontro com esses estudantes, e que atravessa os bilhetes e talvez atravesse quem lê esse texto: e a escola? O que é a escola para essas crianças, o que gostam e o que não gostam da escola? E a escola de tempo integral? É tempo integral, é integralidade, é mais possibilidade de conhecimento, é mais cansaço, é sono, é lugar seguro, é gaiola, é céu, é inferno?? São então tantas perguntas, devaneios; os caminhos se apresentaram aqui e nos trouxeram dúvidas, tristezas, e tanto mais, tanto mais como quem caminha por uma terra sem destino.

“Terça e quinta tem inglês”, é direto, é curto, mas é o que atravessa essa criança, o que interessa para ela nessa “Escola da Esquina”. É que às terças e quintas ela tem aula de inglês, isso é marcante para ela. Os bilhetes sobre o que dizem durante a realização do desenho, sobre o que contam de suas vidas numa conversa “qualquer”, com a menina do passarinho na cabeça, abrem uma fresta para percebermos o que entendem de suas vidas, do que gostam na escola, no caminho, do que marca o cotidiano delas em seu viver escolar e social.

As crianças cartógrafas que, aqui são canários-da-terra, falam e desenham sobre famílias, separações, casamentos, irmã bebê que chora e, assim, “L.A não dorme”. O bairro e suas marcas aparecem no colorido de lápis de cor ou giz de cera, pessoas que caminham, pontos de referência que aprenderam há pouco naquela escola que fica naquela esquina.

Não vamos esquecer, pelo meio do caminho ou soterrada, das férias. As férias têm um sabor especial no contar, as crianças contam sobre praia, outras cidades que a pesquisadora se interessou em conhecer a partir do dizer daqueles curiosos cartógrafos, tem outros estados, descobrimos de onde vêm as famílias dessas crianças, suas origens. Por exemplo, conversar sobre “Salvadó” é um encontro com esse olhar “acriançado”; criança tem um jeito diferente de ver, um jeito diferente de contar, e aqui elas contaram com seus desenhos, com suas conversas

“miúdas”, contaram sobre o que atravessa e, atravessando, elas acabam saindo e chegando aos ouvidos de uma menina do passarinho na cabeça, que pesquisa como é vivida, experienciada e inventada a Educação Integral naquele contexto situado.

Ter passarinho na cabeça é uma tentativa de olhar de uma forma “acriançada”, jeito próprio de molecada, direto, dito sem muito trato, dizer para comunicar que tem aula de inglês de terça e quinta ou que a gente não gosta de prova todo mês, mas estar no terceiro ano tem desses dissabores.

Às vezes, o que marca uma criança, ao analisar seu território e seu cotidiano, são 30 minutos até em casa ou o limite de espaço quando descrito o apartamento pequeno aos olhos daquela criança. Por vezes, está “só” no desenho, às vezes no que dizem. Casa 300 é o que se tira do desenho daquele tímido menino que pouco diz, mas muito fala com caminho desenhado e o gosto exposto do que a “Escola da Esquina” tem de melhor aos seus olhos.

É análise, é buscar saber mais e adentrar mais no que os desenhos tentam nos mostrar. É se deixar encher de poeira, eles (os cartógrafos) reivindicam parque, não gostam de prova todo mês, eles refletem sobre o que gostaram no ano letivo, refletem sobre o papel da professora “A”, contam como significam e denunciam a exploração do trabalho infantil em observações quase fortuitas. “L.A” por exemplo, informa que exerce uma jornada de trabalho todas as tardes e tem dificuldade para dormir à noite, porque sua irmãzinha chora bastante, pois é uma bebê de poucos meses. Assim, dormir depois do almoço é uma necessidade para sua saúde. Será que os adultos da escola conhecem ou compreendem essa dinâmica de sua vida? Essas crianças também mostram como atribuem significado à sua percepção de família, onde estão mãe e pai, como suas famílias se organizam com os cuidados com as crianças. Nesses bilhetes, anexados às cartografias dos canários-da-terra, foram anotadas expressões verbalizadas pelas crianças, trazendo algumas faíscas de luz sobre o seu modo de viver estudante na “Escola da Esquina”, sobre o seu ir e vir para uma escola de Educação Integral de Campinas, num bairro que tem praça, bares, “casa de macumba”, barbeiro, mercearia, padaria, quitandas e tanto mais.

Os bilhetes foram registrados de modo literal, sem edição. Nós não editamos o dito e o colorido feito pelos cartógrafos, pois compreendemos que a integralidade desses sujeitos, contando sobre a sua casa, desenhando as ruas que

percorrem, contando sobre a aula de inglês, o trabalho após as aulas, o sono, o choro da irmã, o apartamento pequeno, a casa número 300, a alegria do ano letivo e a tristeza por não ir ao parque, reverberam a integralidade do viver das crianças. Os bilhetes, o que contaram durante a produção das cartografias ou durante as aulas, também o que calaram, estão aqui de modo “bruto”, não foram para a refinaria. Nós nos comprometemos, aqui nesta pesquisa, em trazer à tona a integralidade de como as crianças contam e atribuem significado ao que vivem em seus territórios, como contam e vivem a escola, como contam e vivem o seu ser estudante naquela “Escola da Esquina”. Aqui está o que eles escolheram pronunciar; e, com eles, pesquisei. Construimos nossas poeiras e registramos em bilhetes.

As crianças nos presenteiam contando sobre suas origens, até da Ucrânia. Naquele ano, a gente ainda não estava comentando sobre a guerra e hoje estamos presenciando novamente o flagelo das guerras em diferentes partes do mundo, inclusive na Ucrânia. As crianças contam sobre a escola, seja dos espaços, de projetos ou conceitos complexos, como quando aprenderam sobre coletivo, sobre consenso, direito de fala com um objeto<sup>76</sup> em mãos, que lhes garante o poder de dizer para o grupo o que quer, o que concorda, o que elogia, critica e sugere.

Esses estudantes são autores como eu, são aqueles que fizeram livro, lançamento, se comprometeram com o trabalho deles como eu me comprometi com este trabalho que aqui me traz e que me levanta como poeira vermelha que sobe, assim como subia a poeira quando o ônibus do Adão Romero, lembrança de minha infância, fazia o caminho da roça para cidade.

---

<sup>76</sup> Objeto usado para momentos de assembleia do grupo de alunos e alunas da professora “A”: rolo de fita adesiva transparente.

## **O ÔNIBUS DA VILA – UM BILHETE DA MENINA COM PASSARINHO NA CABEÇA PARA AS LEITORAS E LEITORES**

*É uma história corriqueira, um bilhete da minha vida e origem, talvez “sem eira e nem beira”, mas é bilhete de atravessamento para essa menina do passarinhona cabeça. Sabe por que? É coisa de roça, de estrada, do lugar que para nós é um começo.*

*Contam meus pais e meus olhos ainda conseguem ver o ônibus do seu Adão Romero, todos os dias passava pela estrada longe... que da casa de madeira conseguia avistar aquele barulhento ônibus do seu Adão.*

*Vinha da cidade (Junqueirópolis) para Vila São João o ônibus, tão velho, sofrido, mas muito aguardado, aquele ônibus levava gente, galinha, mantimento, levava gente da roça, da vila para cidade, para comprar, às vezes até para vender.*

*Lembro agora envolvida pelas marcas da menina do passarinho na cabeça daquele ônibus e do seu ir e vir da vila por aquela estrada que eu menina pela janelada casa podia ver o poeirão subir no ir para cidade.*

*Lembro das férias, de ir para cidade pela manhã, acompanhar vó e vô ou comprimos, com mãe, com pai, com mais alguém para cidade visitar. A cidadezinha pequena tem um nascer do sol deslumbrante.*

*Seja na cidade com pequeno comércio que era destino daqueles trabalhadores vibrantes, seja na roça, dos pisadeiros, dos trilhozinhos, caminhos, carregadores de onde a menina vai olhando a sua volta o viver, escutando passarinho e sentindo cheiro de goiaba e manga misturados, o que interessa é que o nascer do sol de lá é alguma coisa que não, não tem palavra que consiga contar. Como também sentiu e expressou o poeta Gonçalves Dias:*

*Minha terra tem Palmeiras.  
Onde canta o sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.<sup>77</sup>*

*É como a poeira que só quem vê sabe expressar, não se vê a poeira se ela não te atravessar, o ônibus do seu Adão vai passando e levanta poeira que atravessa a menina e está na memória dos seus, eternamente.*

*Os bilhetes são poeiras que só quem vive é que vê, só quem sente é que sabe. A gente é feita de bilhetes como os cartógrafos pequeninos. A gente é feita de poeira de terra vermelha, a vida é um colar bilhetes sem fim e um subir poeira da cidade para a vila e da vila para a cidade num passear por roças com casas de madeira.*

***Jujuba Açucarada sobre ser feita de poeira e bilhetes,  
sobre ser cartógrafa e se pôr pequenina. (2024)***

A seguir, são apresentadas mais algumas cartografias e mais alguns bilhetes, correspondentes aos espaços em que as crianças destacaram como

---

<sup>77</sup> Objeto usado para momentos de assembleia do grupo de alunos e alunas da professora “A”: rolo de fita adesiva transparente.

lugares favoritos na “Escola da Esquina”.

O que a pesquisadora pediu aos cartógrafos pequeninos foi: Desenhe o que mais gosta aqui na “Escola da Esquina”, e todos os cartógrafos pequeninos entenderam e desenharam. Espaços da escola considerados como os seus favoritos. Compreenderam, assim, que a escola se organiza em espaços, sendo eles a sala de aula (não destacada como favorita) e outros que estão nos registros a seguir: Parque, Horta, Quadra, Sala de Informática e Biblioteca.

A escola de Educação Integral tem, dentre tantas, uma marca, o espaço-tempo, que nos faz pensar no que se constrói como projeto de Educação Integral no Brasil, mas principalmente no município de Campinas, realidade pesquisada a partir da “Escola da Esquina”. As crianças, nossas colegas de pesquisa, trazem essa marca quando contam sobre o cansaço, o tempo estendido que ficam na escola. As professoras, como veremos mais adiante nas entrevistas textualizadas, também contam muito sobre o tempo diário de permanência na instituição, sobre como o tempo é fundante para organização de uma escola e, em especial, de uma escola de Educação Integral.

Outra marca diz respeito aos espaços e aqui, já na análise dos desenhos dos espaços favoritos das crianças, vemos que - por mais que o convite da pesquisadora seja: o que você mais gosta na escola - as próprias crianças acreditam que devem desenhar sobre os espaços, entendem que a escola e, no caso, a “Escola da Esquina”, é organizada por espaços e elas frequentam diferentes espaços para realizar pesquisa, correr, brincar, estudar. Elas nos contam o quanto querem estar em tais espaços, seja jogando jogos eletrônicos na sala de informática, aprendendo algo novo na Horta, correndo e se sentindo relaxada na quadra, lendo na biblioteca e também refletem sobre a mesma questão apresentada pela professora “A”: a proibição do uso do espaço do parque.

Sendo assim, as cartografias, ao mostrarem o que mais gostam, informam também sobre os diferentes espaços existentes na “Escola da Esquina”, bem como nos mostram que as crianças, estudantes de uma escola de Educação Integral de Campinas, sabem e atribuem significado à uma escola de Educação Integral como um lugar organizado por espaço-tempo - conceitos debatidos nos documentos em nível macro, em debates acadêmicos, jurídicos, legislativos, no âmbito da gestão, como também e sobretudo no micro, na escola de Educação Integral, por meio das vozes de seus protagonistas, dos que vivem e inventam diariamente essa escola.

### 5.1.2 O colorido dos canários-da-terra e o que mais gostam

Nesse voar, os canários mostram os espaços que eles definem como os melhores lugares da “Escola da Esquina”. No seu amplo voo pela terra bem conhecida, informam quando convidados pela pesquisadora: desenhem o que mais gosta na sua escola. Os canários vão se organizando, pensando em cada espaço a que têm acesso na “Escola da Esquina”. As cartografias trazem diferentes espaços e nenhum deles sendo a sala de aula; apesar de contarem que muito dos projetos, leituras e pesquisa estão também na sala de aula, veem os outros espaços como a possibilidade de liberdade, de ar puro, de pesquisa, de avistar bichinhos a serem pesquisados, como no livro de Ciências que produziram no ano de 2019 ou da recolha de materiais para montar a “caixa da natureza<sup>78</sup>” da turma, que foi enviada para uma turma de terceiro ano no estado da Bahia.

Parque, Horta, Quadra, Sala de Informática e Biblioteca. São esses espaços que as crianças cartógrafas se dedicaram a retratar em seus desenhos. Contaram sobre o espaço e tempo que há ou que não há nesses lugares da escola. Encontramos, no Projeto Político Pedagógico da escola, a descrição de como os espaços são organizados:

O prédio escolar possui cinco salas de aula que funcionam em período integral, destinadas ao ciclo I e II do ensino fundamental de 9 anos. As outras dependências do prédio são: Biblioteca/multimídia, sala de informática, almoxarifado, sala de reunião, sala da direção/secretaria, sala dos professores, banheiro dos professores, banheiros das crianças (feminino e masculino), banheiro adaptado, banheiro dos funcionários (feminino e masculino), refeitório, cozinha, dispensa, pátio coberto, área de luz, laboratório de ciências (atualmente adaptado para Arte), arquivo morto, lavanderia, quadra esportiva (descoberta), parque (com casinha de boneca, balanços, escorregador, casinha do Tarzan, etc.) (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019<sup>79</sup>)

Inicialmente, quando pensei nas cartografias que contêm o que mais gostavam na escola, eu tinha a hipótese de que desenhariam momentos de brincadeira, de que informariam, em seus desenhos, projetos realizados e que

---

<sup>78</sup> Projeto desenvolvido pela professora “A” com o terceiro ano, que envia uma caixa com elementos da natureza de sua escola e cidade para outra turma que também envia uma caixa com elementos que encontraram em sua escola e que são característicos de sua região. Sempre lembro do barro de Falésias.

<sup>79</sup> A fonte consultada nesta citação não é paginada.

trariam, para esta pesquisa, sua leitura acerca da Educação Integral pelos registros do que mais gostam; fui surpreendida porque, ao serem convidados a desenharem o que mais gostavam na “Escola da Esquina”, os cartógrafos foram se organizando sempre destacando os espaços, atribuindo o seu gosto ao espaço que acham mais legal, mais potencializador de sua criatividade, liberdade, relaxamento, conhecimento. E, para começar esse voo pela terra bem conhecida, dessa esquina, destaco o que me fez vibrar nessa estada de pesquisa na “Escola da Esquina”.

Já que os espaços são o destaque no mapa de voo por terra conhecida, eu também me arrisco aqui a contar que o que mais gostei na “Escola da Esquina”: foi o espaço da Horta; visitei pouco, mas o suficiente para me encantar, e me surpreendi no dia em que ganhei alface, assim como outras professoras e outros alunos também ganharam.

**Figura 48** – Alface da “Escola da Esquina”



**Fonte:** Acervo pessoal da autora

Na análise do Projeto Político Pedagógico sobre os espaços, vemos projetos desenvolvidos pelas docentes e como concebem os espaços e as possibilidades na “Escola da Esquina”; vemos também como a comunidade escolar avalia tais espaços, com especial atenção para às crianças. Localizamos o projeto

direcionado pela professora “A”, que é sobre a Horta - O terceiro ano está no projeto: Sustentabilidade – Eu, o outro e o ambiente:

### **Água**

Dentro do Projeto Horta que será trabalhado no programa Saberes e Sabores, contempla os seguintes tópicos: Eficiência da água em uso na escola, o Projeto horta será o motivador para se iniciar os questionamentos do uso eficiente da água na escola.

#### **Etapas:**

A partir da rega da horta será levantada a questão do uso da água na escola. Será realizada uma pesquisa pelos alunos com alunos, funcionários e professores sobre o consumo da água e possíveis desperdícios e formas de economizar. Produto final: A partir da pesquisa realizada, os alunos elaborarão uma cartilha ou folheto com as possíveis formas de economizar água na escola.

### **Terra**

A partir do trabalho com a horta, estudaremos as áreas verdes da escola e seu entorno, pesquisaremos a quantidade de praças e parques nas vizinhanças da escola.

#### **Etapas:**

Com observações e trabalhos na horta, os alunos pesquisarão o que são áreas verdes e sua importância para o meio ambiente e as pessoas. As crianças usarão fotografias e vídeos feitos por eles mesmos durante o desenvolvimento das pesquisas, também usarão a internet como ferramenta de pesquisa. Serão trabalhados textos, produção de textos, livros, vídeos e filmes sobre o tema. Produto final: Um livro de registro e ilustrado do desenvolvimento da horta e do resultado das pesquisas sobre as áreas verdes da escola e entorno.

### **Ar**

Eu, o bairro e a cidade.

Estudos e pesquisas sobre a quantidade de poluentes que as fábricas e automóveis produzem e seu efeito sobre as pessoas e o meio ambiente.

Pesquisa sobre a quantidade de automóveis existentes na cidade de Campinas.

Pesquisa e estudos sobre as atividades das indústrias de Campinas, tipos de indústrias que predominam e os poluentes que emitem.

Serão utilizados livros, textos e a internet como ferramentas de pesquisa.

Produto final: cartazes confeccionados pelas crianças.

### **ARTE**

Apresentar o mapa da região metropolitana de Campinas, observar as cidades próximas e verificar quais são conhecidas pelos alunos.

Apresentar a letra do hino de Campinas e ouvi-lo, o brasão, bandeira e mostrar as sete maravilhas da cidade (vídeo). Vídeo de fotos antigas da cidade de Campinas.

Mostrar as obras de alguns artistas campineiros, como Thomaz Perina, Carlos Gomes e José Pancetti (vídeo, texto biográfico, audição e imagens).

Desenvolver atividades de releitura, audição de composições, desenho, pintura e técnica de recorte e colagem.

Observar e trabalhar com obras que retratem a cidade de Campinas.

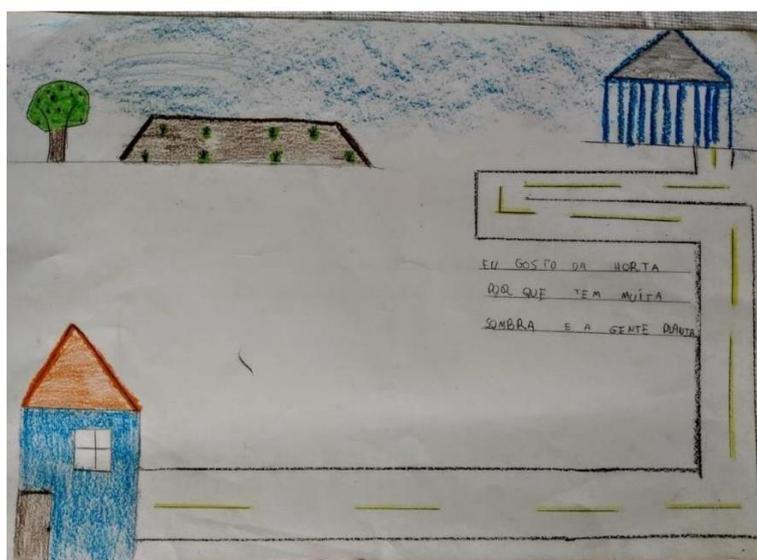
**Gênero:** retrato e autorretrato. Entender, observar pinturas, desenhar, pintar e usar a técnica de recorte e colagem (fazer retratos, pensando nas pessoas da cidade).

Trabalhar com a música popular “Cabelo”, de Arnaldo Antunes (ouvir, ler a letra, entendimento e ilustração).

Produto final: Composição visual com o tema “Campinas” (utilização de algumas técnicas e materiais).

(PROJETO POLÍTICOPEDAGÓGICO, 2019<sup>80</sup>).

**Figura 49** – Horta “D.V.”



EU GOSTO DA  
HORTA PORQUE  
TEM MUITA  
SOMBRA E A  
GENTE PLANTA.  
(D.V.)

NÓS FIZEMOS  
A COLHEITA DE  
ALFACE E  
MANJERICÃO.  
(D.V.)

TIRAMOS FOTOS DA  
HORTA (ALFACE E  
ALFACE ROXA),  
APRENDEMOS COMO  
TRATAR A TERRA.  
(D.V.)

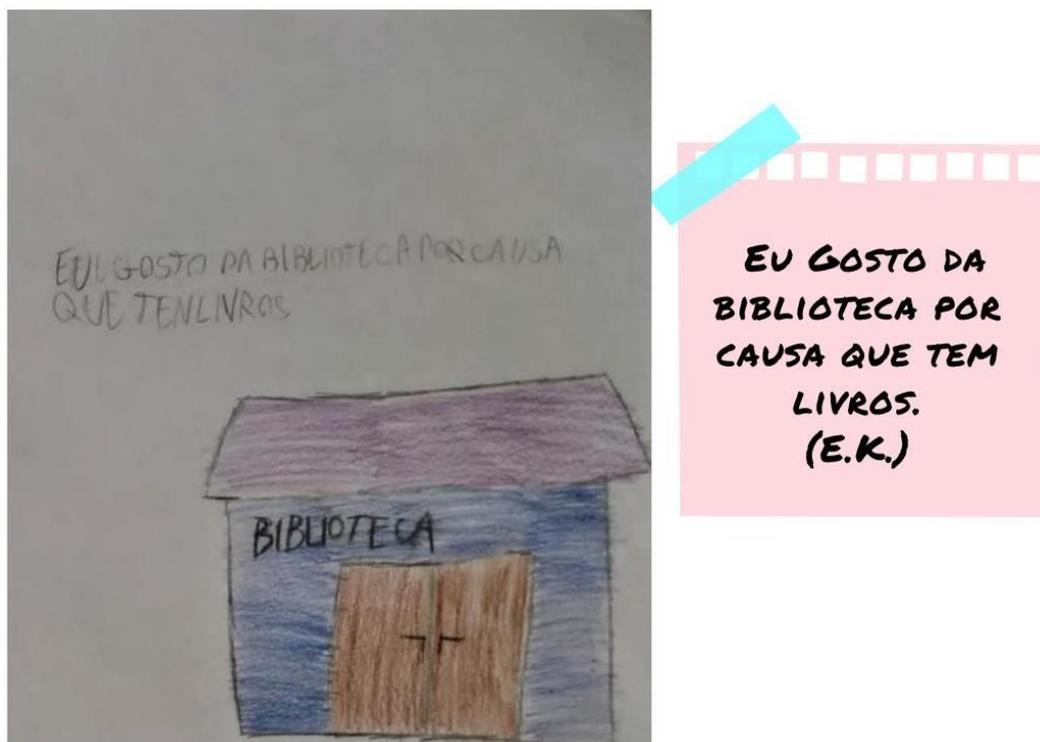
Fonte: Acervo pessoal da autora

Outro espaço desenhado pelas crianças e que frequentei mais do que a horta foi a biblioteca. A biblioteca da “Escola da Esquina” é um aconchegar como

<sup>80</sup>A fonte consultada nesta citação não é paginada.

ninho, como lembra a professora “F” em sua entrevista narrativa. Há um esforço dos docentes e da equipe gestora para tornar esse espaço o quanto mais aconchegante possível, sendo um espaço para leitura, para assistirem a filmes, mas também para descanso das crianças em seu período integral na escola.

**Figura 50** – Biblioteca E.K.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora



estudo, do uso da biblioteca e do laboratório de informática, além de proporcionar mais práticas esportivas e artísticas. ” (Secretária de Educação - Solange Pelicer) (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019<sup>82</sup>).

**Figura 52 – Biblioteca M.S.**



**EU GOSTO MAIS DA  
BIBLIOTECA PORQUE  
ACHO LEGAL LER.  
(M.S.)**

**A BIBLIOTECA VISTA  
DO ALTO, COM UMA  
MESA E UM MISSAEL  
COM O LIVRO.  
(PESQUISADORA)**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora

---

<sup>82</sup> Ibid.

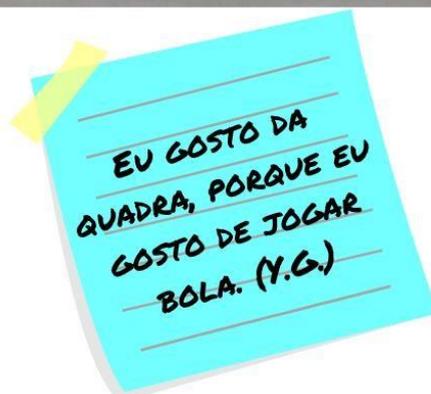
**Figura 53 – Biblioteca “E.D.”**

**EU ESCOLHI A  
QUADRA PORQUE EU  
GOSTO DE JOGAR  
BOLA E A  
BIBLIOTECA PORQUE  
DÁ PARA ASSISTIR  
FILME. (E.D.)**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora

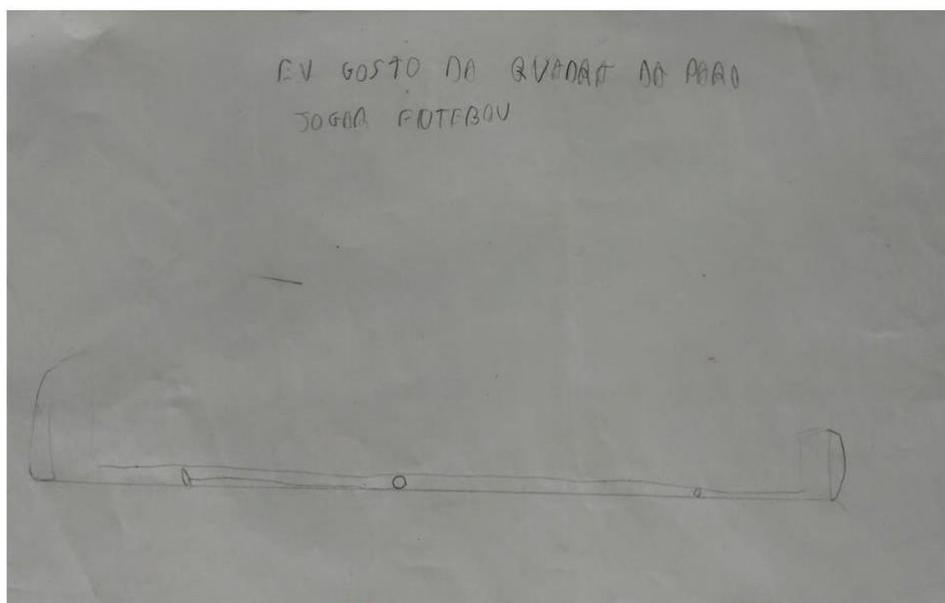
Teve criança que não se limitou a contar sobre um espaço em seu desenho e colocou dois espaços preferidos na “Escola da Esquina”. Então, a quadra é um outro lugar de liberdade, corridas, aulas de educação física, mas além disso, espaço para colocar o corpo para jogar uma bola, jogar futebol, dançar, brincar e sentir cheiro de ar puro.

Figura 54 – Quadra Y.G.



Fonte: Acervo pessoal da autora

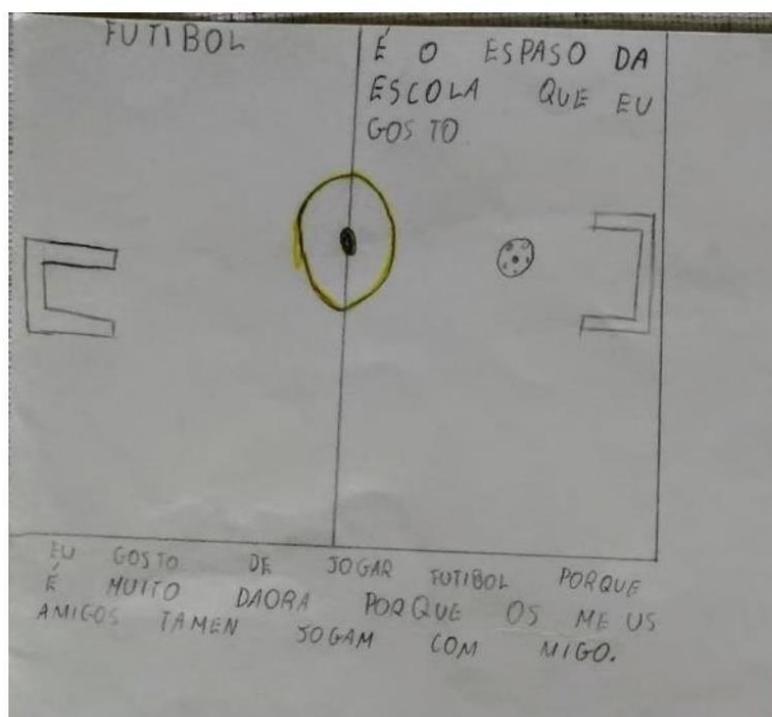
**Figura 55 – Quadra “V.T.”**



**EU GOSTO DA  
QUADRA PARA  
JOGAR FUTEBOL.  
V.T.**

**Fonte:** Acervo Pessoal da autora

Figura 56 – Quadra “H.G.”

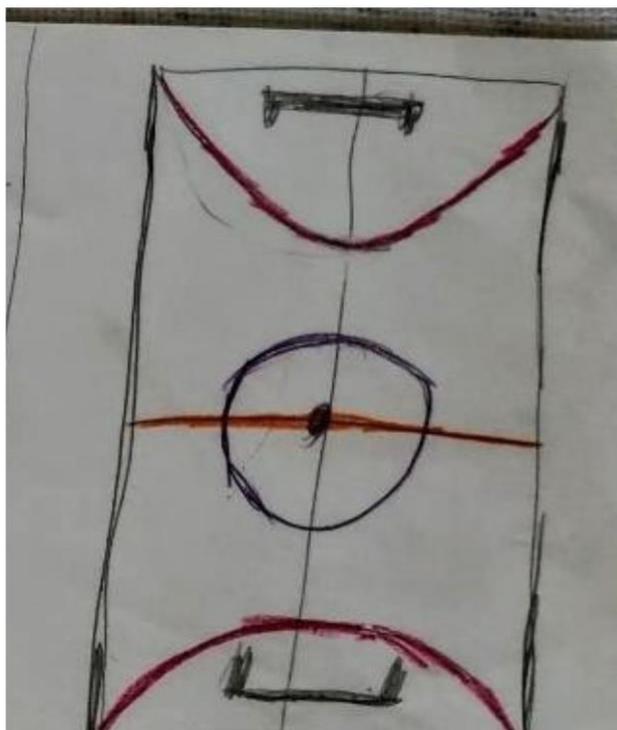


É O ESPAÇO DA ESCOLA QUE EU GOSTO. (H.G.)

EU GOSTO DE JOGAR FUTEBOL PORQUE É MUITO "DAORA" E PORQUE MEUS AMIGOS TAMBÉM JOGAM COMIGO. (H.G.)

Fonte: acervo pessoal da autora

**Figura 57** – Quadra “E.D.”



QUADRA MOLHADA  
É FRUSTRAÇÃO.  
(AGORA É UMA  
QUADRA COBERTA -  
PESQUISADORA)

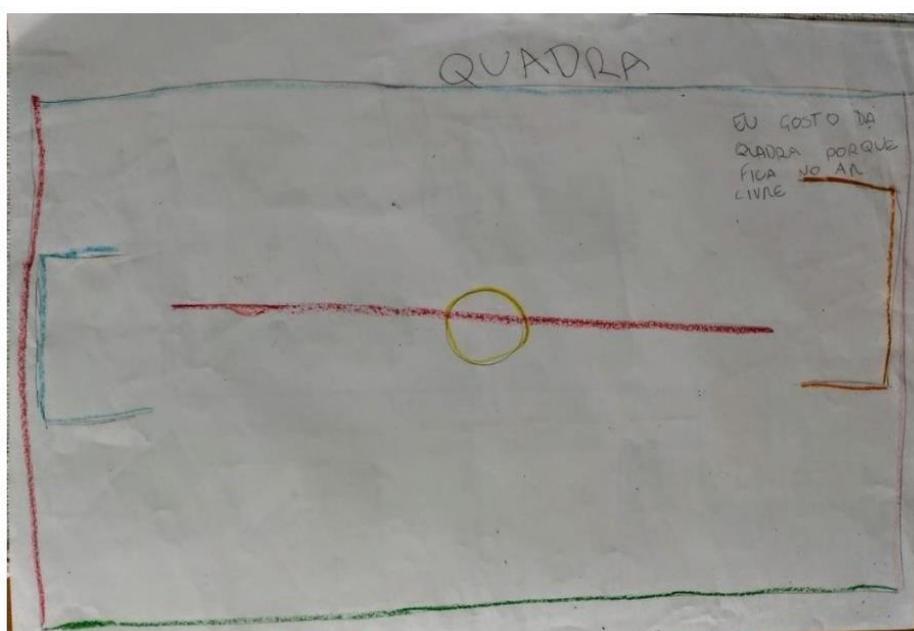
Fonte: Acervo pessoal da autora

A quadra<sup>83</sup>, naquele momento da pesquisa, era o espaço mais discutido pela equipe da “Escola da Esquina”. Nas entrevistas narrativas das professoras. Isso fica marcado pela professora “F”, que gostaria de usar mais a quadra e não consegue porque tem uma questão de saúde da pele e não pode ficar exposta ao sol; a professora “R”, que defende que o espaço é fundamental para toda escola, mas é espaço importantíssimo para educação física e que precisa ser coberta e reformada e, por fim, pela professora “L”, de educação física, que se preocupa com o espaço, mas tensiona a questão de que não é um espaço exclusivo da educação física, mas sim da escola, de uma escola de Educação Integral, que deve ter ainda mais atenção aos espaços ofertados para atividades das crianças. Vemos, no Projeto Político Pedagógico, que a quadra é citada por diversas vezes como sendo prioridade, pois, desde 2015, quando houve a reforma na escola, até aquele momento (2019), ainda não estava coberta e tinha problemas no piso, com desnível do chão e a pintura apagada.

<sup>83</sup> No ano de 2022, a Secretaria Municipal de Educação realizou a cobertura da quadra, porém, o piso ainda não foi reformado, apresentando, ainda em 2023, rachaduras, descolamento, desnível e pintura apagada (consulta ao Projeto Político Pedagógico de 2023). Disponível em: <https://pponlinesme.campinas.sp.gov.br/homologados/visualizacao-publica.php>. Acesso em: 06 abr. 2024.

A quadra está como prioridade no Projeto Político Pedagógico, com a meta de Cobertura e reforma do alambrado do entorno da quadra, metas que foram elaboradas coletivamente em fevereiro de 2019, pelo Conselho de escola e Comissão Própria de Avaliação da “Escola da Esquina”. É um espaço, naquele momento, avaliado como aspecto negativo da escola; está como principal foco no plano de trabalho da equipe gestora e também no Plano de Demanda de Infraestrutura da unidade escolar.

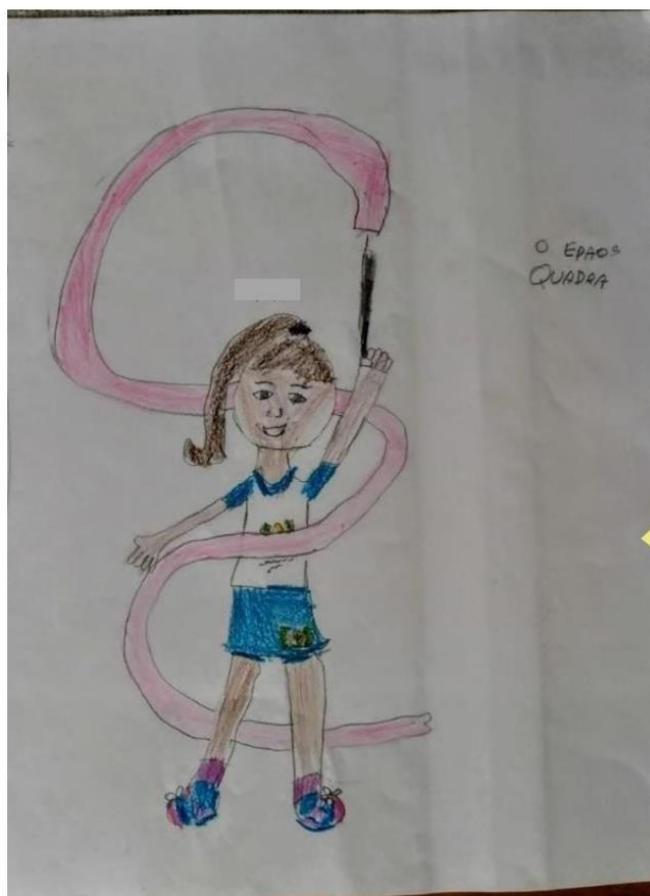
**Figura 58** – Quadra “N.L.”



**EU GOSTO DA  
QUADRA PORQUE  
FICA NO AR  
LIVRE.  
(N. L.)**

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 59 – Quadra “I.Z.”

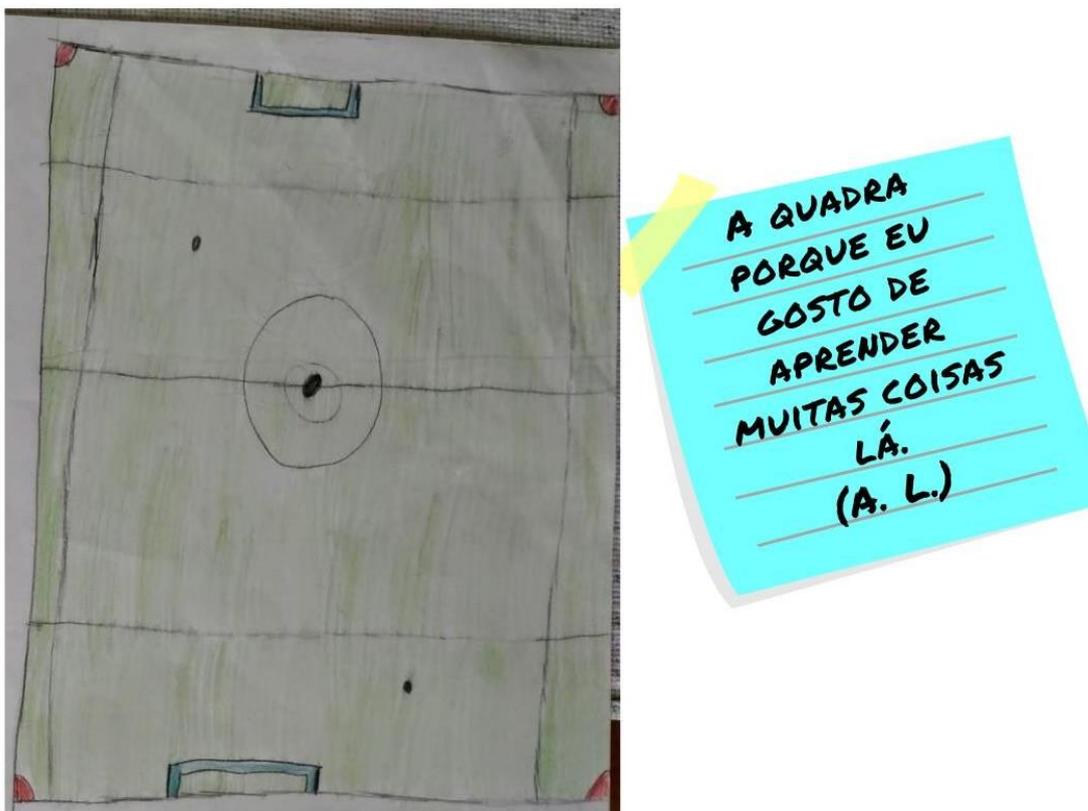


Fonte: Acervo pessoal da autora.

O ESPAÇO QUADRA  
(I.Z.)

QUADRA:  
"MAIS ESPAÇO PARA  
DANÇAR, PARA  
BRINCAR, SENTIR O AR  
PURO" (I.Z.)

**Figura 60** – Quadra “A.L.”



**Fonte:** Acervo Pessoal da autora

O último bilhete da quadra me faz pensar: será que não é isso mesmo que gostamos? De aprender muitas coisas? Coisas que nem sabemos o que são e só vamos gostar quando sentirmos que aquilo valeu a pena? Não há previsibilidade nesse “aprender várias coisas”, é só o aprender várias coisas, coisas que nem sabemos o que são, e que talvez serão o mais importante para nós, lá adiante, ou mesmo num tempo bem próximo.

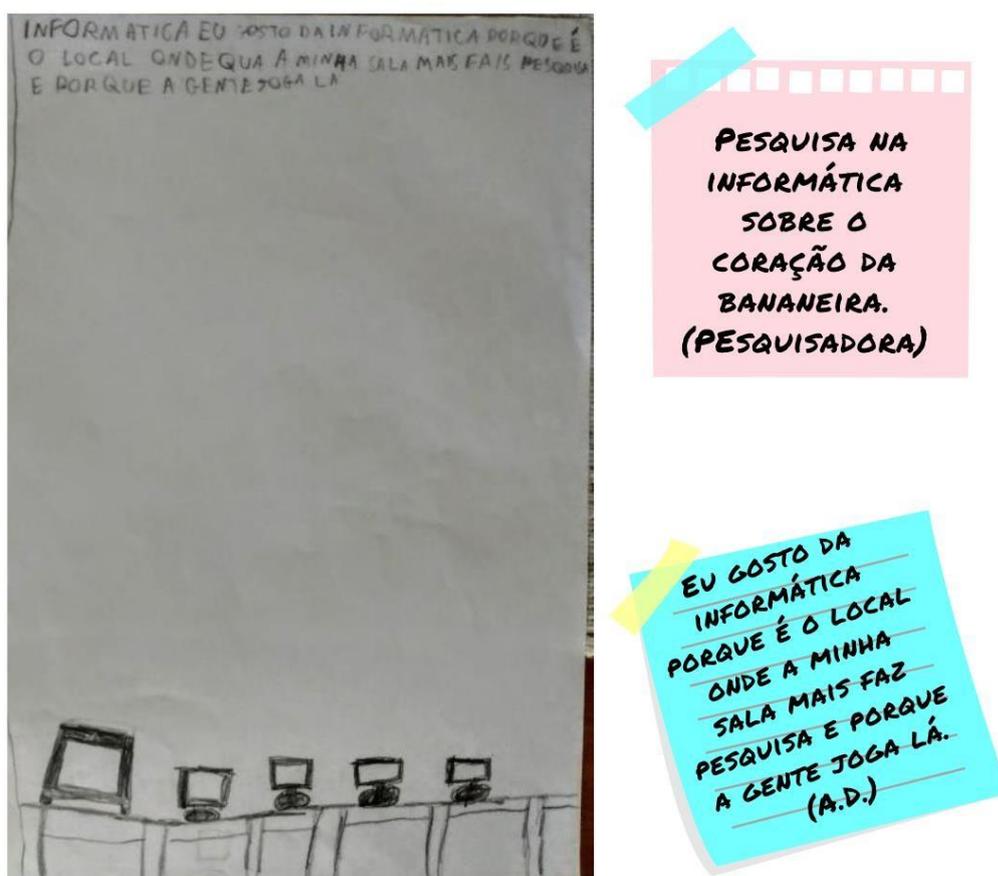
As “várias coisas” são conteúdos e também não o são, fazem parte da disciplina ou não, estarão na prova ou não, mas estarão na vida. Podem ser o encontro do estritamente escolar com aquele andar pela rua, mas podem ser desencontro também.

A sala de informática é o outro espaço que tem cartografias de canários que gostam de videogame, que gostam de jogos diversos, que gostam de fazer pesquisa, projetos e que ali descobrem o “coração da bananeira”. Destacamos, aqui, que a “Escola da Esquina” tem uma Comissão Própria de Avaliação<sup>84</sup>(CPA) atuante.

<sup>84</sup> Estabelecida em Resolução SME Nº 05/2008.

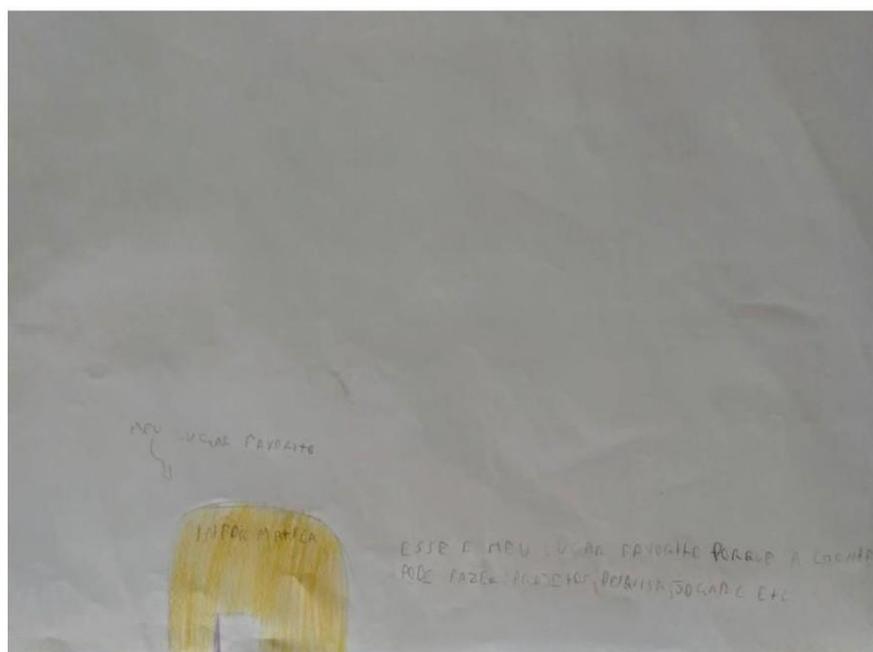
A participação dos estudantes na CPA fica expressa no cotidiano da escola, tendo uma comissão do quinto ano indo visitar os alunos do terceiro e segundo ano, explicando algum projeto que estão a realizar, ou mesmo explicando para as crianças menores sobre o desperdício no projeto alimentação, que é cuidadosamente explicado pelas professoras nas entrevistas narrativas.

**Figura 61** – Informática “A.D.”



Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 62** – Informática “N.S.”



**A INFORMÁTICA É  
MEU LUGAR  
FAVORITO PORQUE A  
GENTE PODE FAZER:  
PROJETOS,  
PESQUISA, JOGAR E  
ETC. (N.S.)**

**Fonte:** Acervo pessoal da autora

A Comissão Própria de Avaliação deve assumir o processo de avaliação interna na Unidade Educacional, conforme Resolução SME n. 05/2008. No seu artigo 3º, em que está o que a CPA deve fazer, destacamos:

IV - estimular a participação de todos os atores da Unidade Educacional nas diferentes etapas do processo de Avaliação Interna; V - incluir, co-responsabilizar e valorizar a comunidade escolar na análise de dados coletados no processo de Avaliação Interna; VI - manter informada a comunidade escolar sobre o processo de Avaliação Interna, seus encaminhamentos e resultados; (RESOLUÇÃO SME Nº 05/2008).

Na “Escola da Esquina”, a sala de informática aparece numa análise avaliativa do quinto ano em relação à indisciplina, por vezes, encontrada entre os

alunos. O quinto ano sugere que, em situações de indisciplina, as crianças percam “coisas que gostam como: parque, informática, passeio, etc.” (Projeto Político Pedagógico, 2019<sup>85</sup>). A sala de Informática é um espaço que as crianças do terceiro ano, que são os cartógrafos desta pesquisa, frequentaram com a professora “A”. Lembro-me dos canários-da-terra muito empolgados fazendo pesquisa, anotando em suas folhas pautadas o que iam encontrando via internet e, ainda, ao final do horário de informática, ali jogavam, mostravam uns para os outros como eram bons neste ou naquele jogo, o quanto pontuavam bem e dominavam aquele jogo.

**Figura 63** – Informática “D.L.”



Fonte: Acervo pessoal da autora.

<sup>85</sup> A fonte consultada nesta citação não é paginada.

**Figura 64** – Informática “P.D.”

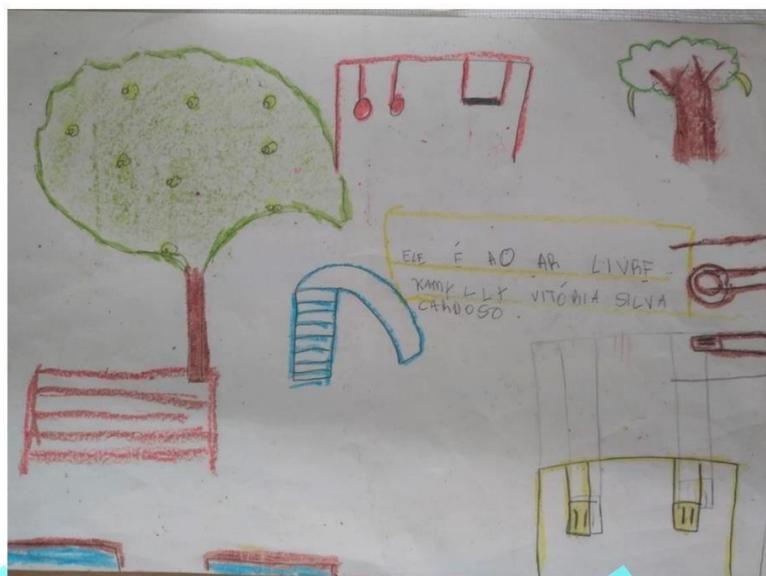


**SALA DE INFORMÁTICA  
POR QUE VOCÊ GOSTA  
DESTE LUGAR?  
PORQUE ESSE LUGAR  
DÁ PARA JOGAR  
JOGOS. (P.D.)**

Fonte: Acervo pessoal da autora

Na análise do Projeto Político Pedagógico e na participação das crianças na CPA, o parque também é destaque: não tem só a atenção dos canários cartógrafos, que para esse espaço atribuem a calma, o ar livre e o relaxante; contam sobre o parque como lugar de pesquisa, e que também é lugar onde não se fica parado; mas também se entristecem ao contarem que não estão indo ao parque, que perderam tal direito e desenharam cadeado bem dourado fechando o parque.

Figura 65 – Parque “K.L.”



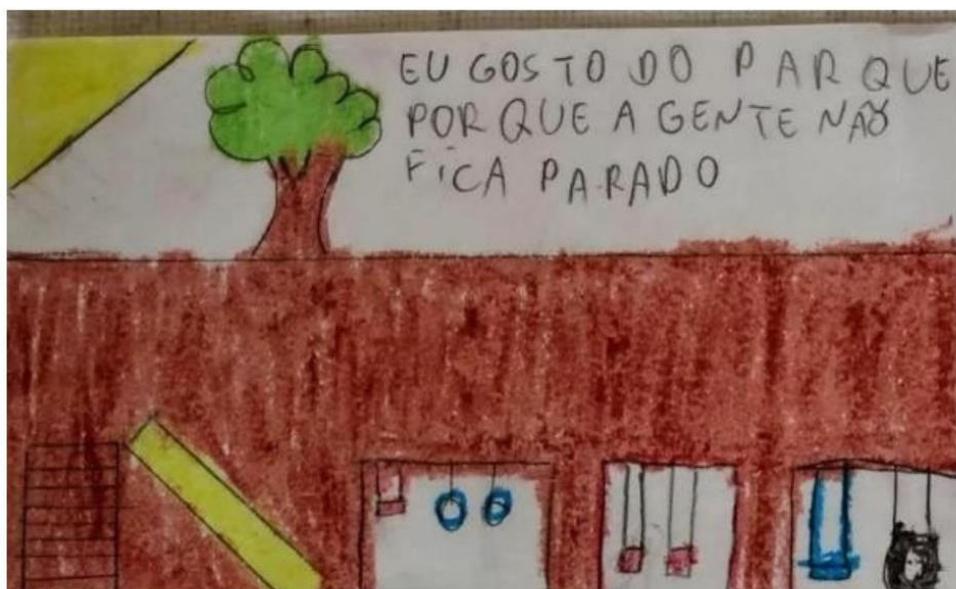
GOSTO DO  
PARQUE PORQUE  
FICO CALMA E  
RELAXADA. ELE É  
AO AR LIVRE.  
(K.L.)

ELA ESCREVE O  
SEU NOME  
COMPLETO.  
(PESQUISADORA)

AS VEZES EU  
FICO COM RAIVA  
PORQUE FICAMOS  
MUITO TEMPO  
(NA ESCOLA).  
(K.L.)

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 66 – Parque “L.V.”



EU GOSTO DO  
PARQUE PORQUE  
A GENTE NÃO  
FICA PARADO  
(L.V.)

NÃO QUEREM  
FICAR PARADOS.  
INTEGRAL É NÃO  
ESTAR PARADO?  
(PESQUISADORA)

ESCORREGADOR  
COR DE SOL.  
MUITA TERRA,  
TERRA QUE  
SUSTENTA OS  
BALANÇOS  
(PESQUISADORA)

Fonte: Acervo pessoal da autora

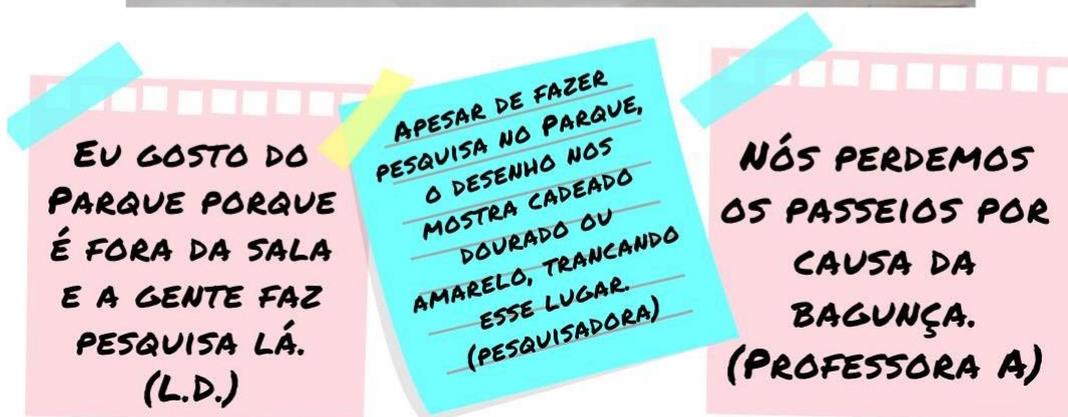
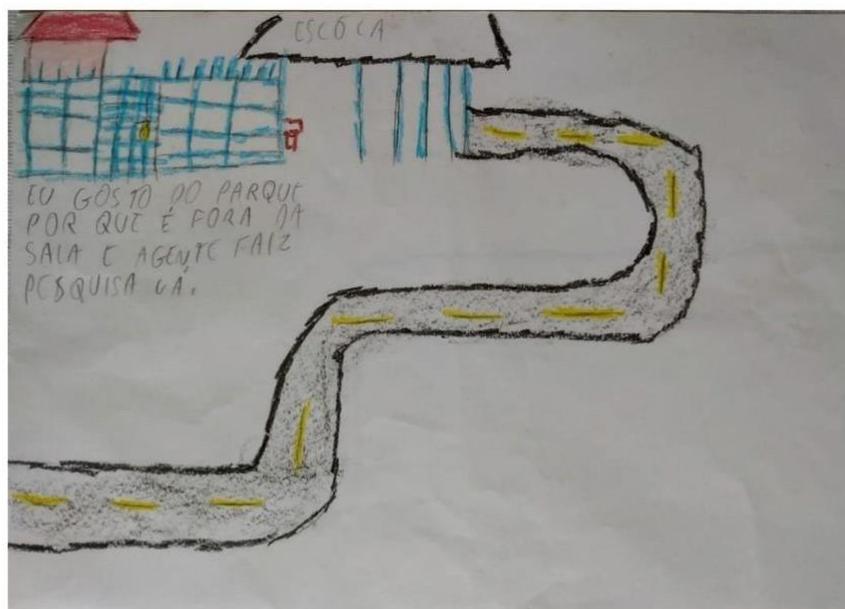
**Figura 67 – Parque “A.V.”**



**CAIXA DA  
NATUREZA DA  
BAHIA, BARRO  
DAS FALESIAS,  
TERRÁRIO...  
(PESQUISADORA)**

Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 68 – Parque ‘L.D.’



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ao parque são voltadas todas as atenções pela CPA. As professoras desejam que “A casinha do parque deveria ser aberta e usufruída pelas crianças, construir alguns cantos ao ar livre (embaixo das árvores, com bancos), onde pudessem ser realizadas leituras, assembleias, hora de descanso, etc.” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019<sup>86</sup>). Já as crianças contam, no levantamento da CPA, que “Gosta da escola por que...? Tem parque; Aprendo e brinco no parque; é uma escola legal, tem atividades fácil e tem parque” (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2019<sup>87</sup>).

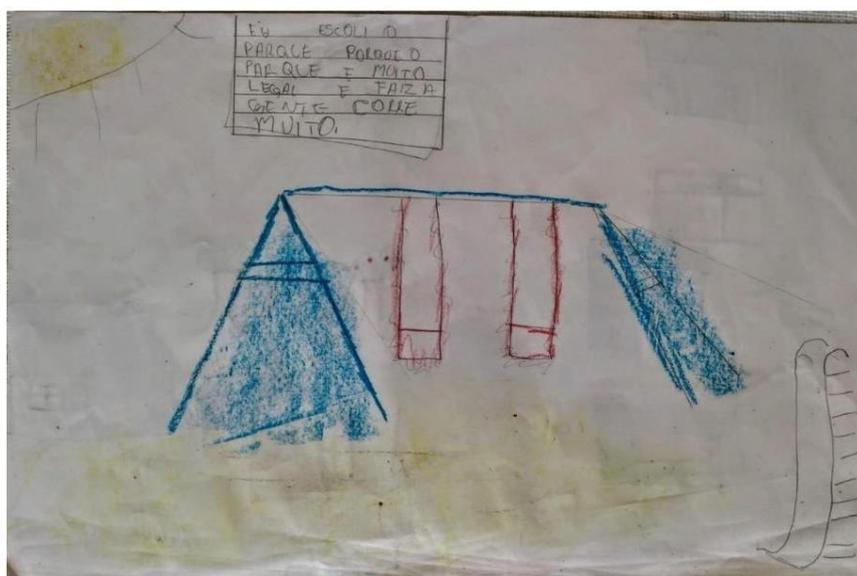
A “Escola da Esquina” guarda canários como “L.A.” que quer correr muito

<sup>86</sup> A fonte consultada nesta citação não é paginada.

<sup>87</sup> Ibid

pelo parque, e também “M.G.” que conhece animais que nunca havia visto, tem canário que sentada me conta, ali no parque, sobre a caixa da natureza e balança em amarelo. São canários-da-terra que me ensinaram a ver os lugares da “Escola da Esquina”. Permaneci, durante meu estudo de campo de pesquisa, numa tentativa constante de estar com olhos de pássaro para aquela terra, me fazendo uma pesquisadora pisante naqueles espaços e em aprendizagem sobre os tempos da escola, sobre os tempos das crianças cartógrafas, sobre os tempos de estar a descobrir a esquina que foi apresentada aqui por desenhos generosos de crianças desejanter.

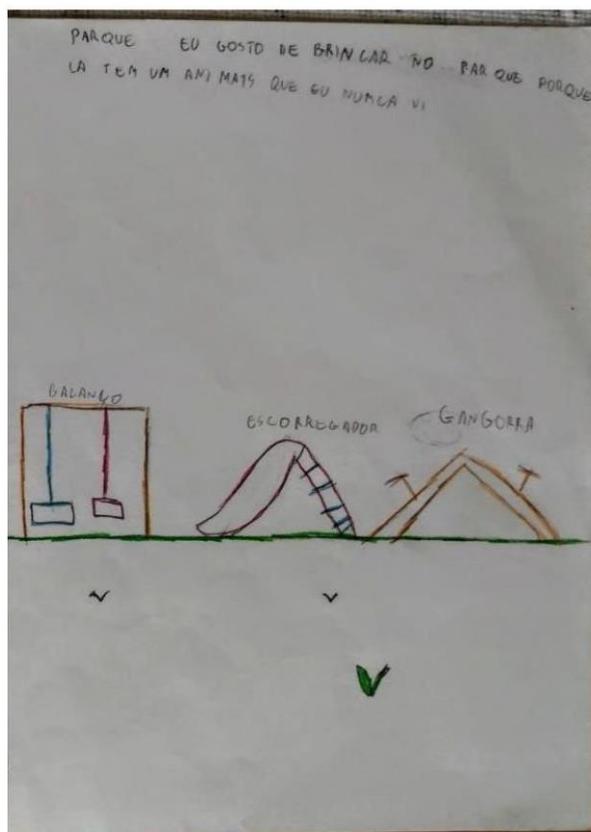
**Figura 69 – Parque “L.A.”**



**EU ESCOLHI O  
PARQUE PORQUE  
O PARQUE É  
MUITO LEGAL E  
FAZ A GENTE  
CORRER MUITO.  
(L.A.)**

Fonte: Acervo pessoal da autora

**Figura 70** – Parque “M.G.”



**EU GOSTO DE  
BRINCAR NO  
PARQUE, PORQUE  
LÁ TEM ANIMAIS  
QUE EU NUNCA VI.  
(M.G.)**

**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

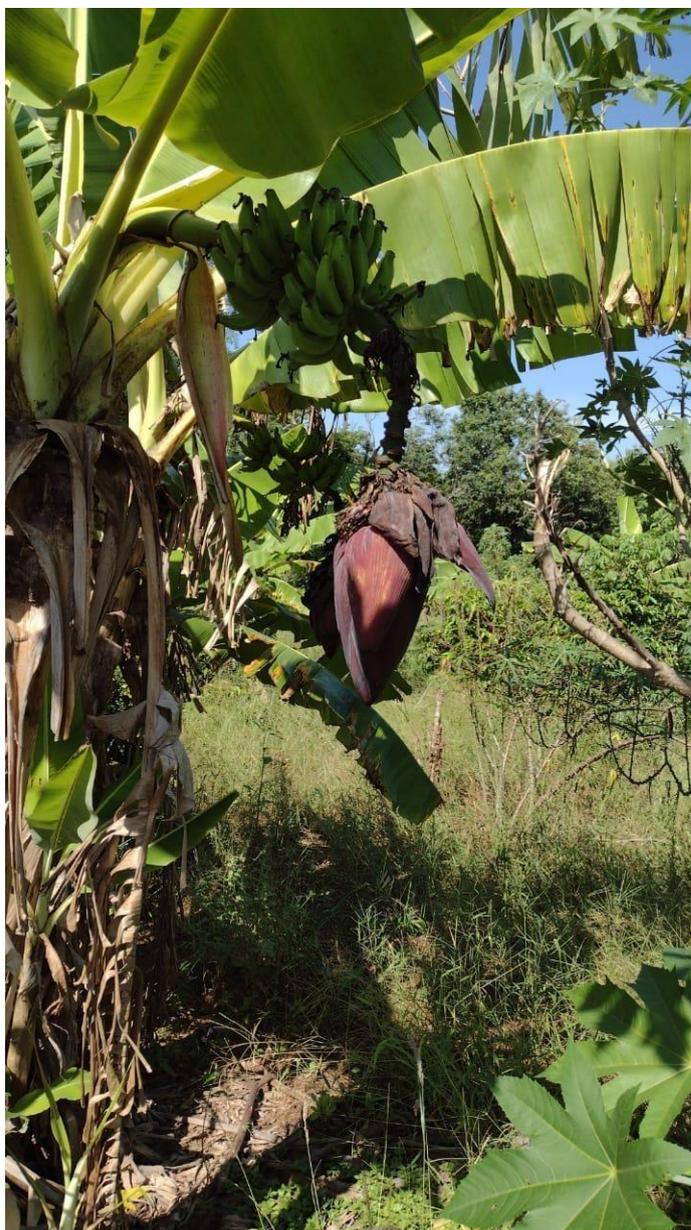
Crianças desejanter, guardei assim, mesmo que cadeados fechem parques, quadras tenham desníveis, atividades na sala de informática possam ser retiradas devido à indisciplina, temos ainda crianças que sabem tirar o que há de melhor naquela esquina. Contam sobre suas vidas, sobre suas idas e vindas para casa e para escola, que contam sobre dores e querem se sentir livres e correr, que gostam de filmes na biblioteca, de pesquisar coração de bananeira, que gostam de videogame, de bichinhos desconhecidos, de jogar bola, de horta e de aprender sobre a terra, que gostam de caixa da natureza, e que a montam para colocar no correio, que fazem entrevista com pesquisadora...São crianças criativas, com muitas habilidades e desejos de aprendizagem. São crianças reais, encarnadas, vivendo uma experiência singular de escolarização, nessa escola municipal de Educação Integral.

Desejanter é um jeito esperançoso de pesquisadora, é uma forma de aprender sobre criança e sobre como elas se relacionam com a escola, com seus caminhos, seus lugares favoritos, seus voos. Desejanter é um jeito de ler a

experiência que tive com os canários-da-terra. Para poetizar e deixar aqui as cartografias, que com suas asas colorem, digo que os cartógrafos pequeninos, canários-da-terra e desejantes, são as crianças protagonistas desta tese, estudantes do terceiro ano do ensino fundamental da “Escola da Esquina” do ano de 2019 e, com elas, senti cheiro de chuva, de terra molhada de água de chuva. Elas me coloriram e coloriram esta tese com o seu saber e inventividade.

## 5.2 ENTREVISTA NARRATIVA

Figura 71 – O coração da bananeira



Fonte: Acervo pessoal de Juliana Gomes Santos da Costa

Nas entradas e saídas que fiz naquela escola, o que me acompanhou foi a narrativa. A narrativa é o coração (Figura 71) e está em tudo aqui - na tese - e também está em tudo na menina do passarinho na cabeça; me coloco a serviço da narrativa,

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações (BENJAMIN, 1994, p. 6).

Como pesquisadora e narradora que me reconheço, tenho sede de palavras, e aprendo sobre a narrativa como forma de pesquisar, de ouvir as professoras que apresento, a seguir, e na forma de analisar tematicamente o que as histórias de vida nos informam. Aqui, tem conversa e tem um fazer de ouvir, colocar em texto o ouvido, ler e reler o dito pelas professoras plantadeiras, analisar: pintar colorido, encher de bilhetes as palavras dessas quatro professoras, pensar e escrever sobre cada temática semeada e trazer para esta tese o que tematizamos:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (BENJAMIN, 1994, p. 9).

A entrevista narrativa é a nossa escolha na colheita. Quem planta, cultiva e colhe são as professoras que conhecemos aqui mais de perto, como quem observa a folha verde com gotas de orvalho pela manhã. Essa colheita da pesquisadora se deu com as entrevistas narrativas que trouxeram temas que resolvemos destacar, como Infância, Trabalho e Educação Integral, que trouxeram a relação das professoras na e com a "Escola da Esquina". As narrativas das professoras, unidas às narrativas das crianças cartógrafas que nos apresentaram a escola e a Educação Integral por olhos passarinhos, desenhando seus caminhos e

contando o que os bilhetes coloridos nos informaram, compõem o cenário que ampliam a nossa compreensão das concepções circulantes acerca de Educação Integral.

As professoras trazem em sua oralidade o que vivem, suas concepções e “aprenderes” na educação; entendemos que a conversa é parte da metodologia da pesquisa:

Essas reflexões, cada vez mais, nos provocam a assumir a conversa como metodologia de pesquisa. Sim, quiçá uma metodologia fora das previsões dos manuais metodológicos, das normas, das especificações científicas. Mas também e principalmente por isso, uma metodologia que devir a pesquisa, o encontro, a troca: não há como prever, de antemão, as questões que vão surgir, os objetivos, as discussões a serem tecidas. Assumir a conversa como metodologia de pesquisa significa, portanto, assumir que a investigação não tem objetivos fechados, mas interesses (SAMPAIO *et al*, 2018, p. 36).

Não há objetivos fechados, trancados como o cadeado dourado que tranca o parque, não temos aqui estradas que não podemos percorrer, no entanto, enquanto pesquisa, nos comprometemos a explicitar nosso pisadeiro bem marcado do ter as entrevistas narrativas aqui neste trabalho; desejamos com elas, conhecer cada professora desde suas marcas contadas sobre a infância, pois “(...) uma das funções da entrevista narrativa é contribuir com a construção histórica da realidade e a partir do relato de fatos do passado, promover o futuro, pois no passado há também o potencial de projetar o futuro” (MUYLAERT *et al*. 2014, p. 195).

Para contar sobre Educação Integral, ouvimos professoras que, com suas vozes, fizeram ecoar a realidade da escola-campo, “Escola da Esquina”. Entrevistas narrativas que dialogam com tantas outras narrativas deste trabalho.

Quando as narrativas em sua forma de enunciado oral típico da Educação Básica saem dos muros da escola e passam a ser vistas como enunciados escritos úteis para compor os dados de pesquisas do campo educacional, acontece uma valorização desse gênero e de seus produtores (SERODIO; PRADO, 2015, p. 91).

A entrevista narrativa foi uma escolha nesta tese, pois entendemos que o narrar é humano e traz a voz de professoras que expressam seu contexto, como se reconhecem, “(...) gênero, etnia, classe social, momento histórico, social e cultural”.

(MOURA; NACARATO, 2017, p. 16). A oportunidade de ouvi-las e, com suas vozes e histórias, ir olhando novamente cada bilhete que produzimos nesta tese, folheando novamente um diário de campo, bem como observando fotos, narrativas produzidas no estar na “Escola da Esquina”, foi trazendo o cultivo, percebemos o tempo da colheita nesta tese:

[...] as entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando à profundidade, de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional. Ao se trabalhar com narrativas dos sujeitos das pesquisas, o pesquisador tem acesso não só à experiência vivida e narrada, como também à ressignificação da história a partir da sua narrativa, constituindo um trabalho de reconstrução daqueles momentos e experiências. (MUYLAERT *et al.* 2014, p. 194).

Olho minhas sandálias com a cabeça abaixada e observo bem meus pés; ao lado, vejo as sandálias delas. Onde estão? São sandálias de tamanhos diferentes, umas mais gastas, outras com menos uso, todas caminchantes. Olho bem ao redor e estão sentadas debaixo de um pé de árvore que faz sombra - árvore tem caules robustos, são fibrosos e articulados; as donas das sandálias também têm percurso robusto, carregadas de fibra e articuladas na arte de fazer sua prática/seu trabalho. A conversa nos leva como raízes pela terra,

[...] nunca se sabe aonde uma conversa pode levar...uma conversa não é algo que se faça, mas algo no que se entra... e, ao entrar nela, pode-se ir aonde não havia sido previsto...e essa é a maravilha da conversa...que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer (LAROSSA, 2003 *apud* SAMPAIO *et al.*, 2018, p. 21).

As professoras são chamadas a contar, por um pedido da pesquisadora; contam sobre sua vida e têm suas histórias, por vezes adormecidas, escondidas e às vezes trancadas, têm suas histórias agora narradas e ao ouvir as histórias, ao analisá-las, podemos compreender as singularidades e o que as aproxima. A princípio, podem surgir questões como: é relevante por quê? Quem quer ouvir? Sou importante por quê? Para responder o que pode ser problematizado sobre pesquisa e entrevista narrativa, trazemos que: “A vida cotidiana é a vida do indivíduo. O indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (HELLER, 1985,

p. 20). As professoras, com suas narrativas, trazem o Eu: “o “Eu” tem fome, sente dores (físicas ou psíquicas); no “Eu” nascem os afetos e as paixões” (HELLER, 1985, p. 20), e as professoras trazem sua singularidade, “uma questão de particularidade individual”. Além do particular, trazem também o genérico, “é o homem um ser genérico, já que é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano” (HELLER, 1985, p. 21). Sendo assim, as professoras não trazem uma história solitária, mas sempre em relação com a de outras pessoas, com a família e com outros grupos que cruzam seus caminhos. Isso acontece também na relação de integração, pois “jamais um homem é sozinho”, precisamos ter consciência de que somos “nós”; é, assim, necessário ter “consciência de nós, além de configurar-se também sua própria consciência do ‘Eu’”, o humano-genérico, ideia desenvolvida por Heller (1985) que nos traz o inteiro, “não significa jamais uma abolição da particularidade” (HELLER, 1985, p. 24). É reconhecer que as histórias narradas pelas professoras participantes da pesquisa aqui apresentada, são narrativas de mulheres professoras que se encontram no “Nós”, têm proximidades e podem se reconhecer na outra como humano-genérico, sem perder o “Eu” particular.

Cada trilho se faz com o trançar do vivido, cada uma traz seu jeito de plantar, cultivar e viver a colheita; são quatro, mas são muitas, são únicas e são doces. Me acomodo aqui nessa sombra também e conto o encontro que tive com cada mulher-terra.

[...] as narrativas são consideradas representações ou interpretações do mundo e, portanto, não estão abertas a comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio-histórico (MUYLAERT *et al.* 2014, p. 195)

A opção pelas entrevistas narrativas se mostrou como um caminho sem volta; as narrativas invadiram a pesquisadora e ficaram a falar dentro de sua cabeça que carrega um passarinho. As quatro narrativas me fizeram criar relações tão próximas e tão cheias de aprendizados, pois, durante os muitos diálogos com cada uma e depois atravessada por cada história, fui compreendendo como cada raiz se fez, se fincou, cresceu, correu para cada espaço de terra. Estabelecemos confiança e, com isso, as narrativas tiveram força - força que esteve e está em mim como pesquisadora -, as histórias dessas mulheres ecoam no passarinho da cabeça.

Tínhamos um objetivo de compreender as concepções circulantes acerca de Educação Integral e o atingimos quando essas professoras nos contaram sobre seus percursos como professoras nessa realidade de Educação Integral, quando nos contaram sobre sua chegada à “Escola da Esquina”, antes ou depois de ser uma escola de Educação Integral, contaram sobre seu trabalho, sua prática pedagógica e contaram ainda sobre como se fazem professoras.

Nossas entrevistas foram feitas partindo de uma questão central/desencadeadora: Conte-me sobre você, sobre a sua vida, sobre a sua profissão, para eu a conhecer e para conhecer o que é importante saber. Essa nossa questão orientadora trouxe, inicialmente, a experiência das professoras e, assim, “relevância social, pessoal ou comunitária”; pois compreendermos a necessidade de ser ampla, pois assim conseguirá,

[...] permitir ao narrador desenvolver uma história longa, com situações iniciais, e percorrer o passado até chegar à atual circunstância; e evitar formulações indexadas, as quais se caracterizam como perguntas sobre quem faz o que, quando, onde e o motivo (MOURA; NACARATO, 2017, p. 18).

As professoras poderiam partir de sua infância - como fizeram - e irem caminhando em suas próprias histórias, não de forma linear ou cronológica, mas de alguma forma que as deixassem confortáveis para contar sobre si e contar sobre sua profissão, escolha profissional e atuação até chegar na “Escola da Esquina”.

Contaram suas histórias, tendo pouquíssimas interferências da pesquisadora, para não perderem seu ritmo narrativo, sua emoção, seus silêncios e choros, seus sorrisos e lembranças que passam e precisam de um observar de quem as viveu. Em momentos específicos, quando se queria saber sobre uma atuação profissional ou sobre uma dúvida da sua realidade de trabalho narrada, houve perguntas pontuais (questões imanentes) e, então, para que as professoras trouxessem narrativamente sobre seu trabalho pedagógico, sobre Educação Integral e como a compreendem e sobre especificamente a “Escola da Esquina” e sua realidade, fomos apresentando questões emanentes, conforme explicado por Moura e Nacarato (2017), com questões elaboradas pela pesquisadora, antecipadamente, as quais dizem respeito a temas específicos da pesquisa. Então, para que as professoras fossem nos contando sobre a Educação Integral, fomos conversando, fomos chegando como quem caminha por uma estrada, fomos, de forma fluida,

chegando nos temas Educação Integral, no que se tem no cotidiano escolar dessa escola e no que se vê e se faz na “Escola da Esquina”, entendendo, assim, que “o entrevistador deve se preocupar com o percurso, não com a resposta final, pois é por meio do percurso que justificativas e racionalizações irão emergir naturalmente”. (PACHÁ; MOREIRA, 2022, p. 163).

A entrevista narrativa acontecia e a gravação estava ali para que, depois, a pesquisadora tivesse oportunidade de ouvir novamente, ecoando o som daquele momento, as palavras, os suspiros e os silêncios, meus olhos eram para os olhos delas. Apesar de um bloco de anotação em mãos, mantive as mãos bem paradas, anotações aqui só mentais, anotações deixadas no bico do passarinho da cabeça. Mas, ao final de cada conversa, depois do ouvir as experiências narradas, percebia que “[...] através de suas narrativas orais e/ou escritas” as professoras revelavam [...] diferentes marcas que possibilitam construções de identidades pessoais e coletivas” (SOUZA, 2014, p. 40). Então, depois de agradecer, explicar o próximo passo da pesquisa e me despedir de cada uma, o meu diário de campo e meu caderno de doutorado vinham para meu coçar de mãos. Anotações frescas como manga caída do pé de tão madura, que tem cheiro e não dá para esquecer.

As anotações ajudaram na elaboração da análise, no ouvir, transcrever, textualizar e analisar que se deu dali em diante. Voltei nessas anotações e nas textualizações<sup>88</sup> incansáveis vezes para adentrar como cada professora conta sobre si, sobre sua criança, sobre seu trabalho, sobre escola, sobre Educação Integral e sobre estar na “Escola da Esquina”.

A análise das entrevistas narrativas se organizou em três tempos – Tempo I sendo a organização e leitura das narrativas já textualizadas, construindo assim o perfil do grupo pesquisado (professoras da Educação Integral da “Escola da Esquina”) e, posteriormente, ainda no Tempo I, a leitura cruzada para compreender as “marcas singulares, regularidades e irregularidades do conjunto das histórias de vida-formação”. (SOUZA, 2014, p. 2014)

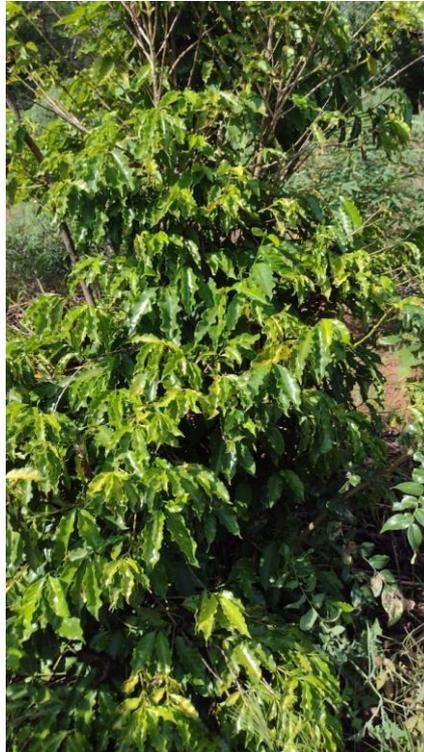
É importante lembrar que as transcrições e, posteriormente, as textualizações foram aprovadas pelas professoras e tiveram concordância com o que está apresentado nesta tese e, mais especificamente, neste capítulo que conta

---

<sup>88</sup> “Transcrição com a limpeza das marcas de oralidade, buscando construir uma narrativa em que as transações e os percursos vividos pelos narradores fiquem evidenciados” (MOURA; NACARATO, 2017, p. 20).

sobre campo, plantação, cultivo e colheita de pesquisa (Figura 72).

**Figura 72** – Pé de café



**Fonte:** Acervo pessoal de Juliana Gomes Santos da Costa

As quatro entrevistas narrativas me possibilitaram um aproximar de quatro histórias de vida, de quatro percursos profissionais, me fizeram também um arriscar de análise que nomeio como análise narrativa das entrevistas narrativas, análise feita sempre a quatro mãos, uma “análise horizontal” (SOUZA, 2014, p. 46). Quando a narrativa da professora vem no “Colhemos aqui...”, numa escrita interpretativa da pesquisadora, os meus olhos de pesquisadora estão encharcados de cada história ouvida: sou levada pela compreensão que faço com meu percurso acadêmico, metodológico, teórico, poético, estético, musical, mas, conforme escrevo, as mãos de cada professora vêm nas aspas, no seu dito, no que brota de sua narrativa e história de vida.

Após leitura, releitura e análise do Tempo I (pré-análise/leitura cruzada) avançamos para o Tempo II (Leitura temática), em que, com a mediação de destaques coloridos na narrativa das professoras, vou encontrando cada tema (Infância/Trabalho/Educação Integral). Nessa organização temática, fomos construindo comentários acerca de cada unidade que, na fase de qualificação desta

tese, definimos junto à banca avaliadora. Envolvidas pelo que o trabalho ‘tese’ nos informou pelas narrativas das professoras, aqui chegamos ao Tempo III, a análise compreensiva-interpretativa que acontece através do universo de significados e significantes que o texto narrativo comunica. Nesse agrupamento das unidades de análise temática (tematização organizada) – Tempo III desenvolvemos o texto narrativo da pesquisadora - Colhemos aqui..., lugar que as quatro mãos chegam para o encontro temático (sistema de referência) e lugar que todas as mãos e histórias cruzam-se como fios de sol.

No “Colhemos aqui...”, encontramos a passagem que marca a narrativa de cada uma e nossa análise que é essa construção sempre a quatro mãos - como mãos coletivas que aram a terra, que juntas laboram; é feita num entrelaçar de nossas vozes, de nossas letras, de aspas da professora e de escritas desta pesquisadora que vem para colheita com as mulheres-terra.

Ao tomar o conceito de Ferraroti (1988), de particular e geral, no que se refere às narrativas e histórias de vida, compreende-se que a análise horizontal e as unidades de análise temática possibilitam, a partir da leitura interpretativa-compreensiva, superar o agrupamento sucessivo de repetições contidas nos textos narrativos – saturação da informação -, explicitando particularidades individuais do *corpus* e da seleção de lembranças e experiências significativas dos sujeitos em suas trajetórias de vida, o que remete-nos à ideia de que o agrupamento das unidades de análise temática vai se constituindo mediante ao sistema de referência de cada sujeito quando narra a própria história (SOUZA, 2014, p. 46).

Nossa busca é por uma análise interpretativa-compreensiva das entrevistas narrativas, depois de apresentar o dito pelas professoras e da análise narrativa que me proponho abordando as temáticas: Infância, Trabalho e Educação Integral. Carregadas de aspas trazidas das histórias de cada uma, fizemos o que nomeamos como o encontro temático – em que localizamos, na narrativa da professora, o que atravessa os temas de análise por nós elencados, servindo de referência (sistema de referência de cada sujeito) (SOUZA, 2014). Arrisco-me a dizer que tais encontros temáticos atravessam o trabalho de professora de cadauma, sua compreensão sobre educação, escola e Educação Integral, mas atravessa a vida de cada uma: matemática para professora “F”, entusiasmo para professora “A”, o belo e a exigência para professora “R” e o Golbol para professora “L”.

Falemos de outro encontro que me proponho nessa análise, os fios de sol

que uma professora lança à outra, a cada narrativa apresentada. A análise narrativa entrelaçada a quatro mãos é um coletivizar de histórias, de quatro mulheres, de quatro professoras - quatro professoras atuantes na Educação Integral, as quais tive o privilégio de encontrar nesse caminhar pela “Escola da Esquina”. Elas lançam, ao final de sua história, os fios para outra continuar o canto, sacudir os grãos na peneira, sustentar a luminosidade.

Nós temos uma pesquisa que se apresenta tendo narrativas de mulheres professoras; elas, ao contarem sobre sua vida pessoal e profissional, trazem o singular de suas vidas, mas também entrelaçam seu percurso de infância, suas famílias, seu caminhar com a formação docente que informam em suas falas; contam e acabam por trazer à tona um coletivo de como se dá um percurso para se tornar professora, para se tornar professora de Educação Básica, de escola pública, professora de criança. As entrevistas narrativas nos dão características coletivas do ser professora com esse contexto e singularidades de como cada história de vida nos é partilhada/informada.

Ao final deste capítulo, fazemos como diria a professora “A”: “Hoje eu gostaria de voltar no tempo, às vezes eu sonho – como eu leio muito e gosto muito de ler ficção – em voltar no tempo e falar comigo (...)”. Então, nesse diálogo, nessa conversa, fizemos esse voltar que a professora “A” destacou, em meio à entrevista narrativa com um “às vezes eu sonho” e, com isso, pedimos para que cada uma conversasse com sua menina, a aconselhasse para o que a vida vai fazer dela. E assim, as professoras que estão nessa colheita com a menina do passarinho na cabeça fizeram suas conversas, seu reencontro com sua menina interior, que apresentamos ao final desse colher e acomodar de grãos.

## 5.2.1 O CONTAR DE SI DAS PROFESSORAS: AS QUE PLANTAM, CULTIVAM E COLHEM

### CANÇÃO DA TARDE NO CAMPO

Caminho do campo verde  
 estrada depois de estrada.  
 Cerca de flores, palmeiras,  
 serra azul, água calada.  
 Eu ando sozinha  
 no meio do vale.  
 Mas a tarde é minha.

Meus pés vão pisando a terra  
 Que é a imagem da minha vida:  
 tão vazia, mas tão bela,  
 tão certa, mas tão perdida!

Eu ando sozinha  
 por cima de pedras.  
 Mas a tarde é minha.

Os meus passos no caminho  
 são como os passos da lua;  
 vou chegando, vai fugindo,  
 minha alma é a sombra da tua.

Eu ando sozinha  
 por dentro de bosques.  
 Mas a fonte é minha.

De tanto olhar para longe,  
 não vejo o que passa perto,  
 meu peito é puro deserto.  
 Subo monte, desço monte.

Eu ando sozinha  
 ao longo da noite.  
 Mas a estrela é minha.

([CECÍLIA MEIRELES](#), 1967)<sup>89</sup>

Depois dos traços dos cartógrafos pequeninos e de nos aproximarmos dos caminhos e dos “gostares” de cada canário-da-terra, vamos caminhando pelo campo, com o olhar daquelas que contam sobre seus aterramentos e onde a estrela é delas (conforme canta o poema Canção da Tarde no Campo, de Cecília Meireles).

---

<sup>89</sup> Poema de Cecília Meireles, 1967. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/ODIxMDcw>. Acesso em: 28 mar. 2024.

Professoras, quatro professoras que contam sobre si, contam sua história, buscam suas memórias, nos contam sobre seus caminhos, pedras encontradas nas estradas da vida, bem como experiências que afagaram seus pés na terra ou afundaram seus pés em areia que pesa.

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1994, p. 1).

O que se segue, a partir de agora, depoimentos de quatro professoras, quatro mulheres, quatro histórias, quatro contadoras de sua infância, seu fazer como docente, seu viver o trabalho em toda a sua vida e quatro perspectivas de como entendem e vivem a Educação Integral.

Essas colegas de trajetória, neste doutoramento, me fizeram ver, por meio do estar em suas aulas, ouvi-las, observá-las e escutar suas narrativas de vida sobre como se faz para plantar ideias e como cultivar aprendizagens.

As mulheres<sup>90</sup> que me acompanham aqui são “plantadeiras”, “semeadeiras”, “criadeiras” de plantações, são “catadeiras” de frutos, são aquelas que sabem observar a terra, tirar dela o que há de melhor, conseguem observar voos pelo céu de passarinhos coloridos e que observam seus pés na terra fofa bem ao lado dos passarinhos que pousam à sua volta, são as que lançam fios de sol. Essas que educam canários-da-terra que estão a pegar sementes no chão, que trazem seus galinhos para o ninho e que, assim, tanto dizem sobre ser passarinho numa terra território. Aqui trazemos encontros com a terra, com o aprender, com o contar da vida, ressignificar tantas coisas, sobre ser integral e sobre ser professora.

As conversas que tivemos foram um saborear de fruta madura, foram um observar a grandeza de uma árvore. Ao ficar debaixo de uma sombra, ao sentir o vento no rosto, desceram lágrimas das “plantadeiras”, assim, elas foram “se contando” e nos informando do seu jeito de plantar, seu jeito de viver, as alegrias e tristezas, foram me apresentando, com suas mãos abertas, cada passo de suas trajetórias como professoras, suas escolhas por serem professoras e foram

---

<sup>90</sup> Por vezes apresentadas como mulheres, por vezes como meninas, mas sempre professoras caminhantes nessa pesquisa junto a Menina de passarinho na cabeça.

contando sobre sua colheita, o que colheram dessa trajetória, de onde vieram suas sementes, quais são seus sonhos e o que carregam em sua bagagem.

Elas, as professoras, caminharam cada uma em sua terra e, aqui, primeiro apresentamos cada uma, do que são feitas, sementes duras ou moles. Vocês verão canteiros de cada vida, de cada uma, verão troncos mais velhos e mais novos, galhos que sustentam escolhas feitas por cada uma e escolhas não feitas, outras escolhas que as fizeram perder toda uma colheita, mas verão também o florescer de cada professora.

As tematizações das entrevistas narrativas foram realizadas após termos em mãos as entrevistas transcritas. Posteriormente, essas transcrições foram textualizadas, retirando-se marcas da oralidade e passando pela leitura de cada professora participante da pesquisa, para, por fim, virem para o texto com destaque aos temas: infância, trabalho e Educação Integral.

As entrevistas narrativas das professoras, na íntegra, estão disponibilizadas nos anexos. No texto, encontramos um cavucar organizado como trabalho de tatu na terra, com as aspas que se abrem e se fecham com o que as professoras dizem. Nessa terra com túneis, encontramos a tematização no narrar de cada professora. Sabemos que há infinitos temas, afinal eles surgem conforme lemos as entrevistas, e teríamos conversas infinitas sobre cada vida, cada experiência de vida e profissional, mas destacamos neste trabalho três temas, pensados e discutidos entre pesquisadoras (orientadora e menina do passarinho na cabeça) e, também, pela generosa contribuição apresentada pela banca de qualificação desta tese.

A Educação Integral é tema da tese em questão, as professoras contam sobre Educação Integral e sobre escola e ainda sobre a “Escola da Esquina”. O tema Trabalho foi escolhido por ser um conceito não só recorrente no que cada professora conta sobre sua vida como também recorrente em toda a tese. No exame de qualificação do trabalho, foi feito um destaque por parte da banca, chamando a atenção para o conceito “trabalho” e como ele pode ser interpretado, sob diferentes perspectivas, pelo leitor, pela leitora e também pelas próprias protagonistas professoras. A banca destacou as diferentes maneiras como o conceito “trabalho” aparece nesse texto de tese e sugeriu uma abordagem mais detalhada. Assim, quando observamos as textualizações, notamos que as professoras contam sobre trabalho, seja antes da docência, bem como a própria docência e o que realizam nos

seus diferentes papéis sendo professoras, portanto, “trabalho” é um tema caro para elas e para nós, demonstrando a materialidade na vida pessoal e profissional das professoras, na concepção que constroem em relação à Educação Integral e ao trabalho nessa realidade, e ainda no seu trabalho pedagógico na “Escola da Esquina” que é nosso campo de pesquisa.

Os destaques para infância, para o que cada professora conta sobre a sua infância junto à família e nas experiências como estudante na sua vida escolar, o que lembram do ser criança – em que, ao final de cada entrevista narrativa, as professoras são convidadas a conversar com a “sua menina da infância” - é um pensar sobre qual a relação entre a história de vida (infância) das professoras e o “tom” que elas podem dar ao seu trabalho na Educação Integral nos dias de hoje. Um olhar de “vai-e-vem” no tempo, pois todas nós encarnamos o tempo nessa simultaneidade – o passado revive em nós em memórias recorrentes, o futuro projetamos em nós em nossos horizontes de futuro e o hoje é o que temos, o momento presente do qual não nos apartamos. Em que medida as memórias da criança são revisitadas por essas professoras e como essa “criança interior” interfere hoje nas suas práticas, ações, emoções, ensinamentos ofertados às crianças, no trabalho pedagógico na Educação e na Educação Integral. Assim, os temas de análise são “Infância”, “Trabalho” e “Educação Integral” e as professoras trazem nas narrativas suas vidas e suas práticas docentes conforme compreendem e atribuem significados.

As entrevistas foram realizadas com quatro professoras da “Escola da Esquina”, sendo duas entrevistas narrativas feitas na escola<sup>91</sup>, no espaço de guardados (uma sala acolhedora onde estão organizados materiais) e outra entrevista na biblioteca da escola. Tivemos uma entrevista realizada no Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região<sup>92</sup>, numa sala gentilmente cedida para entrevista, e a última entrevista narrativa foi feita no formato à distância<sup>93</sup> (via *Google Meet*), pois já estávamos vivendo em isolamento social, em virtude da pandemia de COVID-19<sup>94</sup>.

---

<sup>91</sup> No ano de 2020 (antes da pandemia).

<sup>92</sup> No ano de 2020 (antes da pandemia).

<sup>93</sup> No ano de 2020, durante pandemia, a entrevista foi realizada com mediação tecnológica virtual, via *Google Meet*.

<sup>94</sup> Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde como uma pandemia. Nesse momento ocorreram surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

A solicitação central apresentada na entrevista narrativa foi: Conte-me sobre você, sobre a sua vida, a sua profissão, a escolha pela profissão docente e o que mais achar importante a gente conhecer.

A partir dessa abordagem central, as professoras foram contando sobre suas infâncias, família, mudanças de cidade e sobre trabalho. Foram contando sobre sua vida escolar e sobre sua formação/construção como professoras, sobre o que as levou para tal escolha pela docência e, a partir desse contar, a pesquisadora, com sua escuta, foi se aproximando como quem caminha por um carreador para chegar na plantação. Então, no contar do percurso profissional, chegamos à “Escola da Esquina” e cada professora contou sobre o seu estar nesse lugar, sobre como viveu e vive o trabalho pedagógico e sobre o que entende por Educação Integral. Todas encerram seus contares reencontrando a sua menina interior e, nesse reencontro, buscando *ouvir* os conselhos que a menina interior oferta à professora de hoje, nesse entrelaçar de tempos, entremeando, tecendo futuro que hoje é presente e foi passado.

As entrevistas narrativas aconteceram com cada professora, respeitando o tempo que desejaram e que precisaram para contar sobre si, o que quiseram lembrar e o que esqueceram ou optaram por resguardar. São entrevistas gravadas que têm, em média, a duração de uma hora a duas horas, não ultrapassando três horas de conversa. Nessa lavoura aberta a caminho da colheita, temos cartografias que são frutos novinhos, cheirosos, prontos para serem apanhados; são desenhos, falas, olhos e bocas que contam sobre a “Escola da Esquina”. Viramos em outro carreador e já avistamos esse terreno com plantadeiras generosas, conhecedoras da esquina também, e se apresentam como cafezal em flor, iluminadas pelo sol.

Nosso objetivo de conhecer as concepções circulantes, acerca da Educação Integral, nos deu a escuta de narrativas das que nos acompanham nessa viagem, fazem paradas, têm mapas e pistas e não desistem de conhecer caminhos. É arrumar de lado um bernal, sentar um pouco e ter calma, tomar uma água fresca, por chapéu, enfrentar sol e pedir chuva.

Professora “F” é uma professora adjunta que, no ano de 2019, quando estive na “Escola da Esquina”, estava com o segundo ano do Ensino Fundamental. É professora experiente e sorridente que trouxe sua narrativa nos ajudando a ter pistas sobre a Educação Integral. Professora “A” é feita de coragem e entusiasmo, professora adjunta que, no ano de 2019, me recebeu em sua sala do terceiro ano do

Ensino Fundamental; professora “A” é a que guiava os canários-da-terra, uma mulher águia que me mostrou pegadas que eu não conhecia. Professora “R” é aquela que a boniteza toma, professora de Artes que morou naquela esquina até 2019 e me apresentou cores; ela é feita de música e não gosta que saíamos do tom. Ao final do ano, se despediu como a tinta se despede do pincel quando a água encontra, se aposentou da esquina. Professora “L” é a professora de Educação Física, tem firmeza nas mãos, carrega uma doçura no balançar da fita, é feita de cetim, me ensinou o que é e como se faz Educação Física, tem a delicadeza e a destreza que só uma fita de cetim pode apresentar.

### TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece  
 uma manhã:ele precisará  
 sempre de outros galos. De  
 um que apanhe esse grito  
 que ele e o lance a outro; de  
 um outro galo que apanhe o  
 grito de um galo antes  
 e o lance a outro; e de  
 outros galos que com muitos  
 outros galos se cruzem  
 os fios de sol de seus gritos  
 de galo, para que a manhã,  
 desde uma teia tênue,  
 se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela,  
 entre todos, se erguendo  
 tenda, onde entrem todos,se  
 entretendo para todos, no  
 toldo  
 (a manhã) que plana livre de  
 armação. A manhã, toldo de  
 um tecido tão aéreo que,  
 tecido, se eleva por si: luz  
 balão.

(JOÃO CABRAL DE MELO NETO, 1966)<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup>Poema de João Cabral de Melo Neto, da obra “A Educação pela Pedra”.

### 5.2.1.1 Professora “F”<sup>96</sup>

**Colhemos aqui...** “Desde a infância eu queria ser professora, mas a vida leva a gente para outros rumos (...) É uma trajetória que considero de sucesso”.

Professora “F” tem o desejo de ser professora. Lembra do cheiro do material novo, de sua infância, traz na memória cinco irmãos, dificuldade de ter o uniforme escolar, relembra que a escola era excludente e conta sobre a matemática, matemática esta que é seu encontro temático<sup>97</sup>.

A infância tem cheiro de material novo, “ai que delícia”, “borrachinha nova”, são os cheiros da memória de infância dessa professora. De todos os irmãos, é a única que se tornou professora. Seu percurso, ou como ela mesma diz “a vida leva a gente para outros rumos”, foi traçado pela localização no ABC Paulista, onde sua família residia. É preciso trabalhar, e a metalúrgica é a oportunidade, então, “são 15 anos como desenhista mecânica”; também é nessa experiência de trabalho que conhece a militância, “muito rica essa experiência”, e da necessidade pelo trabalho passa a ter necessidade por se organizar porque tem uma família.

O magistério é vontade, mas “quem trabalha na indústria se não fizer um curso voltado para indústria no primeiro corte é mandado embora, é desligado”. Então, minha pergunta foi: Havia escolha? Ela poderia ter escolhido o magistério se a escolha já estava feita? Porque é preciso trabalhar, uma pessoa da classe trabalhadora pode vir a ter escolhas mais restritas, direcionadas para não ser demitida, cortada, para a necessidade imediata de sobrevivência, para aqueles outros rumos que professora “F” rememorou em nossa conversa. Mas, ao mesmo tempo que a escolha não é escolha, ela se adapta a escolha, e a professora “F” nos diz sobre quando, apesar de querer, desde sempre, a Pedagogia, teve a oportunidade de estudar Ciências Sociais com 50% da mensalidade custeada pela

---

<sup>96</sup> Este diálogo aconteceu em forma de entrevista autobiográfica, foi realizado em 13 de fevereiro de 2020, às 11 horas, na biblioteca da escola-campo (Escola da Esquina) com a professora adjunta do segundo ano. Foi transcrito e posteriormente textualizado, conforme orientações do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 201) em seu Manual de História Oral. Foram retiradas as marcas da linguagem coloquial, próprias do discurso oral, isto é, as palavras que não apresentavam peso semântico para a compreensão da frase. A textualização na íntegra está disponível nos anexos desse trabalho.

<sup>97</sup> O que consideramos nessa tese como encontro temático é o que analisamos com as textualizações em mãos e que salta nas falas das professoras, como algo que elas próprias trazem como atravessador de sua prática pedagógica e de sua vida como um todo.

Prefeitura de Santo André. Foi uma adaptação da vontade? Professora “F” contou: “Eu gostaria de dar aula de história, mas hoje eu dou para menores”. A classe trabalhadora pode adaptar sonhos, desejos, e acaba por fazer um caminho possível frente ao não ser desligado pelo trabalho/empresa/ganha pão, às vezes nem adapta, às vezes deixa pelo caminho, não porque não queira mais, mas porque não deu conta de mais uma demanda para carregar nos braços: “eu engravidei dos gêmeos”, os gêmeos ocuparam o colo. O sonho foi readaptado e ela mesma refletiu sobre esse aspecto: “é uma trajetória que considero de sucesso”. E é, pois, no meio desse caminhar e de adaptar vontades que a família tornou-se sua maior prioridade. Assim acompanhou o marido na mudança de cidade, Estado e trabalho. Às vezes precisamos mudar as rotas e ela mudou.

Mudou para Campinas e, finalmente, estudou Pedagogia, já que perto da UNICAMP estava e o custo foi decisivo para fazer ou não curso superior. Conseguiu. A organização com os filhos também precisou ser ajustada à escolha de estudo e à profissão que irá exercer. A realidade enfrentada pela professora “F” é a realidade de tantas mulheres, trabalhadoras que cuidam de suas famílias e, apesar do desviar de caminho, buscam realizar seus sonhos, nem que sejam sonhos adaptados e postergados para um futuro incerto, que se concretizam mesmo depois de tanto tempo. Já com uma carreira estabelecida, porque ouvimos dela que o magistério seria importante, que ela sente falta, percebe que há colegas que fizeram magistério e, diferente da Pedagogia, “no magistério ensinavam coisas mais práticas relacionadas ao ensino” e isso facilitaria muito seu início de carreira.

O magistério é ponto de encontro entre nossas professoras narradoras: há as que fizeram e a que não fez (“F”) e, quando precisa conversar com a “sua menina”, tem esse arrependimento, mas ela mesma diz “eu tive oportunidade de fazer o magistério e não fiz, fiz o colégio técnico em desenho mecânico para permanecer na indústria”.

Professora “F” é viajante, sai do ABC Paulista e do desenho mecânico, vira mãe, vai ser estudante na UNICAMP, vai para o Rio Grande do Sul e volta, porque, mais uma vez, o trabalho ditou os rumos da sobrevivência de alguém da classe trabalhadora. As oportunidades de trabalho, para ela e para o marido, afazem retornar e, para manter sua família, é preciso passar no concurso com urgência, mais um adaptar de vontade. “Eu não gosto de ser adjunta não, eu queria ter uma sala fixa para mim, mas no momento, quando eu prestei o concurso tinha 130 vagas

para professor de sala e 230 para adjunto, com marido desempregado, eu trabalhando numa escola particular que o salário é bem inferior eu falei: não, eu vou no de adjunta porque é mais garantido”.

É preciso garantir, é preciso buscar estabilidade e um salário que mantenha uma família, como bem lembrou professora “F” que tem os gêmeos. Trabalhar como adjunta é o não querer revelado em “eles chamaram adjuntos, não podia chamar professora mesmo”. Então, aqui a professora “F” tem o cargo de adjunto “não” como professora mesmo, mas um outro lugar: será um faz de conta? Um lugar sem sala fixa gera insegurança no mudar de escola, no salário, no “estarno Fundamental no terceiro ano e a professora voltar e eles me chamarem para o Maternal e você se vira nos trinta”. Com isso ela reconhece seu caminhar, “eu rodei por muitas escolas e o que eu falo para você é assim, as escolas mudam de endereço, mas a realidade é muito semelhante, em toda escola tem aluno com problema de comportamento, um aluno com problema de aprendizagem, as crianças de Educação Especial (...), mas o que muda numa escola mesmo é a direção, a direção”. A professora “F” gosta da “Escola da Esquina”, antes mesmo de ela ser de Educação Integral, já substituía nessa escola e a diretora já conhecia seu trabalho; ela já tinha passado por diferentes escolas, “muitas escolas mesmo”, e na “Escola da Esquina” a relação com a diretora é boa a ponto de querer a professora “F” no começar da Educação Integral, mas ela não ficou.

Passou o tempo e, como ela nos apontou lá no começo da conversa, “a vida leva a gente para outros rumos”; assim, ela rumou de volta para “Escola da Esquina”, seja por fugir de demanda que não deseja, seja porque considerou ter “o perfil de trabalhar com projetos” e foi nos lembrando que “tem muita gente que pega Educação Integral para aposentar com salário alto”, muitas professoras optam pela Educação Integral.

Professora “F” disse que vir para Educação Integral é reconhecer que “o principal é o trabalho por projetos”, precisa ser um trabalho articulado com as outras salas e com toda escola, mas “cada um faz do seu jeito”, “a professora faz o seu trabalho, tem autonomia para fazer o seu trabalho”. A Educação Integral também “não pode ser aquela educação muito tradicional, sentadinho e lousa, porque a criança fica muito tempo, tem que ter movimento”.

Reconhece que, numa escola pequena, como é a “Escola da Esquina”, a articulação é dificultada porque só tem uma sala de cada ano; também conta da

“burlada”: “Algumas coisas eu faço porque eu tenho que fazer, outras, se eu não preciso fazer, dou realmente uma burlada, mas não uma burlada de preguiça de não fazer, não é conveniente naquele momento, não é necessário. Eu não faço (...)”. Seria autonomia de priorizar o que é importante naquele momento para a aprendizagem das crianças e fugir da informática semanal, pois, como diz professora “F”, “tem coisas que somos obrigadas”, mas a burlada é possível quando: “se eu não estou trabalhando algo que eu precise da informática, eu não vou ou eu vou numa hora de recreação para joguinhos (...), mas eu não vou lá pesquisar uma coisa se não me faz sentido naquele momento (...)”.

As afirmativas da professora “F” são: “Eu gosto da Educação Integral, eu gosto de trabalhar, eu gosto de ensinar algumas coisas que em outra escola não ensinaria”. Assim, a professora foi contando o que ali, como pesquisadora, pode observar e participar, como o projeto alimentação da “Escola da Esquina”: é preocupação constante da professora o momento de se alimentar, o que comem, como comem, como se comportam, “você mastiga, engole e depois você fala”. Então, ela contou com prazer sobre a abordagem crítica acerca do desperdício de comida, sobre o que chamou de reforço positivo com a sessão pipoca, que inicialmente era considerada boa, mas que depois analisou como “eles estão deixando de provar para não descartar”. Outro destaque do trabalho realizado pela professora “F” foi relativo ao descanso. A professora, inclusive, quando fez o curso de Psicopedagogia, estudou tal tema e considera que na Educação Integral a criança tem “uma jornada dura”, disse que se precisa ter atenção com essa questão, que a ampliação do tempo precisa ser vista também nessa dimensão do que será feito com esse ‘mais tempo’, pois a criança “mesmo que ela esteja no parque, ela está em atividade”; então, a professora “F” pontua que, na Educação Integral, ela trabalha isso, “a parte do descanso e eu cuido disso, não importa, a criança não quer dormir, dá uma cochilada, não quer deitar, não faz mal, você pode ler um gibí, música ou desenho (...) mas tem que ter uma hora de descanso pra dar uma parada (...)”. A pesquisadora ficou sempre com uma questão em relação à Educação Integral no que diz respeito ao tempo: a criança cansa de ficar mais tempo na escola ou cansa de como o tempo é vivido na escola?

A Educação Integral para uma professora é muito trabalho, como “F” nos lembrou ao final da conversa: “Nós professoras fazemos muita coisa, pensa muita coisa e tem muitas demandas, quem fala mal de funcionário público nunca foi numa

escola”. Educação Integral é “trabalhar sempre a partir da realidade da criança”. Mas professora “F” já fazia isso e disse que a “prática pedagógica não mudou muito”, mas ao mesmo tempo reconheceu que, na Educação Integral, a questão da diversidade de famílias é melhor trabalhada: “(...) a gente tenta trabalhar tudo isso para que a criança se sinta parte realmente daquilo” (...) “Porque uma criança que se sente parte da sala de aula, uma criança que se sente acolhida, que sabe que a realidade dela está sendo respeitada, ela rende mais, ela respeita mais e torna o meu trabalho mais fácil”.

Professora “F” afirmou que, para além do trabalho adensado da Educação Integral pela ampliação do tempo de trabalho e do reorganizar do trabalho pedagógico, há mais oferta de cursos ou momentos de formação. As professoras informaram que as formações ofertadas são atraentes e que há vários cursos, vários temas. Então, professora “F” contou sobre as reuniões e formações que aconteceram tanto na “Escola da Esquina”, como nos espaços de formação fora da escola.

Nossos temas para análise se encontraram como fios de sol que teceram a narrativa da professora “F”. No encontrar de fios de infância, trabalho e Educação Integral tivemos o encontro temático da professora “F”: a matemática.

A matemática está lá na infância da professora “F”: “que eu me lembre, principalmente no aspecto escolar é a matemática” [...] “Reprovei duas vezes o mesmo ano, o segundo ano, eu reprovei duas vezes e por matemática, eu tinha uma dificuldade cavalgar na matemática, por isso eu cuidei tanto da matemática”. A menina do passarinho na cabeça também teve dificuldade com a matemática e isso ainda canta nela, não reprovou, mas a marca permaneceu em suas memórias. O trabalho da professora “F” mostrou essa marca, o trabalho no ano de 2019, partilhada em sua narrativa e que teve a pesquisadora envolvida, foi o “mercadinho”, uma atividade educativa realizada com embalagens descartadas do uso doméstico e recolhidas pelos próprios estudantes, com o objetivo de alcançar a resolução de problemas matemáticos, “O mercadinho dá essa possibilidade da gente ver e você transformando do mercado para o caderno ela vê: ah é a mesma coisa, só que aqui no caderno eu armo a continha e resolvo, mas o troco é igual. Ela [a criança] vai vendo que é uma coisa que ela aprende na escola e que serve para fora e o que ela já sabe de fora serve na escola também, ela fica mais motivada a aprender”. Aqui observamos o cuidado da professora “F” com o mundo da vida cotidiana dos

estudantes, a vida que acontece fora da escola. Ela mostra a importância de valorizar o “saber de experiência feito”, como ensinou Paulo Freire. Crianças pequenas já sabem muita coisa, já aprenderam muitas coisas fora da escola e essa professora se preocupa em valorizar esse saber, essa experiência e esse mundo “real”, vivido fora da escola pelas crianças. O que está dentro da escola e o que está fora, pois, a escola não está suspensa no mundo, não está apartada da realidade da vida. Está tudo junto, mas, contraditoriamente, também está separada. A complexidade da vida, da constituição e do lugar da escola na sociedade estão expressos nessas reflexões e atitudes educativas da professora “F”.

Professora “F” compartilhou sobre sua dificuldade de infância em relação aos conteúdos da matemática e trouxe sua dificuldade para balizar seu trabalho com as crianças e, na Educação Integral, tem buscado potencializar esse trabalho, inclusive contou sobre o livro que já leu e refletiu sobre o trabalho do mercadinho: “Na vida nota dez, na escola zero”<sup>98</sup>, pois tem mais tempo para elaborar e trabalhar com o projeto do mercadinho, dialogando com outros conhecimentos, trazendo livros para leitura da turma, como por exemplo: “O tempo que a TV mandava no Carlinhos”<sup>99</sup>, que é um menino que quer tudo que vê na TV e eu trabalho isso também com eles antes de trabalhar no mercado”.

Afetadas com o “grito” de uma professora somos convidadas a irmos em direção a outra professora, que recolheu esse grito e narrou a história, pois estamos tecendo esse trabalho com fios de sol, como galos tecem uma manhã, como nos sugeriu o poeta no poema “Tecendo a manhã”.

---

<sup>98</sup> NUNES, Terezinha; CARRAHER, David; SCHLIÉMANN, Analúcia. Na vida dez, na escola zero. Editora Cortez. 2015.

<sup>99</sup> ROCHA, Ruth. O tempo em que a televisão mandava no Carlinhos. Ruth Rocha. Editora: Salamandra. 2000.

### 5.2.1.2 Professora “A”<sup>100</sup>

**Colhemos aqui...** “[...] Eu sempre fui águia. Eu não me contentava com o milho e queria voar, sempre quis e sempre tive que fazer isso por mim mesma, ninguém me falou como alçar voo, como se abre as asas, nunca fizeram isso comigo”.<sup>101</sup>

O trem é barulho de memória, professora “A” e a menina do passarinho na cabeça guardam barulhos parecidos, também guardam histórias do campo com pais que viveram da agricultura e saíram do interior para buscarem algo melhor.

Professora “A” contou sobre uma “infância difícil”, vai revelando o caminhar de uma família que teve uma trajetória igual à de “milhões de brasileiras e brasileiros”, interioranos que saíram de sua terra<sup>102</sup> porque não estavam “conseguindo se sustentar no campo”, apesar de todo frio e de todo medo, de praticamente passarem “fome e frio (...) porque não tinha cobertor”. Aqui identificamos na professora “A” o encontro temático: o entusiasmo.

Saída do interior e vendo, na sua infância, seus pais explorados e humilhados, trabalhadores buscando o sustento, buscando o sustento da família com duas pequenas meninas, professora “A” lembrou do frio – o frio a tomou para pensar infância, e também em todos os momentos da vida que trouxeram a marca da fragilidade, como diriam os pais da menina do passarinho na cabeça – *Só quem já passou fome sabe como dói*. No caso de professora “A” só quem já sentiu tanto frio sabe que ele pode te acompanhar para sempre, especialmente quando o medo vem. O frio a tomou, mas em contrapartida, o fogo também atravessou essa história. A professora “A” contou que a infância “não foi toda triste, porque a gente era criança, brincava e tudo isso”, mas logo foi invadida pela realidade da vida ao lembrar que, devido ao trabalho da mãe, que precisava se desdobrar e o pai que depois de um longo período sem trabalho, realizando apenas pequenos serviços temporários, “ele fazia “bico” daqui e dali”, ficando ela a responsável pela irmã e também responsável pela casa, ou seja, responsável pela compra e uso do gás.

<sup>100</sup> Este diálogo aconteceu em forma de entrevista autobiográfica. Foi realizado em 14 de fevereiro de 2020, às 14 horas, numa sala disponibilizada no Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas, com a professora adjunta do terceiro ano da Escola da Esquina (2019). Foi transcrito e posteriormente textualizado, conforme orientações do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 201) em seu Manual de História Oral. Foram retiradas as marcas da linguagem coloquial, próprias do discurso oral, isto é, as palavras que não apresentavam peso semântico para compreensão da frase. A textualização na íntegra está no anexo deste trabalho.

<sup>101</sup> Leonardo Boff narra a fábula da Águia e da Galinha. Disponível em:

<https://leonardoboff.org/2020/09/16/a-fabula-da-aguia-e-da-galinha>. Acesso em: 10 abr. 2024.

<sup>102</sup> Os pais de Professora “A” saem de sua terra, Santa Mercedes/SP, “na época do golpe de 64”.

O fogo usado para esquentar a água quente do banho, para cozinhar, para tentar de alguma forma passar menos frio, foi o mesmo fogo que uma criança tentou administrar e foi enganada pelo vento: a irmã se queimou, seu corpo foi abafado pelo cobertor, mas a culpa, desde então, cercou a vida da professora “A”: por toda vida, “muita culpa”! E ela se lembrou dos gritos de sua mãe, “está vendo, você quase matou a sua irmã”. São gritos que marcaram sua vida. A mãe, ao acusar a filha mais velha “A”, na verdade se acusa: “Minha mãe deixava duas crianças, eu tinha nove anos e minha irmã sete, então... eu olhava, eram duas crianças pequenas sozinhas, eu não tinha culpa de ter perdido o gás, eu não tive culpa do acidente que aconteceu e quando ela me acusou eu acho que ela acusava ela mesma na verdade”.

Enquanto realizava meus estudos de mestrado, na PUC-Campinas, aprendi o que professora “A” me trouxe aqui: não existe uma infância, existem infâncias, formas diferentes de viver a infância e, no caso da professora “A”, a sua infância foi vivida com muita responsabilidade, um amadurecer à força. Aqui também os gritos da mãe da professora “A” nos informaram sobre o trabalho em alguns lares, de trabalhadores como os pais da professora “A”, que se ausentam de suas casas, atribuem a uma criança a responsabilidade pelo cuidado, com o asseio da casa e da irmã mais nova. Os pais, frente à necessidade de sustento da família, se ausentam em longos períodos da vida cotidiana e, se o Estado não assume as crianças correm o risco de perder a própria família, e ainda culpando-se a si mesmos.

Professora “A” contou da mãe vítima da desigualdade, da humilhação de estar como doméstica e sofrer abusos, inclusive sexual. São mãe e pai que sofreram todas essas violências e mazelas sociais. Não ter trabalho é um dos sofrimentos narrados por trabalhadores que, por vezes, estão em trabalhos humilhantes, análogos à escravidão, que machucam seus corpos e sua alma. Como narrado pela professora “A” quando escutou, ainda criança, os pais discutindo sobre aborto, da mãe que “ganhando aquela miséria, comendo depois de todo mundo” se viu grávida e teve da patroa um adiantamento para interromper sua gravidez, de modo precário e dramático: “o útero dela foi perfurado e ela perdeu o útero, teve uma infecção muito séria, quase morreu”. A patroa, depois de mais uma violência contra aquela mãe disse: “ainda bem que aconteceu isso porque ela não iria trazer mais pobres para o mundo”. A patroa, se atribuiu um lugar de quem pode decidir e escolher quem teria o direito de nascer; a patroa, que expressou seu engano em ser superior, em

ser a “dona da razão”.

A patroa aqui me remeteu a muitas marcas<sup>103</sup>: Mulheres, raça e classe e me trouxe Davis (2016) e esta passagem: “[...] Belle, a esposa de Kunta Kinte, aprendeu sozinha e com dificuldade a ler e a escrever” (Davis, 2016, p. 34-35). Em períodos de escravização foram desenvolvidas estratégias para lutar, sendo uma delas pode ser ler e escrever escondido. A professora “A” disse que “queria voar, sempre quis e sempre tive que fazer isso por mim mesma, ninguém me falou como alçar voo, como se abre as asas”. Assim, a professora “A” fugiu sozinha para voar. Aprendeu sozinha, tanto que, ainda hoje, tenta ajudar outras tantas águias a abrir asas. Não economizou em seus relatos do contar sobre alunos que passaram por sua vida, sobre lutas por educação para sujeitos que queriam trabalhar seja como garçons ou na área de gastronomia, seja “um menino que não gostava de culinária (...) gostava de mecânica”, e ela conseguiu um curso de mecânica para ele, e hoje ele tem sua “oficina mecânica”.

Professora “A” em seus relatos sobre o trabalho doméstico, em condições humilhantes, contou da subserviência de sua mãe e afirmou: “Eu vivi numa época que filha de empregada doméstica usava o elevador de serviço e no futuro seria doméstica”. Ouvindo o depoimento não pude deixar de lembrar do filme “Que horas ela volta?”<sup>104</sup> A pernambucana doméstica do filme veio para São Paulo tentar dar uma vida melhor para filha. A doméstica deixou a filha em Pernambuco para cuidar do filho da patroa e, morando na casa dos patrões e é considerada, por eles, “como da família”. O filme aborda sobre um protocolo de comportamento de classe, sobre como devem ser os filhos das domésticas. Duvida-se de que a menina estudante possa passar no mesmo vestibular do filho da patroa e não se admite uma cabeça erguida sendo filha da doméstica. Professora “A” contou sobre isso e fez lembrar de Conceição Evaristo quando escreveu sobre trouxas roupagens sujas dos brancos em seu poema Vozes-mulheres, ela tem marcas. Professora “A” fugiu com entusiasmo do que considera sina: “As minhas amigas dessa época que tinham a mesma idade que eu, hoje são domésticas, não que eu estou desprestigiando, mas

<sup>103</sup> Professora “A” não falou de sua etnia, cor, raça de forma explícita, mas, no campo interpretativo da pesquisadora, a professora “A” é uma filha de agricultores, não se reconhece como branca elitista, não se diz negra, mas, como a menina do passarinho na cabeça, o ser parda e de classe trabalhadora está posto e é reforçado pelas lutas que trava, pelas escolhas que fez e faz e posicionamentos que defende.

<sup>104</sup> Filme “Que horas ela volta?” Drama escrito e dirigido por Anna Muylaert, do ano de 2015.

eu queria mais (...).”

Professora “A” ficou marcada por isso e, como não adotou o protocolo do elevador de serviço, entrou em rota de fuga, se aproximando do que seu pai chamava de gente “granfo, granfino”, mas que, para ela, é só uma busca por conhecimento. Ela fugiu da condição de galinha, ela acreditou ter o direito de ser águia, direito este que todos temos, mas que nos é negado<sup>105</sup>. Somos jogadas em um elevador de serviço, sem a oportunidade de escolher nosso caminho com entusiasmo, nos é ofertado só milho.

Professora “A” contou querer comer uma maçã, “aquela maçã argentina, vermelha, bonita (...)” de “papelzinho azul”. Não teve direito à maçã e nem soube o porquê – quando criança, ela observava que não tinha algumas coisas e nunca entendeu porquê. Ela queria ter agasalho quente que não fosse doado pela professora com seu olhar de pena, queria ter direitos como trabalhadora, queria moradia decente, água quente. Sua rebeldia é a manifestação da águia viva que ela guardou dentro de si. Essa mesma águia que a habitava quando, para defender um “menininho pequenininho”, jogou sua bolsinha no chão, “bolsinha azul que minha avó tinha feito para mim”.

Ela bate o pé até hoje, ela não escolhe qualquer direcionamento, assim como a professora “F” não escolheu. Professora “A” é uma exceção das circunstâncias: “eu sempre fui muito questionadora na escola, em todos os lugares”. Ela naturalizou seu comportamento de rebeldia, pois pensa que é só o ser águia que fez isso com ela, mas eu me pergunto se é “natural” ou decorrente da desigualdade que a marcou.

Professora “A” não é “granfo”, nem se tornou doméstica, foi escolhendo dentro do que, de certa forma, foi escolhido para ela como águia; voou, mas advinda da dificuldade, da desigualdade, da classe trabalhadora, ela voou o voo possível. Amadureceu tão cedo cuidando da irmã, da mãe adoecida, precisando assim trabalhar e, por mais que tenha sido aprovada para o curso de Nutrição, não o fez. Não fez porque precisava trabalhar durante o dia. O desejo ficou pelo caminho, então, um curso integral e pago nunca faria parte de seu voo. Alguns sonhos ficaram perto, outros longe. O que vai levando o nosso sonho para longe? O tempo ou as condições impostas?

---

<sup>105</sup> Leonardo Boff – Fábula “Águia e a Galinha”.

Ela voou, não sabemos se alto ou baixo, sabemos que ela fugiu do elevador de serviço - como Belle que, para fugir da escravidão<sup>106</sup>, aprendeu a duras penas o conhecimento que transformou a sua vida e a de quem estava por perto. Professora “A” se transformou em professora.

O ser doméstica seria o destino socialmente imposto, seria repetir a história da mãe, é um assimilar de sofrimento. Seria perder, mas como ela mesmo narrou, desde criança foi questionadora e resistente. Certa vez, quando tentaram obrigá-la a comer o que não queria na escola, negou. Esta história foi tão marcante que saltou em sua narrativa, quando contou sobre a sopa de feijão: “eu não comi aquela sopa” (...) Eu nasci para questionar, e não comi aquela sopa (...). No seu trabalho como professora, a fuga dos canários-da-terra foi acolhida por uma águia, sua postura com alunos questionadores foi e é um se reencontrar; ela reconheceu nas crianças cartógrafas o questionamento que ela carrega. Narrou seu perguntar sobre a contribuição da APM<sup>107</sup> na escola quando criança, “(...) naquele momento que eu levantei a mão para perguntar, eu estava assim, na minha consciência de criança, eu ia apanhar daquele homem, porque ele batia nas crianças, mesmo assim eu perguntei porque eu nunca fui de abaixar a cabeça”<sup>108</sup>. Os pais de professora “A” se aborreciam com o pedir dinheiro para APM. A mãe dizia para menina: “Se eu mando dinheiro para APM você fica sem leite”.

O nosso tema trabalho está aqui, perpassando a narrativa autobiográfica da professora “A”. Não aparece diretamente, mas está aqui, está aqui a marca. O dinheiro que se ganha não é suficiente. Aqui, a menina do passarinho na cabeça teve novo encontro com a história da professora “A”. Já ouvi, algumas vezes, que meus pais deixaram de tomar leite, porque o leite era contado, na medida para mim por um mês, não podendo ter outra pessoa nem a experimentar. Meus pais tinham condições para ter apenas um bife de carne, um bife que acabava se destinando somente para mim e, assim, eles comiam sem a carne e me observavam a comer. O tema emerge a partir da escassez do leite, da carne, do cuidado com a casa e a irmã menor, na rebeldia, na dor, nas queimaduras, no frio... O trabalho, que é visto como grande salvador quando se sai da roça, pode ser nosso engano, pode ser

---

<sup>106</sup>Belle é esposa de Kunta Kinte – Angela Davis (2016)

<sup>107</sup>Associação de Pais e Mestres – contribuição espontânea.

<sup>108</sup>E preciso nessa análise trazer música... “Eles querem que alguém que vem de onde ‘nois’ vem seja mais humilde, abaixe a cabeça, nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda...” (Música Mandume – Álbum: Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e lições de casa. Emicida, 2015).

armadilha. Numa sociedade de classes, a desigualdade é sustentação. Quem passa fome tem dificuldade de pensar, as escolhas não são escolhas, não é possível aprender com qualidade, não é possível viver dignamente.

Embates da vida desde a infância: “Ela gritou comigo e eu gritei com ela”, embates nos trabalhos, do comércio quando foi mais uma vez despedida. O desemprego ronda a vida dos trabalhadores, até dentro da instituição escola, como professora “A”, brigando por seus alunos, pelos estudantes expulsos, marginalizados, aqueles que são descartados, aqueles dos quais todos já desistiram. A águia professora “A”, também chora “(...) chorando por causa da injustiça, da desigualdade e para onde caminhava aquela menina com tanto potencial”, “eu estava brigando com o sistema”. São meninas e meninos que passaram pela vida da professora “A” e aquela menina, que ela mesmo lembrou, “da bolsinha azul” jogada ao chão, sempre volta. Ela se revoltou frente à expulsão de um aluno que ela queria tanto de volta: “Porque agora que eu consegui, motivo para expulsar esse menino daqui (...)” (...) “Não tinha escola no bairro que fosse mais próxima e o “M” não foi para a escola, foi para o tráfico e acabou sendo morto no tráfico. Eu queria o menino de volta”.

Campos<sup>109</sup> (2014) nos alerta em sua tese:

[...] as histórias dos sujeitos da pesquisa reportam a outras com as quais me defrontei durante alguns anos de trabalho no Ensino Fundamental e Médio. Angústias experimentadas no cotidiano dessas escolas, onde vivi parte de minha vida, foram refinando meu olhar, impregnando de indignação minhas atitudes (CAMPOS, 2014, p. 38).

Professora “A” vai brigando para manter seu entusiasmo, já que ela mesma reconhece que “Meus pais nunca ligaram muito para que eu estudasse, eu sempre estudei por minha conta, eles nem iam em reunião, não iam em nada, uma que eles não podiam e não queiram mesmo, não ligavam, trabalhavam e não se importavam se eu fosse estudar ou não (...)”.

Professora “A”, ao narrar sobre os pais e sua trajetória, me fez pensar sobre como seus pais poderiam se manter entusiasmados com os estudos, como iriam ajudar a águia a alçar voos, se suas asas podem ter sido cortadas? Seus

---

<sup>109</sup>Aqui marco lugar, cito e agradeço à Ana Maria de Campos. Com sua tese “Histórias contidas e nem sempre contadas na formação de jovens e Adultos” (2014) e mais ainda com sua indignação frente a injustiças e expulsões tantas que se fazem na escola, e também na Universidade.

sonhos voaram e eles escolheram o quê? Sabiam o que era o estudo? Sabiam desse céu de possibilidades? O medo de se misturar com gente “granfo” não poderia ser considerado como manifestação de todo sofrimento vivido enquanto trabalhadores explorados?

O trabalho, para professora “A”, e o estudo, o acesso ao conhecimento estiveram juntos, em sua fuga do destino socialmente anunciado. Ela foi traçando uma rota de voo que traz estudo de francês com trabalho de grande empenho, ela se orgulha em dizer do seu conhecimento de diferentes línguas, seu saber de várias línguas e seu conhecer diferentes países e culturas, mas o que mais lhe traz orgulho é “(...) orientar as pessoas, é uma maneira de mudar o mundo”. O trabalho se mostrou como um percurso bem descrito pela professora “A”: da entrada na área da Educação, sendo professora do Estado, ao afastamento porque mesmo sendo águia, adoeceu, águias as vezes também adoecem. A Aliança Francesa e o que professora “A” acreditava ser um mundo melhor “(...) saí do mundo da injustiça, da desigualdade e fui para o primeiro mundo”. Será que foi? Ela fez o caminho de volta para educação e pediu exoneração. Depois, pela via do concurso em Campinas regressou para a educação, porque “Tem um cargo que você vai gostar que é de adjunto e você vai só ser apoio na sala, um cargo que você trabalha duas horas e o salário não é ruim (...)”.

Depois de idas e vindas para educação, o concurso trouxe professora “A” aos poucos para a escola. Primeiro completando a carga horária com o salário de Serviço Social. Entrou no concurso com magistério e fez Pedagogia só depois, já atuando como professora adjunta: “O trabalho de adjunto que era de apoio foi mudando, a maioria do tempo a gente está em sala, tem sala. Estava na Educação Infantil que eu gostava muito e comecei no Fundamental”.

Ela saiu do Serviço Social e ficou “só na educação e mudou de novo o formato do professor adjunto, então, eu fui para Escola Integral para garantir minha carga horária e me apaixonei pela Escola Integral. Eu entrei em 2017, três anos na “Escola da Esquina”, gostei muito da Educação Integral, gostei muito da escola”.

A Educação Integral para professora “A” “dá oportunidade da gente trabalhar com projetos” (...) “tem que saber fazer, tem que fazer e conciliar as coisas, agrupar os saberes e fazer uma coisa multidisciplinar”. A professora foi trazendo no seu relato a reflexão que sempre está presente no debate sobre da Educação Integral, “Na verdade o tempo chega a ser maior na escola, mas em matéria de

tempo de aprendizagem, acaba sendo igual à escola parcial, eles têm umas matérias extras, agora com o professor mesmo de sala não é tanto. Só que como é um tempo maior, você pode usar outros horários e fazer outras coisas, pode adequar. Então, eu consigo fazer isso, eu gosto de fazer, já tiveram muitos professores que saíram da Educação Integral por não conseguir fazer, não se adequar”.

Entre falar da Educação Infantil, que professora “A” considera ser o “filé mignon da educação”, e contar sobre sua estadia na Educação Integral “Já estou com mil e quinhentas ideias com as crianças, todo ano surgem muitas ideias com a Educação Integral, eu gosto muito de trabalhar e é a minha praia, é uma coisa que eu gosto e não quero mais sair”, ela foi nos informando sobre o que é ser professora adjunta, seu cargo atual. Foi contando sobre o “descompromisso” que acha haver na Educação Infantil, já que não é preciso alfabetizar, e que “cada criança tem o tempo dela”. A Educação Infantil é referência para professora “A”: A partir do “projeto de mar”, manifestou a sua insatisfação por saber que a Educação Infantil será cobrada por mais conteúdo. Observamos em sua fala, quando afirmou que “essas crianças pequenininhas vão ter que ser semialfabetizadas”.

O que circula, para professora “A”, em relação à Educação Integral, é que se “trabalha muito com pesquisas, com as tecnologias (...) as crianças fazem projetos, elas têm essa liberdade” e destaca que o que a Educação Integral quer é “essa autonomia para as crianças, ela quer esse trabalho”. A Educação Integral gera esse entusiasmo na professora “A”, mas, a “Escola da Esquina”, apesar de ela gostar da equipe de trabalho, não foi lugar que quis ficar, porque “A gestão tem papel fundamental e precisa apoiar, porque se a gestão não apoia o professor nesse trabalho, se ela está ali na defensiva, para atacar o professor, não vai, o professor adoce, fica doente”.

Professora “A” contou que foi encontrando no decorrer dos anos de sua vida “madrastas da Branca de Neve”: “quando meu filho era pequeno, eu contava os Contos de Fadas para ele e ele queria saber qual das madrastas era a pior (...), a da Branca de Neve queria arrancar o coração dela, essa sim era malvada”. Na “Escola da Esquina”, ela encontrou “uma diretora dessa linha, tipo madrasta da Branca de Neve”. Não encontrou apoio para seu trabalho. Professora “A” disse que, na relação com a diretora da “Escola da Esquina”, teve barreiras. O trabalho, muitas vezes, é como conto de fadas. Quem ocupa o lugar de madrasta em nosso trabalho? Uma

figura como a diretora ou é um sistema?

A professora “A” se removeu da “Escola da Esquina” em virtude do relacionamento difícil com a direção, mas permaneceu na Educação Integral, até porque se identifica e não quer sair, se diz animada com a mudança de escola e com os novos desafios.

Professora “A” está atualmente em novas terras, em outra escola que está começando a implementação da Educação Integral. Ela está conhecendo a gestão e notou que ela “tem se mostrado uma gestão que apoia o professor, que chama a comunidade para dentro da escola, que tem essa ligação com a comunidade, que quer o melhor do aluno, quer que a escola cresça, apoia a equipe”.

O trabalho junto com a comunidade é caro para professora “A”, “trabalho com comunidade”, “(...) a comunidade tem que vir para escola e tem que saber o que o filho está fazendo na escola, ela tem que apoiar a escola. Essa gestão é mais aberta, eu percebi isso”. “(...) a comunidade tem que gostar da escola, gostar do professor, gostar da direção, ser parceiro da escola, porque na outra escola os pais vinham e parece que já vinham na defensiva, eu não senti muito isso nessa escola, senti que os pais são mais abertos nessa escola”.

Professora “A” nos faz pensar e sugere que a Educação Integral deva ter uma relação com a comunidade externa ainda mais forte e próxima. “(...) Eu gosto de desafios, estou animada, todo ano estou, mesmo que eu tenha que descobrir uma forma de motivá-los, porque eles não estão motivados, eles não gostam, eu não sei se porque vieram de uma escola parcial e não têm essa vivência ainda. Parece que para eles a aprendizagem e estar ali é uma obrigação, quero transformar isso num prazer”.

Professora “A” tem um ideal de sociedade, ela quer transformar, quer um trabalho com as crianças para que “elas gostem daquele cotidiano e gostem de estar na escola, de estar ali e de estar aprendendo, criar uma aprendizagem prazerosa, porque aprender é um prazer. Você aprender uma coisa nova é um prazer, para mim sempre foi (...)”.

Então, professora “A” foi contando sobre tantos cursos que fez e outros que iniciará. Contou sobre como “fazer pão de fermentação natural” e que, no seu trabalho, tem oportunidade de fazer curso de formação no CEFORTEP<sup>110</sup>, que ela

---

<sup>110</sup> Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional – CEFORTEP, é um equipamento público da rede municipal de educação, destinado à formação de profissionais da educação que

considera como sendo “uma coisa tão legal da prefeitura, porque tem os cursos de graça; eles pagam hora-projeto para você fazer o curso e você aprende”. Aprender é o que motiva a professora “A”, ela reconhece que ter a oportunidade de fazer curso sem custo, aprender, ter hora-projeto remunerada é reconhecimento do trabalho, é conquista para o professor e professora: “É para sua escola, para sua história, ou seja, é para mim, para minha vivência”.

A formação que foi tão buscada por uma águia, agora vem “de graça”, exigindo somente o esforço dela, então ela diz “eu gosto e vou lá e faço, prazer por aprender realmente. “(...) O tempo passa do mesmo jeito e se ficar em casa sem fazer nada vai passar o tempo e se eu fizer um monte de coisas eu vou aprender (...)”. Professora “A” contou que sua escolha religiosa também tem relação com esse entusiasmo em aprender: “me disseram: a gente ensina aqui que a glória de Deus é a inteligência. Eu disse: aqui é meu lugar. A glória de Deus é a inteligência? É isso que eu quero”. A professora busca conhecimento para si e acredita em seu papel é o de estimular águias a voar, de ensinar a abrir as asas: “acho que você pode mudar e ir mudando aos poucos e de repente você não mudou o mundo, mas mudou o mundo de alguém, a perspectiva de mundo de alguém e acho que isso para mim ainda é muito, foi muito precioso isso”.

Nossos temas de análise se encontraram como fios de sol que teceram a narrativa da professora “A”. No encontrar de fios de infância, trabalho e Educação Integral emergiu o encontro temático da professora “A”: o entusiasmo. O entusiasmo da professora “A” é o que ela guarda numa caixinha de porcelana. “Eu guardaria meu entusiasmo pela vida e pelo meu trabalho, isso que eu tenho”. O entusiasmo está na infância da professora “A”, quando ela, apesar de toda a dificuldade lembrada, se manteve rebelde, se manteve intensa e viva. O entusiasmo a fez se manter firme, porque a vida não foi “delicada” com ela: “a vida nunca foi delicada comigo, eu sempre digo que a vida é uma madrasta (...) a vida sempre foi uma madrasta e uma madrasta da “Branca de Neve”.

Ela não se encheu de amargura, ela se encheu de entusiasmo, de alegria intensa, se reconheceu águia e foi viver, buscando fugir da condição dada. Condição de seus pais, seu pai com tanta dificuldade em conseguir trabalho: “meu pai não conseguia trabalho” e “Minha mãe começou a fazer faxina, começou a trabalhar de

doméstica, teve um percurso muito difícil”. O entusiasmo está no trabalho, no decorrer de sua vida, do Serviço Social e mesmo quando a dificuldade do desemprego a pegou, mesmo quando o convênio médico e sua condição de saúde abaloufez a escolha por determinado caminho, ela não perdeu o entusiasmo, ela quis mais: “acho que o dia que eu deixar de fazer planos eu morro. Continuo fazendo planos e eu quero estudar, quero fazer um mestrado e fazer um doutorado, estou com cinquenta e oito anos e daqui dez anos eu vou estar com setenta anos, não sei até quando vou ter toda essa energia”.

Professora “A” mudou seu voo diversas vezes: da Nutrição, que era sonho, para o Magistério, que era a possibilidade; mudou da docência para o Serviço Social; e, depois, regressou, fez Pedagogia e voltou para a sala de aula. Não há como negar que o seu refazer de rotas é um refazer com medo, mas com entusiasmo. Ela considera que: “A vida toda eu sofri muito em todas as áreas, isso me toca, mesmo a elitista como é a “Escola da Esquina”. Mesmo tendo sido difícil trabalhar e com uma direção que era mais malvada que a madrasta da Branca de Neve, ela não perdeu o entusiasmo ao dizer: “não é qualquer diretora metida a besta, bolsonarista<sup>111</sup>, que vai me derrubar, não é qualquer marola que me derruba”. Professora “A” trouxe da infância para o seu trabalho, o seu entusiasmo, que guarda na caixinha de porcelana, e na Educação Integral teve a parceria dos desejantes (alunas e alunos do terceiro ano da “Escola da Esquina”, nossos cartógrafos da pesquisa) e sobre o que irá viver agora em outra escola afirmou: “Eu vou com as crianças que estão fraquinhas, mas vou trabalhar com elas e trabalhar produção de texto todo dia, texto e leitura pra ver se eles conseguem escrever e conseguem ler”.

Saídas do “grito” de uma professora para sermos a outra professora que recolheu esse grito e narrou a sua história, pois estamos tecendo esse trabalho com fios de sol, como galos tecem uma manhã, como nos sugeriu o poeta no poema “Tecendo a manhã”.

---

<sup>111</sup> Bolsonarista é uma palavra derivada do sobrenome Bolsonaro. Bolsonaro foi presidente da república entre os anos de 2019-2022 e sua gestão foi marcada por corrupção, ódio, perseguição aos educadores, às escolas, à ciência, saúde, cultura. Uma gestão de viés francamente fascista, aliada à extrema direita mundial. Por esse motivo, uma pessoa tratada como “bolsonarista” é uma pessoa identificada com esse momento regressivo da vida brasileira, marcado por muita dor, por mais de 700 mil mortes, provocadas pela pandemia de COVID-19 e que foi tratada como uma “gripezinha” pelo presidente da república.

### 5.2.1.3 Professora “R”<sup>112</sup>

**Colhemos aqui...** “Preciso pegar um lenço. (...) valeu tudo muito a pena, valeu todo esforço, tudo que fiz, não me arrependo, não me arrependo de ter sido exigente comigo e ter feito as coisas, porque eu cresci (...)”.

Ela é apelido afetuoso que o tio deu quando pequena, mas é a professora de Artes de nome composto também, “é a mesma pessoa, na verdade”. “(...) Foi um apelido que eu ganhei, bem na infância mesmo. Eu acho que devia ter quase dois anos, nem isso”. Professora “R” e a menina do passarinho na cabeça são feitas de apelido e, desde muito pequenas, foram os tios padrinhos que colocaram, “Ulin” te saúda aqui pequena “T”.

Das marcas de infância, entre apelido e roupas de papel para bonecas, conhecemos essa professora de Artes, sensível em seu momento de aposentaria recente, “mas eu estou emocionada, você sabe que eu posso chorar aqui tranquilamente”. Ela já começou sua narrativa falando do percurso profissional, parece querer lembrar de tudo que aconteceu nessa carreira. Como quando não foi tratada pelo apelido e o quanto isso a magoou ou de se lembrar que foi uma artista de feira livre e ali, nesse fazer, resolveu como assinaria, “Eu já fazia Feira de artesanato e usava o “R” [...] “Quando eu comecei a pintar aquarela em tecido, eu comecei a colocar “R””, esse é um nome artístico” é um contar da Arte que a formou.

O nome é marca, optando assim pelo nome composto do qual ela tanto se orgulha, e achando que “o “R” tem um olhar profissional”, já o apelido “é aquela coisa mais carinhosa e acolhedora”.

Infância para “R” é uma pintura em aquarela de “quando criança eu brincava com uma amiga”. “Tenho mais dois irmãos, nós somos de uma família, nós éramos de uma família maior” [...] “minha irmã teve problema de saúde muito grave. Era uma pessoa cardíaca e com insuficiência pulmonar grave e ficava muito em hospital. Então, a gente não conseguia brincar tanto” [...] “mas eu brinquei muito sozinha e brinquei também com amiguinha”. Nesse pintar da infância da professora

<sup>112</sup> Este diálogo aconteceu em forma de entrevista autobiográfica, foi realizado em 02 de março de 2020, às 16 horas, numa sala disponibilizada na escola-campo (Escola da Esquina), com a professora especialista de Arte. Foi transcrito e posteriormente textualizado, conforme orientações do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 201) em seu Manual de História Oral. Foram retiradas as marcas da linguagem coloquial, próprias do discurso oral, isto é, as palavras que não apresentavam peso semântico para a compreensão da frase. A textualização na íntegra está nos anexos dessa tese.

“R” foram mostradas tem vontades do que se vai ser quando crescer: “A Carmem [a amiguinha] brincava e a gente falava que ia ser dentista. Sempre achei dentista um negócio muito bonito, uma profissão muito bonita, a Carmem virou dentista de verdade”.

O bonito é bússola para professora “R”, dentista era uma profissão vista como bonita, mas suas escolhas são outras, nós escolhemos e somos escolhidas. Professora “R” disse que “valeu tudo muito a pena” e o ser dentista não se fez, “porque no meio da minha trajetória eu percebi que dentista não dava muito para mim. A gente falava que íamos ser dentista, mas quando eu brincava, eu brincava de professora. Eu brincava de professora e era muito engraçado porque nas minhas brincadeiras eu imitava minhas professoras”. Sabe o que ela imitava? Na memória forte que ela partilhou de sua professora estava o Tratado de Tordesilhas. Aquela professora bonita de Estudos Sociais apareceu “eu achava uma bonequinha e ela era canhota e fazia o mapa do Brasil”.

Sempre brincou de escolinha, sua lousa feita de “Minha memória fotográfica, sabe uma peça de fogão antigo como se fosse uma bandeja? Mas, ela era lisa e do outro lado era preto. Eu brincava de escolinha ali, eu escrevia naquilo, eu colocava e aquilo era minha lousa”. Então, viveu uma infância entre bonecas de papel “era a minha paixão”, mas ela mesma fazia as roupas, porque a mãe já lembrava que “não tinha dinheiro para ficar comprando”. A mãe de professora “R” não trabalhava fora de casa, porque tinha aquela irmã para cuidar, “então, minha mãe lavava e passava roupa para fora” e professora “R” desenhava as roupinhas das bonecas de papel.

O belo, entre brincar de escolinha e “isso ficou muito forte em mim”, ela contou de professores e professoras da sua vida, suas referências no ensino de Artes: O belo, “meus professores de Artes, sempre me encantei muito por eles, os admirava bastante”. Professor Clovis e sua elegância com calça de alfaiataria, “uma voz muito marcante e muito forte, tinha uma postura muito firme, era muito exigente. Nós tínhamos um livro de Artes e ele era um homem muito exigente”.

A professora “R” se tornou também muito exigente e acredita que aprendeu a partir desses encontros, como com a professora de Artes “Maria Lúcia ela tinha um estilo Hippie Chique, muito doce, eu gostava muito”. Mesmo mudando de escola, as professoras e os professores de Artes continuaram a ter a atenção de professora “R”; a exigência e o belo de mãos dadas em seu olhar para professora

Marilda, “parecia uma boneca de porcelana, aquele cabelo preto semi longo, ela era doce, mas ao mesmo tempo, ela te exigia e eu achava isso muito interessante”.

Professora “R” foi contando da exigência, “não me arrependo de ter sido exigente comigo e ter feito as coisas, porque eu cresci”, isso estava na escola, no encontro com seus professores, com especial atenção aos professores e professoras de Arte; estava na sua mãe quando contou: “eu tirei nota baixa e minha mãe virou e falou assim para mim: “olha aqui o negócio é o seguinte, você só faz isso na vida, você só estuda, você tem algumas obrigações em casa que é normal, mas você, sua obrigação é estudar. Então, isso aqui foi falta de estudo, você estude”. Estava no pai que não acreditava no curso de Artes: “Artes não, fazer Artes?” [...] “O que você vai fazer com esse curso?” Ela entendeu a preocupação do pai, pois ele “queria que eu fizesse Medicina (...) entrar numa faculdade de medicina pública (...) como eu tinha uma irmã doente, ele achava que seria muito interessante ter uma pessoa... eu ser médica”, mas ela percebia que “não tinha condição” e que amava seu curso, gostava de Arte e de matemática, “mas a Arte me pegava, sempre gostei de tudo que envolvia Arte”.

Professora “R” lembrou que a exigência a marcou na sua relação com os professores e quando “era mais brando” ela não guardou na memória, porque não a marcou tanto assim. O magistério foi também realidade para professora “R”, assim como foi para a professora “A” e para a professora “L”. O magistério constituiu uma passagem bela na carreira docente da professora “R”, primeiro como aluna: “Meu pai sempre falava assim: Acho que é legal vocês fazerem magistério”. Guardou na memória “um trabalho em grupo (...) eu declamei o texto (...) como eu gostava de Arte, eu já coloquei música de fundo (...) eu falei chorando”.

Ela começou a construir sua carreira, cursou magistério e trouxe uma memória da “professora de Arte”, que “era muito doce (...) ia numa elegância, ela combinava as coisas. Eu achava tudo aquilo muito bonito, ela era muito criativa, mas deixava muito solto”. E também se lembrou de quando não foi aceita para fazer estágio, aquela professora “era uma mulher tão bonita”, mas “a beleza não transcendia tanto assim, a de fora não ia tanto para dentro”. Como não foi aceita, foi recusada como estagiária, passou a ser uma professora que sempre aceitou estágios e colaborou com o trabalho de quem cruzou o seu caminho, seja uma estagiária “Eu tinha uma menina que fazia Arte e ela veio fazer estágio, uma fofa, uma gracinha (...)” ou uma pesquisadora, que para professora “R” “tem um olhar

muito doce para o trabalho da gente. A gente fica muito preocupada em estar sendo avaliada, mas você nunca teve um olhar de reprovação. Você é uma pessoa de fora e um dia falou para mim: você é inteira no que faz. Eu sou e achei tão bonito uma pessoa de fora ter esse olhar”.

No magistério ela também foi professora: “eu fui dar aula de magistério na escola que eu me formei. Foi lindo! E eu tinha turmas muito interessantes (...)”. Lembrou da relação com suas alunas de magistério e de terem reparado em seus cabelos brancos: “O aluno tem um olhar para o visual do professor (...) Gente, como eles reparam na gente!”.

Professora “R” e o ato de ser avaliada, de ser “exigente comigo”, ela tratou o seu trabalho assim, o tempo todo, autoavaliando-se constantemente. Não foi só preocupação em ser avaliada por outro, como quando estava frente a frente com a pesquisadora, mas diz respeito ao seu próprio avaliar, quando refletiu sobre seus estudos no magistério e depois como docente naquela sua escola. Falou de exigências, quando era uma estudante trabalhadora: “Fui fazer Artes Plásticas, fazia à noite e trabalhava o dia inteiro. Não foi simples porque saía direto do trabalho”. Mais um caso dentre os milhares de exemplos de dupla ou tripla jornada de uma estudante trabalhadora.

Aqui nesse “(...) não dava tempo de jantar (...) Se eu sentasse no ônibus, eu comia, e se eu não sentasse, tinha que comer na Faculdade (...)”, nos encontramos! A professora “R” e a menina do passarinho na cabeça sabem o que é ser estudante trabalhadora: “Claro que foi cansativo, trabalhar o dia inteiro e fazia faculdade à noite, trabalho de madrugada (...)”. Também sabemos, porém, das parcerias que nos mantiveram naquele lugar, mesmo frente a tantas dificuldades, muito para além da mensalidade: “Minha mãe, uma linda, sempre ficou comigo”. A minha família sempre ficou comigo também, não foram noites viradas, mas era blusa de frio, conforme narrei no memorial, “vaquinha” que fizemos para que minhas matrículas fossem feitas no começo do ano, passagens de ônibus custeadas pelo papai e o encontrar no ponto de ônibus, já mais de onze horas da noite, a mamãe. Quando somos classe trabalhadora, com avós, pais trabalhadores, e nos atrevemos a adentrar espaços em que nem nas calçadas somos bem-vindas, nem sabemos onde ficam tais espaços, quando isso acontece, vivemos experiências inusitadas: “você não pergunta porque você não entende” o que o professor está falando, “Eu

não sou uma aluna que vou para DP<sup>113</sup>”, “Na faculdade eu falei: Não vou ficar de DP [...] porque eu pago a minha faculdade, eu trabalhava para pagar minha faculdade”. As dificuldades foram muitas, mas ela escolheu também “você sempre tem que pensar em dar o seu melhor e não o seu pior” e nas relações estabelecidas na escola/no trabalho ela quis ser referência: “porque você vai vendo o que deu certo e o que não deu, vai moldando, um olhar avaliativo, a gente aprende e melhora”.

Professora “R” foi narrando seu modo de exigir, desde o estudo ao de sua escolha pela Arte: “Eu amava meu curso, amava de verdade, eu gostava e eu sempre fui uma aluna muito aplicada. Eu não sou gênio, eu não sou inteligente, nada disso, mas eu sou aplicada. Eu era estudiosa, me dedicava mesmo e tenho um histórico interessante”, mas mesmo com essa alegria pelo curso e sendo tão dedicada, contou dos dissabores: “Porque você não é preparada quando você se forma, você não é preparada para o que você vai dar e eu fui atrás, busquei e trabalhei”. Estudante trabalhadora é o que professora “R” é, sempre foi e continua sendo até nesse momento de aposentaria, “Minha última aula foi sexta-feira passada e eu acabei – falei que é a minha cara – fazendo hora-extra, eu acabei minha carga na prefeitura fazendo hora-extra”.

Da hora-extra que encerrou sua carreira docente, para o seu início na Educação Infantil, o belo sempre aconteceu, da Faculdade que era sua paixão e do observar de mais uma professora: “(...) maravilhosa, ela ia com cada echarpe. O visual sempre me chamou atenção, porque isso remete um pouco à Arte, ao belo”, à Educação Infantil, na qual ficou por sete anos, “era sempre pré que eu gostava. Eu gostava de estimular para aprender a escrever (...) tentando acertar”. Prestou concurso para Arte porque “já dava Arte no Estado, eu era professora do Estado, então eu já dava aula e peguei colégio, peguei magistério, peguei tudo”. Sua carreira na Prefeitura de Campinas começou: “consegui entrar, prestei tanto para Educação Infantil, quanto para Arte e, no fim, eu acabei entrando em Arte e é aqui que é o meu lugar”.

Entre feira livre e muitas aulas de Arte, Ensino Fundamental 1 e 2, porque “eu pegava sempre as duas turmas” e de ter que “compartilhar cargo porque a sede nunca comportava a minha carga” e perceber que “é super cansativo” e que “você fica alheia” e “cai de paraquedas”, surge uma vaga na “Escola da Esquina” que “ia

---

<sup>113</sup> DP: Dependência. É no caso de reprova em alguma disciplina durante o curso poderá refazer a disciplina, mas em forma de dependência, pagando para cursar novamente.

começar a escola integral”. Professora “R” vem com sua amiga para esse desafio, não precisaria mais “ficar pipocando” [...] “pedi remoção”. Ela veio de relações com equipe gestora “exigente, mas te ensinava. No sentido, eu exijo, mas eu reconheço seu trabalho e isso é muito importante, você ter uma pessoa que reconhece seu trabalho”, ela estabelece belas relações profissionais nas escolas por onde passou. Afirmou que é sempre bom “sair e deixar porta aberta, eu sai e deixei a porta aberta”.

Professora “R” “queria aumentar” a carga horária, já tinha feito em outras escolas trabalhos que apesar do, “mas eu fiz e nunca fui de ficar registrando” [...] foram “coisas inovadoras”. Ela se arriscou, juntamente com a outra colega de profissão, que a entusiasmou para uma mudança de rumos: “Vamos que é uma escola de período integral. Nunca tinha dado aula numa escola de período integral, pedi a remoção para cá”, e chegou na “Escola da Esquina”!, “Tudo muito novo, reuniões e foi muito legal”. A professora “R” foi destacando o espaço-tempo na escola de Educação Integral – “Eu acho que precisava ter um olhar diferente, de verdade. Eu acho que o espaço é muito importante, tinha que ter mais espaço físico, porque a criança fica muito tempo na escola. É interessante que ela tenha um espaço físico para ter essa troca e até para gente poder trabalhar (...)”, “É muito importante, para escola de período integral, o espaço para a gente ter essa troca, porque a criança precisa disso. É muito tempo e ao mesmo tempo é uma correria. Eu amei uma escola onde eu dou cinco aulas, a Artes é muito ingrata, você dá de duas a três aulas só”.

Apesar de não ter levado um choque tão grande em dar aulas na Educação Integral, porque já “dava aula de manhã e tarde”, notou que a Educação Integral é diferente pela “questão [de que no] projeto” tem que se ter parceria e ter a mesma linguagem para criança”. Professora “R”, como as outras professoras, discutiu o trabalho por projetos, destacou que as diretrizes curriculares de trabalho são o que ela tem que fazer estando dentro do projeto e “dentro das coisas das meninas”, assim, um trabalho articulado com as outras professoras. Professora “R” contou que gosta de organização: “preciso de sequência no meu trabalho, meu aluno precisa saber quais sequências do nosso trabalho, quando entro numa sala de aula é data e assunto”.

O trabalho docente para professora “R” foi também marcado por dificuldades e ela “não tem vergonha” de dizer que “a gente não é perfeita, ninguém

é top”. No trabalho com criança, acredita que “é de pequeno que se torce o pepino”, pois a “criança precisa dessa organização (...) ter organização para esse crescimento, criança precisa de rotina, precisa de disciplina”. A exigência dela como professora de Arte é pelo reconhecimento de que “não é porque dou aula de Arte que meu aluno não vai ser um ser pensante”. Aluno, para essa professora, deve ser respeitado, “as pessoas acham que só matemática, português que vai fazer você pensar”. Ela que é uma profissional da Arte, do belo, não acredita que isso esteja na contramão do pensar criticamente, do exigir: “Eu sempre mostrei para os meus alunos o seguinte, você vai pensar, raciocinar, vocês pensam em Arte, para fazer tem que pensar, você vai expressar os seus sentimentos, porém você vai pensar. Aquilo [o desenho] não saiu do nada, ele pensou, ele raciocinou, aquilo exige. Não é porque eu dou aula de Arte que a minha disciplina é menos, eu sempre tive isso e não é por conta disso que eu não vou fazer meu aluno pensar”.

Professora “R” pensa que a Educação Integral é melhor, primeiro porque “cinco aulas é muito bom, por turma” (o tempo aparece aqui). Claro que há aulas de Arte que estão entre “horário do café, da escovação, o descanso”, mas mesmo assim é um número maior de aulas e conjuntamente com isso tem um programa mais extenso; mesmo assim; professora “R” avaliou como melhor. Reconheceu que tem mais trabalho, “eu preparava as minhas aulas” e são muitas linguagens em todas as turmas, então “Você leva muito serviço para casa”. Ela e seu pensar exigente apresentaram uma perspectiva de trabalho coletivo e por projetos com as outras professoras de forma que a sequência de trabalho vá mostrando o que “deu certo e o que não deu, vai moldando, um olhar avaliativo, a gente aprende e melhora”.

O respeito ao aluno está para além do tempo ampliado, a estética como respeito, o belo que é fundante no olhar de professora “R”: “Pode melhorar o espaço físico, a quadra sem estar coberta é um absurdo” [...] “Uma coisa que me envergonha é chegar aqui das férias de janeiro e a escola sem capinar, mato alto. Eu fico com vergonha alheia, eu falo: gente como é que você recebe o aluno desse jeito, você sabe que o ano letivo vai começar, o que é isso? Isso é falta de respeito com a criança que está vindo estudar, isso é extremamente importante”. Ela vibrou com o que acredita ter dado certo na “Escola da Esquina”: “fico feliz porque eu fiz parte disso, é a horta, eles comendo o que eles plantaram (...)”. O belo do trabalho pedagógico e a exigência de professora “R” estão em sua análise de que “é um

olhar administrativo, instâncias superiores. É preciso dar suporte, dar qualidade e condições de trabalho”.

Toda escola de Educação Integral é de qualidade? O que significa ter qualidade? Professora “R” sabe que, no trabalho pedagógico, por mais exigente que seja, há falhas, “inúmeras falhas, mas tentando acertar”. A escola de período integral é o que “a gente pode fazer, qualidade, nesse contexto, é muito importante”, organização é muito importante e é cotidiana para ela, está saindo e deseja que a escola continue “redonda, caminhando”, com empenho e zelo pela melhoria. Construindo também, continuamente, um bom trabalho, sabendo que cada profissional “é de um jeito”. Ela, encerrando sua carreira na prefeitura como professora de Arte, tentando “deixar tudo certinho para a professora que entrar”, com lágrimas, foi se despendido. Até mesmo neste diálogo com a pesquisadora, demonstrou ter o desejo de que “Sejam felizes, que seja um ótimo profissional, melhor do que eu fui”, e, para as crianças, ela quer “que eles aprendam muito para se tornarem bons adultos, com uma carreira brilhante, com sucesso”.

Professora “R” é a que nos trouxe a entrega. O encerramento de uma jornada docente na rede municipal de Campinas. Ela apresentou o que sente uma professora diante do reconhecimento do seu trabalho por parte de seus alunos e alunas: “isso faz bem para a gente, porque é aquela plantinha que você, aquela sementinha que você plantou, que você regou e quer que ela floresça e que ela dê frutos”.

Professora “R” nos ensinou sobre o belo, que seus olhos sempre buscaram, das echarpes, dos cabelos bem penteados, da calça de alfaiataria do seu professor, do desenho do mapa do Brasil feito pela professora, utilizando a mão esquerda, a canhota, até chegar ao belo do trabalho que ela própria realizou, quando mostrou o seu o seu respeito pela criança, ao bonito, ao que devemos querer encontrar e possibilitar o encontro, do belo nas suas bonecas de papel da infância a todo percurso profissional que ela encerrou preocupada em entregar tudo “redondinho”, tudo bonito para quem vier.

A exigência da menina de apelido, com as falas de seus pais sempre bem acolhidas, a sua vida escolar e os professores que dela queriam mais, à Faculdade e toda dificuldade que a atravessou, seu sono sendo adiado com “suco de laranja com pó de guaraná”, o medo da DP, a carreira docente e seus domingos de feira livre, professora “R” não poupou na autoexigência e não permitiu que o seu trabalho

com Arte fosse visto como menor. Ela encerrou sua jornada na “Escola da Esquina”, considerando que “valeu tudo muito a pena, valeu todo esforço, tudo que fiz, não me arrependo, não me arrependo de ter sido exigente comigo e ter feito as coisas, porque eu cresci (...)”. Ela quis sair grande, sabendo que, apesar de toda exigência, “você agrada todo mundo? Claro que não!”, mas o que valeu muito a pena foi é a “história que a gente deixa, esse marco que você deixa na vida de alguém”.

Professora “R” mostrou gratidão à sua mãe: “Mãe, você faz parte da minha aposentadoria”. Nesse momento da narrativa ela pegou o lenço para enxugar as lágrimas. Também agradeceu está grata “às pessoas que foram bacanas”, porque acredita que tudo é coletivo: “a gente não faz nada sozinho”. No fim, ela se vê inteira. A pesquisadora só fez uma observação, a partir do seu relato, sobre o fato de reconhecer a importância da coletividade e admitir que, mesmo sendo exigente consigo mesma, sempre será necessário acolher o valor do trabalho em equipe. Ela narrou sobre o seu percurso como trabalhadora da área da educação, sobre o seu cansaço também: “dentro da sala de aula você é professora e tal, mas se não tem uma equipe bacana, a ação do seu trabalho também vai por água abaixo”. Ela reconheceu que “a gente encontra profissionais maravilhosos no meio do caminho” e que precisamos “dar tudo de nós’, estarmos inteiras.

Saídas do “grito” de uma professora para sermos lançadas a outra professora que recolheu esse grito e narrou a sua história, pois tecemos esse trabalho com fios de sol, como galos tecem uma manhã, como nos sugeriu o poeta no poema “Tecendo a manhã”.

#### 5.2.1.4 Professora “L”<sup>114</sup>

**Colhemos aqui...** “(...) tudo vem por um motivo(...) O Golbol<sup>115</sup> e (...) Vamos experimentar e vamos tentar coisas diferentes e vamos acreditar que é possível e vamos buscar ser feliz”. (“L”)

Professora “L” disse não ter boa memória para o vivido quando “mais nova”, mas, observando “fotos que eu vejo” e, então, se lembrou de várias coisas. Afirmou que veio de uma família de quatro pessoas: uma irmã, a mãe que é do Rio de Janeiro e o pai, do interior de São Paulo. As férias “no Rio ou no interior, muito gostoso porque a gente teve essas duas realidades, cidade grande de praia e cidade pequenininha do interior, sítio, igreja central e todas as ruas davam na igreja, foi muito bacana”.

Professora “L” começou o seu contar sobre a vida escolar, sobre como nos conhecemos e nos aproximamos numa “Escola da Esquina”, sabendo que estou pesquisando sobre uma dada realidade escolar. Professora “L” acredita que devemos falar disso, então, contou com detalhes sobre a escola onde estudou: “A gente frequentou a mesma escola desde a Educação Infantil”. É uma escola muito boa, é “uma escola bilíngue (...) uma educação preocupada com a formação, mas também com toda essa questão cultural de conhecer outras possibilidades, outras realidades e outras culturas”.

Os pais foram aqueles que “prezaram sempre muito pelo estudo, cobravam a gente, era uma obrigação nossa ir bem na escola, aproveitar as oportunidades que eles estavam dando, que não era fácil, eles se empenhavam bastante em dar oportunidades para gente”. Foram pais trabalhadores, que deixavam as filhas se envolverem com diferentes atividades, “eles super apoiavam”.

---

<sup>114</sup> Este diálogo aconteceu em forma de entrevista autobiográfica, foi realizado em 24 de abril de 2020, às 10 horas, numa videoconferência pelo programa *Google Meet*, com a professora especialista de Educação Física. Foi transcrito e, posteriormente, textualizado, conforme orientações do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy (2005, p. 201) em seu Manual de História Oral. Foram retiradas as marcas da linguagem coloquial, próprias do discurso oral, isto é, as palavras que não apresentavam peso semântico para a compreensão da frase. A textualização na íntegra está nos anexos dessa tese.

<sup>115</sup> “Esporte praticado por atletas que possuem deficiência visual. Foi inventado em 1946 pelo austríaco Hanz Lorenzen e pelo alemão Sett Reindle, não foi adaptado de outro esporte, mas sim com o intuito de reabilitar veteranos da Segunda Grande Guerra Mundial que ficaram cegos. O objetivo do jogo é arremessar uma bola com as mãos de modo a que a bola entre na baliza do adversário. Cada equipe deve jogar com três jogadores e três reservas, sendo obrigatório o uso de vendas nos olhos por todos os atletas. A percepção da posição da bola é feita pelos sentidos – tato e audição, as linhas no chão são o motivo do tato e a bola possui guizos para uso da audição”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Golbol>. Acesso em: 13 abr. 2024.

O esporte esteve presente na vida de professora “L” desde quando “fazia ginástica artística na escola mesmo”, Kung Fu na academia e ia para os campeonatos, “sempre juntas” lembrando da irmã. Então, no Ensino Médio, optou pelo magistério e acredita que essa ida para o magistério teve a ver também com “a gente teve uma outra visão porque a gente se envolveu com atividades fora da escola, em escolas mais carentes, em hospitais, acho que a gente teve uma formação bem interessante”.

Coisa diferente e interessante, professora “L” teve essa constante para contar, porque escolheu o magistério e como caminhou para a Educação Física. Além disso, a “avó fez Normal na época dela, minha avó é professora”, o currículo “agradou” e, então, foi viver essa experiência: “eu não sabia muito o que queria fazer”, entre teste vocacional, vestibular em Curitiba e aquele desejo “Indiana Jones”, que a fez pensar em ser arqueóloga, professora “L” disse: “passei de primeira na UNICAMP”, mas também falou sobre não ter certeza de que essa fosse a sua escolha evidente: “Não sei se eu posso te falar que tinha que fazer Educação Física e era isso que eu queria. Não tenho essa memória, mas era o que me atraía”.

Professora “L” começou seu curso de Educação Física, em período integral, “de manhã e à tarde”, mas foi chamada pela direção da antiga na antiga escola para trabalhar. Na escola “auxiliava as professoras” e estava na “Educação Infantil”. Ficou somente um ano trabalhando nessa escola, “porque houve mudanças”, foi demitida e naquela juventude “chorei horrores”.

Aqui fazemos um encontro da menina do passarinho na cabeça com a menina do esporte, professora “L”, pois foi quando a pesquisa no ambiente da Universidade possibilitou o contato com coisas diferentes e interessantes. “Consegui me envolver em outras coisas”. A professora “L” conheceu “projetos de extensão, grupos de estudos, peguei bolsa PIBIC de Iniciação Científica”. Aqui se manifestou o nosso encontro, na Iniciação Científica. Essa experiência discente possibilitou a vivência dos primeiros passos no percurso acadêmico, levando para situações inusitadas, interessantes, abertas a novas possibilidades, sem saber ao certo onde iria chegar. Professora “L” e menina do passarinho na cabeça se lançaram aos novos desafios, arejadas pela curiosidade frescor juvenil.

Professora “L”, com a pesquisa na graduação, encontrou colegas que estavam cursando o mestrado e o doutorado, e começou “a trabalhar a questão da

deficiência visual”, participando de um grupo de estudos sobre “atividade motora adaptada”, estudos na “área da deficiência visual”. Teve seu primeiro contato com seu encontro temático - “o Golbol, comecei no Golbol e a gente fez um livro sobre o ensino do Golbol”.

O magistério impactou nas escolhas feitas durante a graduação. Ela teve certeza de não querer o bacharelado na Educação Física: “eu queria a licenciatura, fiz os dois”, pois “as experiências que a gente teve e o que a gente estudou e pode vivenciar dessa parte da escola, eu gosto da escola”. O Golbol era “atividade no meio natural” e o “enfoque não voltado para educação física escolar”, mesmo assim foi com o estágio obrigatório em escola que a professora “L” se deparou com duas realidades, “fiz estágio no Porto Seguro”, sua escola desde a infância e também estágio “na rede pública de Valinhos”, onde residia. A bolsa de estudos a levou para a Espanha, onde estudou no “Instituto de Educação Física da Galícia” e, quando voltou, já estava envolvida com o Golbol: “fui para o mundial da Federação Internacional de esportes para pessoas com deficiência visual em São Paulo”, a partir dali, foi para o Parapan no Rio de Janeiro e participou de “várias competições como voluntária”.

Professora “L” se formou e a escola foi o seu destino escolhido após a graduação: “Escola Americana com *After School*, que é o programa extracurricular de lutas e de esporte”. Também trabalhou “um tempo no Sesi” e no “Projeto Mente Inovadora”. Na prefeitura, começou como “monitora da Educação Infantil”, e então, prestou o concurso para professora de Educação Física. Já era monitora na Educação, ambiente que lhe fazia muito bem, “gostava de trabalhar com os bebês e com as crianças”, mas “era professor, a estabilidade era a mesma porque ambos eram concursados, mas o salário muda e era trabalhar só com Educação Física do primeiro ao nono ano”.

“Cheguei na rede como professora de Educação Física para entender como é que funcionava, comecei no CAIC<sup>116</sup> e no Correia de Melo, uma escola enorme, turma do primeiro e do segundo ano”. O livro-ponto para uma recém-chegada, “Todo dia esse negócio... teve dia que eu não assinei livro ponto e quase fiquei com falta”. Foi assim que ela foi entendendo como as coisas se davam e “terminado o primeiro ano, fui escolher a minha sede” [...] “Já em 2011 eu comecei

---

<sup>116</sup> CAIC – Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente

na escola que estou até hoje” e a “Educação Integral começou em 2015, acho que em 2014 a gente começou toda discussão, todo o estudo para 2015 começar”. No estudo para mudança para Educação Integral ampliou-se o tempo de permanência no equipamento escolar e se refletiu sobre a organização dos espaços, assim, professora “L” se considera “em formação ainda, mas eu tento trabalhar com os conteúdos da cultura corporal, trazer experiências para essas crianças... manifestações da cultura. Penso em como posso trabalhar a ginástica, o esporte, os jogos e as brincadeiras, promover experiências diferenciadas dentro da questão da deficiência, fazer o esporte paraolímpico e atividades que fazem pensar a questão dos sentidos, explorar outras formas de ser e estar no mundo”.

Professora “L” estava preocupada com essa questão: como estamos no mundo, como é feita a nossa formação humana. Acredita que seu trabalho como professora de Educação Física é para “acrescentar na vida dessas crianças”, não é só se movimentar. Conhecer o corpo é importante, mas o seu trabalho é também apresentar para as crianças “o que foi feito ao longo da humanidade na relação das pessoas com elas mesmas e com as outras pessoas, porque a gente tem essa diversidade”. No trabalho realizado na “Escola da Esquina”, professora “L” se preocupou com a diversidade, com o apresentar mais as diferentes possibilidades de atividade física para as crianças e “não deixar eles fazerem o que eles quisessem”. Vinda de uma formação disciplinada durante toda vida e advinda do esporte, ela reconheceu que “não estava acostumada com esse negócio de lidar com indisciplina, com criança que não estava nem aí com nada”.

Na relação com as crianças, porém, ela acredita ser importante “brincadeira livre”, porque elas se organizam, escolhem, brincam, mas “a gente tem um programa”. Professora “L” disse que determinadas situações a deixam “brava demais” e “chata mesmo”, por isso precisa se “policiar” e “ser mais divertida”.

A “Escola da Esquina” foi um conhecer, “conhecendo a escola, fui conhecendo os alunos, conhecendo as outras professoras e o jeito de trabalhar”, assim foi indo, medo da escola fechar e pressão porque é uma escola pequena, de somente “cinco salas”, poderia vir a ser “uma creche”, então era um “fantasma”. Aí a prefeitura começou com o projeto de Educação Integral e a “Escola da Esquina” fez parte do projeto, “facilita você começar um projeto numa escola menor (...) nosso espaço físico é bom, teve que fazer adaptações”, não é necessário rodízio de salas o que acontece em outras escolas, atende bem as crianças que ficam mais tempo

na escola.

O destaque dela foi para a “jornada de estudos” realizada para entender a Educação Integral em 2014, quando “a gente estudava nos momentos do TDC. O que a prefeitura queria nem a própria prefeitura sabia direito, as informações que chegavam eram confusas, como agora... [momento pandêmico e mudanças nas escolas]” e a “carga horária”, que teve que ser ajustada, são pontos que professora “L” nos contou. Ela é uma professora que participou por dentro da mudança. “Na Educação Física tinha duas [aulas], agora a gente tem cinco e num tempo a gente passou a ter seis (...) teve que ir ajustando de acordo com algumas diretrizes”. Os estudos acerca da Educação Integral deveriam permanecer, “a gente tinha que criar grupos de estudo”, nos quais as professoras pudessem entender melhor os eixos que “deveriam ser trabalhados”, “criar um documento como as diretrizes da escola”, era para ter começado, mas devido à Pandemia (...)”

O trabalho pedagógico realizado na “Escola da Esquina” e na Educação Integral deve ser, aos olhos de professora “L”, “um trabalho que condiz com os princípios da escola, a escola tem o direito de escolher ou não (...)”, pois ela afirmou que “Tem professor que não trabalha direito” e professores que vieram para Educação Integral “por conta da carga horária, mas acabam não trabalhando”. Professora “L” definiu que, tendo uma “chefia direta”, deve seguir regras, diretrizes, “é minha obrigação e fui contratada para isso”, então não é um “faço o que eu quero e da maneira como eu quero”, pois “eu sou funcionária pública (...) tenho obrigações, tenho deveres e tenho que ser cobrada por eles”.

Mais uma vez o tempo: “gosto da Educação Integral, tenho mais tempo, tenho mais aulas com as crianças, é uma coisa que favorece”, (...) “tenho maior tempo com as crianças e para mim foi bom”. Professora “L” repetiu que tem mais aulas: “agora eu tenho cinco em cada turma, agora tenho mais possibilidades”, algumas aulas estão no horário do almoço, no da escovação, no de descanso e tem “o café da manhã” e, para ela, é bom porque tem dia que é “folga”, “quinta eu não vou” e para mim isso é bom por conta dos campeonatos”. “O Golbol” professora “L” começou por conta do grupo de estudos e, depois, “campeonato universitário” e arbitragem exercida porque “precisavam de pessoas porque não tinham árbitros formados” e ela foi fazer sua clínica em arbitragem, participou de campeonatos como árbitra e eventos paraolímpicos. “O Brasil foi crescendo no Golbol e fiz a minha segunda clínica em 2010 que foi quando eu comecei a ser árbitra

internacional e em 2010 já tinha os campeonatos regionais de Golbol, são cinco por ano (...) consegui conciliar com a escola”. Faltas abonadas, trocas, folga compensatória eleitoral, assim ela conseguiu ir para os campeonatos e as colegas de trabalho “são legais, elas são muito gente boa, às vezes você precisa de um trabalho de convencimento, tento ficar disponível” e ela sabe que “todo mundo tem um momento que precisa de alguma coisa, é legal você ser legal com o outro”.

Ela falou de Educação Integral, mas deixou marcado que estava falando da sua escola, “porque essas coisas não são iguais para todas as escolas, então, esse conceito de Educação Integral eu não sei como vem acontecendo nas outras escolas, eu acho bacana essa questão de ter mais tempo na disciplina com as crianças”.

A formação também foi destaque apontado por ela para pensar a Educação Integral no município de Campinas: “a gente tem os TDEPS<sup>117</sup> que é um momento que a gente está junto ali, então a gente pode trocar informações, pode falar sobre as atividades e planejar. É o trabalho coletivo entre professoras que acontece na escola toda semana”. Professora “L” fez esses destaques positivos sobre a Educação Integral, mas reconheceu que a realidade da “Escola da Esquina” é também de “a gente precisava organizar melhor os espaços, organizar melhor, a quadra a gente tem essa questão da prefeitura que vai cobrir (...) não condiz pra gente ter uma escola integral, porque as crianças ficam mais tempo na escola e, mesmo que não fosse, a gente precisaria de uma quadra melhor, reformar aquela quadra, espaço que não é só meu (...) não é meu material, o material de Educação Física é o material da escola”.

Os espaços e o que professora “L” chamou de material da “Escola da Esquina” “são da escola (...) são da escola”, ela acredita que o “pátio podia ser uma coisa mais bonitinha, aqueles brinquedos são muito detonados”, também mostrou que “a questão de ser mais sustentável” é importante e não só porque é uma escola de Educação Integral: “vejo ações lá na escola que ainda são muito de desperdício, plástico, não separa o lixo”, é preciso pensar em “achar uns projetos de gestão do ambiente e questão de sustentabilidade”. Também abordou sobre a relação no ambiente de trabalho com a gestão que precisa dar “retorno”: “a gente entrega o

---

<sup>117</sup>TDEPs – Trabalho Docente entre Pares.

planejamento e entrega as coisas, mas não tem ninguém que fale” e como ela é “a única professora de Educação Física lá e não tenho muita troca com outras professoras da minha área”, afirma sentir falta desse entrosamento.

Educação Integral foi sendo apresentada pela professora “L” como: “O que conta mais acaba sendo Português e Matemática”, na “Escola da Esquina”. Ela falou de “várias coisas da alimentação (...) coisas muito doce (...) às vezes não tem o suficiente”. A alimentação foi muito citada na realidade da “Escola da Esquina”, sobre como as crianças têm tempo ampliado na escola, sobre como ali acontecem suas duas principais refeições – o café da manhã e o almoço; então, as professoras fizeram observações sobre os momentos de alimentação: “Depois você vê comida porque não foi ajustada a quantidade certa para cada turma”.

O trabalho com as crianças foi pontuado em observações como: “as janelas estão abertas que é super legal e as cortinas e tem dia que não, e às vezes, tem dia que eu entro na última aula da manhã, 10h40 e está fechada”. [...] “organização das carteiras”, os espaços são de todos e o cuidado deve acontecer nos detalhes da higiene das mãos das crianças que saem do banheiro, “sai chacoalhando a mão e aquilo pisa”.

Por meio de sua narrativa podemos compreender que o trabalho da professora “L” vai para além da quadra: “trabalho com as crianças de: gente vamos falar baixo na hora da alimentação e é hora de saborear”. Podemos observar que o trabalho de professora também é o de estar inteirada com os documentos que são exigência, de participar do que cabe à sua área de atuação: “preciso buscar o conhecimento e não posso ficar esperando alguém me dar pronto”. Professora “L” disse que sua área “é igual Artes ou inglês, ainda está tentando ganhar o seu espaço”, mas muita gente “não tem essa dimensão”; ela sabe que faz diferença trabalhar nessas disciplinas “de uma maneira significativa”. A formação do sujeito é o que faz professora “L” tentar melhorar em seu trabalho: “sinto analisando a trajetória, que eu já fui mudando muitas coisas e a gente está em constante processo de aprendizagem”. Ela quer melhorar: “preciso reestruturar, reorganizar melhor, tem muita coisa para aprender”.

[...] Tudo vem por um motivo [...] e tem coisa bacana que veio para a prática da professora “L”, como “livros de Educação Física”, por exemplo, que já foram realidade na escola, e que, para ela, “ajudam a ter várias ideias de uma organização, de uma separação por temas”.

[...] Vamos experimentar e vamos tentar coisas diferentes, em uma parceria com a UNICAMP. Professora “L” lembrou: “quando eu ganhei as cadeiras de rodas” e foi vivenciando a questão da deficiência nas aulas de Educação Física, que “recebi as duas cadeiras de rodas e as bolas de Golbol e futebol de cinco”. Professora “L” falou do quanto esses cursos, vivências e estudo “te proporcionam trabalhar”; falou das parcerias que a prefeitura faz como com o “Instituto Patrícia Medrado”, que veio divulgar o tênis, uma formação com encontros e o trabalho com tênis nas escolas: “compreender o tênis e no final a gente recebeu o material (...) as raquetes coloridas, as bolinhas de tênis e os coneziños”.

“Vamos acreditar que é possível e vamos buscar ser feliz”. Professora “L” afirmou: “quer coisas que acrescentam”, pois reconhece que tendo formação vai conseguir trabalhar, pois são “coisas que te permitem trabalhar”, e o que falta pode ser resolvido com material, como livros e apostilas e com formação, porque “a gente não tem formação em tudo”, “então é bom ter coisas”.

“O Golbol”, seu encontro temático, que coloca nessa mulher a infância do esporte com a irmã, o conhecer coisas diferentes desde pequena, lança como bola o estudo e a pesquisa feita na Universidade. Seu trabalho foi e é permeado num constante jogo de disciplina e de busca de conhecimento. Com a arbitragem aprimorou seus conhecimentos, para se tornar uma professora mais profunda e que impacte na vida das crianças que passam por essa professora de Educação Física.

A professora “L”, na “Escola da Esquina”, é aquela que sabe ouvir guizos, soube ouvir desde ruídos menores quando a Educação Integral começa na “Escola da Esquina” até o efetivo trabalho num fazer Educação Integral da escola-campo desta pesquisa. Professora “L” tem sua proximidade com “esporte paraolímpico” e “acaba puxando um pouco para aquilo que a gente conhece, que a gente teve experiências”. A prefeitura trouxe esse movimento de formação, pois o trabalho de uma professora, um professor, é também o de se formar continuamente, e professora “L” deu esse destaque quando analisou escola e Educação Integral: “a prefeitura tem uma coisa super legal de abrir esses espaços de formação, mas falta um pouco da gente aproveitar (...) acho que tem muita coisa bacana e dá para fazer um trabalho bacana”. Ela, tal como a professora “A”, gosta de formação, reconheceu que essa aprendizagem é constante, que deve-se ter uma mentalidade afirmativa, ou seja, “acredita que você é capaz e busca”. Sempre quis “coisas diferentes” e ter “oportunidades diferentes e fazer coisas diferentes”. Professora “L” conta que está

dedicada as suas aulas de balé e também aulas de Lira, parou as aulas de tecido, mas está sempre buscando algo diferente para fazer, ampliando assim seu “repertório diferente”. O diferente é caminho para professora “L”: “tudo depende de como a gente olha para as situações; então, a gente tem esse olhar sensível e de sempre tirar o melhor e de se tornar mais forte com o que acontece, se tornar pessoas melhores, é isso”.

Saídas do “grito” de mais uma professora para recolhermos todos os gritos que teceram com fios de sol essa pesquisa, as mulheres aqui cantaram ao nascer do sol e nos apresentaram suas histórias de vida carregadas de tanto, com infância, com muito trabalho, nos ensinando um pouco mais sobre Educação Integral. Os encontros da “Escola da Esquina”, a pesquisadora atravessada pelos fios de sol que cada mulher-terra lançou e um reencontro com suas meninas.

## 5.2.2 O encontro das meninas

Figura 73 – Sino



Fonte: Acervo pessoal de Juliana Gomes Santos da Costa

Ao final de cada conversa, com cada professora “plantadeira”, pedimos que ela se encontrasse com sua menina interior, sabendo do quão significativo é se reencontrar com você mesma para pensar o que faz nesse presente e o que lança para o futuro atravessada pelo vivido. Então, pedimos que elas se sentassem com suas meninas e realizamos uma escuta atenta desse diálogo, a partir do tocar de sino (Figura 73) de cada uma:

*Se eu fosse conversar com a “F” da infância eu falaria tanta coisa, assim a vida da gente não foi só acertar, então falaria para ela assim: ‘Ó em tal lugar muda aí... menos rigor, mais rigor nisso, menos naquilo’, mas é uma trajetória que eu considero de sucesso. Não teria grandes diferenças no caminhar, foi uma vida bem tranquila a minha, graças a Deus. Tive essa oportunidade de estudo, porque eu sei que tem gente que não tem, mas, foi tudo tranquilo, não tenho nada assim de... que eu mudaria radicalmente.*

*Se eu pudesse falar com a “A” da infância, eu diria para ela continuar*

*firme, uma coisa que eu faço que eu nunca tive na minha vida é a orientação, se eu pudesse voltar para “A” adolescente, eu a orientaria. Ela seria outra pessoa hoje, porque eu fui fazendo na tentativa e erro, eu nunca tive alguém que falasse: vai por esse caminho, faz isso, olha “A” vai ser melhor.*

*Se eu pudesse falar com aquela “R”... eu diria para ela que valeu tudo muito a pena! Valeu todo esforço, tudo que fiz, não me arrependo, não me arrependo de ter sido exigente comigo e ter feito as coisas, porque eu cresci, conheci pessoas lindas, trouxe pessoas lindas para minha vida e sou muito grata por tudo que eu tenho. Sou uma pessoa abençoada por tudo que eu recebi ao longo do tempo que eu fiquei na prefeitura. Teve muitas coisas que não foram boas, mas isso passou e eu tenho as lembranças boas, carinho, afeto.*

*Se eu fosse falar com a “L” pequena...nunca pensei nisso, mas acho que nesse sentido de vai e acredita e não desista, porque você ficou com medo ou porque tem incerteza se vai conseguir ou não. Vai, acredita e a gente aprende! Acho que a gente tem que buscar o que a gente é feliz, porque, às vezes, a gente tem vários medos, tipo “eu não vou dar conta”, “eu não sou capaz de fazer isso” e vou “desistir do que eu quero”... não! Vamos experimentar e vamos tentar coisas diferentes e vamos acreditar que é possível e vamos buscar ser feliz, naquilo que a gente quer e gosta e se não for aquilo que gostar também, muda. E acho que é muito isso, de acreditar. Acredita que você é capaz e busca o que você quer e não deixa os empecilhos e o medo te impedir.*

Vimos de firmamentos diferentes, pisamos por terras diferentes, mas a pesquisadora que ouviu as professoras e pesquisou com elas, também teve seu diálogo com sua menina do passarinho na cabeça e, aqui, depois dos fios lançados e das entrevistas narrativas entrelaçadas com o pensar e analisar dos passarinhos viventes de sua cabeça, compreendeu e aprendeu e sabe que a infância é marcante na vida dos sujeitos, de qualquer sujeito! É tema que se apresenta, se manifesta, muitas vezes, na estrada que vai se cruzar ali mais adiante.

A infância que carrega as dificuldades com a matemática, a origem simples das famílias sobreviventes da agricultura familiar, das mães trabalhadoras domésticas, a formação humana sendo vivida a partir da singeleza das brincadeiras infantis, a constituição de uma jovem estudante trabalhadora, até a chegada à universidade... A universidade sendo esse espaço alargado para o mundo,

provocando o êxtase pelo contato com o diferente, o alternativo, o inusitado... O contato com novas formas de estudar e de aprender, o contato com uma infinidade de livros, agora disponíveis nas bibliotecas... É tudo arrebatador e nos provoca susto. A convivência nos pátios, nas cantinas, nas greves do movimento estudantil... tudo isso formou a gente, e foi abrindo um baú cheio de desejos, que estavam escondidos, trancados e interditados pela violência social dirigida aos filhos e filhas da classe trabalhadora! A minha menina do passarinho na cabeça encontrou-se com tantas outras vidas, com histórias semelhantes à sua e aqui, nessa pesquisa, não foi diferente. A menina do passarinho na cabeça encontrou-se com professoras que viveram desafios semelhantes aos seus e pode perceber que sua infância é mais uma que dialoga com as meninas das professoras “F”, “A”, “R”, “L”...

O trabalho que é tema, é ao mesmo tempo caminhada. Foi e continua sendo caminhada de pais e avós, às vezes é remunerado. Às vezes se traduz e se manifesta no cuidado com membros da família, sem dinheiro, sem remuneração. Trabalho que é fundamental para o sustento da família trabalhadora, mas que é ignorado e apropriado pelas classes abastadas nesse mundo capitalista.

O tema trabalho está presente e se manifesta desde cedo na carreira docente, desde o curso de magistério e no estágio na vida de uma estudante trabalhadora. Quando se chega à academia, está ali, onipresente, na dupla ou tripla jornada, sendo as leituras feitas no percurso do ônibus, após um dia de trabalho na empresa. Os estudos aos sábados e domingos, para elaborar os seminários, os relatórios de estágio... Trabalho é marca na vida de uma estudante trabalhadora e na vida de uma professora, que leva lições para corrigir em casa, ou mesmo preencher os diários de aula, atribuir as notas, escrever bilhetes... a despeito de haver um horário destinado a isso, dentro da escola, ainda é insuficiente. Assim, o tema trabalho está na escola, na casa da patroa, no desafio de pagar a mensalidade, está presente como algo abstrato, projetado como um horizonte de futuro, um fazer na esperança de liberdade. O trabalho é dito, rasgado, descrito, às vezes está ali e não é visto, o trabalho atravessa todas nós, da escolha profissional ao negar o que já era feito pelos seus ou o provar para o pai que esse é o caminho que se escolheu. O trabalho é tema que canta nessa análise e domina como o galo domina as manhãs<sup>118</sup>.

---

<sup>118</sup> Referência ao Poema “Tecendo a manhã” de João Cabral de Melo Neto.

A Educação Integral com a qual pudemos ter acesso, no desta tese, é a Educação Integral que emerge da vida pulsante na “Escola da Esquina”. Ela está presente nas falas das professoras. Circula por aquele território, na horizontalidade das relações humanas ali constituídas. Está manifesta nas cartografias elaboradas por crianças estudantes, que desenham o espaço social e historicamente delimitado, nesse tempo histórico vivido na cidade de Campinas.

As concepções de Educação Integral são teorizadas, debatidas, questionadas pelas professoras, mas também vividas por elas, nas contradições e brechas possíveis para se criar uma escola que ofereça uma educação de qualidade para as crianças e suas famílias. O tema Educação Integral é circulante no que elas vão trazendo, vão colhendo dos seus anos de experiência nessa escola específica. O tempo ampliado, aproveitado ou criticado, para descanso e também para horta, para mais aulas de Educação Física e Arte e para vontade de parque, foi abordado nas entrevistas autobiográficas. O espaço, os espaços, representados nos desenhos daqueles que traçam seu ir e vir da “Escola da Esquina”, apareceram também na preocupação das professoras em se ter uma escola que saiba aproveitar cada canto que tem, porque o aluno, a aluna, fica mais tempo naquele recinto e a professora, o professor, precisam de espaços que possibilitem o trabalho de qualidade, conforme chama a atenção a professora “R”.

Os espaços com cadeados e proibições fizeram a professora “A” abrir asas de águia e apresentar sua insatisfação, traduzida na criação de uma pesquisa, realizada por seus alunos e alunas, sob sua orientação, investigando a vida de bichinhos existentes no entorno do prédio escolar, como também no desenvolvimento de um estudo, a partir da sala de informática, para saber mais sobre o coração da bananeira. Esses “trabalhos” pedagógicos proporcionaram a ela a oportunidade de esticar as asas e voar com seus alunos e alunas. A professora “A” reivindicou o descanso na biblioteca e dele não abriu mão, também se mostrou atenta à necessidade de a escola oferecer uma boa alimentação, bem como uma boa educação alimentar, visto esses aspectos serem relevantes para a vida das crianças, em fase de crescimento e possibilitam um melhor aproveitamento dos estudos.

A Educação Integral vivida na “Escola da Esquina”, está com uma quadra sem cobertura. Foi observado pela professora “L”, que lembrou que a promessa de manutenção desse equipamento é antiga. Estão esperando até hoje, pois se for

adequadamente concluída poderão promover outras atividades, diferentes e mais atraentes do que as que acontecem atualmente. Ela lembrou também que o trabalho por projeto é muito interessante, é estimulante. Também os cursos de formação na própria escola e em outros espaços que a prefeitura mantém, são muito bons e qualificam o trabalho das professoras e professores. Ela mostrou entusiasmo com essa possibilidade de formação continuada que o trabalho em uma Escola de Educação Integral favorece. Fez ainda referência positiva à Comissão Própria de Avaliação, por ampliar e estreitar a relação com a família e toda comunidade externa. Destacou o respeito aos alunos e alunas, a importância de valorizar o que é belo, o que é bonito nessa modalidade de Educação, com mais aulas, com oportunidade de acesso à música, à cultura geral, para além do futebol e do desenho livre. Lembrou do estudo realizado sobre o entorno da escola e a produção de caixas contendo elementos desse entorno e que foram trocadas com crianças de escolas da Bahia. Foram trabalhos educativos muito estimulantes, prazerosos, que proporcionaram novas vivências para as crianças e suas famílias. O aprendizado e a prática do respeito à diversidade é favorecido com esse tipo de estudo, pois apresenta as marcas das histórias que cada criança traz.

A “Escola da Esquina” nos trouxe essas professoras que narraram, em forma de entrevistas autobiográficas, os seus percursos de vida, de formação, de trabalho docente, enfim, os seus encontros. Nós identificamos temas, emergentes dessas entrevistas, para destacar como prioridade de análise nessa tese, pois somos limitadas e compelidas a produzir recortes de análise, visto que a vida é enorme e não cabe nas constrições de uma tese ou trabalho acadêmico. Por meio dos encontros temáticos lançamos uma possibilidade de conversa entre temas, entre professoras formadoras. Aprendemos com elas e com os canários-da-terra sobre escola, sobre a Educação Integral que é vivida e inventada na “Escola da Esquina”. Foi um trabalho de lançar e recolher tantos fios de sol, que continuam ainda guardando em si infinitos horizontes.

A menina do passarinho na cabeça só pode aqui lançar de braços bem abertos e/ou asas bem abertas o que a atravessou durante a produção da pesquisa que deu origem a esta tese. Os desenhos cartográficos das crianças estudantes estão colados aos meus olhos. Os traços daqueles desejantes e as narrativas dessas “plantadeiras”, estão reverberando nos meus ouvidos com os infinitos que trouxeram para o texto. Infinitos que não estão aqui e infinitos que vou descobrindo à

medida que o tempo passa, mesmo depois de tanto tempo e de tanto ouvir.

**Figura 74** – Carrinho sem cavalo carregado de infinitos



**Fonte:** Acervo pessoal de Juliana Gomes Santos da Costa

Foram muitas lições, infinitas, mas, a seguir e bem acomodada debaixo da mangueira, com sandálias que pisam folhas caídas à volta da frondosa árvore, com nariz inebriado pelo cheiro de fruta, conto sobre o que de melhor tirei dessa viagem por terras conhecidas e novas, sobre o que carregarei em meu carrinho sem cavalo (Figura 74). Conto sobre as lições que este trabalho plantou em mim e na tese, trago a colheita que vivemos até aqui e encho a mão observando com ternura o que fomos recolhendo do chão, ou que veio de um galho ou avistado no alto da árvore. Estamos aqui sempre para aprender e eu aprendi com o mesmo entusiasmo de criança, como menina mesmo, com passarinho na cabeça.

## 6 UM SORRISO NA MANGUEIRA

AS ÁRVORES SEMPRE ME ATRAÍRAM. As suas frondes arredondadas, a variedade do seu verde, sua sombra aconchegante, o cheiro de suas flores, de seus frutos, a ondulação de seus galhos mais intensa, menos intensa em função de sua resistência ao vento. As boas-vindas que suas sombras sempre dão a quem a elas chega, inclusive a passarinhos multicores e cantadores. A bichos, pacatos ou não que nelas repousam (FREIRE, 2019, p. 25)

**Figura 75** – A mangueira de minha primeira terra



Fonte: Arquivo pessoal da autora

### **AMARRANDO SACOS, SACODINDO COM PENEIRA, CATANDO GRÃOS, LANÇANDO SEMENTES – LIÇÕES**

*O amarrar dos sacos da colheita e o encontrar com as lições.  
Debaixo de uma mangueira estico um sorriso e estou a pegar nas mãos grãos. É um pegar de pontas dos dedos, grão a grão, desse trabalho.  
Com uma peneira que ajuda o sacodir da tese e vou jogando para cima tudo. O que eu trouxe e o que me trouxe. Aprender, colher e acolher  
Tudo que trago aqui me alimentou nessa terra Aqui trago as lições aprendidas; Grãos colhidos e novas sementes que serão lançadas em terra boa, Terra tem que ser bem cuidada e estar pronta para novas lidas.*

***Jujuba Açú com gosto de braços que sacodem peneira e cabeça e coração que aprendem lições (06/04/2024)***

Não posso ter “considerações finais”, porque aqui debaixo dessa mangueira só posso pensar e pensar, tanta coisa me passa, sobre a pesquisa, sobre a produção da tese, sobre a vida, sobre o tempo e o amadurecer de tudo, inclusive o meu.

[...] O saber de hoje não é necessariamente o de ontem nem tampouco o de amanhã. O saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo. Mas isto não diminui em nada, de um lado, como já disse, a certeza fundamental de que posso saber, de outro, a possibilidade de saber com maior rigorosidade metódica o que aumenta o nível de exatidão do achado (FREIRE, 2019, p. 29)

Eu comecei esse trabalho faz tanto tempo, acredito que aquelas anotações feitas no ônibus durante o Ensino Médio estão aqui. Diários, vontades, mastigar sem fim de tantas coisas (como uma vaca caminhante no pasto fico a ruminar).

Eu parti para Educação Integral, eu vinha de um grupo de estudos, vindo de algumas leituras sobre a formação integral, vinha com uma dissertação debaixo do braço sobre Professoras, Educação Infantil e com narrativas. Vim para o doutorado com tanta coisa dentro do peito e tanta coisa dentro da cabeça, uma passarinhada que fazia barulho, que pensava em voar.

Eu tive uma viagem por terras desconhecidas e também por terras conhecidas, eu tive calma e tranquilidade durante meu percurso, como quem de trem vai ouvindo barulhos da natureza e aceitando o balançar do trem que tem seu próprio ritmo, mas eu esbarrei também em areia movediça. Eu fui enterrada, não como quem brinca na areia da praia, mas sim como quem se amedronta com um terremoto que pode levar pra um precipício. Levar, principalmente a paz, como ensina Freire (2019, p. 32), “[...] estar no mundo implica necessariamente estar com o mundo e com os outros”.

Eu cai, tropeçando em raízes muito endurecidas, que não respeitam raízes mais alagadas e fluídas, mas depois da queda fiz o que se precisa fazer: Levantei. A terra que neste trabalho trago, rasgando tudo e firmando minhas palavras é o que envolve “meu sonho de liberdade”. Nessa terra que caminhamos juntas, você que lê e nós que escrevemos, tem mulheres pretas e pardas, estudantes e professoras, trabalhadoras descendentes de famílias trabalhadoras,

que precisam contar sua história como griô<sup>119</sup>, que têm a necessidade de narrar como arma de luta. É quem poetiza para embelezar, às vezes, as dores. Que escreve como manifesto, seja tese, bilhete, documento e etc.

Aqui, preciso marcar essas aspas que só me tiraram sorriso. Nita Freire, nas Notas que escreveu para o livro de Paulo Freire, “À sombra desta mangueira”, conta de Freire e de sua forma de escrita. Isso me atravessou e aprendi, então preciso aqui me aproximar de mais uma forma de Freire quando este escolhe “que entre a regra culta e a beleza estética, ficava com esta” e ainda, que Freire usava vírgulas “com parcimônia, não as usava com o rigor das regras gramaticais, porque considerava que as mesmas, muitas vezes, “emperram” a fluidez do texto” (FREIRE, 2019, p. 12-13). Eu aprendi.

Nossa terra foi desenho, cartografia de nosso território, território traçado dos lugares que caminhei/caminhamos. Nossa terra foi esquina que encontrei/encontramos, mas foi também encruzilhada que protege e ainda foi estrada longa para infinitos.

Eu nesse processo de doutorado recebi a poda, chorei como árvores brutalmente cortadas, mas quando parecia não ter mais jeito, um brotinho apareceu. Não vou escolher aqui percorrer por terra que traz passado, mas vou escolher terra que entenda que “o passado não gera esperança, a não ser quando dele se recordam momentos de rebeldia, de ousadia, de luta” (FREIRE, 2019, p. 52). É isso que fiz, ouvi música, me rebelei, escrevi, construí a pesquisa com afeto, li, brinquei, observei o céu e a natureza, voltei para lugares que pudessem me aquecer como terra que esquenta os pés descalços.

[...] A terra que a gente ama, de que a gente sente falta e a que se refere, tem sempre um quintal, uma rua, uma esquina, um cheiro de chão, frio que corta, um calor que sufoca, um valor por que se luta, uma carência sentida, uma sobra que maltrata a carência, uma língua que se fala em diferentes entonações. A terra por que se dorme mal, às vezes, terra distante, por causa da qual a gente se aflige tem que ver com o quintal da gente, tem a ver com esquinas de ruas, com os sonhos da gente. Em certo momento, a amorosidade pelo nosso quintal se estende ao bairro onde se acha a casa, vai se ampliando a outros bairros e termina por se alojar numa área maior a que nos filiamos e em que deitamos raízes, a nossa cidade (FREIRE, 2019, p. 41).

---

<sup>119</sup> Griô ou griot é um termo usado para identificar guardiões das histórias de populações negras. Fazendo uso da oralidade transmitiam conhecimento dos seus ancestrais aos seus descendentes, mesmo não sabendo ler e escrever.

Me refiz, aceitei que tempestades são necessárias e que tem tempestade que organiza a nossa primavera. Primaverei e o que mais me marcou nesses anos de estudo e de caídas e levantes foram as flores e frutas que brilham aqui em mim e nesse percurso todo. Nesses anos recebi o fruto mais saboroso de minha vida, meu filho, um menino de passarinho na cabeça que me fez voar em céu azul de nuvens gigantes com formas de dragão, dinossauros, bruxas e tudo que o faz de conta nos possibilita olhando o céu. Esse menino me fez aterrar como raiz que se finca e descobre todos os dias a terra que habita. Foi com ele na barriga que escrevi para qualificar meu trabalho,. Ele me fortaleceu como raiz que prende a árvore no chão. Fora dela, ele visitou comigo a terra da mangueira do sorriso e, embalada por suas cantorias e bagunças, continuei a escrever e ler para estar aqui concluindo essa conversa. Foi com ele, naquela nossa poltrona, que aprendi mais uma vez com Freire que “Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidade tenho de me espriar, de me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho é inverso” (FREIRE, 2019, p.41).

Esse trabalho foi um voar e aterrar, como tudo que aconteceu em minha vida, desde a entrada no doutorado. Estou aqui debaixo da mangueira onde estive quando era uma bebê, uma menina que arrastava a bunda no chão, já engatinhando de forma poeta. Estou aqui agora tentando resolver meus machucados, resolver as podas que me fizeram, tentando colocar em ordem a cabeça e os passarinhos agitados nesse ninho. Eu estou debaixo dessa mangueira, observando que a roça nos dá tudo.

Meu sorriso não é de alegria completa, as dores ainda aparecem como mato teimoso, mato que só vem para bagunçar, sujar o caminho e atrapalhar quem precisa crescer, mas já é um sorriso de satisfação. Satisfeita pelas estradas que percorri, não estou a falar somente sobre doutorado, estou a falar da vida, satisfeita porque, mesmo depois de tempestades, enterrar na areia, terremotos, eu me levantei para contar o que fizemos de mais bonito nesse trabalho.

As lições que aprendemos e que trazemos como brotinhos aqui nessa tese são:

### **Lição I - A terra nos leva, temos objetivos, mas não deixamos os tesouros do caminho passarem**

Tínhamos objetivos de pesquisa, mas como viagem que só acontece, quando acontece, nós, durante a pesquisa, fomos surpreendidas com tesouros, encontros e desencontros, desenhos, contares e saímos com essa aprendizagem. Estamos saindo com essa lição, de que apesar dos objetivos traçados, a vida é viva e ela pulsa, ela acontece, inéditos nos surpreendem. Encontramos tanta beleza, tanta vida, tantas árvores a nos acolher em suas sombras. E também encontramos interdições colocadas nas estradas, passamos por tantos processos e não perdemos de nosso horizonte os objetivos com o trabalho, mas para além deles, desejamos também viver o processo de braços abertos para tesouros encontrados, para tristezas também, para perder, como perdemos durante a pandemia... perdemos o contato, o abraço, o olho no olho, perdemos amigas, amigos, familiares, professoras e professores... tudo muito doído e tudo isso nos atravessou nesse período de doutorado como percalços dessa vida acadêmica. Tivemos que aprender a superar nossas limitações e medos e inventar jeito de nos comunicar virtualmente. De aprender as nuances no olhar ou no tom de voz das pessoas, utilizando somente as telas dos computadores ou dos *smartphones*.

### **Lição II – A infância vive em nós: encontro com meninas e meninos**

Tínhamos uma menina de passarinho na cabeça a escrever a tese. Nem ela sabia que teria que acordar sua menina interior e coloca-lá atenta a si mesma. As professoras entrevistadas começaram suas narrativas por suas infâncias e terminaram conversando com as suas próprias meninas interiorizadas. Não paramos por aí, a infância gritou como criança que grita quando o balanço vai lá pro alto. Uma mistura de alegria naquela aventura e um pouco de medo também, que é bom ter. Os desenhos nos fizeram tão bem e pintaram o trabalho, presenteando os olhos de quem lê e ensinando o que é escola, o que é Educação Integral e o que é a “Escola da Esquina”, para além de contarem tanto mais.

### **Lição III - A Educação Integral é um caminho com muitos pisadeiros**

Aprendemos essa lição na construção desse trabalho: a Educação Integral é um caminho feito com experiências incríveis, singulares, inéditas, com rastros de fundamentação teórica já antigos, como aqueles buscados lá no século passado, em Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro. Existiram e continuam a existir tentativas constantes de implementá-la da melhor forma, buscando qualidade social, combatendo as desigualdades, mas, como sempre, são projetos em disputa<sup>120</sup> em uma sociedade com classes bem demarcadas, como o projeto cívico- militar que está atualmente tentando suprimir uma Educação Integral progressista e diversa, sabemos que em nossa perspectiva de educação temos luta de educadoras, educadores, estudantes, familiares e movimentos sociais organizados para que um projeto de Educação Integral “libertadora” (Freire) se mantenha em debate e construção. Percebemos que os pisadeiros são inúmeros, e as singularidades se manifestam em cada local, cada território, em como são vividas e inventadas pelas crianças as formas de praticar a Educação Integral: o que gostam, o que não gostam, as dificuldades e alegrias com o horário estendido, as possibilidades de contato com uma cultura mais ampla, com música, artes, esportes, hortas, parques, passeios... enfim, como as crianças, junto com os adultos vão construindo essa experiência no cotidiano escolar.

A Educação Integral está presente nas narrativas das professoras. Aqui nesse trabalho temos quatro, mas sabemos, através de estudos, de visitação, de contatos pessoais, que existem muitas outras docentes vivendo a criação de experiências de Educação Integral por todo o país, por Estados e municípios, em escolas tantas, em esquinas outras. A Educação Integral, portanto, é múltipla. Nela atuam profissionais com diferentes tipos de formação, para além de docentes, discentes, gestores. São muito importantes as pessoas que trabalham na produção da alimentação, os servidores que atuam nas secretarias, na limpeza, na segurança, com tantas habilidades distintas, que se entrelaçam e sustentam a experiência, sem os quais não seria possível a sua existência. Aqui nessa tese nos aproximamos de

---

<sup>120</sup> Aqui cabe destacar um embate atual que temos da proposta do Programa Escola Cívico-Militar que no Estado de São Paulo foi aprovado com o Projeto de Lei Complementar 9/2024 pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), mesmo com protestos contra o modelo. Podemos consultar os eixos centrais do modelo e seus impactos no Centro de Referências em Educação Integral: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/escolas-civico-militares-em-sp-4-eixos-centrais-do-modelo-e-seus-impactos-para-o-direito-educacao/>

uma experiência singular, uma das muitas e possíveis versões de Educação Integral que estão sendo criadas no Brasil. Uma versão situada, historicamente datada.

#### **Lição IV - Narrativa e seus infinitos, narrativa e meus infinitos, narrativa chuva de raios de sol**

O que dizer dessa que me salva? O que dizer dessa que mais uma vez me salvou? Que tirou de mim meu melhor e minhas raivas. É como um orixá a ensinar a nadar por águas tranquilas, vento gostoso, raio, lâmina, boas lembranças, pajelanças necessárias... Narrativa é escrita, é o dito, o esquecido, o parar e o correr. Narrativa é o que me compõe, o que compôs esse texto, narrativa é raio de sol e um bernal sem fundo, é o que tira o que tenho de mais profundo, revela tudo, inclusive a poeta habitante de mim.

Seguro em duas mãos estendidas a mim no processo de conhecimento. Benjamin alerta sempre que a narrativa é uma arte em extinção, e eu sempre estou comprometida em não permitir que ela seja extinta. Vou lendo, escrevendo e ouvindo sempre. Benjamin e sua Infância em Berlim gera em mim encantamento e ensina a menina de passarinho na cabeça. A outra mão está bem apertada com Freire, que me diz ao pé do ouvido:

[...] A paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminuem em nada o compromisso com o que denuncio ou anuncio. Eu sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte de mim esquemática, meticulosa, racionalista, conhecendo os objetos e outra, desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também (FREIRE, 2019, p. 28).

Eu fui me descobrindo quando deixei a menina de passarinho na cabeça correr pela terra vermelha que a fez. Quando relacionei com essa menina aquilo que faço e que pesquiso e que escuto e que digo, uma lição tão bela, o trabalho pedagógico.

## Lição V – A boniteza do trabalho pedagógico - Chuva de manga<sup>121</sup>

*Vem um pouco de chuva, floresce a mangueira  
Vem uma pequena ideia, floresce a imaginação  
Chuva de manga  
James Rumford*

Meu trabalho é sobre trabalho, como lindamente a professora Corinta me fez pensar no exame de qualificação. O meu trabalho preza por essa palavra, repete durante todo texto, da introdução, passando pelo memorial e corta toda a tese como pneus que cortam estradas, como tratores que deixam marcas na terra de roça.

Já que trabalho me tomou, encerro esse texto com o brilhante livro de Literatura Infantil “Chuva de Manga”.

Um menino chamado Tomás, que vive no Chade<sup>122</sup>, está esperando a chuva e enquanto todo seu povo espera a chuva ele recolhe o que é preciso para construir seu carrinho. Com a ajuda de seu pai vai fazer seu brinquedo, chegará no seu objetivo.

Eu sou uma menina de passarinho na cabeça, que vivo num país desigual que como o povo de Tomás tem também uma espera pela chuva. O povo que tenho como origem tem na chuva a esperança de abundância. Eu fui recolhendo tudo que precisava, eu colhi flores das árvores e recolhi folhas secas do chão de terra, também viajei e assim fui juntando tudo que precisava para construção de meu brinquedo, brinquedo aqui como trabalho, com seriedade, com objetivo, pois construir um brinquedo ou brincadeira é trabalho muito sério, como já diria Freinet.

Tomás tinha seu pai e eu tive algumas mãos comigo para chegar nesse objetivo de estar aqui com a tese a correr entre os troncos de mangueiras que aqui se apresentam. Preciso registrar que foi espera para Tomás para ter cada objeto no tempo certo para construção de seu carrinho. Já a menina também precisou de paciência de avós para que “acabe o leite e a lata se esvazie”<sup>123</sup>.

Eu trabalho na educação, com crianças pequenas, isso já me traz um pouco de Tomás, porque é um olhar diferente, é um tempo diferente e é um olhar e viver os espaços e territórios diferentes, mas, para além de saber um pouco do que é ser Tomás, eu sou uma menina e sei que é preciso meninice para não deixar que

<sup>121</sup> RUMFORD, James. Chuva de manga. Editora Brinque-Book, 2005.

<sup>122</sup> País da África.

<sup>123</sup> Trecho do livro que expressa a paciência em esperar para obter o que precisa para a construção do brinquedo.

a pressa e a dureza me levem o sabor da chuva. É importante não perder esse paladar, chuva é para se degustar, “[...] depois, volta o seu rosto para o céu e saboreia as gotas frescas da chuva. A mangueira também tem sede. Suas folhas abraçam a chuva. Suas raízes a bebem” (RUMFORD, 2005, p. 11).

Isso é sobre trabalho, sobre educação, sobre ser professora, sobre escola, isso é sobre chuva, sobre terra e sobre raízes, sobre África e sobre Brasil, sobre paciência de avós e avôs, sobre Tomás e sobre a menina de passarinho na cabeça.

O trabalho de professora é um trabalho de sustentação de um país. É preciso educação para que nosso país crie horizontes mais amorosos para as futuras gerações. Que as portas das escolas estejam sempre abertas para os filhos e filhas da classe trabalhadora. Para que essas crianças e jovens possam viver a infância sem ter que trabalhar, como a pequena “L.A.”, que dobra caixas todas as tardes. Precisamos do trabalho das professoras para mudar essa situação e criar oportunidades generosas para os que estão sendo sempre e sempre subalternizados. Não podemos aceitar a subalternização! Essa tese é um grito, uma denúncia e uma mostra da superação das interdições que me foram sendo interpostas ao longo da jornada. Aqui o trabalho se mostrou nas duplas jornadas, para pagar mensalidades, nas leituras dentro do ônibus, na travessia da cidade, dentro de coletivo cheio, para chegar até a UNICAMP e prosseguir com os estudos. Aqui tem trabalho e tem gente. Gente é para brilhar<sup>124</sup>, como ensinou o poeta. Queremos alegria e educação de qualidade. Esse é meu grito. Esse é meu trabalho.

### **Lição VI – O sempre se descobrir é lição importante e no se descobrir pintamos de Amarelo**

Eu fui me descobrindo quando deixei a menina do passarinho na cabeça correr pela terra vermelha que a fez. Quando, com as próprias mãos, sem medo de ter terra nas unhas fui cavucando e me aprofundando em mim, pois como afirma Freire (2019, p. 57), “a realidade não é só azul ou só verde. A realidade é multicolor, é arco-íris”. Esse aprofundar em mim, aprofundou a professora que estou a me fazer, a mulher, a mulher preta, a trabalhadora, a periférica, a estudante, a militante e a poeta:

---

<sup>124</sup> VELOSO, Caetano. Gente é pra brilhar. 1977

A postura de professores-pesquisadores-narradores que convivem com os acontecimentos que narram e pesquisam se projeta num ato ético-responsável, diante de uma visão estética do mundo modelizada em sua singularidade, deixando as marcas de seu estilo, ao mesmo tempo em que a escrita produz sua pesquisa no presente ético do futuro, enquanto ocorre a cognição, o dar-se conta ou o caminhar para si (SERODIO; PRADO, 2015, p. 111).

Pinte de amarelo mesmo que as tempestades tenham levado tudo de você, inclusive a paz. Pinte de amarelo mesmo que você não entenda nada do texto, releia o texto mil vezes pintado de amarelo, isso irá iluminar o caminho. Pinte de amarelo mesmo que queiram te podar. Eu não me enganei, mexeram comigo, mas não ando só, sou como haste fina, não quebro, só envergo. Pinte de amarelo a vida acadêmica, não deixe que tirem seus passarinhos ou tentem colocá-los em gaiolas, como denunciou Maya Angelou.

Saia pintando tudo de amarelo, eu pinto sempre de amarelo para pensar que estou sempre em casa, pois tenho dois ipês floridos e amarelinhos na minha calçada.

Sinta-se em casa sim, sinta-se na sua terra, sinta-se dona da sua cabeça e que os passarinhos voem.

REVIDE. Revide em amarelo.

Eles não acreditam em você, eles não te querem, te derrubam, te machucam, mas um conselho que posso dar é dê a resposta que precisa ser dada, contrarie o que eles afirmam, pode ser uma vingança até, mas vejo como uma nova partida, um jogo que ainda não terminou. Revide em amarelo.

Por fim,

Que sua terra permaneça em você, que os passarinhos da cabeça permaneçam livres, voantes, barulhentos, alegres, que as sandálias saibam pisar pelas estradas, que tire a poeira de tudo que não te interessa, faça seus pisadeiros, limpe bem os carregadores da sua vida, deixe tudo pronto para plantar. Prepare bem a terra, molhe e dê sol na quantidade certa, plante, cuide todos os dias e colha, e que venha uma colheita<sup>125</sup> a ponto de não conseguir carregar, que caiam frutas pelo chão. E cante,

---

<sup>125</sup> Uma nova colheita como um novo tempo - Música "Novo Tempo" de Vitor Martins e Ivan Lins é do álbum "Novo Tempo", lançado em 1980. Pode ser acessado no YouTube em <https://youtu.be/vltmJnY-aY?si=QnK3u3XAxWMHx4z>. <https://www.lettras.mus.br/ivan-lins/46444>.

### AmarElo<sup>126</sup>

Presentemente eu posso me  
considerar um sujeito de sorte  
Porque apesar de muito moço  
me sinto são e salvo e forte

E tenho comigo pensado,  
Deus é brasileiro e anda do meu lado  
E assim já não posso sofrer no ano passado

Tenho sangrado demais,  
tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
mas esse ano eu não morro

Tenho sangrado demais,  
tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri  
mas esse ano eu não morro  
Ano passado eu morri  
mas esse ano eu não morro

Eu sonho mais alto que drones  
Combustível do meu tipo? A fome  
Pra arregaçar como um ciclone (entendeu?)  
Pra que amanhã não seja só um ontem  
Com um novo nome

O abutre ronda, ansioso pela queda (sem sorte)  
Findo mágoa, mano, sou mais que essa merda (bem mais)  
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda  
Estilo água, eu corro no meio das pedra

Na trama, tudo os drama turvo, eu sou um dramaturgo  
Conclama a se afastar da lama, enquanto inflama o mundo  
Sem melodrama, busco grana, isso é hosana em curso  
Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso

É um mundo cão pra nóiz, perder não é opção, certo?  
De onde o vento faz a curva, brota o papo reto  
Num deixo quieto, num tem como deixar quieto  
A meta é deixar sem chão, quem riu de nóiz sem teto

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
mas esse ano eu não morro

<sup>126</sup> Música “AmarElo” de Emicida do álbum “AmarElo”, lançado em 2019 pela gravadora Laboratório Fantasma. Pode ser acessado no *YouTube* em <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro  
 Ano passado eu morri  
 mas esse ano eu não morro

Ano passado eu morri  
 mas esse ano eu não morro

Figurinha premiada, brilho no escuro,  
 desde a quebrada avulso  
 De gorro, alto do morro e os camarada tudo  
 De peça no forro e os piores impulsos

Só eu e Deus sabe o que é não ter nada, ser expulso  
 Ponho linhas no mundo, mas já quis pôr no pulso  
 Sem o torro, nossa vida não vale a de um cachorro, triste  
 Hoje cedo não era um hit, era um pedido de socorro

Mano, rancor é igual tumor envenena raiz  
 Onde a platéia só deseja ser feliz (ser feliz)  
 Com uma presença aérea  
 Onde a última tendência é depressão com aparência de férias  
 Vovó diz,  
 Odiar o diabo é mó boi, difícil é viver no inferno  
 E vem a tona  
 Que o mesmo império canalha, que não te leva a sério  
 Interfere pra te levar a lona  
 Revide (...)

Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte)

Então, revide com a fúria da beleza do sol.

Que a Terra receba as raízes bem fincadas ao chão e que o céu receba  
 os galhos e folhas que vão para o alto. Que o vento leve as flores e que os frutos  
 fiquem bem maduros.

## REFERÊNCIAS

A VIVÊNCIA e a experiência. Produção de ESPE. Intérprete: Rita Kehl. [S.I.]. Publicado no perfil de Instagram do Laboratório de Estudos sobre o Contemporâneo: @labcon.lab. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C2OBY72P6Sp/?igsh=aG9mcTF3dnBsZHNo>. Acesso em: 13 fev. 2024.

ANGELOU, Maya. **Eu sei por que o pássaro canta na gaiola**. Astral cultural, 2018.

ARROYO, Miguel. O direito a tempos-espacos de um justo e digno viver. *In*: MOLL, Jaqueline (Org.) **Caminhos da educação integral no Brasil**: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

BANDEIRA, Manuel. A estrada. *In*: \_\_\_\_\_. **Estrela da vida inteira**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 85.

BARROS, Manoel de. Mundo Pequeno XII. *In*: \_\_\_\_\_. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação integral**: texto referência para o debate nacional. Brasília: MEC, Secad, 2009. 52 p. (Série Mais Educação). Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal\\_educ\\_integral.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf). Acesso em: 12 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Novo Mais Educação**. Brasília: 2016. Disponível em: XXX. Acesso em: 12 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Saiba mais**: Programa Mais Educação. Brasília: 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao/apresentacao?id=16689>. Acesso em: 12 abr. 2024.

BOFF, Leonardo. A fábula da águia e da galinha. 1997. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2020/09/16/a-fabula-da-aguia-e-da-galinha/>. Acesso em 27/04/2024.

BUARQUE, Chico. **Cotidiano**. Álbum Construção. [Phonogram/Philips](#), 1971.

CADERNO CURRICULAR TEMÁTICO. **Educação básica**: ações educacionais em movimento: tecendo o currículo da educação integral em tempo integral. Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2021. Dados eletrônicos (1 PDF; 107 Mb). (Caderno Curricular Temático, v. 5, p. 1).

CADERNO CURRICULAR TEMÁTICO. **Educação básica**: ações educacionais em movimento: tecendo o currículo da educação integral em tempo integral. Prefeitura Municipal de Campinas, Secretaria Municipal de Educação, Departamento Pedagógico. Campinas: Prefeitura Municipal de Campinas, 2021. Dados eletrônicos (1 PDF; 541 Mb).(Caderno Curricular Temático, v. 5, p. 2).

CAMPINAS. **Resolução SME nº 5/2014**, de 07 de março de 2014. Dispõe sobre a organização do Trabalho Pedagógico das Unidades Educacionais integrantes do Projeto Piloto “Escola de Educação Integral - EEI”. Diário Oficial do município de Campinas, Campinas, SP, nº 10.826, de 10 de março de 2014b. Seção 4, p. 04-19. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/uploads/pdf/883748667.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CAMPOS, Ana Maria de. **Histórias contidas e nem sempre contadas na formação de jovens e adultos**. 2014. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/939987>. Acesso em: 28 abr.2024.

CAYMMI, Dorival; PINHEIRO, Paulo César Francisco. **Viver na fazenda**. Interpretação de Maria Bethânia. Álbum Abraçar e Agradecer - CD 02. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2016.

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Mais Educação**. 11 nov. 2018. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/mais-educacao>. Acesso em: 25 mar. 2024.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. A arte do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

COUTO, Mia. **Poemas escolhidos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CONNELLY, F. Michael; CLANDININ, D. Jean. Relatos de experiência e investigação narrativa. In: LARROSA, Jorge *et al.* **Déjame que te cuente**: Ensayos sobre narrativa y educación. Editorial Laertes, 1995.

COSTA, Juliana Gomes Santos da. **Narrativas de “Professoras” de Educação Infantil**: o processo de (re)significação da profissão a partir da formação em exercício. Campinas. 2013. 189 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/15435>. Acesso em: 23/04/2024.

COSTA, Gal. **Hi-lili**. “[Canção popular](#) com música de [Bronislaw Kaper](#) e letras de [Helen Deutsch](#). Foi publicada em 1952 e teve destaque no filme *de* 1953 [Lili](#), estrelado por [Leslie Caron](#)”. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Hi-Lili,\\_Hi-Lo](https://en.wikipedia.org/wiki/Hi-Lili,_Hi-Lo). Acesso em: 27 fev. 2024. Gal Costa gravou uma versão em português, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JaKnY9PcfJs>. Acesso em: 27 fev. 2024. Álbum Muito – Dentro da Estrela Azulada. 1978.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

D' ALMEIDA, Gercilda. **Bruna e a galinha D' Angola**. Ilustrações Valéria Saraiva. 2000.

DIAS, Gonçalves. **Canção do exílio**. 1857. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/cancao-do-exilio-de-goncalves-dias/#:~:text=A%20Can%C3%A7%C3%A3o%20do%20Ex%C3%ADlio%2C%20que,1857%20no%20livro%20Primeiros%20Cantos>. Acesso em: 24 abr. 2024.

DJONGA. **Bença**. Álbum Ladrão. Ceia Ent., 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vlmJnY-waY>. Acesso em: 21 mar. 2024.

DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. **A qualidade da educação**: perspectivas e desafios. Cadernos CEDES, v. 29, n. 78, p. 201-215, 2009.

DUARTE, Amanda Machado dos Santos. **A cartografia da permanência estudantil nos cursos de nível médio da Rede Federal de Educação**. 2019. 230 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

DURAN, Marília Claret Geraes. **O cotidiano escolar e as pesquisas em Educação**. *Pesquiseduca*, Santos, v. 1, n. 1, p. 31-44, jan.-jun. 2009.

EMICIDA. Mandume. **Álbum**: Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e lições de casa. Laboratório Fantasma. 2015.

EMICIDA. **AmarElo – Álbum: “AmarElo”**. Laboratório Fantasma. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em: 29 abr. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2008.

FARIA, Juliana Batista. **O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa**: Experiências de formação de sujeitos em imersão docente. 2018. 385 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

FERNANDES, Crislaine. **Educação Integral**: caminhos possíveis para o pleno desenvolvimento da pessoa humana? 1. ed. Campinas: Pontes, 2023.

FERREIRA, Roque. **Vento de lá/ Imbelezô**: Abraçar e Agradecer. Álbum: Meus Quintais. 2014.

FREIRE, Ana Maria de Araújo. Notas. In: FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 12 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 12. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREITAG, Barbara. Quadro teórico. In: \_\_\_\_\_ . **Escola, Estado e Sociedade**. 4.

ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controlado processo pedagógico na escola. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 35, n.129, p.1085-1114, out-dez, 2014.

\_\_\_\_\_. Qualidade negociada: avaliação e contra-regulação na escola pública. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 911-933, 2005.

GADOTTI, M. **Educação Integral no Brasil**: inovações em processo. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009. v. 4.

GONÇALVES, Antonio Sérgio. Reflexões sobre a educação integral e escola de tempo integral. **Cadernos Cenpec**, n. 02, 2006.

GONZAGUINHA. **Caminhos do coração**. 1982. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/280648>. Acesso em: 09 abr. 2024.

GUEDES, Beto; BASTOS, Ronaldo. **O sal da terra**. EMI Records Brasil Ltda, 1981.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: \_\_\_\_\_. O cotidiano e a história. Editora Paz e Terra, São Paulo – SP: 1985.

MEIRELES, Cecília de. Canção da tarde no campo. 1967. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/ODIxMDcw>. Acesso em: 28 mar. 2024.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro mas eu canto**. 1965. Disponível em: <https://sientopasareltiempo.blogspot.com/2015/10/a-vida-verdadeira-de-thiago-de-mello-de.html>. Acesso em: 21 mar. 2024.

MELO NETO, João Cabral de. **Tecendo a manhã**. In: A educação pela pedra. 1966. Disponível em: <https://comofazerumpoema.com/poema-tecendo-a-manha-joao-cabral-melo-neto>. Acesso em: 15 abr. 2024.

MOLL, Jaqueline. **Educação Integral**: texto referência para o debate nacional. Brasília: MEC, Secad, 2009.

MOURA, Jónata Ferreira da; NACARATO, Adair Mendes. **A entrevista narrativa**: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras. Caderno de Pesquisa, São Luís, V. 24, n. 1, jan./abri. 2017.

MURRAY, Roseana. O cotidiano. In: \_\_\_\_\_. **Poesia essencial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Manati, 2010. p. 110.

MUYLAERT, Camila Junqueira; JR. Vicente Sarubbi; GALLO, Paulo Rogério; NETO, Modesto Leite Rolim; REIS, Alberto Olavo Advincula. **Entrevistas narrativas**: um importante recurso em pesquisa qualitativa. Revista da Escola de Enfermagem da USP. São Paulo, 48 (Esp2): 193-199, 2014.

NUNES, Terezinha; CARRAHER, David; SCHLIÉMANN, Analúcia. **Na vida dez, na**

**escola zero.** Editora Cortez. 2015.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. O currículo no cotidiano escolar: conversa com Corinta Geraldine Regina Leite Garcia. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p. 112-130, jul./dez. 2007.

PACHÁ, Patrícia; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. **Entrevista Narrativa como técnica de pesquisa.** Synesis, Petropolis, RJ. v. 14, n.1, p. 157-168, jan/jul2022 2022.

PRADO, G. V. T.; SERODIO, L. A.; PROENÇA, H. H. D. M.; RODRIGUES, N.C. **Metodologia narrativa de pesquisa em educação:** uma perspectiva bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João, 2015.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. **Da busca de ser professor:** encontros e desencontros. Campinas, 1992. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas.

PREFEITURA DE CAMPINAS. **Diário oficial.** Nº 10. 826 – Ano XLIV. Segunda-feira, 10 de março de 2014. Campinas, SP, 2014.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele.** Objetiva, 2017.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. **Conversa como metodologia de pesquisa:** por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIBEIRO, Ana Clara Torres *et al.* **Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método.** Cadernos IPPUR, Ano XV, N.2 e Ano XVI, N.1, 2001-2002.

RIBEIRO, Ana Clara Torres *et al.* **Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro: compreendendo contextos, abordagens, conceitos e proposta metodológica da Cartografia da Ação Social.** Redobra, N.9, 2012.

ROCHA, Ruth. **O tempo em que a televisão mandava no Carlinhos.** Editora: Salamandra. 2000.

ROCKWELL, Elsie; EZPELETA, Justa. A escola: relato de um processo inacabado de construção. **Currículo sem Fronteiras**, v. 7, n. 2, p. 131-147, jul./dez. 2007.

RUMFORD, James. **Chuva de manga.** Editora Brinque-Book, 2005.

SOUZA, José Gilberto de; Katuta, Ângela Massuni. **Geografia e conhecimentos cartográficos:** A cartografia no movimento de renovação da geografia brasileira e a importância do uso de mapas. Editora UNESP. 2001.

SOUZA, Clementino de. **Diálogos cruzados sobre a pesquisa (auto)biográfica:** análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. Santa Maria. V. 39, n.1, p. 39-50. Jan./abril. 2014.

TITTON, Maria Beatriz Pauperio; PACHECO, Suzana Moreira. **Educação integral:**

A construção de novas relações no cotidiano. In. MOLL, Jaqueline (Org.). Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre:Penso, 2012.

VALE, João do; CÂNDIDO, José. **Carcará**. Álbum BB 1339. RCA, 1965. VELOSO, Caetano. **A terra**. Álbum Muito – Dentro da Estrela Azulada. 1978.

VELOSO, Maria Bethânia Viana Teles. **Carta de amor**. Álbum Oásis de Bethânia. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2012.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

## ANEXOS

### GRANDE SILO/TULHA INVENTÁRIO DE PESQUISA

Aqui estamos. Sentada vejo à minha esquerda uma mangueira com seu balanço, pé de goiaba, e um pisadeiro que dá na casa de Marli. À direita um grande pé deseriguela do vizinho e meus olhos são capazes de ver ao longe a plantação. Aqui ao lado temos a tulha, nosso grande silo. Nessa geografia está armazenado o inventário de pesquisa, que acomoda os grãos bem organizados. Um descanso para ser semeado, ser plantado.

Um silo armazena qualquer tipo de grão e silagem, mas as culturas que mais o utilizam são a de soja, do arroz e do milho. Aqui nesse grande silo de pesquisa guardo grãos diferentes, guardo silagem – “forragem verde armazenada na ausência de ar e conservada mediante fermentação. A silagem é um alimento volumoso utilizado para suplementar as pastagens durante a época em que a disponibilidade de forragem é baixa”. (Disponível em: <https://nutrimosaic.com.br/o-que-e-silagem>. Acesso em: 23 abr. 2024)

Nosso silo é uma tulha feita de madeira, mais alta porque não pode correr o risco de entrar bicho pela porta, no teto da tulha duas janelas para arejar nossas sementes. No grande silo dessa pesquisa, meu armazem de grãos, onde as sementes descansam aguardando o plantio ou o consumo, tem de tudo um pouco ou como diz meu pai, de um lado milho, em outro extremo da tulha amendoim, em outro lugar arroz, não pode misturar, tem que ter alguma organização. Mas ao mesmo tempo a tulha/ o silo não tem divisórias.

Conto mais: os pequenos produtores guardavam em tulha, sem divisória, ali despejando tudo, milho, amendoim, feijão. Guardo na memória a imagem da tulha do sítio onde meus avós moravam, tinha um cheiro, era grande, escuro e tinha sacos e mais sacos. Ali despejavam todos os grãos, sem divisórias.

Tulha está num terrerão, concretado de tijolinhos no chão. Seca todos os grãos e coloca na tulha, uma porta para entrar e no teto duas ou três janelas para entrar ar (ventilação). Assoalho de madeira, dois metros acima do chão, o grão não pode pegar umidade, cuidado com bicho/praga. A tulha é forrada com madeira ou

pau a pique (paus enterrados no chão e paredes de barro). Guardar o milho em espiga no saco, em outro canto o arroz e em outro o amendoim.

Meu grande silo é meu inventário, que guarda as cartografias produzidas pelas crianças, representando os caminhos de ida e vinda da escola e as suas percepções da “Escola da Esquina”. Um pequeno diário de campo está ali naquele canto, ao lado bilhetinhos, nos quais fiz anotações para mim mesma, juntando cada passarinho da cabeça. Também tem mapas conceituais que construí nesses anos de doutorado, sobre tudo. Tem artigos rabiscados e fotografias nas paredes de madeira desse silo/tulha.

Nesse grande silo os livros estão sustentando tudo como paredes de pau a pique, e os sacos como de milho, arroz, aqui estão cheios de palavras. Tem muita música, poesia e narrativas Jujubas, aliás eram açucaradas, mas nesse tempo por aqui de adormecer e acordar para colheita se fez Açú – Gigante<sup>127</sup>– Tem muitos papéis rabiscados para pensar na tese, na terra, na menina, nas sandálias, nas estradas e no campo. Logo que saímos pela porta do Grande Silo/tulha a mangueira está lá e o sorriso da menina é marca desse acomodar de sementes. A menina se vira e olha com alegria para a silagem, narrativas das professoras, uma silagem que teve o contato inicial com a escola e com as quatro professoras. O estar em suas aulas com suas turmas, depois as entrevistas narrativas com cada uma, um tempo como o tempo de plantação, paciência e processo artesanal, também presente no momento da transcrição e posterior textualização... Narrativa é muito disso, é tempo, é tempo com paciência e um fazer cuidadoso de escuta. Foram transcritas as histórias contadas e também textualizadas e como silagem foram conservadas para serem posteriormente analisadas. Tiveram o tempo para fermentarem por inteiro. Cada entrevista narrativa autobiográfica foi vista na íntegra, revista, (re)escutada, porque para se produzir um trabalho integral, é preciso por a mão na massa. Tem que olhar com atenção, tem que cuidar para ter alimento quando tudo parece seca.

A silagem é narrada por meu pai assim:

A turma pega o milho e tritura, para armazenar cava no chão uma cova grande e funda, coloca encerado e coloca a trituração com palha, espiga e tudo, cobre com outro encerado e coloca terra por cima. Porque quando o pasto estiver seco, quando não tem pastagem teremos essa silagem para alimentar o gado. É folha,

<sup>127</sup> Jamais esquecerei essa anotação, registrada no texto da qualificação, pela professora Heloísa, membro da banca de qualificação e que foi minha orientadora no Mestrado.

sabugo, milho triturado, é tudo junto, o pé do milho, faz um virado e coloca e guarda para durar toda a seca. Quando chegar a época da chuva teremos novamente pasto e então teremos alimento. Agora os cooperados, tem um silo de alumínio enorme, os grãos que são colhidos se colocam no silo. O silo armazena 50 a 100 carretas de sementes, para esperar preço ou só para guardar.

Observando o Grande Silo aqui na minha tulha de pesquisa (inventário), tem uma brisa que acarinha o rosto, a terra é bem vermelhinha, um terreirão bem varrido, as galinhas cacarejam e seus barulhos se juntam aos moradores viajantes que voam e cantam.

Aqui estou sentada, tomando uma água de pote, bem fresca, sol desde cedo já aquece, olho para trás da casa e a estrada passa ao longe, quase sempre vazia, o ônibus que vai para cidade já passou de manhãzinha.

É uma alegria em dia de Santo Antônio (primeiro Santo de Junho) me sentar aqui e com satisfação me arrumar para encontrar aquela que remexi, plantei, cultivei, reguei, pedi chuva e poderei dela colher. É uma alegria tê-la para o pé, estar em sua firmeza, tê-la na mão e assim ganhar seu carinho.

Acomodando meu chapéu de palha e olhando para longe onde os pés de jaca estão a fazer sombra, percebo que nessa caminhada que traçamos me vejo ainda mais apaixonada por uma menina terra.

Eu narro, faz tempo, contei e estou a contar tudo que está em meu “bornal com punhados de terra”, ele é resistente e bordado, bem colorido, feito para as léguas dessa terra anunciada, está transpassado em meu peito, carregado de coisas, é sem fundo e guarda desejos, tristezas, frustrações e alegrias, guarda o que acredito que vou precisar em outras viagens, o que quero ter a mão em qualquer parada. No percurso de me tornar pesquisadora, fui provocada e sei que precisava narrar, organizar não só a vida acadêmica, a tese, mas pensar como se vive um aprendizado.

## GRANDE SILO/TULHA INVENTÁRIO DE PESQUISA (ITENS)

1. Cartografias das crianças – canários da terra  
Turma do terceiro ano do Ensino Fundamental (2019) da “Escola da Esquina” - Turma da professora “A”
2. Narrativas feitas como Professora Jujuba datadas de 2013 e 2014 (guardadas)
3. Narrativas produzidas durante pesquisa de campo na Escola da Esquina entre 2018-2020
4. Narrativas autobiográficas produzidas pela Jujuba para tese e para vida, como Passos de Uçá
5. Mapas conceituais produzidos para compreender o percurso de pesquisa e os caminhos necessários para continuidade da pesquisa
6. Anotações diversas em folhas soltas, bilhetes para a própria Menina compreender seus passarinhos e seu jeito poeta de ser, estar e narrar/escrever
7. Fotografias que compõem a tese -  
Fotografias antigas buscadas junto aos pais, em caixas de recordações e fotos mais atuais, como da viagem feita em 2022 para Junqueirópolis para visitar a casa de madeira da pequena menina do passarinho na cabeça, a maternidade onde nasceu, a Vila São João e as estradas de terra vermelha de onde se vê as casas de roça
8. Caderno de campo das visitas às aulas, corredores, ruas, ônibus – Escola da Esquina
9. Músicas que atravessam toda tese e que atravessam a Menina
10. Poesias, poemas, literatura e tudo que adoça o paladar, encanta os ouvidos e alegria o coração.

## TEXTUALIZAÇÃO PROFESSORA “F”

*Desde a infância eu queria ser professora, mas a vida leva a gente para outros rumos e como a minha família morava no ABC Paulista, o maior fluxo de trabalho é na indústria metalúrgica. Então, eu fui desenhista mecânica por 15 anos numa indústria de autopeças e participei da militância no ABC Paulista, muito rica essa experiência. Depois eu saí dessa empresa e após um tempo me mudei para cá, para Valinhos, porque a empresa que meu marido trabalhava se mudou para cá. Aqui com a proximidade com a Unicamp eu tive a oportunidade de fazer a Pedagogia que lá eu não teria porque no ABC não tem escola gratuita. Eu fiz a Pedagogia, trabalhei 2 anos... 3 anos no Sesi, depois fui morar no Rio Grande do Sul e trabalhei 2 anos com Educação Infantil e aí no retorno eu trabalhei no Objetivo, escola particular até passar no concurso da prefeitura de Campinas e assim de infância que eu me lembro, principalmente no aspecto escolar é a matemática. Eu lembro da dificuldade para comprar material escolar, dificuldade de uniforme para maioria, porque não tinha o Governo que dava, a prefeitura não dava nada. Então, era bem difícil, a escola era excludente, hoje você vê que tem muitas facilidades e na contramão não tem a valorização, porque como se recebe material, recebem uniforme tudo se torna muito tranquilo e aí se dá pouco valor. Até o acompanhamento dos pais, tudo é uma confirmação disso, essa deterioração emocional, porque antes a gente vangloriava tanto a escola, eu acho que se deve também ao número de...a possibilidade de acesso, porque as escolas são mais numerosas agora, antes não, a gente tinha que se deslocar bastante para chegar na escola.*

*Então, eu lembro bem, o cheirinho de material novo. Aí que delícia! Borrachinha nova, não tinha estojinho, mochilinha, nada disso, era tudo bem “feinho” na época, as coisas são mais bonitas hoje, mas a gente dava muito valor, muito valor, caixa de lápis de cor então, eu queria aquela de 24 que abria em cima da carteira, imagina, era um absurdo de caro, hoje já é mais fácil para eles, fico feliz de ser mais fácil e infeliz de não valorizar.*

*Tenho cinco irmãos, duas meninas e três meninos, ninguém é professor, só eu. Eu fiz desenho mecânico porque quem trabalha na indústria se não fizer um curso voltado para indústria no primeiro corte é mandado embora, é desligado. Então, se eu fizesse o magistério não teria serventia para indústria, se você trabalha numa área de Recursos Humanos você pode até continuar, mas eu trabalhava como desenhista mecânica, se eu fizesse Magistério ou Pedagogia na época demonstraria desinteresse em continuar naquela área, então, no primeiro corte teria desligamento. Mas, a Pedagogia eu já queria desde sempre, já queria antes e não tinha possibilidade, eu sempre quis ser professora. Eu fiz na Fundação Santo André - que não era gratuito, mas era 50% custeada pela Prefeitura - eu fiz Ciências Sociais, um ano só e aí eu engravidei dos gêmeos, comecei e fiz um ano, gostei muito, muito mesmo, mas não dava para continuar naquele momento. Quando eu vim para cá eu preferi a Pedagogia, porque eu tinha duas crianças também, para articular as coisas. Eu gostaria muito de dar aula de história, mas hoje eu dou, para menores.*

*Fiz o curso em quatro anos, vespertino, eu estudava a tarde e já tinha os meninos, e foi assim automático, eu prestei concurso para o Sesi em outubro - outubro que eu estava no último ano da Pedagogia - porque a professora falava assim: “sempre que tiver um concurso, preste o concurso porque você vai pegando o jeito do concurso, como funciona”. Eu fiz e passei no primeiro, eu passei em 12º lugar, me chamaram em Novembro, por aí, e eu falei para moça: “não posso, não tenho diploma”. Foi a escola dos meus filhos inclusive, porque eles já estavam com*

sete anos... aí eu falei: “não posso porque não me formei”. Ela falou: “então eu vou deixar aqui em stand by, no ano que vem se a gente precisar no começo do ano eu retorno na lista e chamo”. Porque no Sesi não é aquele rigor igual de Prefeitura, de ordem, não pode assumir, exclui e tal, não. A pessoa foi chamada e não pode naquele momento, ainda fica para ser chamada de novo e vai seguindo a ordem, e é bem rigorosa a ordem, você tem que apresentar a matrícula do concurso, que lugar passou e é bem rigoroso. Entrei já no ano seguinte, no início do ano, fiquei só três anos porque eu tive que mudar para o Rio Grande do Sul. [No Rio Grande do Sul] eu tive a experiência com a Educação Infantil lá, só que em escola particular. Nossa, foi muito bom! Muito bom porque assim, a gente quando está no Fundamental a gente critica a Educação Infantil - eu lá trabalhava com os menorzinhos, os bebês, mas eu acompanhava o restante da escola - e a gente critica achando que não é feito um bom trabalho e, realmente, em algumas escolas de Educação Infantil não é, mas você vê também que determinadas crianças que já apresentam determinada dificuldade vem desde lá e as professoras vem tentando vencer aquilo e achar um caminho, e é uma constante depois também no Fundamental, são todas remando na mesma direção. Então, a gente às vezes julga que não, mas você percebe que é tudo... claro que em toda área tem gente engajada ou não, que se “afiniza” com o objetivo ou não.

Então, meu marido perdeu o emprego e não tinha muito sentido continuar lá [RS], o custo de vida é mais caro e também a nossa família toda é aqui, voltamos pra cá [Campinas]. Quando nós voltamos para cá, voltamos em Julho e em Outubro teve concurso na prefeitura, eu já comecei a trabalhar no Objetivo e em Outubro teve concurso aqui em Campinas, eu prestei e passei, mas continuei trabalhando no Objetivo. Eu consegui no início [conciliar] prefeitura e particular, depois eu vi que estava muito corrido sair de um lugar e sair correndo para o outro, horário de trabalho pedagógico, aquelas coisas, eu deixei o particular e fiz uma boa escolha, sem dúvida, estou há onze anos e gosto, gosto muito. Como eu sou professora substituta, professora adjunta, eu não fico numa escola só, então... Eu não gosto de ser adjunta não, eu queria ter uma sala fixa pra mim, mas no momento, quando eu prestei o concurso tinha 130 vagas para professor de sala e 230 para adjunto, com marido desempregado, eu trabalhando numa escola particular que o salário é bem inferior eu falei: “não, eu vou no de adjunta porque é mais garantido”. A minha pontuação dava para ter passado no professor de sala, mas como que eu ia saber. Ingressei e já comecei o primeiro ano com sala o ano inteiro que era uma escola do Estado que foi desocupada e passou para prefeitura e já tinha passado a atribuição de professores, eles só chamaram adjuntos, não podia chamar professora mesmo, então fiquei um ano inteiro com sala, foi muito bom e tinha aquele medo, sabe? “Aí se eu perder a sala o salário cai”, porque de adjunto cai pela metade.

Então, o adjunto fica na escola, tem que cumprir só três horas-aula. Então, se entra sete e meia e dez horas vai embora, ele trabalha com... pode auxiliar na secretaria, pode auxiliar professora de sala, pode preparar atividades para professora de sala e pode trabalhar dentro da sala auxiliando aluno com dificuldades que precisa de atenção especial, se falta alguma professora fica no lugar dela, trabalha horas a mais e ganha tudo certinho essas horas a mais, mas é um salário muito flutuante, depende de quantas aulas eu vou substituir para eu ter o salário, isso é bem complicado. Eu mudei muito de escolas, no primeiro ano como eu estava com uma sala fixa eu pensava assim: “o que eu ganho a mais eu nem vou mexer para não acostumar com um salário mais alto e depois cair”. Mas, depois eu vi que a demanda de professores é constante, então é raríssima uma adjunta que fica sem sala, sem

dar aula. Esse ano parece que vai ser diferente, com o novo concurso, parece que estão chamando muitas professoras para suprir as vagas de aposentadoria, então, talvez muitas professoras fiquem de apoio. Como eu já peguei sala eu vou até o final do ano com essa sala e também estou com sala de professora que não pode ser substituída porque está com licença-médica e tem outra que está com licença por estar no sindicato, o cargo é dela, quando quiser voltar ela pode, não pode pôr outra professora no lugar, então é para adjunta. Mas, eu andei por Campinas toda no começo, porque onze anos, imagina, fui em várias escolas e o professor adjunto pode dar aula do berçário ao quinto ano. Já aconteceu de eu estar no Fundamental no terceiro ano e a professora voltar e eles me chamarem para o Maternal e você se vira nos trinta. Tem um outro impasse que quando você vai para o maternal tem as monitoras, que na verdade sabem mais que você, que não se conformam que você ganha mais do que elas, entendeu? Então, não adianta você falar que você tem uma preparação porque, às vezes, elas tem também, só não apareceu ainda um concurso que conseguissem passar ou pudessem tentar.

Então, eu rodei por muitas escolas e o que eu falo para você é assim, as escolas mudam de endereço, mas a realidade é muito semelhante, em toda escola tem aluno com problema de comportamento, um aluno com problema de aprendizagem, as crianças de Educação Especial. Esse negócio de “Aí a demanda é melhor e tal”, muda pouquinho, muda, mas o que muda numa escola mesmo é a direção, a direção. Tem escolas que todo mundo fala: “Nossa é maravilhosa aquela escola”. Eu fui toda feliz quando tive a possibilidade e estava numa transição de direção, nossa eu sofri, sofri muito porque a aceitação da própria equipe da escola muda muito. Às vezes um trabalho que está funcionando quer mudar ou um trabalho que não está funcionando, mas as professoras acham que está, então, assim, nessa escola foi trash, mas ainda bem que eu fiquei pouquinho e logo sai, não pretendo voltar, só se não tiver (...). Todo mundo fala: “não, mas agora já está normal”, mas a experiência foi amarga, sabe? Então eu prefiro não. Aqui na “Escola da esquina” eu já fui e voltei algumas vezes, a única de Educação Integral, mas eu trabalhei aqui antes de ser integral. Eu já conhecia, já sabia como funcionava, trabalhei na [escola municipal próxima- Júlio de Mesquita] e se precisava substituir aqui - era contraturno

- eu trabalhava lá de manhã e ela me chamava para substituir a tarde [aqui]. Eu fiz contato, ela [diretora] conheceu meu trabalho, então, sempre que possível ela [me] chamava pra substituir e às vezes já aconteceu de eu substituir a substituta, porque a substituta assume a sala, tem algum problema e precisa se afastar ou licença- maternidade ou licença-médica e eu venho substituir a substituta.

Eu era do [escola próxima Júlio] e trabalhava no contraturno, mas já trabalhei Maria Luiza, já trabalhei no Elvira Muraro, já trabalhei no Castelo Branco, na Educação Infantil no Irmã Dulce, Cantinho da Alegria, até no Ponzio, vários, muitas escolas mesmo...

Eu estava aqui quando não era Educação Integral, participei das reuniões e no ano seguinte ia se tornar Educação Integral e a diretora queria que eu ficasse, mas eu estava com problema de saúde na família, pra trabalhar o dia inteiro eu ia ter que me ausentar algumas vezes. Então, eu falei pra ela: “prefiro não, fico meio período e eu consigo atender os dois lados”. Não fiquei, mas já vim substituir aqui na Educação Integral, até licença-maternidade. Eu estava numa outra escola e estava tendo assim vários afastamentos e aposentadorias, existia uma possibilidade de eu ficar numa sala que tinha uma aluna, porque a gente... Vou ser bem sincera, a gente foge de problema quando sabe que não vai aguentar, às vezes você vê tudo que você vai ter que enfrentar e é uma opção no caso de professor adjunto. É uma opção

*se você quer comprar aquela briga, se você tem força para aquilo, se você quer continuar ou não. Teve uma convocação para escola integral aqui que estava precisando e eu decidi optar por isso do que ficar lá e correr o risco de pegar essa demanda que talvez eu não desce conta e eu vim pra cá, vim já para pegar uma sala e desde que eu estou aqui não fiquei sem sala, três anos que eu voltei.*

*Não é definitivo e agora tem avaliação para ver se a professora continua ou não nessa nova resolução, porque o que eles viram é que tem muita gente que pega Educação Integral para aposentar com salário alto, porque se aposenta com o último salário, se você tem afastamento médico, licença-maternidade, você afasta com salário maior. Então, agora por isso, colocaram avaliação para saber se o professor tem perfil para escola de Educação Integral, também tem que ter o perfil de trabalhar com projetos, não pode ser aquela educação muito tradicional, sentadinho e lousa, porque a criança fica muito tempo, tem que ter movimento, tem que ter e agora vai ter, a partir de agora vai ter essa avaliação.*

*Na Educação Integral o principal é o trabalho com projetos, na escola integral a gente tem que estar articulado com as demais salas, com os projetos todos da escola. Numa escola de meio período, tem escolas que também são assim, você tem que trabalhar articulado, tem outras que fica mais difícil isso, então fica cada uma no seu quadrado, cada uma faz do seu jeito, as diretrizes dão um norte que você tem que seguir e a professora faz o seu trabalho, tem autonomia para fazer o seu trabalho. Aqui quando era escola de meio período ficava mais difícil uma articulação porque só tem uma sala de cada ano, eu não tinha uma parceira pra conversar sobre o projeto, atividades que nós demos que deram certo e que não deram certo, então fica mais difícil. Mesmo assim dentro do ciclo tem essa troca, mas já é menor porque se você tem alguém do mesmo ano para compartilhar - porque se tiver do mesmo ano o projeto tem que ser o mesmo - tem que ter uma negociação, é mais rico do que uma pessoa fazer sozinha, uma sala de cada turma. Assim, mas como é projeto a gente acaba tendo que articular com todas as salas.*

*Eu gosto da Educação integral, eu gosto de trabalhar, eu gosto de ensinar algumas coisas que em outra escola não ensinaria, por exemplo, a forma de se alimentar que assim é muito... o projeto de alimentação saudável é muito assim, olha: “Você pode conversar na hora de comer, só que você não pode falar de boca cheia, você mastiga, engole e depois você fala”, que é uma coisa que tem que ser ensinada e às vezes as mães que trabalham não têm essa oportunidade de estar em todas as refeições... “Não, você vai ter que pôr no seu prato, nem que seja um pouquinho só e experimentar, porque como que você vai saber se gosta ou se não gosta se não experimenta. Você vai ter que reduzir um pouquinho a sua comida, porque você está comendo exageradamente logo de primeira, então você pega pouquinho, come, volta e pega mais um pouquinho”, às vezes a criança acaba comendo a mesma quantidade, mas com o passar do tempo ela vai vendo que na segunda ela já está satisfeita, ela não precisa da terceira e isso é legal. Da mesma forma que o outro que pega uma comida e você sabe que não é o suficiente para um ser parar em pé, mas ele pega um pouquinho e você insiste: “Olha tal coisa está muito boa e tal, pega mais um pouquinho” e ele pega e vai enriquecendo a alimentação dele, isso é muito legal e em outras escolas a gente não tem essa oportunidade porque nem sempre é refeição, às vezes é lanche e tal e é uma coisa mais rápida.*

*Esse projeto alimentação nós começamos em 2015 - foi um projeto com uma sala só - o desperdício era muito grande e foi feito um projeto. Começou primeiro com um diário de alimentação que a criança levava para casa - era um quinto ano - e tinha que anotar tudo que ela comia durante uma semana, aqui na*

escola e em casa. [Com isso] a gente teve um panorama de como era a alimentação em casa, depois disso a gente trabalhou. Olha em casa às vezes a oportunidade de comer coisas saudáveis é mais limitada, aqui como tem uma nutricionista, o CEASA manda comida, como a cozinheira prepara para todo mundo você consegue. Aqui não dá fritura, não dá nada assim, dá carboidrato porque as crianças precisam, mas é tudo bem dosado. Então, a gente percebeu que melhorou um pouco a alimentação com o diário, veio a proposta de pesar o descarte, só que no início o descarte era pesado de todas as salas juntas e falava para escola inteira. Ninguém tomava para si a responsabilidade daquela quantidade e depois a gente resolveu separar em potinhos de cada ano e explicar - é como está agora - "Olha quem desperdiçou menos foi tal ano, quem desperdiçou..." E os próprios alunos começaram a se policiar... "Você pegou muito", "Você vai dar conta de comer tudo? Porque depois o nosso descarte fica muito grande". E no começo tinha uma... um reforço positivo que era a sessão pipoca. A sala que durante um mês tivesse o menor índice - que tinha gráfico para trabalhar matemática e tudo isso - ganhava sessão pipoca. Eles escolhiam o filme, passava pelo nosso crivo, claro, e a cozinheira fazia pipoca e eles tinham uma sessão pipoca. Só que com o passar do tempo eu comentei com a direção e isso realmente estava acontecendo, eles estavam deixando de provar para não descartar, se você põe no prato e você não gosta, você tinha que comer. Então, nós resolvemos tirar e continuar acompanhando, mostrando tudo só que agora não está vinculado, que é pra gente ver se efetivamente teve aprendizagem, se não é em função da recompensa e agora todas as turmas tem a sessão pipoca.

Agora, neste ano a gente começou a não separar os potes, porque nós temos o primeiro aninho que não está acostumado com o processo, alunos que vem de fora e não estão acostumados. Então, a gente no início, no primeiro mês, coloca o descarte num pote só e a gente vai controlando, depois do segundo mês em diante a gente já volta a separar por turma. Para trabalhar gráfico, para trabalhar peso, tudo isso... Pra gente saber também - porque o quinto ano anota - qual o cardápio do dia, quanto cada sala descartou, para gente ver que alimentos também não são muito aceitos, pra gente trabalhar melhor, por exemplo, tem um que é unanimidade, ninguém quer, eu quero, mas ninguém quer, que é o arroz integral, a maioria não gosta, mas a gente tem que insistir um pouco mais nisso pra ver se torna um hábito, porque é saudável. A gente insisti um pouco, é uma coisa que eles não tem em casa. Num outro momento eu fiz uma pesquisa, ano passado com o quinto ano, não, no ano retrasado, que era assim: O que eu não comia em casa e aprendi a comer na escola? Pra ver o que não é ofertado em casa e o que ele aprendeu aqui. Grão de bico a maioria das mães não fazem, o arroz integral também ninguém faz, e o atum outras pessoas, peixe em geral a criança tem dificuldade de aceitar e o brócolis, teve uma outra coisa que eu não me lembro agora o que foi, que eles falaram que em casa não comiam. A gente até fez um cartaz: "O que eu aprendi a comer na escola" e apareceram várias coisas, polenta, e gostam, a maioria gosta, mas em casa não comem, aprendeu a comer na escola e aí é bem legal, porque você vê que está no caminho certo.

Eu não sei como funciona em outras escolas, mas, por exemplo, uma escola que entra sete e meia e sai meio-dia, ela sai na hora do almoço, então ela não dá o almoço. Para uma criança almoçar que é o que acontece na Educação Infantil nove e meia, dez horas, a aceitação é pequena pelo alimento. Que é hábito cultural na verdade comer em determinadas horas, mas é essa a realidade brasileira, então eles não... os professores não têm essa oportunidade de trabalhar. Eu espero, não sei como está hoje, mas eu já trabalhei em escola que não tem o

autoservimento. *Aqui tem, aqui e na maioria das escolas que eu trabalhei tem, mas algumas são mais resistentes a ter isso, porque exige mais do professor, porque você tem que ficar ali olhando se não está tendo exagero. Uma coisa que a gente trabalha muito na hora da refeição é você se preocupar com o próximo, porque tem criança que, por exemplo, tem carne e só quer pegar carne e eu falei: “não, mas não tem muita gente ainda para comer? Se todo mundo pegar só carne vai ficar carne para as últimas turmas que vão comer? Em casa é assim? Em casa você só come carne? Como que funciona na sua casa?” Então, a gente vai trabalhando isso também - você tem que pensar: “Aí meu pai vai chegar mais tarde para comer. Aí meu coleguinha da última turma também precisa comer” - ser mais solidário, trabalhar com o dividir.*

*Minha prática pedagógica não mudou muito na escola Integral não, assim, ela oferece outras oportunidades em outros momentos, que é esse da refeição, dos projetos, mas eu já trabalhei em outras escolas de meio período que eu trabalhava com projeto também. Assim, eu procuro trabalhar sempre a partir da realidade da criança. Tem crianças que hoje a estrutura familiar é diferente, nem melhor, nem pior, só é diferente e a gente tem que trabalhar com isso para que a criança que tem essa família diferenciada não se sinta excluída. Então, assim, se a mãe é separada, se é um filho de cada pai, se mora com a tia, se os pais são separados e a criança tem que morar em dois lares, um no fim de semana outro durante a semana, a gente tem que trabalhar isso para ela ver que a realidade dela está sendo trabalhada dentro da escola. Isso engloba a cor da pele, o cabelo, se é gordinho, se é magrinho, se é repetente e está bem maior que os demais e... a gente tenta trabalhar tudo isso para que a criança se sinta parte realmente daquilo. Ela se sentindo parte, tem gente que pode pensar: “Aí, isso é uma visão de vida e não é...”. É também, se as outras professoras pensassem um pouco facilitava a vida delas. Porque uma criança que se sente parte da sala de aula, uma criança que se sente acolhida, que sabe que a realidade dela está sendo respeitada, ela rende mais, ela respeita mais e torna o meu trabalho mais fácil. Então, tem sim a ideologia, mas tem também um lado racional, eu sei que uma criança que não se sente parte disso ela vai ser... ela vai ser mais rebelde, mais arisca, mais isolada, a gente não quer isso.*

*Com relação a atividade do mercadinho que você esteve é outra situação, porque eu li aquele livro “Escola nota zero e na vida nota dez”, alguma coisa assim, que na matemática da vida a criança vai no mercado, a criança vai no bar, a criança vai na quitanda e resolve tudo, pega o troco e confere e na escola na hora de fazer a continha, na hora de fazer, nada. Então, a ideia do mercadinho é assim, nas diretrizes está a determinação do trabalho com cédulas, com moedas, assim, eu sei que eles conhecem, mas e na hora de fazer troco, na hora de fazer conta e tal, como que é? O mercadinho dá essa possibilidade da gente ver e você transformando do mercado para o caderno ela vê: “ah é a mesma coisa, só que aqui no caderno eu armo a continha e resolvo, mas o troco é igual”. Ela [criança] vai vendo que é uma coisa que ela aprende na escola e que serve para fora e o que ela já sabe de fora serve na escola também, ela fica mais motivada a aprender.*

*É uma coisa que não tem custo nenhum, você já trabalha tudo, a forma das embalagens, a legenda das embalagens, o que é marca e o que é realmente produto. Você trabalha um universo tão grande, o consumismo, o exagero, a poluição que as embalagens causam, você consegue trabalhar tanta coisa com um mercadinho que vale muito a pena. Só que é trabalhoso, tem que ficar uns dois meses arrecadando embalagens, tem que contar com a participação das mães, você manda bilhete, tem que estar limpinha, inteirinha, não pode ter lugar que corta, que*

*machuca. As mães adoram e participam e brigam comigo no final quando na última compra do mercado não precisa devolver mais, leva pra casa e eu já mando um pedaço de etiqueta de preço porque ele vai juntando mais e ele faz o mercadinho dele em casa. As mães falam: “Nossa a minha casa vive uma bagunça agora de embalagem, de coisas, não posso mais jogar nada fora, tem que lavar tudo que me dá o maior trabalho”. Mas, você percebe que se ele quer brincar em casa é porque funcionou e é bem nítido o trabalho de matemática com o mercado.*

*Eu gosto bastante de trabalhar, não dá para trabalhar em todos os anos, eu consigo trabalhar com isso quando eu pego segundo ano. Nas Diretrizes esse trabalho está no segundo ano, a gente começa no primeiro, mas é no segundo que efetiva mesmo. Outras salas da escola trabalham no mercadinho também, foram no mercadinho e é legal você trabalhar uma ideia...tem um livro muito bom que chama “O tempo que a TV mandava no Carlinhos”, que é um menino que quer tudo que vê na TV e eu trabalho isso também com eles antes de trabalhar no mercado. Porque eles já vão ver que o dinheiro de papel eu posso gastar tudo que eu quiser, mas como eu dava uma quantidade limitada de dinheiro, ele tem que fazer render o dinheiro dele, senão ele vai comprar uma coisa só com aquele preço todo, então ele tem que imaginar o que ele vai fazer, é bem bacana.*

*O cotidiano escolar aqui funciona assim, tem coisas que nós somos obrigadas a fazer e coisas que é opção sua, por exemplo, é exigência da direção - eu acho legal que exija isso - biblioteca toda semana, criança tem que pegar livro; alimentação, a professora tem que estar com o aluno, isso não tem como fugir; informática também toda semana, isso dá pra gente dar uma burlada pelo seguinte, se eu não estou trabalhando algo que eu precise da informática eu não vou ou eu vou numa hora de recreação para joguinhos, para essas coisas, mas eu não vou lá pesquisar uma coisa se não me faz sentido naquele momento, senão é necessário para aquilo que eu estou trabalhando em sala de aula. Então, a biblioteca, a alimentação, a sala de informática a gente tem que ir e o parque também. No parque a gente só não vai sechove, por causa da lama. Eu gostaria de trabalhar mais na quadra, mas eu não posso tomar sol por causa do meu problema de pele. Então, eu vou no pátio coberto e quando precisa trabalhar na quadra eu fico na sombra e as crianças no sol. Eu fico preocupada de estarem tomando sol e tomando chuva, essas coisas, é complicado.*

*Algumas coisas eu faço porque eu tenho que fazer, outras, se eu não preciso fazer, dou realmente uma burlada, mas não é uma burlada de preguiça de não fazer, não é conveniente naquele momento, não é necessário. Eu não faço... O que mais que tem de cotidiano escolar? Diário... cotidiano para mim, não para as crianças, que eu odeio. Eu acho a coisa mais desnecessária deste mundo, uma vez que a gente tem diário digital e a gente faz a chamada no diário digital, mas tem que registrar as atividades. Eu acho burocrático e desnecessário, a gente tem os dias contados...o que mais que tem de cotidiano escolar? A higiene... que é a escovação dos dentes e o lavar as mãos antes das refeições e esse tipo de coisa. Na minha sala tem também no cotidiano escolar a limpeza da sala: “Vamos limpar esse chão, pegar papel, vamos...”. Que assim, quando eu vejo japoneses recolhendo lixo nos estádios eu falo: “gente nós vamos chegar nisso ainda”. Então vamos começar pela sala de aula, se derrubou recolhe, na hora do almoço também, caiu o guardanapo recolhe, se derrubou comida na mesa, recolhe. Eu sei que a faxineira vai vir passar um pano com álcool depois, mas é minha sujeira e eu vou pegar e vou jogar no lixo.*

*Não sei o que mais de cotidiano...tem assim as nossas reuniões, o TDC que é muito importante, porque é onde são dados os avisos, as broncas e os elogios*

*e tudo mais. A formação que na escola integral é semanal também, tem que fazer, faz parte do nosso... e a troca entre professoras do mesmo ciclo e preparação que também é semanal. Tem um momento reservado para isso após as crianças saírem. Reunião de pais é trimestral... é o contato... a comunicação com os pais. Aqui a diretora é muito exigente com isso, aconteceu uma coisinha, agenda para o pai depois não dar uma de desavisado. Porque aconteceu uma vez, aconteceu duas vezes e três vezes, ele tem que participar com a escola para solucionar o problema que não é só aqui que a criança vive. Às vezes, a gente não sabe o que está acontecendo em casa.*

*Aqui não tem os maiores de sexto ao nono, isso é um diferencial dessa escola, a gestão por sua vez é muito rigorosa, muito rigorosa. Então é assim, tem horas que a gente discorda desse rigor, mas ponderando, sabe, das vantagens e desvantagens. Eu vejo como bom, porque assim, se vem uma professora para cá que não concorda com esse rigor de horário de atividades, logo sai. É aquilo que eu te falei, a gente esbarra de novo no problema, como é uma escola de Educação Integral, às vezes, não sai porque não quer uma redução de salário e continua sem conseguir se encaixar na metodologia da escola. Essa seleção de professores de agora vai tentarsanar isso, eu espero que todas... Porque assim, eu espero que a secretaria acompanhe isso de perto para não ter favoritismo, preferência de diretores por determinados professores, que às vezes nem são aqueles que mereciam ficar ou que, entendeu? Porque em toda avaliação tem isso, tem diretores que gostam de determinadas pessoas independente do que elas fazem e favorecem. E tem do outro lado, que não gostam de determinadas pessoas independente do que elas façam. Então, eu espero que não tenha isso, mas é uma coisa que precisa começar pra gente ver o que acontece.*

*Para 2020 tenho expectativas, eu já fiz Psicopedagogia e o meu tema foi o descanso na escola integral, porque como eu tinha trabalhado, estava trabalhando aqui, eu sentia que no começo quando as crianças mudam da escola tempo parcial para integral é uma jornada dura pra criança, das sete da manhã, sete e meia da manhã até às três da tarde é cansativo. O professor nesse meio tempo tem aulas vagas que ele vai tomar um cafezinho, que ele lê uma coisa que interessa para ele, que às vezes vai até em casa e volta, tem um período, uma quebra nesse horário. A criança não, mesmo que ela esteja no parque, ela está em atividade, está na Educação Física está em atividade. Então, o meu trabalho de Psicopedagogia foi o descanso e o quanto ele influi na aprendizagem. Percebi que o rendimento das aulas após o almoço é menor do que de antes, porque estão cansados, já ficaram a manhã inteira na escola, comem às vezes um pouquinho a mais e a digestão já exige mais. Eu trabalhei isso, a parte do descanso e eu cuido muito disso, não importa, a criança não quer dormir, dar uma cochilada, não quer deitar, não faz mal, você pode ler um gibí, música ou desenho. Quer desenhar, desenha, mas tem que ter uma hora de descanso pra dar uma parada, para conversar às vezes baixinho com o colega para não atrapalhar o outro que está dormindo.*

*Eu fiz isso e eu gostei muito da Psicopedagogia, mas estava faltando algumacoisa, no ano passado eu comecei a Psicologia e tive que parar porque eu não estava dando conta de tanto...volume de leitura da faculdade mais as coisas da BNCC. Volume de coisas para ler, comparação de Diretrizes do município com BNCC, o que fica e o que sai, o que a gente não fazia e o que a gente vai passar a fazer, é muita coisa pra ler, é muita coisa pra se informar. Então, eu dei uma parada, eu vou deixar isso para um momento de aposentadoria, mas eu estou agora engajada em trabalhos que eu já faço fora da escola e nos cursos que agora eles estão*

oferecendo nesse sentido, grupos de estudos que vão comparar as Diretrizes com a BNCC essas coisas que eu nem sei se... A gente vai ver se tem tanta diferença assim, se não tem, porque pelo que a gente viu não tem muita não, do que a gente vem fazendo, algumas coisas acrescentam, nada tira tá? só acrescenta. Então, tem bastante coisa pra ver, não vou continuar a faculdade, vou continuar os cursos que vão sendo pertinentes naquele momento que eu estou vivendo, escola integral, família... É muita coisa e estou com o segundo ano e esse ano eu estou também com a CPA da escola, uma experiência nova pra mim porque eu nunca participei. Já é bastante coisa, tem a direção com a professora coordenadora que organiza as reuniões com pais, com alunos, tudo para fazer a coisa andar na CPA.

Se eu fosse conversa com a "F" da infância eu falaria tanta coisa, assim avidada gente não foi só acertos, então falaria pra ela assim: 'Ó em tal lugar muda aí... menos rigor, mais rigor nisso, menos naquilo', mas é uma trajetória que eu considero de sucesso. Não teria grandes diferenças no caminhar, foi uma vida bem tranquila a minha, Graças a Deus. Tive essa oportunidade de estudo, porque eu sei que tem gente que não tem. Mas, foi tudo tranquilo, não tenho nada assim de... que eu mudaria radicalmente. Talvez uma coisa que eu mudaria é que eu faria o magistério, porque eu tive oportunidade de fazer o magistério e não fiz, fiz o colégio técnico em desenho mecânico pra permanecer na indústria. Eu vejo que quando eu comecei - agora não - que as professoras que fizeram o magistério elas...o magistério é bem diferente da Pedagogia, no magistério ensinavam coisas mais práticas relacionadas ao ensino que teriam facilitado muito meu início de carreira. Porque eu conversava com pessoas que já tinham feito magistério, o jeito de lidar com situações, o jeito de planejar atividades era uma coisa mais prática no magistério. Eu fiz uma coisa que me deu possibilidades de trabalhar, ganhar bem na indústria que é bem diferente, mas eu acho que seria uma bagagem importante pra mim no começo, eu gostaria de ter feito, mas não dava naquele momento, será que não dava? Será que eu devia ter arriscado? Mas, eu fiz o que eu achei certo naquele momento para cabeça que eu tinha naquele momento. Não tenho o que reclamar, mas olhando hoje eu penso devia ter feito sabia, devia ter tentado, mas vai saber o que teria dado... Se eu teria conseguido concluir, se eu teria permanecido na empresa ou não e saindo da empresa se eu fosse trabalhar numa empresa muito mais longe, se eu teria condição de terminar. Porque era estudo noturno, na empresa o dia inteiro, então, assim, são escolhas que você faz em determinados momentos e você não sabe no que daria.

É difícil falar da minha experiência com a Educação integral, porque foi isso que eu falei no meu TCC de Psicopedagogia, eu trabalho numa escola integral que é diferenciada das demais de Campinas...é diferente por não...são poucas turmas, é uma escola pequena, não tem...o contraturno, não são turmas de sexto ao nono ano. É uma escola bem diferenciada, não sei se eu daria certo numa escola de período integral que tivesse essas diferenças, não tendo uma sala para cada turma. Nessa escola a minha sala é minha o dia inteiro, eles saem e vão para sala de informática, vão para o parque e vão para horta, vão para outros espaços, mas eles largam a mochilinha lá, o "materialzinho" deles está lá. Então eles voltam e está lá, vão almoçar e vão descansar lá. Podemos até descansar em outro espaço, mas está chovendo nos outros, você tem a sua sala para descansar. Nas outras escolas, pelo que eu sei, não tem o seu "espacinho", a criança fica numa outra atividade o tempo inteiro, não tem um canto dela e tal. Eu não sei até que ponto isso é bom ou ruim, mas pra mim, que já estou mais velha, que já tem coisas cristalizadas em mim que não vai mudar mais, eu não gosto disso de ser muito cigana, vou dar aula aqui e

*depois vou dar aula ali e depois vou dar aula lá e não é uma opção, uma escolha, é o que tem, então é... Eu posso escolher ir dar aula na horta, nós vamos trabalhar determinada coisa, mas às vezes eu não tenho essa opção, eu tenho que ir porque nas outras escolas grandes, os outros espaços estão ocupados, mas também eu estou falando de fora, eu teria que conhecer, porque eu conheço pessoas que adoram trabalhar nessas escolas grandes e tem outras que odeiam, eu não posso avaliar.*

*Agora assim, sobre a minha infância não sei o que falar... minhas memórias de escola são muito doces e olha que eu reprovei viu? Reprovei duas vezes o mesmo ano, o segundo ano, eu reprovei duas vezes e por matemática, eu tinha uma dificuldade cavalgar na matemática, por isso, que eu cuido tanto da matemática. Eu fiz na Unicamp a Pós-Graduação em Ciências e Matemática pra resolver, e assim não tenho mais muita dificuldade, era uma coisa daquele momento, formas de explicar. Por isso, que eu acho muito válido a criança mudar de professora a cada ano, porque o jeito de ensinar muda completamente de uma para outra e a criança se adapta mais com uma ou com outra e tem essa oportunidade, eu acho bem rico isso. Até a organização da professora, o jeito de falar, tem professoras que são mais duras outras mais brandas, eu sou a dura, tem umas que são mais maleáveis, mais tranquilas.*

*Na minha infância eu reprovar duas vezes o mesmo ano, a minha mãe via mais como um problema, eu não, aquele trauma, assim, que todo mundo fala: "aí sua turminha vai e você vai ficar". Eu não estava nem aí, eu fazia amizade tão fácil que já já aquela era a minha turma. Eu queria no começo ir com a minha turma, mas ela foi: "Nossa! Amigo novo, vou fazer amizade nova, gente diferente e tal", para mim não tinha drama. Eu lia muito bem, escrevia muito bem, ajudava a ler e escrever, mas matemática era muito difícil pra mim. Naquela época não se via a criança na totalidade, então eu reprovei, mas também sobrevivi, é tranquilo, são memórias doces.*

*Hoje quando eu tenho que reter alguma criança eu converso muito tranquilamente com a mãe e digo assim: "olha, se um dia ela for preencher uma ficha numa empresa ou um trabalho que ela vá ter mais tarde ninguém vai perguntar se ela repetiu um ano, o que eles vão perguntar, o que eles vão ver é se ela está escrevendo direitinho, se ela se comunica bem, se ela é articulada, ninguém vai perguntar se ela repetiu o segundo ano". Eu prefiro reforçar a criança para ela ir mais tranquila para o ano seguinte do que passar por conta. A criança tem uma resiliência fantástica, sendo trabalhada com cautela não tem problema não. Nós professoras fazemos muita coisa, pensa muita coisa e tem muitas demandas, quem fala mal de funcionário público nunca foi numa escola.*

## TEXTUALIZAÇÃO PROFESSORA “A”

*A minha trajetória é como de milhões de brasileiras e brasileiros, eu nasci no interior de São Paulo numa família de agricultores muito pobres, meus pais vieram para Campinas na época do golpe de 64, porque eles não estavam conseguindo se sustentar no campo. Então, eles vieram comigo e a minha irmã que ainda era de colo, eu estava com dois anos e pouquinho e minha irmã era um bebê, ela é quase três anos mais jovem que eu. A gente veio para Campinas, eu me lembro dos detalhes da viagem, me lembro do medo que eu tinha do trem.*

*Foi uma vida muito difícil, muito dura, meu pai não conseguia trabalho, ele fazia “bico” daqui e dali. Meu avô já estava aqui, a gente foi morar num quartinho junto com meu avô, também era uma coisa difícil, família e tudo mais. Minha mãe começou a fazer faxina, começou a trabalhar de doméstica, teve um percurso muito difícil. A gente teve uma infância difícil, passou muita dificuldade, passamos até - praticamente - fome e frio aqui, porque não tinha cobertor. Eu me lembro muito dessas coisas, é uma coisa que sempre acontece, tem horas que quando eu me sinto muito fragilizada, muito insegura, eu sinto frio. Então, é uma coisa estranha, às vezes a noite quando eu estou passando por um problema muito sério, eu começo a ter frio, tenho que colocar um milhão de cobertores para me aquecer. Faz tempo que não acontece, mas quando acontece eu já sei antes. Quando acontecia isso eu não sabia de onde vinha, mas eu comecei a associar que realmente era da infância, passar frio na infância. Era uma situação bem difícil... é... meus pais sofreram bastante, principalmente minha mãe.*

*Minha mãe passou muita humilhação, sofreu inclusive abuso sexual sendo doméstica e, quando aconteceu isso, eu já devia ter uns sete anos. Minha mãe estava na cozinha lavando a louça da comida do almoço e o patrão dela veio e a agarrou, ela lutou com ele, arranhou todo rosto dele e tudo isso. Ela foi na delegacia - você vê como que as coisas são injustas, as injustiças me ferem muito - foi dar queixa e tudo mais, o patrão foi também e ele falou que foi ela que atacou ele, que foi ela que se ofereceu, se insinuou e depois o atacou. O delegado perguntou se ele queria fazer queixa da minha mãe, ele disse que não, a minha mãe disse que o delegado falou que ela poderia se dar por feliz por ele não ter feito queixa contra ela. Ela foi despedida sem direito a nada, sem nenhum recurso, foi mais um momento da gente passar mais dificuldades ainda.*

*Um outro fato muito triste foi que a minha mãe engravidou, ela estava trabalhando de faxineira... de doméstica, ganhando aquela miséria, comendo depois de todo mundo, era muito triste isso e a patroa dela soube que ela estava grávida e se ela fosse ter esse bebê, ela seria despedida e meu pai não tinha trabalhos - eu devia estar com uns oito anos - e eles brigando por causa disso, minha mãe dizendo que iria abortar e meu pai não querendo que ela fizesse isso. Essa patroa adiantou o dinheiro para ela - não deu, não pagou, [adiantou] - ir num lugar horrível para abortar e nisso o útero dela foi perfurado e ela perdeu o útero, teve uma infecção muito séria, quase morreu e perdeu o útero, não pôde mais ter filhos e quando aconteceu tudo isso a patroa falou assim: “ainda bem que aconteceu isso” porque ela não iria trazer mais pobres para o mundo.*

*Então, essas coisas são relatos tristes da minha infância, não que foi toda triste, porque a gente era criança, brincava e tudo isso, mas essas coisas - eu era mais velha, eu sempre fui muito atendida com as coisas - então, eu sofria muito, na pele essas coisas.*

*Um outro relato da minha infância, também muito triste, é que minha mãe trabalhava - depois a minha mãe conseguiu um trabalho de arrumadeira num hotel, ela trabalhou muito tempo lá - no período de tarde/noite e meu pai trabalhava a noite e dormia durante o dia. Então, ele chegava de manhã e, geralmente, ele dormia a tarde e eu olhava a minha irmã. Quando minha mãe chegava cinco horas da tarde, a gente já tinha tomado banho, tudo arrumado, eu era responsável por isso. Aconteceu um fato, eu tinha que pegar o gás que passava uma vez por mês e eu estava brincando distraída e perdi o caminhão do gás, minha mãe brigou e ficou brava e falou que ia acabar o gás e não ia ter mais gás para fazer comida. Eu fiquei arrasada com isso e resolvi que eu ia esquentar água fora de casa para economizar o gás, porque a gente não tinha chuveiro elétrico naquela época. O dia estava meio úmido e eu fui fazer um fogareiro, coloquei dois tijolinhos, coloquei lá para acender, para esquentar água pra gente tomar banho. Eu não conseguia acender, então, eu fui pegar o álcool, meu pai estava dormindo, estava eu e minha irmã, coloquei o álcool e acendi. Só que o fogo do álcool é invisível, como eu achei que não tinha acendido eu virei a garrafa de álcool, a minha irmã estava a favor do vento, pegou na minha irmã e ela se queimou toda, ficou 60 dias no hospital. Foi muito sério e eu carreguei essa culpa durante muitos anos. Inclusive a minha mãe quando chegou: “está vendo, você quase matou a sua irmã”. Assim que aconteceu a gente começou a gritar, meu pai acordou e ele abafou a minha irmã com cobertor, mas foi uma situação que eu carreguei isso muitos anos, muita culpa. Eu ainda tenho, mas foi muito tempo pra eu saber que não era minha culpa. Minha mãe deixava duas crianças, eu tinha nove anos e minha irmã tinha sete, então... eu olhava, eram duas crianças pequenas sozinhas, eu não tinha culpa de ter perdido o gás, eu não tive culpa do acidente que aconteceu e quando ela me acusou eu acho que ela acusava ela mesma na verdade. Então, foram momentos muito difíceis e depois ver a minha irmã, minha irmã sofreu muito bullying, tem muitas cicatrizes de queimaduras, graças a Deus que no rosto dela [a queimadura] foi de primeiro grau, mas aqui [passa as mãos pelo pescoço e colo] no pescoço, braços, era muito triste. A minha irmã quando estava começando a adolescência, podia estar o calor que estivesse, ela usava cacharrelaté o pescoço, o corpo todo de tanto bullying que ela sofria. Isso doía mais nela do que em mim, quer dizer, doía mais em mim do que nela. Porque, assim, vê-la daquele jeito, eu achava que eu deveria ter sofrido o acidente, ter me queimado e não ela, foram fases muito difíceis.*

*A vida foi passando e minha mãe sempre foi assim, uma pessoa muito apaixonada pelo meu pai, ela trabalhava muito e teve uma época que ela tinha dois empregos e teve uma época também - eu já estava na fase, acho que eu já tinha dezesseis anos – que minha mãe descobriu que meu pai tinha uma amante. Ela sofreu muito, tentou suicídio, foi terrível e eu era mais velha e como sempre tinha que tomar conta de tudo. A minha irmã sempre foi muito rebelde, às vezes sumia, ficava sumida e eu ficava desesperada atrás da minha irmã. Era muito sofrido isso.*

*Essa fase de infância e adolescência eu lembro de coisas assim, mas também lembro coisas de tentar ser legal na escola, de tentar sempre ajudar os colegas, são coisas que eu me lembro. O que acontecia desde pequena, me lembro de quando eu era pequenininha, não sei se eu te contei, tinha um menininho pequenininho e tinha um grande batendo nele e eu deixei... eu devia ter uns sete anos e eu lembro que tinha uma bolsinha azul que minha avó tinha feito pra mim e me lembro dessa bolsinha e que eu joguei essa bolsinha no chão e parti pra cima do menino para salvar o pequenininho e ele disse que só não ia bater em mim porque eu era uma menina, senão eu tinha apanhado. Eu me lembro disso porque eu me*

*lembro que eu ia pegar... eu era muito cuidadosa com as minhas coisas, então eu fui pegar minha bolsinha, porque eu achei ruim que ela estava cheia de areia e de terra, eu tinha jogado no chão para ajudar o garotinho.*

*Muitas coisas aconteceram, a minha professora do primeiro ano, até que é muito engraçado, quando a gente é criança, a gente acha que é especial para professora e eu lembro que ela me deu uma blusa de lã que era dela e que a mãe dela tinha feito para ela, uma blusa vermelha. Eu lembro disso e eu fiquei muito feliz e muito orgulhosa porque a professora tinha me dado aquela blusa, usei muito tempo, usei muito, muito, ela era grande pra mim, eu fui crescendo. Uma vez, eu trabalhava durante o dia e estudava a noite, estava voltando para casa de ônibus numa noite muito fria e tinha um garotinho, um garotinho engraxate no ônibus tremendo de frio e então quando chegou perto da minha casa - o ônibus parava perto da minha casa - eu pedi para o motorista esperar um minuto, eu desci, corri, peguei aquela blusa de lã que eu tinha ganhado da professora e dei para aquele garoto. Foi rápido, pedi para o motorista esperar e ele esperou, entrei correndo no ônibus e dei para o menino que estava tremendo de frio, porque eu achei que era um momento que eu não precisava mais daquela blusa. Eu achei que ia guardar para sempre, mas quando eu vi o menininho tremendo de frio eu achei que... eu entendi assim, que não era... foi passando o tempo, não é que eu era especial, porque eu tinha frio, porque eu não tinha agasalho. Ela [professora] me deu aquele agasalho porque era muito frio e eu era muito pobre, eu não tinha nada, só que a gente não tem essa noção quando é criança, não sei se essas crianças de hoje tem, eu não tinha essa noção de que eu era tão pobre.*

*Não tinha noção dessa desigualdade, não tinha noção que eu era tão pobre. Eu lembro que na escola tinha uma menina que a mãe dela, a família dela tinha mais recursos e ela levava de lanche uma maçã, aquela maçã argentina, vermelha, bonita e meu sonho era comer uma maçã daquela, sabe? Então, era um sonho ter aquilo, mas eu não via aquilo como ela tem e eu não tenho, eu não via assim, não entendi porque ela tinha e eu não tinha, tanto que quando eu fui babá - comecei a trabalhar com treze anos, muito tempo de criança -, o primeiro "salariozinho" que eu tive fui comprar uma maçã. Aquela maçã que eu queria, comi aquela maçã vermelha, fui lá e comprei a maçã vermelha do jeito que eu queria, papelzinho azul. Ela vinha num papel azul, era uma maçã argentina que vinha embrulhada num papel azul... então era... eu fui comprar a maçã.*

*São coisas assim que eu me recordo da infância e adolescência que eu tinha muitas responsabilidades por causa da minha família, da minha mãe. Depois a minha mãe passou muito tempo em depressão, eu tive muito que cuidar da minha irmã, cuidar da casa. Lidar com a agressividade da minha mãe por causa da depressão, então, foram períodos muito difíceis.*

*Eu sempre gostei muito de ler, muito de estudar, de questionar, sabe? Eu sempre fui muito questionadora na escola, em todos os lugares. Eu estudei na escola Geny Rodrigues que é municipal, da Amoreiras, estudei também, antes, no Violeta Doria Lins. Naquela época a merenda era horrível, era muito ruim, nós tínhamos uma merendeira, Dona Helena e me lembro muito bem dela, uma senhora alta, clara. Quando a diretora não estava lá ela vinha com uma sopa de feijão, mas aquele negócio era muito velho, era um gosto horrível. Então, ela pegava e só colocava, ela sujava o prato das crianças, as crianças nem comiam aquilo porque era muito ruim. Só que quando a diretora estava lá, ela fazia encher os pratos das crianças, para as crianças comerem. Um dia a diretora estava na escola e ela encheu o prato para gente comer, para todas as crianças comerem e eu estava - não me lembro se eu*

*estava no primeiro ou segundo ano da escola - e eu falei assim: “eu não vou comer isso aí, não vou comer, está ruim demais e eu não vou comer”. Ela gritava com as crianças, ela era muito brava, não sei se é Dona Lurdes o nome dela, não lembro mais, mas ela gritava com as crianças e as crianças foram todas comendo e comeram tudo. Na época o adulto era muito forte, só eu não comi e no final ela gritava: “come menina, come”. E eu dizia: “eu não vou comer”. E ela gritava para eu comer e eu não comia, ela cansou de ficar lá e falou para cozinheira, essa Dona Helena: “fica aí e só deixa ela sair quando ela comer”. Ela foi embora, passou um tempo e essa Dona Helena chegou e falou assim: “vamos dar um tempinho e assim que ela for embora, ela estiver fazendo as coisas dela, eu jogo fora e falo que você comeu”. Mas, aquilo me deixou brava porque eu queria que ela soubesse que eu não tinha comido, porque eu não comi, eu não queria ir embora e a Dona Helena fez eu ir embora, voltar para sala, porque já tinha mais de meia hora que eu tinha ficado lá. Quando a gente é criança a gente não tem noção do tempo e ela gritando comigo, gritando e eu não comia e a sopa de feijão que era horrível. Eu gostaria ainda, ela deve ter morrido, aquela mulher, mas eu gostaria de ter encontrado ela na vida, sempre pensei nisso e dizer: “eu não comi aquela sopa”. Porque eu sou rebelde de natureza, eu nasci rebelde. Eu nasci para questionar, e não comi aquela sopa...esse é um episódio, coisas de escola.*

*Já um outro episódio eu já estava acho que no sexto ou sétimo ano, tinha uma questão de pagar a APM na escola e os meus pais nunca tinham dinheiro e reclamavam e falavam assim: “mas a escola é pública, pra que eles querem esse dinheiro? A gente não tem como, se a gente mandar dinheiro para APM...”. Eu pedia para eles e minha mãe falava: “o que você quer? Se eu mando dinheiro para APM você fica sem leite”. Essas coisas me incomodava muito e um dia eu estava na sala de aula e o diretor lá falando que tinha que pagar e eu levantei a mão e perguntei pra ele, eu me lembro bem, seu Esteban, levantei a mão e: “Uma pergunta, pra onde vai o dinheiro da APM?”. Eu fiquei esperando, porque ele batia nas crianças, ele ia me bater, se ele me bater eu vou contar para o meu pai, eu já levantei a mão ciente que eu ia apanhar daquele homem. E ele olhou pra mim assim: “É seu pai que quer saber?” E eu: “Não, sou eu mesma que quero saber”. Ele pegou e falou assim: “eu só vou explicar para o seu pai, vou chamar ele aqui e vou explicar”. Ele chamou meu pai, meu pai foi na escola e eu estava em sala de aula e ele mandou me chamar, meu pai estava lá, ele pegou e perguntou para o meu pai bem na minha frente se era meu pai que queria saber sobre o dinheiro da APM ou se era eu, ele: “Não, é ela que perguntou mesmo, foi ela que perguntou”. Ele pegou e explicou para o meu pai e pra mim o que era e tudo mais e eu voltei para sala. Mas assim, quando eu, naquele momento que eu levantei a mão para perguntar, eu estava assim, na minha consciência de criança, eu ia apanhar daquele homem, porque ele batia nas crianças, mesmo assim eu perguntei porque eu nunca fui de abaixar a cabeça.*

*Depois teve outro episódio, também na mesma escola, com a vice-diretora. Uma mulher horrível, uma mulher má, porque se a diretora era ruim ela era duas vezes pior, eu não lembro o motivo da discussão, só sei que eu discuti com ela, discutifeio com ela. Eu não lembro mais o que foi, não me marcou tanto como o do diretor, mas uma discussão feia que eu tive com ela. Ela gritou comigo e eu gritei com ela. Eu era uma criança, eu devia estar no sétimo ano, um ano mais velha, eu devia ter 12, 13 anos no máximo e ela gritou comigo e eu gritei com ela, não lembro o que aconteceu, porque eu me senti injustiçada numa situação que ela tinha feito e eu lembro que eu gritei com ela e ela gritou muito comigo. Ela me chamou de petulante, de arrogante e eu continuei gritando com ela, ela mandou eu sentar e calar*

a boca e eu não sentei e não calei a boca. Então, esses fatos...eu não lembro porque eu discuti com a Dona Aide, mas foi uma coisa séria, porque eu não era uma pessoa, nunca fui uma criança rebelde, de brigar, de provocar briga, de fazer nada, sempre fui tranquila, mas algumas injustiças me provocavam. O meu filho fala hoje que eu sempre vou defender “os frascos e comprimidos”, é que ele é farmacêutico, sempre foi assim.

Eu não posso ver uma injustiça, eu não posso ver uma coisa que eu me meto no meio, sabe? Então assim... bem agora que eu tenho carro, não ando de ônibus para baixo e para cima, porque eu já me meti em muita confusão por tomar partido quando eu andava de ônibus, mas agora como ando de carro e quase não vejo as pessoas, há males que vem pra bem, me protege. Já me contive muitas vezes para não me meter em grandes confusões, mas mesmo assim, isso foi a minha trajetória.

Eu me casei muito cedo, me casei com 20 anos, eu tinha feito só até o segundo grau, seria o antigo Ensino Médio e sempre foi meu desejo fazer nutrição, tentei a PUC muitas vezes e eu passei em Nutrição, mas eu era muito pobre, tinha que estudar durante o dia e eu tinha que trabalhar, então eu não consegui. O curso era diurno, era integral e eu não tinha condição de fazer, e era pago e tudo mais.

Eu estudei no Vitor Meireles e foi outra frustração minha, porque eu queria estudar em colégio técnico e eu não pude, queria fazer um curso que era em outra cidade. Meus pais nunca ligaram muito para que eu estudasse, eu sempre estudei por minha conta, eles nem iam em reunião, não iam em nada, uma que eles não podiam e não queriam ir mesmo, não ligavam, trabalhavam e não se importavam se eu fosse estudar ou não, eles não eram assim de falar: “olha filha estuda porque é importante”. Meu pai até achava assim, os pais em geral, que eu era muito metida. Eu sempre procurava pessoas mais inteligentes que eu, pessoas mais cultas, se alguém era assim eu ficava babando. Se era um professor mais culto que tinha relação mais próxima com os alunos, eu ficava um grude no pé do professor, mas por sugar o que ele tinha de aprendizagem. Meus pais achavam isso horrível, falavam que eu era metida.

Sempre gostei muito de ler, eu não tinha muito livro, não tinha quase nada e aconteceu um fato na minha vida, estava no primeiro colegial e sem trabalho, não estava trabalhando, pois tinha sido despedida de uma loja, também porque eu briguei, lógico, com o chefe. Eu trabalhava na Demilus, na Costa Aguiar e eram duas coisas que me incomodavam muito: tinha que revistar a gente todo dia, abrir a bolsa pra ver se levava lanche e tinha que lavar a loja. Eu achava um absurdo, a gente trabalhava o dia inteiro vendendo e tinha que dobrar e arrumar todas as roupas, depois tinha que lavar a loja na sexta-feira. Eu briguei por causa disso e fui despedida. Então, eu estava sem trabalho, estudava a noite no primeiro ano colegial e eu saía da minha casa que era longe - perto do Campinas Shopping - e vinha caminhando até o centro. Eu caminhava o centro todo, ia na biblioteca da Prefeitura, ficava andando e depois ia para escola. Às vezes, passava na Academia Campinense de Letras e ficava encantada com aquele prédio. Eu ficava encantada, olhando e namorando aquele prédio: “o que é isso? O que tem aí dentro?”. Num belo dia tinha um senhor negro que estava cuidando do jardim e eu perguntei a ele sobre o que era aquele prédio. Ele perguntou meu nome e falou que era o mestre Joaquim, falou assim: “Aqui é a Academia Campinense de Letras, é como a Academia Brasileira”. E começou a falar de ler e de escrever, de escritor, falou do Machado de Assis - conheci Machado de Assis com ele -, de José de Alencar, era um homem muito culto, um senhor. [Ele]: “Você quer conhecer?” Eu falei que sim e ele abriu e

entrei lá, era tudo de madeira cerejeira, um prédio lindo. Eu comecei a vir, eu gostei tanto do mestre Joaquim - olha que coisa, hoje em dia podia ser pedófilo e qualquer coisa - e eu sempre vinha, ficava horas conversando com o mestre Joaquim e ele me falando dos livros. Eu pegava os livros que ele falava na biblioteca, às vezes pegava no centro e às vezes na biblioteca do Sesi. O tempo passou, eu consegui outro trabalho e não fui mais, passei muito tempo sem ir na Academia Campineira de Letras. Não sei se por acaso, não sei se estava desempregada de novo ou era sábado, só sei que eu fui lá porque estava com vontade de falar com o mestre Joaquim, quando eu cheguei lá tinha uma outra pessoa, um outro senhor que não era ele, eu disse que queria falar, saber do mestre Joaquim. [Ele]: “Quem?” [“A”]: “O mestre Joaquim que trabalhava aqui no jardim”. [Ele]: “Nunca teve ninguém com esse nome aqui”. Falei: “Mas, eu vinha aqui falar com ele sempre”. [Ele]: “Não, faz muitos anos que eu trabalho no jardim”. Eu teimei com esse homem que estava lá, mais jovem que o mestre Joaquim que era um senhor e ele dizia que não, que nunca teve mestre Joaquim, um mistério da minha vida, uma coisa muito mística, coisa louca que eu nunca contei pra ninguém, por as pessoas acharem que eu sou doída. Mas, eu convivi com o mestre Joaquim muitos meses e aprendi muito, muito com ele, ele me ensinou muito. Eu fico sem saber quem era o mestre Joaquim, ou aquele cara era doído e estava mentindo, não sei. Pode ser que ele estivesse mentindo porque é muito estranho, eu insisti com ele e falei: “Mestre Joaquim, um senhor negro” e ele: “Não. Eu trabalho aqui há muitos anos, não tem mestre Joaquim aqui no jardim”. Esse fato aconteceu e eu guardo o mestre Joaquim no meu coração com muito carinho, me ensinou muito, ele tinha muita paciência, respondia minhas perguntas e ele falava dos escritores, ele falava dessa coisa da Academia. Eu li “Brás Cubas” por causa dele, li “Bentinho”, depois li “Memórias Póstumas” por causa dele, eu conhecia Capitu por causa dele.

No último ano do colégio eu conheci o meu esposo, ficamos namorando e me casei. Quando eu me casei eu fui fazer o magistério, meu sonho de fazer uma faculdade já estava longe demais e naquela época se você tivesse feito o conteúdo comum das matérias, você podia fazer o magistério em dois anos, fazendo só as matérias técnicas. Eu já tinha feito o médio, então, eu fiz os dois anos de magistério na escola Carlos Gomes, fiz estágio e tudo mais. Trabalhei como professora eventual, como substituta no Estado. Depois, prestei o concurso e passei, minha classificação foi a sessenta e três. Eu fui professora do Estado por muitos anos, durante doze anos e fui me esgotando muito, sabe? A falta de recurso, o descaso que tinha e minhas brigas com a diretora por causa do descaso, a discriminação das crianças, isso foi me desgastando muito, muito mesmo, então eu parei, primeiro eu tirei uma licença de dois anos e consegui um outro trabalho.

Trabalhei na Aliança Francesa muito tempo, era um outro mundo, sai do mundo da injustiça, da desigualdade e fui para o primeiro mundo. Era uma coisa bonita, eu pisava na Aliança Francesa e eu estava na França, aprendi Francês, estudei Francês por muito tempo. Quando fui retornar, depois de dois anos, eu falei: “Vou sair, vou pedir demissão da Aliança e vou voltar porque é um cargo público”. Então, quando eu retornei, eu não conseguia mais dar aula. Eu achei que iria retornar melhor, mas eu retornei muito fraca, eu não conseguia trabalhar. Aquele sentimento ruim que eu tinha, voltou, o meu diretor disse que não queria que me exonerasse, que eu saísse da Aliança, mas que eu ficasse lá. Então, eu me exonerei do Estado corajosamente, porque minhas amigas todas diziam: “Você é louca “A”, não faz isso, muda de escola, pede remoção, mas não exonera”. A escola era uma escola difícil, uma estrutura difícil e uma diretora difícil e tudo mais. Eu não aguentava mais e me

exonerei e passei dez anos longe da educação.

Nesse período acabei saindo também da Aliança Francesa, o meu diretor foi embora e a Aliança Francesa não tinha o convênio médico e foi uma época em que o diretor era tanto da Aliança Francesa quanto do Centro Cultural Brasil Estados Unidos. Naquela época eu criei o projeto “Semana Cultural Francesa”, foi meu projeto e tem até hoje na cidade. Então, eu fiz o projeto, consegui um vereador que representasse e isso virou uma lei na cidade, a “Semana de Cultura Francesa”. Eu fazia eventos franceses, era fantástico, eu amava fazer isso, trazia artistas da França, orquestra, música, era fantástico, o diretor me dava carta branca para eu fazer isso. Era uma coisa muito gostosa de fazer e nós somos amigos até hoje, ele está no Brasil, ele está no Rio de Janeiro, mas ele está aposentado e vive indo e vindo para o Brasil. Foi uma amizade cultivada a quase trinta anos, uma coisa muito bonita a nossa amizade. Nessa época tinha uma nova gerente no Centro Brasil e Estados Unidos e esse diretor pediu para que eu a ensinasse, ela não era gerente na época, na verdade ela era do Marketing. Pediu para que eu ensinasse a Cássia como que se fazia um projeto, porque eles queriam fazer uma Semana Cultural Americana. Mostrei pra ela como eu fazia, passou um tempo e ela se tornou gerente do Centro Brasil e Estados Unidos.

Numa época apareceu nódulos no meu seio e meu marido estava desempregado e eu não tinha convênio médico. Então, eu não sabia se eram benignos ou não, tinha que ver e eu não conseguia, não conseguia atendimento no SUS e estava muito difícil. Precisava fazer uma mamografia para saber o que era e a Cássia me chamou para ser secretária dela no Centro Cultural Brasil e Estados Unidos. O Centro Cultural tinha convênio médico com a Unimed, então eu deixei a Aliança Francesa e fui para o Centro Cultural por causa do convênio médico, eu fui lá e trabalhei dois anos. A Cássia saiu, a Cássia teve que sair porque ela tinha uma coisa própria. Eu trabalhava na época com um programa de intercâmbios e recebia estudante por uma agência conveniada America Service da FTD-Experimento. Uma pessoa que era minha parceira neste trabalho da agência me pediu para indicá-la como nova gerente, pois quando me ligou cobrando algumas coisas sobre o voluntariado, eu disse que estávamos sem a gerente e eu sobrecarregada. Eu expliquei que o Centro não queria mulher porque a Cássia tinha engravidado, pedido licença e saído, queriam um homem, daí ela falou sobre o seu marido. Era um casal que participava do comitê de intercâmbio e tinham uma pizzaria que estava falindo. Eu não conhecia bem o marido dela, ele era o presidente do comitê, como eu gostava muito da Ana eu indiquei. O homem era o cão chupando manga.

O homem era horrível e era indicação minha e foi contratado porque era o que a diretoria queria, um homem machista, dominador, horrível. Eu comecei a brigar com ele, com a minha indicação, porque eu não aceitava o que ele fazia. Era briga direto, eu era secretária dele e era quebra pau todo dia quase e ele me despediu após a troca da diretoria. Eu fui despedida, foi a primeira vez na minha vida que eu perdi o emprego. Eu sabia que trocava a diretoria e poderia ter me prevenido, fiquei sem trabalho.

Comecei a fazer alguns cursos que tinha no Poupatempo e um dos cursos era na Área Social, eu fiz na Casa Santana, me destaquei e eles precisavam de uma coordenadora para Ong, me contrataram. Eles me contrataram e eu fui para o serviço social, trabalhei lá seis anos. Aconteceu uma coisa muito interessante... eu comecei a brilhar mais que a diretoria, porque eu trouxe um projeto para Campinas chamado “Menor Aprendiz” que era uma lei de aprendizagem. Ninguém queria e eu falei com a minha diretora, com a freira que era imediata e que era da diretoria também, que

eu queria fazer o projeto, ela falou: “Você não tem medo?” E eu disse: “Tenho e vou fazer assim mesmo”. Fizemos uma pesquisa do que Campinas precisava mais e identificamos que precisava mais na área de Gastronomia.

Comecei o projeto na área de Gastronomia, montei uma grade curricular, fiz pesquisa no Senac. Foi trabalhoso, comecei a fazer esse trabalho, os jovens faziam curso e ao mesmo tempo eu conseguia emprego para eles em hotéis e restaurantes. Começou vir jovens das outras instituições, adolescentes e eu ia encaixando, eles trabalhavam meio período e faziam o curso. Surgiu uma voluntária italiana, o marido dela era presidente da Magneti Marelli, ela veio para o Brasil e estava meio perdida e acabou caindo lá e alguém falou da instituição, ela foi e eu sempre fazia uma acolhida muito grande com as pessoas que eram voluntárias, tinha muito voluntário trabalhando que tinha dinheiro.

O projeto conseguiu se sustentar, mas no início não tinha dinheiro, então eu contava com voluntários pra dar aula de informática, aula de culinária. Eu dava aula de culinária para os meninos também, consegui uma nutricionista que dava aula de nutrição, mas todo mundo voluntariado. Ela [italiana] veio e ficou encantada com o projeto, tanto que levou a ideia para Itália, ela tinha uma escola em uma região da Itália [inaudível]. É uma escola de culinária que tem hospedagem e ela conseguiu 14 bolsas de estudo, 15 na verdade. Na última hora uma criança, uma das meninas o pai não deixou ir, a gente ficou com 14. Isso foi em 2005, 2006 não me lembro exatamente, foi uma luta para conseguir 15 passagens aéreas para levar os meninos. Nessa época tinha um grupo de empresários e a gente se reunia semanalmente na FEAC para falar do projeto. Eu fui toda feliz, queria até que a Suzy tivesse ido comigo, mas a Suzy não pôde, a italiana, esposa do presidente de uma grande empresa, só que ela não pôde ir e eu fui lá com a minha pastinha para falar do projeto.

Quando eu comecei falar tinha a ideia de dois projetos, um relacionado ao Canadá, pois havíamos recebido seis meninos de Quebec que vieram observar a rotina no The Royal e poderíamos encaminhar nossos meninos para o Canadá e o projeto da Itália. O do Canadá era mais para observação, como os canadenses fizeram no Brasil. Então, optei pela Itália, pois na Itália era um curso. Comecei a falar toda animada, eles riram, riam da minha cara, um falou assim: “mas, nem meu filho vai fazer intercâmbio na Itália e eu vou mandar esses meninos que nem Português falam”. Tinha um outro, um americano que tinha uma consultoria, Tomas, falou assim: “Imagina, isso é uma bobagem, isso é uma perda de dinheiro”. Eu dei um tapa na mesa e levantei, mas meti a boca neles, xinguei todos eles, falei: “Para arrumar um empreguinho qualquer para eles vocês concordam, agora para os meninos terem uma experiência internacional que pode mudar a vida deles para sempre vocês não aceitam, vocês não concordam e não querem participar, não querem ajudar”. Mas, falei tanto, porque são pobres, são meninos de periferia, são meninos de favela, falei tanto que o presidente falou assim: “Olha, sua defesa nos comoveu, só que nós não vamos te ajudar”.

Eu e a Suzy lutamos até conseguirmos as passagens, levamos os meninos para ficar vinte e cinco dias, um mês na Itália, fazendo curso das 8 da manhã às 5 da tarde, com horário para o almoço. Foram 14 adolescentes, foi uma experiência fantástica, incrível e os meninos causaram boa impressão. O diretor da escola era amigo da Suzy, ele que fechou o contrato, os chefs estavam muito bravos, porque eles não queriam esses meninos favelados do Brasil, mas quando eles chegaram lá ficaram encantados com os meninos. Eu trabalhei eles, estudaram italiano aqui, eu preparei muito esses meninos, sabe? A Suzy dava aula de italiano e eu preparava eles para vida, para causar boa impressão e eles causaram. Eles

*tinham iniciativa, eles eram educados, a gente foi fazer um evento numa montanha, era um jantar para 300 pessoas, as meninas que trabalhavam no The Royal começaram a rir, porque iam os 15 brasileiros mais os 20 italianos, sendo que em sua experiência no The Royal eram dez pessoas servindo mil e quinhentas pessoas. Eles foram animados, pegaram todo o material, os pratos, talheres, lotaram o ônibus. Foi todo mundo cantando, felizes da vida, trabalhamos a noite inteira nesse evento, a gente ficou responsável pela sobremesa e os italianos pelos pratos quentes. E a “italianadinha” não foram...os brasileiros chegaram contentes e cantando, já os italianinhos estavam emburrados e morrendo de cansado. Os chefs vieram me perguntar como eu fazia para eles serem daquele jeito tão prestativos, tão alegres, foram felizes e trabalharam a noite toda e voltaram felizes e eu falei que era um trabalho que a gente faz de socialização. Dei a maior esnobada nos chefs, eles causaram uma ótima impressão em tudo.*

*O prefeito recebeu a gente, era uma cidadezinha pequena e tinha uma festa da castanha, a gente foi e o prefeito nos recebeu, sentamos todos numa grande mesa, tinha um monte de autoridade, tinha o padre da cidade e as autoridades. Todo mundo numa mesa bem grande, serviram umas castanhas torradas, muito gostoso e eu vi, percebi que a mesa estava cheia de casquinhas e de saquinhos, porque elas vinham num saquinho e falei para o menino, dei um toque e eles foram juntando, arrumando e jogando e as autoridades ficaram todas impressionadas. [Eles]: “Olha, não precisa ninguém mandar fazer, esses meninos italianos tem que ficar mandando e não fazem.” Eles causaram tanta boa impressão que o diretor da escola ofereceu sete bolsas para aquele grupo de três meses remunerados, ficaram três meses na Itália remunerados. Nós voltamos e daí seis meses o grupo ia de novo, foram os sete. Eu sei que o programa continuou e eu era convidada para dar palestra, saí em matéria de jornal na TV e ninguém chamava a presidente da instituição, ninguém chamava o diretor, só me chamava e isso foi causando, foi incomodando muito. Até que teve a formatura do grupo, formou o primeiro grupo ou o segundo grupo, veio o Secretário da Assistência Social do Estado, a Secretária de assistência de Campinas, um monte de autoridade, veio o deputado estadual famoso que era de Campinas e todo mundo fez elogio ao pioneirismo. A diretoria quis morrer, ao invés de chamar a presidência - eu fiquei constrangida - me chamaram para discursar, para falar e isso causou um problema muito grave. Começaram a tirar meu poder, eu era coordenadora e foram cortando aos poucos, assim, tirando meu suporte, as pessoas em quem eu confiava, contrataram uma assistente social insuportável que não me ligava para nada, não se importava com nada nem com os meninos. Inclusive, ela fumava no estacionamento e era uma briga, porque eu pedia para os meninos não fumarem. Nisso foram tirando meus poderes e me limitando até me despedir, e eu já era assistente social nessa época.*

*Eu fui trabalhar na área, fiquei trabalhando na área de Serviço Social, trabalhei em algumas instituições, sempre com adolescentes e famílias. Até o concurso da rede municipal, eu ainda não tinha Pedagogia, tinha feito só Serviço Social, foi o último concurso da rede municipal que podia usar o magistério. Eu prestei o concurso para professor adjunto, tinha uma amiga que foi prestar para Educação Especial, ela disse assim: “Olha “A”, tem um concurso da prefeitura para educação”. Mas, eu sai da educação porque eu não aguentava mais. [Ela]: “Tem um cargo que você vai gostar que é de adjunto e você vai só ser apoio na sala, um cargo que você trabalha duas horas e o salário não é ruim, daí você completa o salário no Serviço Social”. Eu prestei, passei e fui chamada em 2009, trabalhei de 2009 até 2012 nos*

dois empregos, só que eu não consegui e em dezembro de 2012 foi o último ano que eu trabalhei no Serviço Social. Nesse período eu já estava fazendo Pedagogia, eu fiz Pedagogia depois de um ano, dois, não me lembro exatamente. Eu fiz na FAC, na PUC fiz o Serviço Social e na FAC fiz Pedagogia em três anos e meio, quase quatro e estou na educação até hoje.

O trabalho de adjunto que era de apoio foi mudando, a maioria do tempo a gente tá em sala, tem sala. Estava na Educação Infantil que eu gostava muito e comecei no Fundamental. O Fundamental aumentou uma hora e eu fui para Educação Infantil por causa do Serviço Social, já não dava para conciliar porque tinha reunião do Serviço Social, já perdi reunião e usava também as abonadas, estava muito cansativo e eu não estava conseguindo. Eu sai e fiquei só na educação e mudou de novo o formato do professor adjunto, então, eu fui para escola Integral para garantir minha carga horária e me apaixonei pela Escola Integral, eu entrei em 2017, três anos na “Escola da esquina”, gostei muito da Educação Integral, gostei muito da escola.

Ela [Educação Integral] dá oportunidade da gente trabalhar com projetos, porque a parte de projetos eu trouxe da minha experiência nos projetos do Serviço Social. A Educação Infantil é o filé mignon da educação, porque você tem uma liberdade muitogrande para trabalhar, você tem liberdade para criar, você tira ideias das crianças e tudo vira projeto na Educação Infantil. Com as crianças do AG3, uma menininha ia faltar, porque a família ia de férias para praia, eu falei: “Traz conchinhas pra gente”. Ela trouxe um balde de conchinhas e as crianças ficaram tão felizes com as conchinhas que virou um projeto de mar, a gente fez um mar com aquelas conchinhas, construiu um mar com areia, com conchinhas, com peixe, com tudo, fizemos pesquisa de peixes, fizemos móveis de peixes e Golfinhos, então, vira projeto.

Ela tem esse viés e é muito legal, a Educação Integral é legal porque tem isso e me encontrei porque eu adoro projetos, tem professores que sofrem muito porque não sabem lidar com projeto, desgasta, dá trabalho, mas é uma coisa linda, tem que saber fazer, tem que fazer e conciliar as coisas, agrupar os saberes e fazer uma coisa multidisciplinar. Com projeto você trabalha muito mais e não é ir para sala de aula e fazer o feijão com arroz, mas eu adoro desafio. Na verdade o tempo chega ser maior na escola, mas em matéria de tempo de aprendizagem, acaba sendo igual a escola parcial, eles tem umas matérias extras, agora com o professor mesmo de sala não é tanto. Só que como é um tempo maior, você pode usar outros horários e fazer outras coisas, pode adequar. Então, eu consigo fazer isso, eu gosto de fazer, já teve muitos professores que saíram da Educação Integral por não conseguirem fazer, não se adequar.

Já estou com mil e quinhentas ideias com as crianças, todo ano surgem muitas ideias com a Educação Integral, eu gosto muito de trabalhar e é a minha praia, é uma coisa que eu gosto e não quero sair mais. Podia ir para Educação Infantil, acho bonito no professor adjunto que a gente permeia entre Educação Infantil, Educação Integral, Educação Parcial, a gente pode fazer esse rodízio. Eu posso, por exemplo, ano que vem me remover e ir para Educação Infantil e depois altero e volto. Na verdade eu gosto muito da Educação Infantil, mas eu também gosto do Integral, eu gosto assim da mobilidade da Educação Infantil, do descompromisso. Porque assim, por exemplo, eu tenho um terceiro ano que metade da sala está com dificuldade de aprendizagem e tenho um compromisso com essas crianças de alfabetizar, de mandar para o quarto ano, já na Educação Infantil não, cada criança tem o tempo dela. Então, para crianças de três, quatro ou cinco anos eu não vou pedir...cobrar dela.

*Agora, o Ministério da Educação reduziu para dois anos de alfabetização e vai entrar um ano na Educação Infantil o que eu acho um crime, porque as crianças já estão saindo com cinco, meu netinho já está saindo... Meu neto vai sair para o fundamental e ele não vai ter seis anos ainda, ele faz seis anos no final de Abril. Então, essas crianças pequenininhas vão ter que ser semialfabetizadas na Educação Infantil, um crime, é uma obrigação, vai judiar muito, isso eu não concordo, talvez seja por isso que eu não queira voltar para Educação Infantil. Na Educação Integral, por exemplo, esse ano já estou com mil e tantas ideias de projetos, mil coisas para fazer, para encaixar dentro dos programas do PP da escola. Já tem muitas coisas que vão encaixando, por exemplo, a Educação Integral trabalha muito com pesquisas, com as tecnologias, é uma coisa que eu amo de paixão, gosto, as crianças fazem projetos individuais, as crianças pesquisam, elas tem essa liberdade. Às vezes eles [alunos] terminaram as atividades e têm a liberdade de ir pesquisar. Agora vai melhorar, a escola vai ter uns tabletes...sei lá uns books, não é um tablete, mas tem um nome específico, vai ter setenta na escola e você poderá pegar e levar para sala. Então, quando essas crianças estiverem mais adiantadas vão poder fazer isso, eles trabalharão com pesquisas e com projetos individuais, escolher um assunto e trabalhar, a Educação Integral dá isso, ela quer essa autonomia para as crianças, ela quer esse trabalho.*

*Na outra escola eu gostava demais da equipe, demais dos alunos, a direção era...muito difícil de lidar... Essa escola que eu estou é nova, ela está no primeiro ano dela de Integral, é a Orlando Carpino, tudo é novo... começando. Por isso que eu quis ir pra lá, a escola não é tão grande. Eu trabalhei também na escola Raul Pila que é Integral, mas é uma escola gigantesca, os problemas são gigantescos também, foi um período que eu estava sem aulas na “Escola da esquina” e eles me mandaram pra lá. Eu tive que assumir um terceiro ano, mas era no final do ano, no período de um mês, uma escola muito grande, com muitos problemas. Eu não quero trabalhar numa escola grande que atende do primeiro ao nono ano, muita gente, os grandes e os pequenininhos, dá muito trabalho. A Educação Integral, na minha opinião, tem que ser dividida do primeiro ao quinto e do sexto ao nono, junto é muito complicado. O Raul Pila tem alguns problemas, o CAIC tem uma estrutura com muitos problemas, então assim eu não sei como pensar a respeito porque eu não estou lá. Em uma escola menor você pode trabalhar mais projetos, você não tem preocupação das crianças menores estarem misturadas com as maiores e das coisas que podem acontecer.*

*A gestão tem papel fundamental e precisa apoiar porque se a gestão não apoia o professor nesse trabalho, se ela está ali na defensiva, para atacar o professor, não vai, o professor adocece, fica doente. Na outra escola teve vários professores que ficaram doentes, não pela demanda de pressão da gestão. Eu que sou calejada da vida já fiquei meia doente, imagina quem é delicada, que a vida foi delicada com ela, a vida nunca foi delicada comigo, eu sempre digo que a vida é uma madrasta, ela memostra as coisas e depois me tira, ela mostra o que eu podia ter e não tenho. Então, eu acho que a vida sempre foi uma madrasta e uma madrasta da “Branca de Neve”, como meu filho fala. Quando ele era pequeno, quando meu filho era pequeno, eu contava os Contos de Fadas pra ele e ele queria saber qual das madrastas era a pior, da Cinderela não era, pois ela judiava da Cinderela que ficava limpando para as irmãs, mas a da Branca de Neve queria arrancar o coração dela, essa sim era malvada. Então, quando a gente vê uma pessoa muito malvada: “nossa, é mais malvada que a madrasta da Branca de Neve”. Com uma diretora dessa linha, tipo madrasta da Branca de Neve, você adocece na escola, porque você*

quer fazer um trabalho e você não tem apoio, só tem barreiras, dá de cara com o muro e tem gente que não aguenta.

*Eu acho que essa Gestão que eu estou vivendo hoje, ela é nova pra mim, comecei em Fevereiro, mas tem se mostrado uma gestão que apoia o professor, que chama a comunidade para dentro da escola, que tem essa ligação com a comunidade, que quer o melhor do aluno, quer que a escola cresça, apoia a equipe. Eu estou me sentindo apoiada, mesmo no começo, eu fiz uma dinâmica com os pais e precisava comprar um saco de sonho de valsa, ela disse para eu comprar e levar a nota para a escola reembolsar.*

*A minha proposta, uma das minhas propostas é o trabalho com a comunidade. Eu estou vendo, não sei se é a Natura, acho que é a Natura sim, ela tem umas formações para professor, vi que tinha uns links que envolvem isso, a comunidade, o trabalho com a comunidade. Então, é uma coisa que eu quero fazer nessa escola, a comunidade tem que vir para escola e tem que saber o que o filho está fazendo na escola, ela tem que apoiar a escola. Essa gestão é mais aberta, eu percebi isso. Então, a comunidade tem que gostar da escola, gostar do professor, gostar da direção, ser parceiro da escola, porque na outra escola os pais vinham e parece que já vinham na defensiva, eu não senti muito isso nessa escola, senti que os pais são mais abertos nessa escola.*

*Essa “A” está animada, ontem tiveram umas dinâmicas - eu não gosto dessas dinâmicas, todo mundo chora, vira uma terapia, chora - que tinha que falar o que você tinha de mais precioso que você guardaria numa caixinha de porcelana e eu falei: “Eu guardaria meu entusiasmo pela vida e pelo meu trabalho, isso que eu tenho”.*

*Não vivo chorando pelos cantos, posso chorar debaixo do chuveiro, mas não vou chorar numa reunião, eu acho que não é isso que a vida me ensinou a ser, mas a ser mais forte. Então, raramente você vai me ver chorar, eu chorei uma vez quando eu era do Estado, numa sala de quarto ano ou quinto, por causa de uma menina. Ela era uma menina tão bonita, com tanto potencial, mas de uma família tão destroçada, ela estava se perdendo e nós tivemos uma discussão, ela era rebelde, começou a discutir comigo e eu fiquei olhando para aquela menina batendo boca comigo e comecei a chorar e a classe toda ficou parada. Mas, não era chorando porque eu estava discutindo com ela, era chorando por causa da injustiça, da desigualdade e para onde caminhava aquela menina com tanto potencial. Aquilo realmente foi muito triste, não era porque eu estava brigando com ela, eu estava brigando com o sistema que não tinha mais volta para aquela menina de 13 anos, ela ia fazer 14, naquela época repetia e as crianças tinham mais idade. Então, três fatos que me marcaram muito nessa época do Estado, esse caso dessa menina que as crianças ficaram todas olhando e falei: “Não pensem que eu estou chorando porque nós estamos brigando, eu estou chorando porque eu estou muito triste com o que está acontecendo com você”. Ela estava caminhando para prostituição naquela época, então foi um fato muito triste.*

*Um outro fato que aconteceu, eu tive outra menina que tinha 14 anos, a Andreia, lembro dela até hoje, uma menina negra que estava no quarto ano e tinha que passar para o quinto ano para estudar a noite na mesma escola para que ela pudesse ir trabalhar na “Guardinha”. Um dia ela falou para o menino que sentava na primeira carteira: “Sai que eu vou sentar aqui”. Pensei, se o menino der problema eu vou ter que resolver a situação e eu fiquei esperando, mas o menino deixou. [Ela]: “Eu vou sentar aqui porque eu quero passar de ano, porque eu tenho que trabalhar na Guardinha e eu preciso estar no quinto ano”. A Andreia para qualquer coisa batia*

boca: “Professora não concordo com isso, não concordo com aquilo”, eu me via nela, me encontrei e eu tinha muita paciência com ela e a gente conversava e chegava no meio termo. Passou o ano e ela foi para o quinto ano e estava estudando a noite, aconteceu um desentendimento com a professora do quinto, alguma coisa com a professora de Química e ela fez a mesma coisa que ela fazia, levantou e falou: “Professora não concordo com você por causa disso, disso e disso”. A professora falou assim: “Escuta aqui sua neguinha ponha-se no seu lugar”. A menina voou para cima dela, veio a inspetora de aluno - a inspetora de aluno que me contou - e levou a menina nervosa, estava super nervosa por conta da professora e de um racismo muito grande. Chorando, ela falou para inspetora de alunos: “Olha Dona, agora eu vejo como a professora “A” tinha paciência comigo”. Aquilo me marcou muito, fiquei tocada porque ela teve consciência de como ela tinha voz quando ela estava comigo e isso foi há vinte anos atrás, nem sei quanto tempo faz, ninguém tinha voz, não podia falar naquela época e ela tinha voz.

Outro caso é do menino “M”, que era um menino também nessa idade, era tudo da mesma sala, eu cheguei a pegar o quarto ano e uma chata, ela é chata até hoje, hoje ela é diretora de Educação Infantil, falou: “Ah, você vai pegar o quarto ano? Boa sorte você vai precisar”. Mas, eu fiz um trabalho tão lindo com aquelas crianças, você nem imagina o trabalho que eu fiz com aquelas crianças. Eu fui marcar na lousa material que eu queria para as crianças e pedi cem folhas de papel sulfite para cada, o “M” falou: “Professora, é muito, imagina cem dele, cem dele, cem dele, tem trinta alunos aqui na sala, vai ter muita folha e você não vai usar tudo isso”. Eu falei: “É “M”, pode ser que a gente não usa mesmo, você tem razão, então eu vou pedir 50, mas se faltar você é o responsável”. “M” foi melhorando, era um menino rebelde um menino muito difícil, mas eu fui me aproximando, ele foi se abrindo. Um dia na hora do intervalo ele teve uma discussão com um professor... o inspetor de alunos e ele mandou o inspetor de alunos tomar naquele lugar e a diretora expulsou ele da escola. O “M” veio falar comigo: “Professora, eu estou arrependido e eu fiquei muito nervoso, fala para a diretora deixar eu voltar para escola”. Fui falar com a Dona “D”, falar que eu queria o menino de volta e ela faltou me bater: “Porque agora que eu consegui motivo para expulsar esse menino daqui, você quer que eu aceite ele de volta, de jeito nenhum”. Não tinha escola no bairro que fosse mais próxima e o “M” não foi para escola, foi para o tráfico e acabou sendo morto no tráfico. Eu queria o menino de volta.

Essas injustiças me marcaram muito no Estado, era a mesma diretora que não deixava a minha sala usar a biblioteca, porque era uma sala que era terrível e que iam estragar os livros. Eu tinha dois meninos que eram irmãos, um de treze e outro de catorze que desenhavam muito bem, eu comecei a pegar os livros infantis do meu filho e levar para escola e essas crianças desenhavam a história, outro grupo escrevia e a gente ia contar a história para as outras crianças. Eu fazia isso há mais de vinte anos atrás, porque eu não podia usar a biblioteca. As crianças precisavam de ter uma aprendizagem significativa, então, para cada bimestre envolvia uma coisa, eu conseguia um passeio, por exemplo, a pasteurização do leite tinha a Leco. O transporte eu conseguia no exército, pois tinha amizade, eu ligava: “General, eu preciso de ônibus em tal dia”. A gente ia para o planetário, a gente foi para a Fazenda São Quirino para saber sobre a agropecuária, lá víamos o processo de tirar o leite das vacas e depois, indo na Leco, vimos pasteurizar o leite, vimos como se faz iogurte. No exército a gente foi para conhecer o funcionamento do exército. O ano inteiro a gente saía e quando cabia no ônibus eu levava uma amiga. A gente é amiga até hoje, ela entrou no mesmo ano, a gente se efetivou no Estado e ela tinha o

terceiro ano. Então, a gente levava as crianças junto, o quarto ano protegia e cuidava das crianças do terceiro, a gente ia passear para tudo quanto é lado.

A Educação Integral tenta uma aprendizagem significativa, por questão de projeto, por questão de ideologia da escola, por questão do tempo também, porque as crianças ficam mais tempo, por todas essas questões o objetivo da educação integral de Campinas é que as crianças tenham aprendizagem significativa, que elas tenham contato com as tecnologias e que elas usem as tecnologias e isso tudo envolve pesquisa e pesquisa é um trabalho...você é uma pesquisadora...Lembro dos alunos, meus alunos fizeram a entrevista como você e se reconheceram, eles perguntaram o que você pesquisava e você falou que pesquisava gente e eles pesquisavam animais.

Então, a escola integral pode fazer isso com as crianças, é trabalhoso, você se desgasta e não, não senta um minuto, mas é um trabalho lindo e o resultado é muito bonito, você vê as crianças progredindo, as crianças crescendo e vê o brilho no olhar delas por causa do conhecimento e é isso que eu quero com as crianças. No ano passado as minhas crianças eram agitadas, mas muito inteligentes, muito, com iniciativa, proativos. Essa classe que eu tenho não, tenho crianças muito difíceis e tem que ir puxando, eles parecem que não se interessam por nada, então vai ser um trabalho, mas estou no comecinho, daqui um mês pode ser que as crianças mudaram bastante. Eu gosto de desafios, estou animada, todo ano estou, mesmo que eu tenha que descobrir uma forma de motivá-los, porque eles não estão motivados, eles não gostam, eu não sei se porque vieram de uma escola parcial e não têm essa vivência ainda. Parece que para eles a aprendizagem e estar ali é uma obrigação, quero transformar isso num prazer. No ano passado aluno ficava doente e não queria ir embora, não queria faltar.

Eu acho que cotidiano é a própria educação em si, a própria escola é o cotidiano dela mesma, a vivência das crianças na escola e aquele espaço, o lanche, o almoço, o espaço escolar, os lugares e os espaços da escola, a quadra, a sala de informática e o parque, é o cotidiano mesmo da escola e o que a gente faz nesse cotidiano com as crianças. Dependendo o que você se faz com as crianças elas vão amar ou detestar esse cotidiano, então eu estou trabalhando com as crianças para que elas gostem daquele cotidiano e gostem de estar na escola, de estar ali e de estar aprendendo, criar uma aprendizagem prazerosa, porque aprender é um prazer. Você aprender uma coisa nova é um prazer, pra mim sempre foi, agora no final do mês vou aprender a fazer pão com fermentação natural, uma coisa que eu estou louca para aprender e tenho uma amiga que vai dar o curso e eu vou fazer.

Faço muita coisa, eu faço muita formação porque a gente tem o Cefortepe quedá um monte de curso, vai começar agora, me falaram que vai sair publicado os cursos em março e vai começar em abril...eu gosto e eu já fiz a formação sobre a avaliação municipal que vai ter, uma formação de três dias e eu saio fazendo porque é muito legal. É uma coisa tão legal da prefeitura, porque tem os cursos de graça, eles pagam hora projeto para você fazer o curso e você aprende. Eu já fiz curso de Italiano, fiz curso de Francês, antes era mais amplo e você podia fazer dois cursos ou três cursos, mas agora está limitado, tem que estar ligado ao projeto da escola, antes não, você queria fazer ia lá e fazia três, quatro de uma vez. Cada dia da semana eu fazia um, fiz Italiano, Francês, já fiz fotografia, cinema, teatro. É para sua escola, para sua história, ou seja, é para mim, para minha vivência. Antes nós íamos na NAED para registrar os certificados, não era digital, e contava pontos - o certificado conta ponto, você ganha para fazer isso e você aprende, só coisa boa, só alegria - e eu fui lá com a supervisora e eu trouxe um calhamaço e ela pegou e falou assim:

*“Você trabalha ou você só faz curso?” Eu faço curso nas horas vagas, nunca vi uma professora com tanto certificado de formação de curso, eu gosto e vou lá e faço, prazer por aprender realmente. Um curso que eu sempre quis fazer e não dava para fazer, porque eu sempre trabalhei de manhã, é o curso de horta. Agora eu tenho uma quarta-feira de manhã livre e eu estou torcendo para que tenha horta e eu vou fazer. Estou fazendo a formação de Cineclub que é cinema na escola, eu fiz até...continua a formação, mas daí era na Unicamp e era tão cansativo, fiz um semestre e não aguentei, porque era muito sair daqui e pegar um trânsito horrível e ir pra lá. Antes de ter meus netos eu fazia muito mais coisas, mas eu tenho que cuidar deles, não tem espaço, mas mesmo tendo que cuidar deles ainda faço, faço inglês sábado de manhã e estudo espanhol por conta própria.*

*O tempo passa do mesmo jeito e se ficar em casa sem fazer nada vai passar o tempo e se eu fizer um monte de coisas eu vou aprender e o tempo vai passar do mesmo jeito, eu aprendo muito, nossa eu já fiz tudo que você pode imaginar, já fiz sistema Linux que é da rede, ensinei Linux para os meus alunos do terceiro ano, ele é meio difícilzinho, mas está lá e você tem que aprender. A escola da rede usa Linux porque é uma plataforma gratuita, tem que usar, já fiz muita coisa, trabalho com tecnologia, fotografia na escola, me envolvo com filmagem e tudo isso. Então, vou lendo as propostas, Artes já fiz, um curso que eu fiz agora foi o de Cultura de Paz, professora é meio pedante, vai ter uma turma na escola agora.*

*Se eu pudesse falar com a “A” da infância eu diria pra ela continuar firme, uma coisa que eu faço que eu nunca tive na minha vida é a orientação, se eu pudesse voltar para “A” adolescente, eu a orientaria, ela seria outra pessoa hoje, porque eu fui fazendo na tentativa e erro, eu nunca tive alguém que falasse: “vai por esse caminho, faz isso, olha “A” vai ser melhor”. Eu vivi numa época que filha de empregada doméstica usava o elevador de serviço e no futuro seria doméstica. Eu não tinha o direito de ser melhor que isso? Eu lutei para ser melhor que isso. As minhas amigas dessa época que tinham a mesma idade que eu, hoje são domésticas, não que eu estou desprestigiando, mas eu queria mais, eu queria ser mais, eu queria crescer, queria muito mais do que sou hoje, eu acho que donde eu vim, da pobreza que eu vim, de um pai falando: “para de se misturar com gente “granfo”, granfina, para de se misturar com essa gente, não é sua gente, não é seu lugar, seu lugar é aqui com a gente”. Como o Leonardo Boff fala da galinha que ficava ciscando e olhando para baixo, que de repente a águia foi criada com as galinhas, mas ela era águia e eu sempre fui águia. Eu não me contentava com o milho e queria voar, sempre quis e sempre tive que fazer isso por mim mesma, ninguém falou como alçar o voo, como se abre as asas, nunca fizeram isso comigo. Tive que aprender sozinha, tive que lutar e eu poderia ter feito muito mais coisas, podia ter encontrado muito mais coisas no meu caminho, mas ninguém tinha coragem, a não ser mestre Joaquim que me mostrou os livros. Ninguém nunca parou e me orientou, mesmo na adolescência quando eu comecei a frequentar a igreja Mórmons.*

*Eu comecei a frequentar a igreja Mórmons e com tantos recursos, naquela época você podia ir para os Estados Unidos e era muito mais fácil, ninguém nunca -eu era discriminada dentro da igreja, só quem era granfo, quem era granfino, pensando no meu pai, era bem tratado - tinha atenção dos líderes da igreja, pessoas pobres como eu não tinham e eu fiquei lá de teimosa que eu era, muitos jovens como eu saíram e foram embora. Fiquei lá porque tinha gente culta que eu ficava tentando sugar deles coisas, estava buscando aprender deles por mim mesma, porque quando eu cheguei lá me disseram: “A gente ensina aqui que a glória de Deus é a inteligência”. Eu disse: “aqui é meu lugar. A glória de Deus é a inteligência? É isso*

que eu quero”. Naquela época a gente tinha uns manuais, agora não tem mais, mas ensinavam história da Arte, as catedrais góticas e a história da música. Eu me encantava nisso, eu fui por causa disso, mesmo que me discriminassem, mesmo que torcessem o nariz porque eu era pobre.

Sempre fui águia, sempre fui assim e eu faço isso até hoje, eu encontro com adolescentes que eu ajudei e hoje estão e são...tem uma história muito linda de uma menina que foi abusada com treze anos, a mãe foi embora quanto ela tinha nove anos e ela cuidava do irmãozinho menor, o pai é um pedreiro que põe comida em casa e essa menina com treze anos foi abusada e teve um bebê. Era uma menina que nossa..., hoje ela é gerente de uma casa de chocolate, da Chocolates Brasil, foi para Itália e foi um sucesso. Ninguém queria levar a menina para Itália e eu queria e insisti para isso, porque a menina estava no hotel e ela tinha urgência em arrumar emprego e eu conhecia o “D”, que é uma pessoa maravilhosa e que ainda é gerente geral da rede Vitória de hotéis, e eu falei: “D”, eu preciso de um trabalho urgente para essa menina. Ela precisa de um emprego, ela tem um filho, precisa se engajar porque senão eu estou perdendo essa menina, essa menina vai para prostituição”. Ele tinha vaga na governança e ela foi ser arrumadeira, arrumar quarto. Quando tivemos a oportunidade da viagem para a Itália eu quis leva-la, mas não quiseram por conta dela não ter vivência de culinária. Contudo, eu insisti e depois de muita briga – sou dura na queda – levamos a garota, levamos a “L”. A “S” (italiana que fez parte do projeto) disse que seria minha responsabilidade se não desse certo e depois a “L” virou a menina dos olhos dela. A menina brilhou e foi líder porque era muito madura para idade dela, era muito sofrida, a menina brilhou e ela foi para Itália, hoje fala italiano fluentemente, quando voltou foi contratada pelo The Royal. Uma menina de dezenove anos liderava uma equipe de vinte e cinco garçons, tudo homem, a maioria homem e ela líder. Um dia eu encontrei ela no ônibus

- meu carro quebrou e eu estava de ônibus - e ela toda arrumada e toda linda, uniforme e maquiada, quem olhava pensava que era uma patricinha, não vê que essa menina lutou, não vê que essa menina com doze anos foi abusada e que a mãe foi embora com nove anos de casa. Ela não falava com a mãe e teve que falar com a mãe porque precisava da assinatura para viajar, a mãe estava na Bahia e ela tinha uma mágoa tão grande pela mãe, mas teve que se aproximar e até nisso ajudou, ela fala: “A” eu consegui falar com a minha mãe, minha mãe chorou tanto e me pediu perdão pelo que ela tinha feito e hoje eu consigo falar com a minha mãe”.

A educação muda [as pessoas], ninguém fez isso comigo, me ajudou, então, eu faço isso. Tem uma menina que eu acompanho do projeto social, eu tenho um amigo que tem uma escola de circo e ele faz um trabalho muito bonito. Essa menina veio de um projeto social do Bate Lata, “T”, menina muito proativa, inteligentíssima, acompanho essa menina há quase doze anos, ela tinha catorze anos quando a conheci e ela trabalhou muito, ela fez nutrição na Unicamp. De um projeto feito com a escola pública ela fez nutrição na Unicamp. Os pais dela, igual os meus, não ligam se estuda ou não estuda e ela trabalhou e juntou dinheiro e agora está pagando um intercâmbio para Austrália. Ela pediu minha ajuda para ter informações sobre o intercâmbio e fomos em todas as escolas e ela falou assim: “A”, eu pedi para minha mãe vir comigo, mas minha mãe nem quis saber. Você é a única pessoa que está me acompanhando, que vai comigo e me orienta”. Eu faço isso porque não fizeram comigo e se tivessem feito comigo eu teria outra vida, seria outra pessoa e, talvez, meu caminho e destino não seria esse e sim outro.

Hoje eu gostaria de voltar no tempo, às vezes eu sonho - como eu leio muito e gosto muito de ler ficção - em voltar no tempo e falar comigo quando eu era

adolescente. Essa coisa de orientar que eu acho que as pessoas que podem fazer deveriam fazer, você encontra alguém no seu caminho que está perdido ajuda essa pessoa a se encontrar, você não está ajudando só ela, vê a Luzilene, hoje é uma mãe melhor, o filho dela está um adolescente, o menino dela está com dezoito ou dezenove anos. Quer dizer, eu entrei na vida dela e mudei não só...quando ela conta a história ela chora porque eu mudei a vida dela, a vida do filho dela, do neto e de todo mundo, a relação com a mãe dela e com o pai e ela comprou a casinha dela. Então, assim, é um orgulho que eu tenho dela, se eu não tivesse interferido na vida dela o que ela teria sido hoje? Ela foi para Itália e viu um outro mundo, viu o mundo, fala italiano e teve outras vivências, abriu a cabeça. A educação abriu e mudou a vida dela e de outros jovens. Eu tenho os que saíram da área de gastronomia, tem um menino que foi fazer contabilidade e outra menina, ela fez comissária de bordo e trabalha numa empresa aérea, cada um seguiu um caminho, mas eles tiveram essa base. A irmã Joana que é a freira que trabalhou comigo como voluntária, uma pessoa maravilhosa, ela disse que encontrou um menino e eu nem lembrava mais desse menino, que me mandou um abraço. Era um menino que não gostava de culinária e estava dando muito trabalho, ele gostava de mecânica e eu consegui um curso de mecânica para ele. Hoje é um adulto de trinta e um anos, tem família e tem uma oficina mecânica. Quer dizer assim e se eu não tivesse interferido na vida desse menino e expulsássemos ele da instituição porque ele não queria saber de nada? Ele encontrou o caminho dele, foi orientado e acho que isso, de orientar as pessoas, é uma maneira de mudar o mundo.

Eu acho que a gente não faz grandes coisas, porque quando eu era criança eu sonhava em fazer grandes coisas, de fazer mudanças fantásticas e ser muita rica e ajudar todo mundo. Sempre eu tinha essas ideias, talvez fosse até possível se casasse com um...mas acho que você pode mudar e ir mudando aos poucos e de repente você não mudou o mundo, mas mudou o mundo de alguém, a perspectiva de mundo de alguém e acho que isso pra mim ainda é muito, foi muito precioso isso. Então, se eu posso fazer eu faço, se eu encontro alguém pelo caminho, igual a Taís, ela só precisava de orientação, porque estava tudo nela, com vinte e seis anos juntou trinta mil reais para ir fazer o intercâmbio dela.

A minha vida vai ser essa até o fim, às vezes eu tenho planos de me aposentare voltar a trabalhar no Serviço Social ou então abrir um café com pães de fermentação natural, uns livros, uma coisa diferenciada, ter uma mesinha reservada no canto para pessoa que não pode pagar, um morador de rua que vai lá e come toda noite, coisas desse tipo. Eu tenho uma amiga que diz que eu faço planos como se tivesse vinte anos, acho que o dia que eu deixar de fazer planos eu morro. Continuo fazendo planos e eu quero estudar, quero fazer um mestrado e fazer um doutorado, estou com cinquenta e oito anos e daqui dez anos eu vou estar com setenta anos, não sei até quando eu vou ter toda essa energia.

Eu tenho um amigo português que mora na Inglaterra e quando eu fui para Suíça ele me convidou para ir visita-lo e conhecer a família dele. Eu o conheci no Brasil, mas não conhecia a família. Eu fui para Inglaterra e conheci a esposa dele, Elisabete, ficamos super amigas. Neste dia fomos passear e passamos o dia inteiro andando, eu e a Bete, era inverno, mas estava num clima friozinho, mas gostoso e eu amo andar e fomos andar pelo lugar e conhecer. Quando chegamos em casa eu estava bem e a "Bete" cansada e me perguntou: "O que você faz que você está tão fresca?" (Fresca é animada). Depois de caminhar o dia todo eu ainda tinha energia para chegar em casa e cozinhar e ela só queria sentar, mesmo ela sendo mais jovemdo que eu. Pela idade que eu tenho, eu tenho muito ânimo e vejo

*peessoas mais jovens sem essa energia. A minha colega, [professora] de terceiro ano, também uma adjunta e a gente conversando ela é bem devagar e tem quarenta e sete anos. Eu com quarenta e sete anos tinha muito mais gás do que eu tenho agora, onze anos depois, quase doze, porque eu vou fazer cinquenta e nove esse ano. Naquela época parece que eu não me cansava, eu não me sentia cansada, agora eu começo a sentir cansaço, às vezes me sinto cansada, mas naquela época eu não me cansava, eu acho que estou envelhecendo.*

*A vida toda eu sofri muito em todas as áreas, isso me toca, mesmo na escola elitista como é a “Escola da esquina”, porque eu sou assim, eu sou básica, uso camiseta e calça jeans, mas eu falo três idiomas, eu conheço doze países diferentes, eu tenho uma vasta cultura e amigos em quase todos esses países, eu visito muito as pessoas e países, as pessoas olham pra mim e não dão nada, não dão nada pra mim.*

*As pessoas tem medo de dizer não sei, eu acho importante a gente aprender sempre, igual falou o Getúlio Vargas: “o homem aprende do berço ao túmulo”, eu sou igual aprendo sempre, aprendo com todo mundo, aprendo com as minhas crianças, aprendo com você, aprendo com outras pessoas. Eu faço isso com as pessoas porque sei o quanto que doeu em mim não ter orientação e ter que forçar os caminhos, a gente vai amadurecendo e vai ficando mais segura e não é qualquer diretora metida a besta, bolsonarista, que vai me derrubar, não é qualquer marola que me derruba. Eu acho que isso incomoda as pessoas. Ela me tirou da escola do jeito que foi porque eu incomodava e eu batia de frente sempre...é minha natureza, eu não sou mal educada e eu não sou barraqueira, mas eu sou de expor as minhas ideias e se quiser me convença de que o jeito que eu estou pensando não é certo, me mostra outro caminho. Agora, vai dizer não quero ou não gosto de você porque você está fazendo isso sem justificar, pra mim não dá, eu tenho que ser convencida.*

*Olha, quero lhe agradecer [Juliana] por estar na sala, as crianças esperavam você sempre, isso também foi muito importante para as crianças e para mim, ter você lá e ter alguém para trocar ideia, porque eu não conseguia fazer isso naquela escola, as minhas ideias não eram aceitas. As crianças sabiam que podiam contar comigo referente aos projetos, mas eu não tinha abertura naquela escola. Estou habituada então é qualquer coisinha não, eu acho que eu fui construindo uma bagagem dentro de mim, uma força dentro de mim que ninguém pisa mais em mim, porque eu já fui muito pisada e minha família foi muito pisada, minha mãe foi muito pisada, sofreu muito e eu vi minha mãe sofrendo, eu não nasci para isso, não nasci para ser pisada. Lógico que eu já passei muita coisa porque a gente era muito pobre, mas agora não, eu levanto a cabeça e luto, não tenho dinheiro e não tem nada, mas vou lutar, vou buscar meu caminho mesmo assim, mesmo quando a diretora estava me assediando e estava me provocando, eu estava lá firme e forte. Eu me informei sobre como deveria proceder se o assédio continuasse, liguei para minha cunhada, Margarete, que é coordenadora pedagógica e me orientou. Ela [diretora] parou, acho que ela pressentiu que ia sofrer um processo de assédio moral, porque se eu entrasse com o processo, o negócio ficaria feio. Sou neta de mineiro, eu dou um boi para não entrar numa briga, mas depois, dou uma boiada para não sair. Eu sou de paz e fico tentando resolver as coisas, mas quando não dá, me aguarde porque você vai ter briga.*

*Esse ano vai ser uma luta, dentro de novas expectativas de uma escola nova e todo mundo pisando em ovos porque não sabe o que vai fazer. Tudo novo e todo mundo está, a direção e a OP estão assim... Eu vou com as crianças que*

*estão fraquinhas, mas vou trabalhar com elas e trabalhar produção de texto todo dia, texto e leitura pra ver se eles conseguem escrever e conseguem ler.*

*Para encerrar quero falar que foi um prazer te conhecer, você é uma pessoa linda, com uma bagagem muito rica e eu acho que vai fazer muita diferença na sua vida, no seu doutorado e numa outra fase como mãe.*

## TEXTUALIZAÇÃO PROFESSORA “R”

*A professora “T” chama-se “R” e é a mesma pessoa, na verdade, “T” foi um apelido de infância que eu ganhei, bem infância mesmo. Eu acho que eu devia ter quase dois anos, nem isso. Como eu era e sou pequena, mas eu era pequenininha e era parrudinha, aí era “T”, “T”. Meu padrinho, meu tio que me batizou, ele que colocou, meu tio Zé que colocou e pegou pra sempre.*

*Eu tive uma fase, no meu trabalho, que foi uma coisa que me pegou emocionalmente, não aceitaram me chamar de “T” porque era apelido. A minha diretora não chegou e falou pra mim, mas alguém que era da escola e sabia que eu ia ir, que eu estava indo pra lá, a orientadora pedagógica, chegou pra mim e falou assim: “olha, eu sei de onde você está vindo, eu sou amiga da outra orientadora, tem gente chorando porque você saiu da escola, porque ninguém queria que você tivesse pedido remoção e, assim, vou te dar um toque, fala o nome e não fala apelido porque ela não atende muito por apelido”. E eu peguei e falei “R”. Eu já fazia Feira de artesanato e usava o “R”. Então, eu tenho dois momentos na minha vida: o “T”uca e o “R”. É muito interessante porque eu tive uma fase só “R”, tem gente que não me conhece por “T”, só me conhece por “R”. Eu falo assim: “Você é da época do “T”?” E agora eu estou voltando para o “T” porque aqui [escola] ficou “T”.*

*Quando eu fui pintar - que eu pinteí muita aquarela em tecido - eu fazia minha assinatura... até na Faculdade, na verdade, foi na Faculdade isso. Quando eu comecei na Faculdade o professor falava assim: “Tuca não dá, não é um nome para assinar. “T”? Tuca para assinatura não dá, tem que pôr uma assinatura”. Eu falei: “R”. Eu adoro meu nome, acho meu nome lindo e eu gosto do meu nome “R”. Quando eu comecei a pintar aquarela em tecido, eu comecei a colocar “R”, esse é um nome artístico.*

*É o que falo: “gente fiquem super a vontade é a mesma pessoa, não tenho isso”. Eu só fiquei triste naquele momento, tanto é que na hora que eu fui falar eu me embarguei, mas eu estou emocionada, você sabe que eu posso chorar aqui tranquilamente.*

*Ao mesmo tempo eu achei que foi muito interessante, a gente sempre tem que ver o lado bom. Eu achei que foi uma descoberta muito grande eu estar falando o meu nome, meu nome é meu nome, é minha marca, é o meu registro e isso me fez super bem. Eu acho que o “R” tem uma força que o “T” não tem, o “T”uca é acolhedor, o “R” tem um olhar profissional, o “T” é aquela coisa mais carinhosa e acolhedora.*

*A minha memória...quando criança eu brincava com uma amiga. Porque eu sou filha e tenho mais dois irmãos, nós somos de uma família, nós éramos de uma família maior. Minha mãe teve perdas no parto, nós perdemos um irmão com dois anos de idade e ficou eu, a minha irmã e meu irmão. Essa minha irmã tem problema de saúde muito grave. Era uma pessoa cardíaca e com insuficiência pulmonar grave e ficava muito em hospital. Então, a gente não conseguia brincar tanto. Lembro mais das brincadeiras com meu irmão, mas eu brinquei muito sozinha e brinquei também com amiguinha. Eu brincava com uma amiga o nome dela...Carmem. A Carmem brincava e a gente falava que ia ser dentista. Sempre achei dentista um negócio muito bonito, uma profissão muito bonita, a Carmem virou dentista de verdade. A Carmem dentista e eu não, por que? Porque no meio da minha trajetória eu percebi que dentista não dava muito pra mim. A gente falava que íamos ser dentista, mas quando eu brincava eu brincava de professora. Eu brincava de professora e era muito engraçado porque nas minhas brincadeiras eu imitava*

minhas professoras.

*Eu tenho uma memória muito forte imitando a minha professora de Estudos Sociais que eu achava uma bonequinha e ela era canhota e fazia o mapa do Brasil explicando o Tratado de Tordesilhas e eu imitava a minha professora justamente fazendo o Tratado de Tordesilhas. Antigamente a gente era mais infantil, hoje as meninas no Ensino Fundamental 2 não são tão infantis assim, na minha época eram muito mais infantis. Eu tenho cinquenta anos, então você vê, é muito mais infantil. Eu sempre brinquei de escolinha, eu dava aula, eu não precisava ter ninguém para brincar comigo, dava aula do nada, sozinha e não tinha lousa porque eu venho de uma família muito simples. A gente não tinha dinheiro, somos aqui de Campinas, meu irmão Eduardo e eu. Minha memória fotográfica, sabe uma peça de fogão antigo como se fosse uma bandeja, mas ela era lisa e do outro lado era preto? Eu brincava de escolinha ali, eu escrevia naquilo, eu colocava e aquilo era minha lousa.*

*Claro que eu tive outras brincadeiras, brinquei de boneca, boneca de papel era minha paixão e eu fazia as minhas roupinhas de papel porque não tinha dinheiro para ficar comprando, eu pedia e minha mãe falava: “Tuca não dá”. Minha mãe parou de trabalhar fora e trabalhou em casa de família e parou de trabalhar porque tinha que cuidar dos filhos, principalmente por conta da minha irmã. Então, minha mãe lavava e passava roupa para fora e as vezes eu pedia pra ela: “Ah mãe queria comprar roupinha para boneca”. E ela: “Tuca não tenho, não dá”. Eu mesmo que desenhava e fazia e era isso.*

*Essa história de brincar de escolinha e eu sempre gostei e acho que isso ficou muito forte em mim e as professoras, meus professores de Artes, sempre me encantei muito por eles, os admirava bastante. Eu lembro deles, na quinta série foi o professor Clovis que era um homem extremamente bravo e ia muito elegante, muito sério...calça de alfaiataria, sempre de camisa, cabelo muito penteado para trás, tinha uma voz muito marcante e muito forte, tinha uma postura muito firme, era muito exigente. Nós tínhamos um livro de Arte e ele era um homem muito exigente.*

*No sexto, sétimo, eu tive uma professora, Maria Lúcia ela tinha um estilo HippeChique, muito doce, eu gostava muito. No oitavo eu saí dessa escola e fui para uma outra e tive uma professora se não me engano ela se chamava Marilda, era uma boneca. Ela tinha um rosto, uma pele branquinha e parecia uma boneca de porcelana, aquele cabelo preto semi longo, ela era doce, mas ao mesmo tempo ela te exigia e eu achava isso muito interessante. Engraçado, no primeiro colegial eu não me lembro quem era a professora. Eu acho que era um homem, mas eu não tenho certeza...não tenho toda certeza do nome...eu acho que era José. Ele era doce também, era mais brando, então, ele não foi uma pessoa que me marcou tanto assim como professor lecionando. Depois eu voltei para essa escola que eu fiz Ensino Fundamental 2 e fiz o Magistério, fui da primeira turma do magistério.*

*Fui fazer magistério, o meu pai sempre falava assim: “Acho que é legal vocês fazerem magistério”. Fui fazer magistério... é... gostava muito de fazer. Eu lembro que a sensação que eu tinha é que eu era a mais nova da turma, tinham pessoas mais velhas, eu era a mais nova... assim... tinha gente da minha idade, mas tinham meninas que eram mais velhas, enquanto elas pensavam muito em namoradinhos então sei o que eu sempre fui aquela pato feio, aquela mais nerd. Eu era desse jeito e fiz o magistério e tive uma história com o estágio, eu lembro até hoje que eu fui recusada por uma professora da própria escola, ela tinha um humor meio ácido, não era uma pessoa muito gentil, era uma mulher tão bonita, uns olhos azuis lindos e um cabelo levemente grisalho, mas ela não era bonita por dentro, eu acho. Ela tinha as suas coisas, a beleza dela não transcendia tanto assim, a de fora não*

ia tanto para dentro. Ela não quis estagiária, ela tinha aversão a estagiária, pra gente foi... porque eu estava com a minha professora de estágio e ela nos recusou, aquilo foi meio duro. Então, toda vez quando me pedem, me remete exatamente naquele momento. Eu tive estagiárias aqui que foram umas fofas, como você. Eu tinha uma menina que fazia Arte e ela veio fazer estágio, uma fofa, uma gracinha a menina, muito fofa.

Na minha época o meu magistério a gente saía com Educação Infantil. Fiz no Deputado Jamil Gadia, numa escola estadual e foi muito interessante. Tive uma professora de Arte que já está em outro plano, era muito doce. Era uma mulher, Dona Lina, ia numa elegância, ela combinava as coisas. Eu achava tudo aquilo muito bonito, ela era muito criativa, mas deixava muito solto, tinha uma coisa amorosa, uma pessoa extremamente amorosa.

Eu falava: "Vou fazer Odontologia. Não dá pra mim". Eu já trabalhava na época, eu fui trabalhar com quinze anos de idade, eu trabalhei em empresas e eu trabalhei numa escola que era escolinha bem simples. Mas, depois que eu fui para carteira registrada, eu pensei assim: "“Odonto” não dá pra mim, eu não tenho condição financeira para bancar odontologia, fazer uma faculdade durante o dia, sem chance. Mas, eu gosto de Arte, de lecionar e é pra aí que eu vou". Gostava de Artes e de matemática, mas a Arte me pegava, sempre gostei de tudo que envolvia Arte. No magistério eu lembro que eu tive uma professora, acho que era Didática a disciplina, ela veio até ser minha diretora. Uma vez a gente fez uma apresentação de um trabalho e lembro da frase dela. Me lembrei recentemente por conta de toda essa transição, esse momento que eu estou passando de fechamento. A gente tinha um trabalho em grupo, nós montamos um texto meio poético e eu declamei o texto. Eu declamei o texto, como eu gostava da Arte, eu já coloquei música de fundo, tinha uma luz e eu fui declamar. Eu falei chorando porque eu era a personagem, eu era o "louco" que estava vivenciando aquilo. Eu chorei e fiz todo mundo chorar, eu precisava chorar porque era da personagem. No decorrer do meu estudo eu participei de peças teatrais, apesar que eu sou uma pessoa muito bastidor, eu gosto. Eu amo dança, nunca fiz dança, quando criança nunca fui em bale, mas sempre amei dança. Fui fazer faculdade na PUC, era Educação Artística com licenciatura plena em Artes Plásticas. Porque quando a gente fazia Educação Artística, depois você decidia ou fazia Artes Plásticas ou fazia Desenho Industrial. Desenho técnico, eu falava: "não é pra mim, meu negócio é outra "vibe"". Fui fazer Artes Plásticas, fazia a noite e trabalhava o dia inteiro. Não foi simples porque saía direto do trabalho.

Eu lembro de algumas coisas, por exemplo, não dava tempo de jantar, de comer, então eu levava lanche. Se eu sentasse no ônibus, eu comia e se eu não sentasse tinha que comer na Faculdade, mas eu tinha um professor que não gostava que comesse, que bagunçasse a aula dele, que tirasse a atenção dos alunos. Eu entendo isso, uma vez eu perguntei pra ele: "professor, eu passo por essa situação o senhor deixa eu comer?" E ele: "Se você comer discretamente sem atrapalhar minha aula não tem o menor problema". Sempre fui "caxias", sentei na frente e aquela história, a sala onde a gente tinha aula com era como se fosse uma prancheta grande, era uma mesa que virava prancheta, sentava-se mais que uma pessoa. "O que você trouxe Tuca?" E eu, tipo assim, vou tomar bronca do professor.

Eu gostei muito do curso, tinha aula aos sábados...foi cansativo? Claro que foicansativo, trabalhar o dia inteiro e fazia faculdade a noite, trabalho de madrugada e para ficar acordada tomei muito suco de laranja com pó de guaraná, porque só final de semana não dava para fazer trabalho. A gente tinha aula de sábado, só de domingo não dava porque acumulava as coisas. Minha mãe, uma linda, sempre ficou

comigo. Isso me emociona, é linda, ela ficava comigo fazendo o trabalho e uma observação, meu pai odiava meu curso, ele achava o curso mais... “Artes não, fazer Artes?” Meus irmãos fizeram Direito. “O que você vai fazer com esse curso?” Ele não gostava, mas eu entendo meu pai é que meu pai queria que eu fizesse Medicina, ele achava que eu ia entrar numa escola pública, entrar numa faculdade de medicina pública. Ele achava que eu tinha condição, não tinha capacidade, porque como eu tinha uma irmã doente ele achava que seria muito interessante ter uma pessoa...eu ser médica.

Eu amava meu curso, amava de verdade, eu gostava e eu sempre fui uma aluna muito aplicada. Eu não sou gênio, eu não sou inteligente, nada disso, mas eu sou aplicada. Eu era estudiosa, me dedicava mesmo e tenho um histórico muito interessante. Sou muito grata a uma pessoa que também já não está mais nesse plano. Eu tive uma disciplina chamada LITRG que foi meu, era desenho, desenho geométrico puro, nem me lembro qual é a sigla exatamente e o negócio pegou. Então, imagina você ter aula de uma coisa que você não entende, você não pergunta porque você não entende. Eu não sou uma aluna que vou para DP, eu nunca fiquei de recuperação. Eu lembro até hoje que tive uma prova de Geografia no Ensino Fundamental 2 que eu tirei nota baixa e minha mãe virou e falou assim pra mim: “olha aqui o negócio é o seguinte, você só faz isso na vida, você só estuda, você tem algumas obrigações em casa que é normal, mas você, sua obrigação é estudar. Então, isso aqui foi falta de estudo, você estude”. Estudei que nem louca e claro tirei A na prova e repus. Eu nunca fiquei de recuperação porque imagina meu pai, ele não cobrava muito essas coisas, ele não se ligava, a minha mãe sim, minha mãe falava assim: “eu não vou em reunião de pais para passar vergonha, estamos entendidas?” E ela nunca passou vergonha.

Na faculdade eu falei: “Não vou ficar de DP”, porque eu pago a minha faculdade, eu trabalhava para pagar minha faculdade, porque meu pai falava assim: “eu tenho três filhos e eu não posso pagar para um e não pagar para outros”. Cada um pagou sua faculdade e eu falava assim: “não vou poder ficar de DP porque primeiro eu vou ter que pagar isso e o horário com o trabalho, não tem a menor possibilidade, isso não vai acontecer”. Eu fui conversar com uma menina do ano seguinte, fiquei sabendo que ela era uma boa aluna nesta disciplina, cheguei nela e falei: “olha eu estou tendo esse tipo de problema e eu queria, eu preciso da sua ajuda, é possível?” Ela falou: “É”. Era uma fofa, “CDF”. Ela falava assim: “você pode ir de domingo na minha casa?” Eu e mais uma amiga começamos a ir domingo na casa dela...domingo eu ia na casa dela num horário para poder aprender. Comecei a entender e quando a professora falava eu tinha dúvida, comecei a levantar a mão. Até que um dia ela chegou pra mim e, professora Ângela, me lembro disso até hoje, falou assim: “Agora você pergunta, antes você não perguntava”. Porque antes eu não entendia absolutamente nada da sua disciplina, fiquei desesperada e eu corri atrás e fui procurar, não lembro o nome da moça, olha que coisa. Eu lembro um pouco da fisionomia dela, era uma moça com a pele branquinha e sardas e cabelos cacheados como o seu, mas era baixa. Essa moça foi maravilhosa. Comecei a entender e deu certo, tanto é que eu fiz a prova e tirei uma nota muito boa. Comprei um ramallete lindo de flores, eu e minha amiga e demos pra moça. Eu falava: “a minha nota eu devo à você, porque você foi muito importante pra mim e depois disso deu certo”.

Tinha uma outra disciplina que era com uma professora chamada Zelinda, maravilhosa, ela ia com cada echarpe. O visual sempre me chamou atenção, porque isso remete um pouco a Arte, ao belo. Aquela echarpe. Ela dava aula no auditório, ficava lá soberana no palco e a gente ali. Eu tinha uma dificuldade naquela disciplina.

*Estudei também, estudei e tirei nota. Nas outras eu conseguia ir melhor. Em pintura cerâmica um pouco frustrada, faço um negócio e depois, quando volta da queima, não era isso que eu tinha pensado, a pintura não ficou tão boa.*

*Eu sempre gostei - reparei ao longo da minha vida - de professoras que me exigiram, porque eles me fizeram crescer, me fizeram buscar. Porque se me deixar muito na zona de conforto, eu acho que você fica muito ...eu devo isso à eles, porque eles foram meu espelho. Eu sou uma professora exigente por conta disso, você estimula a pensar, senão a pessoa entra numa zona de conforto muito grande.*

*Eu lembro que eu tinha um professor na faculdade que a gente tinha que fazer uma tela e eu fiz uma pintura, a gente fazia primeiro o rascunho com aquele croqui para depois passar para tela, eu fiz e ele: “Mas, por que você vai fazer isso?” Porque aquilo era o que estava na minha memória, eu tinha uma memória fotográfica de um filme que eu tinha assistido...um negócio que eu tinha visto e eu criei. [Ele] “Mas, isso aqui não tem nada a ver”. Na hora eu fiquei muito incomodada com a fala dele, masele me fez pensar. Eu usei o que eu queria, mas eu criei em cima e aí ele fez ok, deucerto. Então, eu gosto disso, depois eu comecei a lecionar.*

*Meu primeiro trabalho na prefeitura como professora substituta foi numa escola muito longe. Foi um desafio pra mim, porque eu peguei uma escola de primeira a oitava série. Na época era primeira a oitava série, imagina você dar aula para todo mundo, uma recém formada. Peguei uma escola para dar aulas para todas as turmas, uma recém formada e eu falava assim: “Senhor o que eu vou trabalhar com essa molecada?”. Porque você não é preparada quando você se forma, você não é preparada para o que você vai dar e eu fui atrás, busquei e trabalhei. Outro grande desafio, eu fui dar aula de magistério na escola que eu me formei, foi lindo e eu tinha turmas muito interessantes, tive uma sala de mulheres muito mais velhas do que eu, senhoras, meia idade... Eu lembro uma vez que elas pegaram no meu pé...eu comecei a ter cabelo branco muito cedo - isso aqui é tonalizante puro e pleno - minha cabeça é branca, eu não passava nada no cabelo e aos meus vinte e pouquinho eu já tinha um monte de cabelos brancos. Eu tomei um esculacho porque elas viraram e falaram assim pra mim: “Você precisa ser mais vaidosa, você precisa se cuidar, olha esse cabelo”. Uau! Me pegou e depois disso eu comecei na Rená e passei Rená... Como era interessante o visual... O aluno tem um olhar para o visual do professor. Eu dei aula numa escola, no Anália Ferraz, que as alunas falavam pra mim, teve uma época que eles chegaram a comentar, eles falavam assim: “ela combina o sapato com a cor de blusa”. Gente, como eles reparam na gente.*

*Depois eu fui para Educação Infantil, dei aula muito tempo em Educação Infantil, nessa substituição eu peguei Artes, depois eu fui para Educação Infantil. Acho que foram sete anos na Educação Infantil, eu era tia Tuca, eles eram pequenos. Acabei dando aula mais para criança com seis anos, porque eles entravam com sete no primeiro ano. Então, era sempre “pré” que eu gostava. Eu gostava de estimular para aprender a escrever. Eu sempre estimulei muito meu aluno, na minha cabeça tá? Fiz muita bobagem, tenho certeza que eu fiz muita bobagem, devo ter queimado etapas, mas tudo tentando acertar. Entre esses sete anos eu prestei o concurso e não fui chamada e depois prestei outro concurso e fui melhor classificada do concurso anterior melhor classificada. Prestei para Arte porque na verdade eu já dava Arte no Estado, eu era professora do Estado, então eu já dava aula e peguei colégio, peguei o magistério, peguei tudo.*

*Foi maravilhoso, me ensinou muitas coisas...eu tive decepções no magistério, eu tive uma turma que eles me criticaram muito... porque elas achavam que não estava bom. Só que o que eu não gostei, claro que você fica chateada com*

a crítica, óbvio, mas o que me pegou foi o fato delas não falarem para mim, elas foram falar com o coordenador. Tive muitas alegrias, entregar diploma para as meninas, isso foi uma realização. Quer dizer onde eu estudei e depois eu entregar, eu achei aquilo muito bacana.

Eu fiz esse outro concurso e deu tudo certo, consegui entrar, prestei tanto para Educação Infantil quanto para Arte e, no fim, eu acabei entrando em Arte e é aqui que é o meu lugar.

Tenho histórias incríveis, tive alunos que “Nossa Senhora!”, eu sempre peguei crianças, dei aula para criança desde quando comecei a dar aula, porque tem gente, professor de Arte, que já não gosta de Ensino Fundamental 1, só quer se for Ensino Fundamental 2, não sabe lidar com criança, só com adolescentes. Eu pegava sempre duas turmas e pra mim estava tudo bem e ainda dava aula para colégio, porque chegou uma hora que eu deixei o Estado porque eu fazia pintura. Nesse meio tempo eu pintava e fazia feira, eu fiz dezesseis anos [de] feira livre, feira de artesanato. Eu trabalhei no domingo dezesseis anos, eu lecionava todos os dias, a semana inteira e domingo eu ia trabalhar na feira, só tinha o sábado. Depois quando eu aumentei a minha carga de trabalho deixei a feira e fiquei só com a escola. Sempre tive que compartilhar cargo porque a sede nunca comportava a minha carga. Então, eu tinha sempre que ir para outra escola, conheço muitas escolas porque eu tinha a minha sede que era um número maior de aulas e ainda completava em outras. É um trabalho bom porque você conhece muita gente, muita história, mas ao mesmo tempo é super cansativo. Tem coisa que você não sabe porque tem momentos que você não participa da reunião, você participa só de uma, então você fica alheia a algumas coisas, parece que você cai de paraquedas, não gosto muito disso. Quando surgiu avaga aqui que ia começar a escola integral nessa escola...

Uma amiga minha falou: “Rosinha” - é a única pessoa que me chama de Rosinha e a única que eu gosto de ouvir o Rosinha - ela é professora de Ciências e a prefeitura abriu Ciências e Matemática especialista para virem dar aula para educação de Ensino Fundamental 1. Ela falou assim: “vamos?” Porque daí só vai ficar numa escola, a gente não precisa ficar pipocando. E ela falou: “eu conheço a diretora”. Nós viemos aqui e eu pedi remoção, porque é muito interessante, eu me efetivei...minha sede foi [a escola] Júlio de Mesquita e quando eu fui sair foi difícil. Porque eu gostava muito da escola, quando eu me efetivei eu fui para o Odila porque eu estava ao lado, mas Odila não era minha sede. Depois de tudo eu fui pegar minha sede, fui chamada no concurso e depois que escolhi a sede “Júlio” e adorei. Adorava, a equipe muito boa, aprendi muito, a minha OP (orientadora pedagógica) era exigente, mas te ensinava. No sentido, eu exijo, mas eu reconheço seu trabalho e isso é muito importante, você ter uma pessoa que reconhece seu trabalho e ela era muito aberta para você falar suas aflições. Ela era muito estudiosa, era muito bom, quando eu fui ela falou: “quando for pedir remoção você me diz”. Um dia eu cheguei para ela e falei: “olha, apareceu uma vaga no Anália Ferraz e eu vou ficar só naquela escola”. Ela falou: “não estou acreditando que eu vou te perder Tuca”.

Lá no Júlio eu peguei a fase das crianças surdas, eu dei aula para criança surda que foi uma coisa muito forte pra mim. Eu não falo Libras e a gente começou a ter aula de Libras, imagina você dar aula, as vezes, eu ficava sozinha. Os meninos não ficavam comigo, porque as professoras da sala falavam em libras, mas as vezes eu ficava só e ficava preocupada: “será que essas crianças me entendem? Será que essas crianças vão me entender, que estão me entendendo? Mas, eu sou muito caricata, sou muito do gestual e eu acho que isso me ajudou. Eu falava pra ela: “pelo

amor de Deus Vanessa - lembro até o nome dela, Vanessa - precisa saber se essas crianças estão me entendendo". Eu falava: "olha, eu falei isso, pergunta para elas [se entenderam]. E ela falava: "Tuca, eles falaram que te entenderam". Eu tinha uma aluna que lia lábio, então ela me ajudava muito. Eu fiz uma coisa inovadora que sinto hoje que foi uma pena eu não ter feito o registro ou até um artigo sobre isso. Eu dei aula de movimento corporal para crianças surdas e usava música e para que eles conseguissem - porque eu precisava da música pra mim - mostrava que tinha música, quando era para mudar alguma coisa eu inventei uma engenhoca de luz. Cada vez que eu piscava a luz eu explicava que eles tinham que mudar, para eles era o visual que ajudava e também a vibração da música. Eu usei a luz e foi um trabalho muito bacana, eles gostavam, mas eu fiz e nunca fui de ficar registrando, mostrar o meu trabalho. Eu sempre achava que meu trabalho era menos e que tem gente muito melhor e falavam: "Tuca, você faz umas coisas inovadoras e você não mostra".

Bom, quando eu fui sair de lá foi muito interessante porque saiu a remoção para o Anália e não saiu que eu tinha conseguido. Quando foi no último dia de aula, último dia do ano letivo, uma amiga minha liga pra mim bem cedo e fala: "Tuca, você viu que saiu uma nova remoção? Houve erro e você agora se removeu". No último dia, aquilo foi um baque pra mim. Eu estava me preparando emocionalmente para sair daquela escola, e falei: "gente saiu [minha remoção] e eu vou sair daqui". Foi um "chororô", diretora, OP, todos os meus colegas. Para mim foi uma coisa muito triste, saí de lá e fui para o Anália, visitar e saber como era a escola que eu estava indo. Cheguei lá e a diretora começou a conversar comigo e eu comecei a chorar compulsivamente e falava assim: "você me perdoa, olha que vergonha, mas é que foi tudo tão inesperado, eu me preparei e depois me despreparei e agora estou me preparando de novo. Então, você me desculpa". Fui tão bem recebida, escola ótima, uma graça, foi muito bom ter trabalhado lá. Porque no Júlio eu peguei mais os pequenos e não dava aula para os maiores, eram bastantes salas. Então, eu fiquei com os pequenos e a Eliza, que dava para turma da tarde, com os maiores. No Anália, no ensino fundamental, eu dava aula para escola inteira. Era uma escola menor, o Júlio é grande e a Anália é uma escola menor e dando aula para todo mundo e uma equipe muito gostosa. Sempre me dei muito bem com as pessoas, uma equipe ótima, nós somos amigas até hoje.

Foi aí que a Carioca depois falou pra mim - a carioca também estava nessa [escola], professora de Ciências - "vamos sair?". Foi outra separação difícil... Chorei... Era uma carga onde eu ia ficar só numa escola, porque o Anália começou a fechar sala. Eu queria aumentar minha carga de trabalho porque eu já tinha deixado o Estado para poder me aposentar, pensando numa carga melhor e pensando em ficar numa escola só. [Professora]: "vamos que é uma escola de período integral". Nunca tinha dado aula numa escola de período integral, pedi a remoção para cá, vim para cá. Eu fiquei cinco anos e esse ano seria o meu sexto. Então, foi 2014, vim com a cara e com a coragem. E com a Carioca junto, animadíssima porque nunca tinha dado aula para criança.

A Educação Integral foi muito interessante, nós chegamos para conhecer a escola e fomos ver o laboratório, que era de Ciências e, que hoje é a Sala de Arte. Foi de Ciências, a Carioca montou as coisas, uma turma muito boa, professora de Ciências e tinha professora de Matemática. Então, as meninas não davam nem Ciências, nem Matemática, eram as especialistas, Ciências, Matemática, Artes, Inglês e Educação Física. Tudo muito novo e reuniões e foi muito legal. Eu acho que é muito importante você ser bem recebido quando vai para um lugar trabalhar, isso faz uma diferença absurda. Eu falo que tem duas coisas que são muito importantes

para gente, ser bem recebido e sair de porta aberta, isso é muito importante. Graças a Deus em todos os lugares, pelo menos eu acho, que eu sai com portas abertas. Eu não dava aula no laboratório, dava aula na sala e sempre a gente tinha uma parceria, com a Helena e a Glaucia eu já tinha trabalhado em outra escola. Então, cheguei e tinha quem eu já conhecia, quando chegou o final do ano a prefeitura tirou Ciências e tirou Matemática... A Carioca estava prestes a se aposentar, estava na derradeira, ela foi uma fofa, ela tem uma alegria, ela é uma pessoa ótima, aquilo foi muito duro para gente. A Adriana que era professora de Matemática também foi e veio a Literatura, uma opção da escola depois que foi retiradas as especialistas de Matemática e Ciências. Então, acrescentaram na grade Literatura. Então, ficou Literatura, Arte, Educação Física e Inglês e a gente continuou o ano seguinte fazendo o trabalho.

Eu acho que precisava ter um olhar diferente de verdade, eu acho que o espaço é muito importante, tinha que ter mais espaço físico, porque a criança fica muito tempo na escola. É interessante que ele tenha um espaço físico para ter essa troca e até pra gente poder trabalhar, por exemplo, se aqui, esse espaço aqui, fizesse um puxado e colocar só coisas para jogos, você tem um lugar só para isso. Você tem o pátio para fazer aula de movimento, para fazer aula de Educação Física. É muito importante para escola de período integral o espaço para gente ter essa troca, porque a criança precisa disso, é muito tempo e ao mesmo tempo é uma correria. Eu amei uma escola onde eu dou cinco aulas, a Artes é muito ingrato você dá de duas a três aulas só.

Muitos alunos, muitos diários de classe, eu sou aquela que não tem competência pra ficar olhando muito caderno na sala de aula, porque eu fico andando olhando cadernos, mas depois, no final, vistar? Eu gosto depois, tenho uma dificuldade com isso, eu olho, levo para minha casa, levei muito caderno para casa ou eu fico a mais na escola, sempre fiz isso, pego sacola e levo tudo.

Educação Integral não foi um choque tão grande, porque eu dava aula de manhã e a tarde, a única coisa que tem de diferente é a questão [do] projeto. Eu já fazia, a gente tem que ter parceria, a gente tem que ter a mesma linguagem para a criança. Eu gosto de organização, preciso ter sequência no meu trabalho, meu aluno precisa saber quais sequências do nosso trabalho, quando entro numa sala de aula é data e assunto. Aqui a gente trabalha por projetos, tenho as minhas diretrizes curriculares que eu tenho que fazer, mas dentro das minhas diretrizes eu posso encaixar, dentro do projeto e dentro das coisas das meninas. Não tenho vergonha de dizer as minhas dificuldades, já teve projeto que eu falava: “olha, estou tendo muita dificuldade de encaixar meu conteúdo dentro desse nome, eu preciso de um nome amplo, preciso de um nome que abrace as coisas”. Eu não tenho vergonha de dizer isso, acho isso de uma demagogia absurda, em reunião, principalmente com secretário, dizer: “eu não tenho problema com essa sala”. Você tem que ser verdadeira, isso é ser humano, a gente não é perfeito, ninguém é top, ser profissional... eu já vi colegas maravilhosas, mas, às vezes, a pessoa precisa vender uma imagem que não é verdadeira. Eu já tive colega que eu falava assim: “olha, você precisa me dizer como você consegue, eu admiro imensamente porque você tem um domínio que eu não estou conseguindo ter sobre isso”. E ela falou: “eu sou grossa Tuca, mas você não é do jeito que eu sou”. Às vezes fui tão grossa, pisei na bola, se eu percebi que eu me alterei e eu podia ter sido menos, porque professor é ser humano e a gente erra sim e precisa se desculpar, isso é muito importante.

Acho é de pequeno que se torce o pepino, sempre achei que essa frase é correta e a criança precisa dessa organização, isso é importante para ela, ter essa

organização para esse crescimento, criança precisa de rotina, precisa da disciplina. É igual adolescente, ele vai te odiar, mas depois... Eu lembro que fui no Castro Mendes levar as crianças e encontrei alunos adolescentes lá: "Dona Tuca, professora, volta para nossa escola, você faz uma falta. Eu tenho saudades das suas broncas, porque você botava ordem e a gente conseguia aprender". Eu era chata, só que depois eles conseguiram perceber que essa chatice é porque senão a coisa ia desandar...eles falavam no colegial: "dez para Deus, 9 para ela e o resto é a gente" e eu falava: "gente, para. Você pode dar melhor e não dá, eu sei que você é capaz, vamos lá". Até hoje para as crianças eu falo, às vezes, eu falo assim: "olha, você poderia ter feito melhor aqui". Eles melhoram e eu falo: "está vendo como você é capaz, você pode, olha que lindo que você fez".

É muito simples na minha cabeça, não é porque eu dou uma aula de Arte que meu aluno não vai ser um ser pensante. Uma coisa que eu sempre tive comigo, as pessoas acham que só matemática, português que vai fazer você pensar. Aula de Arte é desenho livre, desenho livre para mim é em último, é muito difícil eu dar desenho livre. Como Educação Física, eu vou dar bola na quadra e ok? Eu sempre mostrei para os meus alunos o seguinte, você vai pensar, raciocinar, você pensa em Arte, para fazer tem que pensar, você vai expressar os seus sentimentos, porém você vai pensar. Aquilo [desenho] não saiu do nada, ele pensou, ele raciocinou, aquilo exige. Não é porque eu dou aula de Arte que a minha disciplina é menos, eu sempre tive isso e não é por conta disso que eu não vou fazer meu aluno pensar.

Educação Integral é melhor... cinco aulas é muito bom, por turma, claro que essas aulas entram às vezes em horário do café, da escovação, o descanso, porque a criança acabou de almoçar eu já vou dar lição, não, não vou fazer isso com a criança, jamais, então às vezes é cinco aulas? Não, mas é um número maior, o programa é extenso? É, porque aí você tem a parte plástica, são várias linguagens, parte artística, parte corporal, envolvendo o teatro e a dança, a parte musical que eles já cobravam antes, só que a gente não consegue... você fica muito na parte plástica, porque é da nossa formação. Eu não sou formada em dança, por exemplo, na Faculdade de Artes eu acho uma pena não ter tido dança, a gente teve dança folclórica, mas não a dança na parte de coreografia que eu acho que deveria ter tido, quem tem é Educação Física e não Arte.

Eu sempre fiz dança, sempre fiz as danças na minha escola, nas outras escolas eu tinha uma parceria, às vezes as meninas: "Tuca, você monta tal coisa e eu vou fazer...". Montar quadrilha eu sempre gostei, porque eu gosto da dança, cheguei a fazer um curso de Dança e Educação na prefeitura e eu amava, era com professoras bailarinas formadas na Unicamp, foi um curso excelente.

Na Educação Integral você tem que preparar muita coisa, parece que não, mas eu preparava muita coisa das minhas aulas, porque você tinha que trabalhar um pouco da coisa da música e eu não sou musicista e Graças a Deus chegou um livro que o pessoal "meteu o pau", quem é musicista ou quem tem intimidade com a música achou ruim, pra mim foi bom porque é uma introdução e me trazia ideias. Eu sou assim, tal coisa aqui ou ali me trazia ideias e eu conseguia, as crianças curtiam muito. Eu trabalhei com isso e com a linguagem plástica, você tem muita coisa e você pensa para cada sala essas linguagens para preparar e é bastante coisa, sabe o que acontece? Você leva muito serviço para casa, parece que não, você fala: "você tem horário, mas assim não dá. Pesquisar, você fica muito tempo no computador, é muito serviço".

Pensando em Educação Integral, eu acho assim, em qualquer escola, não só de Educação Integral, a gente tem que vestir a camisa, tem que ter uma equipe

unificada. Acho que essa escola tem, se cada um fizer a sua parte é claro que tem. Às vezes, um escorrega daqui e escorrega de lá, já passou muita gente, mas se todo mundo fizesse a sua parte não ficava tão acumulado para tanta gente, qualquer trabalho é assim. [Na escola] Pode melhorar o espaço físico, a quadra sem estar coberta é um absurdo, isso pra mim não existe, uma quadra que não é coberta numa escola de período integral. A professora de Educação Física é super merecedora e é a sala de aula dela. Claro que ela ocupa outros espaços também, mas é super importante, então...desumano. A alimentação tem que ser legal, porque a criança fica um período muito grande. A gente teve essas trocas, mas eu acho que as meninas são abertas, as meninas são novas no trabalho. A gente teve o André que era muito experiente de cozinha. A questão de limpeza você tem que ter porque é uma escola que você fica um tempo e as pessoas tem que se movimentar, tem que se organizar porque é importante, você tem que dar exemplo. Uma coisa que me envergonha é chegar aqui das férias de Janeiro e a escola está sem capinar, mato alto. Eu fico com vergonha alheia, eu falo: “gente como é que você recebe aluno desse jeito, você sabe que o ano letivo vai começar, o que é isso? Isso é uma falta de respeito com a criança que está vindo estudar, isso é extremamente importante”. O que eu acho fantástico nessa escola e fico muito feliz porque eu fiz parte disso é a horta, eles comendo o que eles plantaram...Alface uma delícia, muito joia mesmo. O laboratório tinha que funcionar melhor, você tem um laboratório de informática, mas que todos os computadores funcionassem e que a internet fosse ok. Algumas coisas ficam difíceis, por exemplo, a gente agora é que ficou com o carrinho com a TV, mas antes não tinha. Antes tinha só na biblioteca, mas lá não é sala de multimídia e sim biblioteca. Eu falo espaço é muito importante porque fica mais rico, fica muito mais rica a aula.

Quando a coisa caminha não sendo depósito de criança... escola de período integral é muito boa, mas é o que eu falo, uma escola de período integral tem que ter um olhar diferente. Na minha cabeça tem que ter um professor que fique a disposiçãoda escola, sem sala de aula, quando alguém estiver abonando ou precisar faltar por alguma questão emergencial, ele está lá para cumprir, quando não tem falta, ele ajuda, entra para ajudar alguma sala, fazendo parceria com alguma criança que tem um pouco mais de dificuldade. Mas, não me cabe isso, eu falo: “gente é inviável, porque isso sobrecarrega a gente, quantas aulas que eu dei e as pessoas não entendem, mas a gente adoce, é muito serviço”. Não é só um olhar familiar, é um olhar administrativo, instâncias superiores. É preciso dar um suporte, dar qualidade e condições de trabalho, por exemplo, a gente está numa escola menor e isso possibilita algumas coisas, todo mundo falando a mesma língua. Claro que se tivesse gente que não falasse a mesma língua já ia ser complicado mesmo sendo pequeno.

Tem gente que já saiu, mas entraram pessoas bacanas também, é legal quando vocêtem essa sequência de trabalho, porque você vai vendo o que deu certo e o que nãoodeu, vai moldando, um olhar avaliativo, a gente aprende e melhora.

Todo ano eu preparo aula em um caderno, mas tem coisas que eu uso e tem coisa que eu não uso, porque eu gosto de mudar também. Tem coisa que eu considero legal, mas se já usei duas vezes não faço, não gosto de ser muito repetitiva e acho que isso é importante, a gente tem esse olhar de avaliação. Acho que é uma forma de ter um olhar respeitoso com meu aluno, as pessoas fazem isso, não sei se você já reparou em muitos lugares, faz um discurso e fala de escola pública, mas, na hora que você vai ver, o filho dele está no colégio particular. Porque a criança está na escola pública ela merece menos? Discordo muito. Eu preparava minhas aulas, por isso que eu exijo, eles merecem muito da mesma forma que o outro que tem

condição de pagar uma escola particular. Se eu fosse professora de colégio particular... Eu vou te falar uma coisa, meu ex-marido dá aula em colégio particular e coisas que eu dava e ele dava, não interessa, é o conteúdo. Eu tenho que dar o meu melhor e não o meu pior, quando as crianças fizeram a despedida pra mim, eu falei isso para eles: “você sempre tem que pensar em dar o seu melhor e não o seu pior”. Não importa se eu estou numa escola pública, isso me incomoda, me deixa angustiada, não vou oferecer menos para o aluno. Tem que ser sempre: “ah, vamos aprovar...”, não gosto disso Ju, isso me incomoda, isso me dá uma inquietude, sempre tive problemas com isso, sempre truquei em conselho, conselho final para mim era um parto de fórceps, coisa que eu nunca tive, mas sei que é um negócio que falam que é muito complicado porque é doloroso. Eu falo: “gente, eu tenho vergonha de falar que esse aluno está aprovado”. [Eles]: “mas, Tuca o que vai...”. Eu entendo hoje com mais maturidade que tem criança que não ia fazer diferença e tem criança que você vê que faz diferença, mas o que não dá é pra jogar a toalha.

Minha última aula foi sexta-feira passada e eu acabei - falei que é a minha cara - fazendo hora extra, eu acabei minha carga na prefeitura fazendo hora extra. Eu dei a minha aula, era aula de Educação Física, dei minha aula de brincadeiras dirigidas e a gente fez brincadeiras e eu fui dirigindo... Tem que fazer? Vamos fazere perfeito, vou ter que tentar fazer bem feito pelo menos. Eu posso não ter sido, mas tentei dar o meu melhor. Tive muitas falhas, inúmeras falhas, mas tentando acertar... essa coisa de jogar a toalha, não. Numa escola de período integral então, o que a gente pode fazer, qualidade, nesse contexto, é muito importante.

Acho que rotina e horários fazem isso, minha aula, por exemplo, essa históriada data e do assunto, isso pra mim é cotidiano, essa organização para mim é muito importante. Porque os horários são muito “picados”, como se fosse ensino fundamental 2, entra um e sai outro, você tem que ter essa rotina. Eu gosto da organização, tem um horário para almoçar, vamos almoçar todo mundo junto. Eu acho super bonitinho eles pegarem, se servirem, o autosservimento é muito bacana, vamos estimular a pegar tal coisa. É cansativo para gente comer com eles, com esse barulho, você não tem aquele momento e você precisa desse momento do respirar. O barulho na cabeça, isso cansa muito, por isso, que chegou uma hora, que eu falei: “preciso passar minha régua, porque meio século”.

Vou dizer da escola, porque eu estou deixando a escola e a gente está falandodela, espero que a escola ande redondinha como ela andava. Amo o que eu faço e o que eu fiz até aqui. Pode ser que eu continue lecionando, mas em outras instâncias, porque eu amo o que eu faço, no [ensino] público não mais, penso no privado e pouca coisa. Sobre a escola continuar redonda, caminhando, ter essa harmonia e eu sei que cada profissional é de um jeito e isso é uma coisa que eu trabalho comigo, eu falo: “eu tentei deixar tudo certinho para professora que entrar, eu tenho meu jeito e ela vai ter o dela e isso é uma questão de respeito”. Sejam felizes, que seja um ótimo profissional, melhor do que eu fui, que eles aprendam muito para se tornarem bons adultos, com uma carreira brilhante, com sucesso, porque isso faz bem pra gente, porque é aquela plantinha que você, aquela sementinha que você plantou, que você regou e quer que ela floresça e que ela dê frutos.

Para minha vida vou tentar dar um tempo para organizar algumas coisas e depois ver quais as possibilidades que eu tenho, o que posso fazer, porque eu sei que dá pra fazer muita coisa, eu quero continuar trabalhando, tirar o pé do acelerador e ter um trabalho que me traga muito prazer como o de lecionar, mas menos, uma rotina bem tranquila.

*Se eu pudesse falar com aquela Tuca da infância, eu diria para ela que valeu muito a pena, valeu todo esforço, tudo que fiz, não me arrependo, não me arrependo de ter sido exigente comigo e ter feito as coisas, porque eu cresci, conheci pessoas lindas, trouxe pessoas lindas para minha vida e sou muito grata por tudo que eu tenho, sou uma pessoa abençoada por tudo que eu recebi ao longo do tempo que eu fiquei na prefeitura. Teve muitas coisas que não foram boas, mas isso passou e eu tenho as lembranças boas, carinho, afeto. Tive uma surpresa sexta-feira, desci as escadas e aquela mesa com um monte de gente que eu trabalhei aqui, as meninas do Anália, que delícia e eu falo que aquilo era verdadeiro, sair e deixar porta aberta, eu sai e deixei a porta aberta. Isso é muito bom, muito gostoso e eu fiz um texto agradecendo e depois eu vi muitas pessoas também escrevendo para mim.*

*Como é bom você ver que é uma pessoa querida, delicioso encontrar com ex-aluno. Uma vez eu estava caminhando e vi que o carro estava vindo, estava eu e uma amiga, o carro parou e eu pensei que iria pedir alguma informação, mas: “Professora Tuca, que bom te ver – adulto - lembro da senhora, que delícia professora, você continua a mesma”. Teceu elogios, olha que bonitinho, que graça. Então, você agrada todo mundo? Claro que não, deve ter gente que me odeia, mas também tem gente que gosta e isso é muito legal, essa história que a gente deixa, esse marco que você deixa na vida de alguém, isso é gratificante, isso não tem preço, esse marco é muito forte. Uma vez eu entrei no prédio e o porteiro me reconheceu, pai de uma ex-aluna minha que já está casada e com filho, pois você acredita que eu voltei no prédio e ele trouxe a foto da formatura do “pré”. É uma coisa que não tem preço, isso você leva para vida, é história, é a sua história de vida e uma história bonita, desculpa tanta coisa assim...*

*Sou super grata a uma pessoa, minha mãe, eu a abracei hoje e falei: “mãe, a senhora faz parte da minha história de trabalho”. Porque minha mãe sempre foi muito parceira tanto no estudo quanto quando eu era solteira e morava com os meus pais. Ela me ajudava a recortar, fazer alguma coisa que eu precisava, minha mãe é fantástica, falei: “mãe, a senhora faz parte da minha aposentaria” e fiz um “enfeitinho” pra ela, porque ela acha bonito, ela sempre curtiu.*

*Preciso pegar um lenço...*

*Acho que a gente tem que ser grato, aprendi ao longo da vida a valorizar as pessoas que foram bacanas comigo e que fazem parte, porque a gente não faz nada sozinho. Dentro da sala de aula você é professora e tal, mas se não tem uma equipe bacana, a ação do seu trabalho também vai por água abaixo. É diferente quando você tem uma equipe e quando você não tem, a gente encontra profissionais maravilhosos no meio caminho, mas encontra profissionais que a gente fala assim: “poxa, ele é bom, mas ele não dá tudo”. Por exemplo, essa coisa de escola particular, eu já trabalhei com profissional que tinha um potencial fantástico, mas ali ele não oferecia tanto, estava cansado.*

*[Juliana] Queria te agradecer porque você é uma fofa, muito doce e você tem um olhar muito doce para o trabalho da gente. A gente fica muito preocupada em estar sendo avaliada, mas você nunca teve um olhar de reprovação. Você é uma pessoa de fora e um dia falou para mim: “você é inteira no que faz”. Eu sou e achei tão bonito uma pessoa de fora ter esse olhar.*

## TEXTUALIZAÇÃO PROFESSORA “L”

*Eu tenho pouquíssimas memórias de quando eu era mais nova, o que eu mais lembro são coisas assim, de fotos que eu vejo, mas a gente sempre morou aqui em Valinhos. Eu tenho uma irmã, uma família de quatro, minha mãe é do Rio de Janeiro e meu pai do interior de São Paulo, então todas as nossas férias eram ou no Rio ou no interior, muito gostoso porque a gente teve essas duas realidades, cidade grande de praia e cidade pequenininha do interior, sítio, igreja central e todas as ruas davam na igreja, foi muito bacana.*

*Eu estudei numa escola, a gente sempre estudou desde bebezinha, meus pais sempre trabalhavam e a gente não tinha com quem ficar, a gente entrou na escola pequena, eu e minha irmã mais velha, um ano e três meses mais velha. A gente frequentou a mesma escola desde a Educação Infantil, a gente entrou com cinco anos, na Educação Infantil que era Pré e fui até o final do magistério, porque eu fiz magistério na mesma escola que eu estudei. É uma escola muito boa, é uma escola bilíngue, a gente teve uma educação muito boa, uma educação preocupada com a formação, mas também com toda essa questão cultural de conhecer outras possibilidades, outras realidades e outras culturas, foi uma educação muito boa. Minha mãe sempre, meus pais, prezaram sempre muito pelo estudo, cobravam a gente, era uma obrigação nossa ir bem na escola, aproveitar as oportunidades que eles estavam dando, que não era fácil, eles se empenhavam bastante em dar oportunidades para gente.*

*Foi uma infância muito boa, tinha amigos, a gente sempre fez algum esporte, num tempo a gente participava de uma igreja, nem lembro qual que era, era em Souza, mas teve uma época que a gente foi em acampamentos, a gente fazia ginástica artística na escola mesmo, sempre juntas e a gente depois entrou para o kung fu, eu tinha 13 e minha irmã tinha 14. A gente combinava a escola com o kung fu, na academia a gente ficava bastante, tinha um grupo de amigos que sempre saía, ia muito para campeonato, a gente competiu e fazia muita apresentação e depois entrei no magistério. A escola que eu estudava tinha um programa de Comércio Exterior e de Magistério no Ensino Médio, então ao invés de fazer o Ensino Médio a gente fazia a primeira turma do magistério no Porto Seguro, a gente teve uma outra visão porque a gente se envolveu com atividades fora da escola em escolas mais carentes, em hospitais, acho que a gente teve uma formação bem interessante. A gente fez teatro, sempre se envolveu em atividades, eu não sei se partia deles [pais] ou se partia da gente e eles super apoiavam.*

*Eu queria alguma coisa diferente, que eu sáísse do Ensino Médio e já pudesse trabalhar, que me desse uma visão de mundo diferente do que só o Ensino Médio com matérias convencionais e com coisa que depois você saía e fazia vestibular. Eu já queria aprender alguma coisa diferente, gosto dessas coisas mais diferentes de pensar em evoluir de uma forma diferente, não só um curso normal, convencional e o magistério tinha coisas muito interessantes. Eu acho que nem pensava em ser professora, eu não lembro de falar: eu quero ser professora então vou fazer magistério. Minha vó fez Normal na época dela, minha avó é professora e conversando com ela, conversando com os meus pais também na busca de algo novo, de alguma coisa mais interessante. O currículo me agradou, achei mais interessante do que só o Ensino Médio convencional pela experiência e pelo conhecimento, foram quatro anos, a gente teve várias oportunidades lá na escola, mesmo assim eu não sabia muito o que eu queria fazer. Eu cheguei fazer com uma*

amiga o teste vocacional e não me lembro do resultado, lembro que gostava muito dos filmes do Indiana Jones e queria ser uma arqueóloga ou professora de História, pensava em ser que nem ele. Mas fiz o magistério e vestibular quando terminei... No quarto ano do magistério fiz o vestibular para Turismo em Curitiba, a gente foi até Curitiba para eu fazer a prova e também prestei para Educação Física, porque realmente eu não sabia. Gostava muito de viajar, mas logo quando eu fiz a prova do turismo eu já sabia que não era aquilo que queria. Não sei se eu posso te falar que tinha que fazer Educação Física e era isso que eu queria, não tenho essa memória, mas era o que mais me atraía, tanto que eu só prestei para essas duas coisas. O turismo, logo que eu fiz a prova lá em Curitiba, falei: “ah, eu sei que não é”. Valeu o passeio, foi super legal porque foi próximo do Natal, estava linda a cidade e fui com a minha mãe, a gente viu o coral lá no prédio do HSBC, super lindo, foi muito bom e a gente sempre viajou muito junto, a gente sempre gostou de viajar e acho que até por isso que pensei no curso do turismo. Mas, fiz Educação Física e passei de primeira na Unicamp, só que eu prestei o integral que era de manhã e à tarde e fui chamada na escola no Porto para trabalhar.

Algumas pessoas do magistério me chamaram para trabalhar como auxiliar de ensino, foi muito gostoso. Tive que fazer algumas mudanças na faculdade porque não tinha como ficar o dia todo, foi um trampo, teve professor que aceitou eu fazer disciplina a noite e teve professor que não, algumas disciplinas eu não pude fazer e tive que esperar. Então, eu ia de manhã para faculdade, a tarde para escola trabalhar e a noite, alguns dias da semana, voltava para Faculdade. Na escola auxiliava as professoras, tinha um cronograma, cada dia ou horários, não era só por dia, estava em alguma turma ajudando alguma professora da Educação Infantil. Terminei em 2000 o magistério e em 2001 eu entrei como auxiliar de ensino, fiquei só um ano porque houve mudanças. O colégio é “Fundação Colégio Porto Seguro” que tem várias unidades, o nosso cargo era auxiliar de ensino, um cargo ligado à educação, então a gente tinha as mesmas coisas que as professoras, os feriados, as férias, era tudo de acordo com os professores. No final do ano eles mudaram o cargo, eles extinguiram esse cargo e criaram um outro que era muito parecido, só que era igual ao administrativo, então o salário era diferente, acho que o salário era menor, a gente foi demitida com carta de recomendação. Algumas das auxiliares de ensino já estavam terminando a faculdade de Pedagogia, só eu fazia Educação Física, então as meninas que estavam terminando foram contratadas como professora. Foi um baque eu ser demitida no meu primeiro emprego, eu chorei horrores, mas isso foi bom também porque na faculdade, no primeiro ano, eu não tinha muito tempo para ficar lá, saindo do Porto eu não procurei outro emprego e fui me dedicar a faculdade. Consegui me envolver em outras coisas, comecei a participar de projetos de extensão, grupos de estudos, peguei bolsa Pibic de Iniciação Científica duas vezes, a partir do segundo ano eu consegui fazer mais coisas relacionadas a isso que foi quando eu comecei a trabalhar a questão da deficiência visual. Eu participava do GEPAMA que era o grupo estudos em atividade motora adaptada, tinha um pessoal que fazia doutorado e mestrado na área da deficiência visual. Meu primeiro contato com a deficiência do ponto de vista acadêmico, de estudar, porque eu tenho na família meu primo deficiência motora, um primo que tem um déficit, um desenvolvimento mental um pouco diferente do convencional, ninguém com deficiência visual. Eu comecei a fazer parte do grupo de estudos, comecei a fazer parte dos grupos, dos projetos de mestrado e doutorado, tinha atividades na natureza para deficiência visual e depois eu tive uma amiga que fez sobre a deficiência mental e para síndrome de Down tinham os programas, a

*gente fez um livro que foi meu primeiro contato com o golbol, comecei no golbol e a gente fez um livro sobre o ensino do golbol.*

*Na faculdade, por conta do magistério, eu já tinha certeza de que eu não queria o bacharelado, eu queria a licenciatura, fiz os dois, mas já sabia que não trabalharia em academia, fiz estágio em academia para conhecer as diversas áreas, mas não é para mim. As experiências que a gente teve e o que a gente estudou e pode vivenciar dessa parte da escola, eu gosto da escola. Tem quem fez só o bacharelado, tenho amigas que fizeram licenciatura e bacharelado como eu, também tenho amigos que já se formaram e saíram da área, não trabalham com Educação Física, tenho vários amigos que fizeram Educação Física e Fisioterapia.*

*A gente viu parte esportiva, o golbol, atividades no meio natural, sempre com um enfoque não voltado para educação física escolar, a gente teve essas disciplinas também na faculdade, mas os grupos de estudos me envolvia com essa parte do relacionado ao esporte, não na área educacional. É claro que também é um pouco educacional, mas eu digo assim, não no ambiente de escola, fiz estágio em academia porque precisava, fiz estágio no Porto Seguro, também numa escola aqui de Valinhos, eles não tinham professor de Educação Física, então a gente assumiu algumas turmas, do quarto e do quinto ano, eu dava aulas do quinto e minha amiga dava aulas do quarto ano, contou como estágio na rede pública de Valinhos.*

*Ganhei uma bolsa de estudos e fui fazer um semestre da Faculdade na Espanha e acabei fazendo em mais tempo a faculdade, a minha turma se formou e continuei mais um ano ou dois, fiz os dois, licenciatura e o bacharelado, fui bolsista PAD numa disciplina da graduação e me formei em 2006 em licenciatura e ganhei bolsa, fui fazer o primeiro semestre de 2007 na Espanha, no INEF que é Instituto de Educação Física da Galícia. Quando voltei já participava de alguns eventos do golbol, fui para o mundial da Federação Internacional de esportes para pessoas com deficiência visual em São Paulo, lá conheci umas pessoas que me possibilitaram ir para o Parapan que teve no Rio de Janeiro. Não lembro se foi final de 2002 ou 2003, mas foi no decorrer da graduação que fui para dois eventos, não trabalhei com golbol, trabalhei na Secretaria do Evento e na outra trabalhei na nataçao, sempre relacionado à deficiência, desde de 2003 participei de vários eventos do Desporto Paraolímpico, foram mudando as siglas, era Associação Brasileira dos Desportos para deficientes visuais e depois virou Confederação Brasileira, mas sempre nesse movimento do Paraolímpico. Participei de várias competições como voluntária, já fiquei no xadrez, na alimentação, em hospedagem e a gente vai ajudando onde precisa. Já em 2007 participei desses dois grandes eventos e depois terminei o bacharelado.*

*No final de 2007 terminei de me formar, comecei a trabalhar na escola Americana com After School que é o programa extracurricular de lutas e de esporte. Na prefeitura comecei como monitora da Educação Infantil, estava com algumas aulas desse programa extracurricular na escola Americana e me inscrevi para ser monitora na rede de Campinas numa CEMEI, trabalhar na Educação Infantil, um contrato de seis meses CLT, agente de Educação Infantil. Comecei a trabalhar num projeto muito bacana chamado Mente Inovadora, muito interessante, trabalhei vários anos, não lembro como que eu comecei na verdade, se foi em 2007, acho que 2008 ou 2009, já estava formada.*

*Trabalhei como agente de Educação Infantil, trabalhei com essas aulas no extracurricular, até que prestei o concurso para professor de Educação Física, acho que foi 2008, teve um concurso para agente de Educação Infantil e para professor, eu prestei os dois na rede de Campinas e fui chamada primeiro no agente*

de Educação Infantil e em 2009 eu comecei a trabalhar.

*Eu trabalhei um tempo no Sesi com Educação Física e no Projeto Mente Inovadora, tinha que combinar a Educação Infantil como monitora com o trabalho na empresa, eu trabalhava com formação de professores no Sesi, com pouquinhos aulas de Educação Física para o fundamental, acho que entrava o fundamental 1 e o comecinho do fundamental 2.*

*Mente Inovadora é um projeto que trabalha com jogos de raciocínio para desenvolver habilidades cognitivas e emocionais, sociais e éticas, trabalha com parcerias com escolas. Nós que éramos supervisores fazíamos toda parte de formação de professores das escolas que adquiriam o projeto, para atuarem com a aprendizagem significativa, para utilizar os jogos como um recurso para desenvolver habilidade e atenção, tinha toda uma teoria embasada com os critérios de mediação da aprendizagem. Foi uma experiência muito bacana, muito legal e vai complementando a visão da educação e trabalhei até... em outubro de 2010 eu fui chamada como professora de Educação Física daquele concurso que eu prestei em 2008 ao mesmo tempo, na mesma época. Foi difícil, porque eu gostava muito do trabalho que eu estava, gostava de trabalhar com os bebês e com as crianças. Eu trabalhei com crianças de três anos, três e quatro anos e depois com a turminha de 1 ano e meio, gostava e era meio período. Eu preferia o turno da manhã, às vezes eu dobrava quando precisava a tarde, mas em geral eu ficava no turno da manhã e era muito certinha as coisas. Quando começaram a falar que estavam chamando de novo professor eu fiquei preocupada e quando vi que me chamaram. Sabe quando dá aquela angústia? Porque eu não poderia ficar nos dois, eu tinha que desistir de um e eu falava: “aí gente será que é isso mesmo?” Mas, uma coisa era professor, a estabilidade era a mesma porque ambos eram concursado, mas o salário muda e era trabalhar só com Educação Física do primeiro ao nono ano.*

*Foi muito difícil tentar conciliar as duas coisas, a carga horária da empresa, eu sempre tive que fazer um malabarismo, montar uns quebra-cabeças. Fui chamada em Outubro, 10 de outubro eu fui para escolha, mas a escolha tinha duas opções: escolas que eram longe pra caramba e as outras duas perto do Ouro Verde que não era longe. Eu não tinha opção ou eu pegava essa ou eu pegava aquela. Cheguei na rede como professora de Educação Física para entender como é que funcionava, comecei no CAIC e no Correia de Melo, uma escola enorme, turma do primeiro e do segundo ano, com uma turma que estava sem professor de Educação Física desde o começo do ano e outra que estava tendo Educação Física com adjunto de História. Você tem que entender o funcionamento da escola.*

*No Correia de Melo eu pegava os maiores, pegava sexto, sétimo e oitavo ano. Eu me lembro que chegava na escola e esse negócio de assinar o ponto e tinha que falar com diretor...tinham muitos espaços da escola que ficavam trancados e tinha que lembrar de pedir para abrirem para você poder ir para quadra, uma loucura. Tinha dia que eu chegava no Correia de Melo a tarde, na sala dos professores você ouvia a inspetora falando: “olha, tal e tal professor não vão vir hoje. Então, a gente vai ter que dar uma...você vai ficar com português e você e você vão juntar e vão dar as aulas nessa turma. A gente vai ter que dispensar essa outra turma”. E eram os adjuntos, adjunto de História. Todo dia era esse negócio...teve dia que eu não assinei livro ponto e quase fiquei com falta, porque o diretor falou: “você tem que assinar todos os dias, não pode deixar nenhum dia”. Você entrava naquela correria e você tinha que pedir para moça da secretaria pegar o livro ponto para você assinar. Não é como na nossa escola [municipal em que se realiza a pesquisa], na nossa escola fica na sala dos professores. Enfim fui lá, fui me entendendo, trabalhei com crianças do*

*primeiro ano e com crianças do sétimo e oitavo. No final do ano a gente vai para escolha, terminado o primeiro ano, fui escolher a minha sede.*

*Na escolha são todos os professores que entraram recentemente e ainda não tem sede e tem as supervisoras que, às vezes, nada a ver com nada, com uma postura e com informações erradas, mas, enfim, Deus foi bom para mim, deu tudo certo e consegui pegar a escola. Já em 2011 eu comecei na escola que estou até hoje. Era ciclo 2 de manhã e o ciclo 1 a tarde que era primeiro, segundo e terceiro ano. A Educação Integral começou em 2015, acho que em 2014 a gente começou toda discussão, todo o estudo para 2015 começar.*

*Meu começo foi difícil e pensei até em desistir e fazer outras coisas... peguei crianças e tinha que escutar: “você é chata e a outra professora era mais legal... não tem futebol hoje...mas por que que a gente não pode fazer isso?” Acho que estou em formação ainda, mas eu tento trabalhar com os conteúdos da cultural corporal, trazer experiências para essas crianças... manifestações da cultura. Penso em como posso trabalhar a ginástica, o esporte, os jogos e as brincadeiras, promover experiências diferenciadas dentro da questão da deficiência, fazer o esporte paraolímpico e atividades que fazem pensar na questão dos sentidos, explorar outras formas de se estar no mundo. Penso no que posso trazer para acrescentar na vida dessas crianças, não só no sentido de se movimentar, de conhecer o corpo, mas também de reconhecer o que foi feito ao longo da humanidade na relação das pessoas com elas mesmas e com as outras pessoas, porque a gente tem essa diversidade.*

*Era muito difícil porque eu não estava acostumada com esse negócio de lidar com indisciplina, com criança que não estava nem aí com nada, com criança que ficava tirando sarro do outro e fazendo brincadeira boba, que não deixava você falar. A gente teve algumas turmas bem difíceis na escola, algumas crianças bem difíceis, então para entender como funcionava e como trabalhar com isso vai um tempo para acalmar, porque tem hora que dá vontade de sair correndo e chorando e falar: “Pelo amor de Deus não quero mais saber dessas crianças daqui”.*

*Era chata pela questão de não deixar eles fazerem o que eles quisessem. Hoje eu tenho momentos que eu dou brincadeira livre para eles, também é importante a forma deles se organizarem, deles escolherem, brincarem, mas não dá pra ser só isso. A gente tem um programa, não pode ser o que eles querem fazer ou a criança falar vamos jogar futebol e vamos, tem coisas para fazer e eu não decido ali na hora, às vezes uma criança fala: “mas, hoje a gente não pode brincar de um pega-pega?” Tudo bem, vamos fazer isso como uma atividade de aquecimento, você ouve o aluno, mas não dá... Eu acho que a outra professora estava lá já há algum tempo com ele na escola é uma professora só, então, eles já tinham um vínculo com ela e de repente ela foi embora. Eu pego eles no primeiro e sigo com eles até o quinto, acho que tinha isso também deles sentirem que eu tinha tomado o lugar da outra professora. Tem uma outra coisa também muito difícil que é ter que lidar com os comportamento que tira a gente do sério e você acaba lidando de uma forma que não é a melhor forma, ficando brava demais e acaba sendo chata mesmo. Tenho que me policiar o tempo todo, ser mais divertida com eles.*

*No início é tudo muito novo e é muita frustração, porque você prepara e vai lá pensando que vai ser uma coisa e chega lá e não consegue falar porque eles não param quieto e você pede, você conversa numa boa e não funciona. Você tenta trabalhar com alguma coisa e não dá muito certo...aquela reciprocidade do aluno que você achava que teria. Mas, a gente foi conhecendo a escola, fui conhecendo os alunos, conhecendo às outras professoras e o jeito de trabalhar e depois foi indo. A gente tem problema e tem turmas que são mais difíceis do que outras e tem*

*crianças que são mais difíceis que outras, mas tem muitas coisas bacanas e vai caminhando... Sempre no final do ano tinha aquela coisa de que a escola seria fechada, a "F" sempre colocava que tinha uma pressão para fechar a nossa escola, porque só tinham cinco salas e o espaço seria para uma creche e os nossos alunos iriam para o Júlio [escola municipal na região], tinha esse fantasma. Até que a prefeitura começou com esse projeto de Educação Integral e precisavam das escolas, a gente acabou sendo uma delas, isso por conta do tamanho, eu acho que facilita você começar um projeto numa escola menor... Uma coisa nova e você está testando e não sabe como vai fazer, melhor você começar num ambiente menor. Decerto forma nosso espaço físico é bom, teve que fazer algumas adaptações, mas a gente tem muito mais do que outras escolas que eu ouço que são integral e têm que*

*ficar fazendo rodízio com as crianças saindo de uma sala para ir para outra.*

*Em 2014, uma jornada de estudos para entender o que é essa Educação integral e nessa aprendizagem... a gente estudava nos momentos do TDC. O que a prefeitura queria nem a própria prefeitura sabia direito, as informações que chegavam eram confusas, como agora... Algumas coisas mudaram, algumas coisas talvez estejam um pouco mais claras, mas vejo o ambiente das escolas muito diferente, tem coisas que funcionam em uma e na outra são mais difíceis, por exemplo, a carga horária teve que ser ajustada. Começou com a jornada de 24 horas aulas, cinco turmas e tinha que distribuir os professores, você pertence só a uma escola, então tem que fazer uma matemática de quantas aulas vai ter para cada turma. Na Educação Física tinha duas, agora a gente tem cinco e num tempo a gente passou a ter seis para algumas turmas e quatro para outras, teve que ir sendo ajustado de acordo com algumas diretrizes. Essa questão do TDF e TDP funcionou porque a gente fazia sempre tudo junto, nas outras escolas não. No ano passado começou um movimento e esse ano eles tentaram mudar algumas coisas, porque o que na nossa escola funciona em outras escolas não funciona e alguns professores tentam tirar vantagem, tipo do TDP tem gente que não ficava. A gente ouviu falar, também não sei até onde é verdade, mas eu não duvido muito que seja verdade, que alguns professores que tem aulas vagas se reúnem em dupla e chamava isso de TDP, ou mesmo ia embora, não fazia e fingia que tinha feito TDP.*

*A gente foi muito prejudicada no começo, porque teve a opção de trazer outras professoras, montou-se um laboratório de Ciências, só que não montou do jeito que a gente queria, na verdade, montou-se de um jeito que não era adequado a nossa realidade e a dos alunos que são de primeiro ao quinto ano. Veio uma professora que é PEB 3 - que seria do fundamental 2 - para nossa escola, uma de Ciências e uma de Matemática, duas professoras e as nossas crianças tinham aula com professora PEB 1, professora de sala e tinham professoras específicas de Ciências que trabalhavam que nem eu trabalho Educação Física do primeiro ao quinto, uma professora que só dava Ciências do primeiro ao quinto e uma professora de matemática que também fazia esse trabalho da matemática do primeiro ao quinto ano... especialista que eram PEB 3. Foi muito bom, a professora de Ciências trouxe várias coisas para o laboratório, fez um trabalho super legal com as crianças; a de matemática era... ela saiu da prefeitura e passou no concurso... trabalha na faculdade, um instituto com formação de professores de matemática, super legal a visão da matemática e foi super legal. Mas, no final do ano PEB 3 não pôde mais atuar, durou um ano apenas, após a gente ter organizado tudo e estar dando super certo na escola. No ano seguinte o laboratório que eles*

montaram deixa de existir, porque a gente, como as outras professoras de sala, acaba não usando aquilo comoum laboratório de Ciências.

O inglês também passa por um “perigo”, vai sair o inglês, porque inglês não é necessário, porém é claro que é importante para as nossas crianças e o trabalho aqui funciona muito bem. Enfim, a cada ano tem essa questão de reformular, mudar o número de aulas e para esse ano tinha algumas coisas, mas com essa questão da pandemia não sei.

A resolução que institui uma avaliação e um processo seletivo para entrar na Educação Integral pegou na escola, porque a gente está aqui a tanto tempo e desde o começo e agora corre o risco de perder. A gente tem um trabalho efetivo aqui, tem muita gente que vai para Educação Integral por conta da carga horária, mas acabam não trabalhando e tem quem acaba sofrendo pelos professores que não trabalham. Eles implementaram uma política para avaliar professor, mas tem que avaliar quem está acima da gente, primeiro o orientador pedagógico e depois a vice e a direção. Tem que ter um trabalho de acompanhamento do trabalho do professor, elas tem todo o direito e o dever de olhar a aula e ver o planejamento para ir ajustando o trabalho. Você fala para o professor: “Na nossa escola a gente trabalha assim e os objetivos são esses e tem que ter isso na aula e não está acontecendo e o que a gente pode fazer para melhorar”. Se a pessoa não apresenta um trabalho que condiz com os princípios da escola, a escola tem o direito de escolher ou não, deu chance, três chances para esse professor mudar e três vezes não deu, não que tenha que escolher, mas agora a gente não sabe como é que vai ficar.

Tem professor que não trabalha direito o quanto trabalharia, mas também ninguém cobra deles, ninguém dá um ultimato e acho que é errado. Elas têm muito medo, a “F” fala para o pessoal que não pode falar e tem que tomar todos os cuidados por conta de assédio, senão são acusadas de assédio porque já tiveram alguns casos que falaram alguma coisa para um funcionário ou com professor e a pessoa processou ou abriu um chamado por conta de assédio. Nós somos professores e eu tenho uma chefia direta, eu não faço o que eu quero e da maneira como eu quero, tenho regras para seguir, tenho diretrizes para seguir, é minha obrigação e fui contratada para isso, não importa se eu sou funcionária pública ou não, o regime de trabalho que eu tenho, tenho obrigações, tenho deveres e tenho que ser cobrada por eles, acredito nisso, eles tem todo direito de me cobrar dentro disso. Mas, o que a gente vê muitas vezes é que essas questões não funcionam direito. A gente escuta casos de professor que sempre chega atrasado, não aparece e não avisa ou avisa na hora e que não tem um motivo, uma emergência, simplesmente não vai. Eu acho que tem que ter punições dessas pessoas, porque você tem que chegar no horário, parece que quem trabalha direito que sofre e quem não trabalha direito não acontece nada, eu não sei qual que é a lógica do processo. Colocou-se que agora vai ter essa questão da avaliação, agora temos eixos de trabalho e a gente já tinha os eixos de trabalho, mas agora eles estabeleceram quais são para todas as escolas, antes cada escola poderia montar, escolher o que quer trabalhar, agora não, eles colocaram os eixos e já colocaram quem tem que trabalhar com o que, por exemplo, o eixo movimento é da área da Educação Física. Agora tenho que dar duas aulas de Educação Física ou três e o resto é desse eixo, não lembro a proporção que eles fizeram, eles já determinaram o quanto você tem que trabalhar esse eixo em específico dessa disciplina.

A literatura agora não é mais literatura que chama...é...alguma coisa de protagonismo juvenil, a nomenclatura é grande, um eixo que tem que ser trabalhado por disciplina, tem alguns eixos que são bem claros como o meu e de Artes e já é

*dentro do que a gente tem que trabalhar, faz parte da nossa rotina, o discurso delas é assim: “Ah, mas não é todo mundo que trabalha como vocês”. Não importa se trabalha como a gente ou não, eu trabalho assim porque eu tenho a consciência de que a minha área, minha função é trabalhar dessa forma, está nas diretrizes, eu fui contratada para fazer. Mas, enfim colocaram isso... mas também as informações, muitas vezes, na escola a gente não sabe o que é real e o que não é real.*

*A gente tinha que criar grupos de estudo da prefeitura obrigatórios para as professoras participarem por eixos e entenderem o que eram esses eixos e como deveriam ser trabalhados, criar um documento como as diretrizes da escola por exemplo. Era para ter começado, mas com a história toda da Pandemia... veio isso e foi aquela discussão, porque é obrigatório, você tem que participar, só que é fora do seu horário de trabalho, a noite, já temos uma rotina na escola e a noite teríamos que ir para o CEFORTEP se reunir e fazer, começou aquele negócio: “eu não vou”. Outra coisa foi o nosso TDEP, a gente sempre organizou na escola os nossos tempos pedagógicos de segunda, terça e quarta, porque quinta e sexta a tarde a gente está livre...quem tem aula até três horas ou três e vinte vai embora. Mas, a “V” [OP] tinha que estar presente e terça é o dia que tem reunião de OPs. Então, precisávamos mudar para quinta e para gente era ruim, porque a gente fez toda uma organização desse ano pensando nesses horários, a gente se organiza, principalmente quem tem filho e mesmo eu que tenho os meus programas, tenho meus horários e todas as coisas aqui, quinta, por exemplo, é um dia que eu não tenho que ir para escola, é minha folga, só dou aula de segunda, terça, quarta e sexta...*

*Esse ano na verdade tem outra coisa, a gente tinha o TDF e teria que ser feito na escola, só que é muito difícil encontrar formador, sempre tem a barreira da contratação e sempre é um estresse essa questão, não sei direito esses processos e elas falam algumas coisas, mas a prefeitura também é confusa e elas também acabam sendo meio confusas. Elas decidiram que esse ano a gente não ia mais fazer na escola, porque elas não iam correr atrás de formador, cada um tinha que se virar. Só que nessa resolução veio que tem que ser feito na escola e tem que se encontrar uma formadora. Tudo bem, mas ainda não tem e os processos de contratação demoram séculos e, às vezes, nem acontecem e o que eles tem disponível não são os temas que interessam para gente. Nós mesmos montamos um grupo ou a “V” ficou de montar um projeto para validar, nem sei como ficou e toda essa história.*

*Tem várias coisas que vão acontecendo, a gente colocou desse processo seletivo e elas disseram para gente de que quem já está na escola de Educação Integral não vai ser afetado e que vai continuar do jeito que está, agora quem quer ir para as escolas de Educação Integral é que vão ter que passar pelo processo seletivo, na verdade na resolução não ficou claro, coloca que isso vai ser falado mais para frente, mas também agora...é que eles tem no final do ano todo o processo de remoção e de atribuição, eu não sei como vai ser...*

*Gosto da Educação Integral, tenho mais tempo, tenho mais aulas com as crianças, é uma coisa que favorece e às vezes acho que é pouco e falo nossa gente, mas passou e já acabou e eu quero trabalhar isso e isso e o que eu vou fazer agora, acho que tem um tempo maior com as crianças e pra mim foi bom porque eu só tinha duas aulas e acho que depois aumentou para três e agora eu tenho cinco em cada turma, agora tenho mais possibilidades para fazer alguma coisa e é claro que a gente tem assim... por exemplo tem dia que meu horário pega a parte do almoço, uma parte da hora do almoço, não tenho cinquenta minutos de aula, tenho menos tempo ou pega a parte da escovação ou do descanso, a gente tem esse período, tem o café da manhã e tem essas coisas todas, mas é um trabalho legal de fazer com as*

*crianças, possibilidades e o horário também ficou melhor porque consigo organizar por mais que tenha alguns dias que a gente fica até mais tarde na escola os meus horários ficaram melhores, tenho um dia de folga, por exemplo quinta eu não vou e pra mim isso é bom por conta dos campeonatos e preciso de dias para o campeonato, por exemplo quando eu tenho é um dia a menos que eu preciso de alguém para me substituir, é um dia a menos que eu preciso ir para escola...*

*No golbol comecei por conta do grupo de estudos, teve um ano que a gente montou, o grupo de estudos que eu fazia parte, um campeonato universitário de golbol e chamaram não lembro quais eram as universidades na época, mas era Unicamp e não lembro qual que era a outra que tinham um pessoal do grupo que era golbistas e eram para estudantes da universidade. Tive um contato porque a gente precisava das pessoas para fazer as funções da arbitragem e foi o nosso grupo, foram explicando como que era e comecei ali na mesa, depois eu tinha amigos treinava uma equipe em Paulínia, o SINDEP e acompanhei eles por algum tempo, a Federação Paulista estava começando e tinham alguns campeonatos e precisavam de pessoas porque não tinham árbitros formados, eles explicavam as funções na hora e tinha as funções de mesa que eram mais simples e a de juiz de linha e a gente ia fazendo isso, de uma forma e foi observando e vendo como era ser uma arbitragem em quadra que é a função mais difícil e eu fui aprendendo e fui participando desses eventos e estudando e aprendendo e acompanhando alguns treinos dessa equipe de Paulínia.*

*Em 2006 a Confederação Brasileira fez uma clínica de arbitragem e foi a minha primeira clínica de arbitragem, até foi uma clínica internacional, mas eu não passei para o internacional, reprovei na parte prática porque tinha uma pontuação, mas fiquei como arbitra nacional, como arbitra do quadro de arbitragem da Confederação porque eles precisavam de árbitros para montar um quadro de arbitragem da Confederação, para participar dos eventos e tudo mais. A gente já tinha árbitros internacionais no Brasil e a gente já tinha uma representatividade tanto que a pessoa que deu o curso era o coordenador nacional da arbitragem na época e tinha essa relação com o internacional, eu prestei e fiz essa clínica, comecei a fazer parte do quadro da CBDB e não era CBDB na época na verdade era ABDB, ABDC, mas era da Confederação Brasileira, comecei a participar dos campeonatos e de alguns campeonatos como arbitra, participava de eventos paraolímpicos como voluntária em várias funções e também comecei a ir como arbitra e fui crescendo, você vai participando dos eventos e era muito legal, fui para alguns... era um banco eu não lembro se era o Itaú ou se era Unibanco, um banco grande e eles faziam todo ano para os funcionários um campeonato, uma competição que tinham várias modalidades e uma delas era o golbol, a gente ia apitar nesses eventos e a gente fazia eventos da Federação Paulista, eventos tinham vários campeonatos e o tempo foi passando e tudo foi se tornando mais profissional.*

*O Brasil foi crescendo no golbol e fiz a minha segunda clínica em 2010 que foi quando eu comecei a ser arbitra internacional e em 2010 já tinha os campeonatos regionais de golbol, são cinco por ano, o nacional e depois começaram as paraolimpíadas escolares e a Copa Brasil, a gente tem um grupo de arbitragem, a gente não vai para todos os eventos, tem um rodizio para dar oportunidade para todas as pessoas irem, por exemplo hoje a gente tem um quadro de 60 árbitros, hoje a gente tem bastante e teve várias clínicas nesses anos, tem árbitros que saem e tem árbitros que continuam, que nem eu já estou pelo quadro desde 2006 e tem árbitros que entraram em 2008 e tem árbitros que já saíram, então vai tendo um rodizio.*

No final de 2010 eu passei para arbitro internacional 1 porque dentro da arbitragem internacional você tem os níveis 1,2 e o 3 e você pode participar de campeonatos internacionais, então o meu primeiro evento fora do Brasil foi em 2014 que eu fui para um evento na Costa Rica que foi o Paracentro americano, não era só de golbol, mas fiquei como arbitra de golbol e a partir daí comecei nos eventos internacionais, já apitei mundial de golbol, já fui para Parapam, tem o europeu, existem várias...super legal porque eu consegui lá na escola... consegui conciliar com a escola... mas não é assim tão bem e tão simples, eu sempre estresso, é sempre uma luta de convencimento, não é super tranquilo, mas o que faço é tenho uns dias de abonadas que eu só deixo para ir trabalhar nos eventos, agora eu tenho os dias do TRE também, mas o que eu fazia quando não tinha, eu sempre quando falta gente na escola me ofereço para ir e cobrir as aulas e quando eu não estou eu combino com as professoras, eu monto uma agenda com as professoras, por exemplo na terça dou quatro aulas, duas no terceiro ano e duas no primeiro, então eu combino com a professora do terceiro: olha nesse dia você pode dar minhas aulas e eu fico te devendo duas aulas, então é isso que faço com elas... tem umas que não gostam muito de trocar o horário porque na verdade é benéfico para elas também, naquele dia ela dá aula um pouco mais de aulas, mas num outro dia ela nem vai porque eu dou as aulas todas ou ela sai mais cedo, ela entra mais tarde porque eu estou dando aulas, sempre aviso com antecedência, tipo a pessoa pode se programar...

Tem professora que trabalha só o período da manhã porque você não tem a carga horária fixa da semana, cada dia você tem um horário diferente, essa é a questão, por exemplo os meus horários de segunda eu dou aula das 7h20 até 11h40 só que eu tenho TDEF das 15h10 até às 18h30, na terça eu entro 10h50 e eu dou aula das 10h50 às 15h, mas eu tenho TDEP das 15h10 às 17h40, na quarta eu dou aula das 7h20 até às 15h, tem gente que só chega na segunda 11h40 pra trabalhar e trabalha das 11h40 até às 15h e vai para o TDEF, então tem gente que entra na quinta 7h20 da manhã e quando deu 12h30 vão embora, para cada uma tem um horário diferente, entendeu? Acho que é legal porque você tem tempo para se programar para fazer as coisas, por mais que a segunda, a terça e a quarta tem a tarde inteira lotada na quinta e na sexta a gente não tem, no máximo você vai trabalhar até 15h20 se você tem as aulas até 15 horas e tem dia que você não trabalha de manhã, gosto porque é puxado, tem alguns dias que são mais puxados, mas outros que são mais tranquilos então a gente também tem tempo para fazer as coisas.

Comecei a ir para os campeonatos mesmo fora de ficar mais tempo em 2014, nos outros são campeonatos menores então pego duas abonadas e já deu, mas elas são legais, elas são muito gente boa, às vezes você precisa de um trabalho de convencimento, tento ficar disponível, por exemplo a gente não tem um adjunto disponível, sempre que alguém vai faltar eu me disponho: eu venho, várias quintas-feiras eu estou lá para dar aula, para substituir alguém e tenho que fazer isso, mostrar para elas de tipo eu estou precisando, mas vai ter um momento que você vai precisar também, uma mão lava outra, porque várias delas tem coisas assim minha filha está doente e não vou conseguir ir amanhã, são motivos diferentes, eu tenho por conta dos campeonatos, mas sempre aviso também com antecedência, sempre com um mês de antecedência, dois meses eu aviso, acho assim para pessoa se programar. Todo mundo tem um momento que precisa de alguma coisa, é legal você ser legal com o outro, você se pôr no lugar do outro, não custa nada eu substituir pra ela agora e ela vai me substituir depois quando eu precisar ou quando eu quiser. Esse ano a gente está com uma professora de Educação Especial nova e professora de Artes

*nova que entrou agora, a gente está com uma professora adjuntanova que assumiu o quarto ano, todo ano eu acho que acaba tendo uma professora que sai e que entra, mas tem a turma fixa eu, a “C” e a “H”, a “G”, a “L” a gente está a alguns anos na escola, a “V” mesmo e a “G” e a “F”.*

*Quando a gente fala de Educação Integral estou falando da minha escola porque essas coisas não são iguais para todas as escolas, então esse conceito de Educação Integral eu não sei como vem acontecendo nas outras escolas, eu acho bacana essa questão de ter mais tempo na disciplina com as crianças e a gente tem os TDEPS que é um momento que a gente está junto ali, então a gente pode trocar informações, pode falar sobre as atividades e planejar, a gente ainda precisava organizar melhor os espaços, organizar melhor, a quadra a gente tem essa questão da prefeitura que vai cobrir, que vai cobrir à séculos, mas até hoje nada e não é só cobrir a nossa quadra é muito ruim, o piso é irregular e está com umas rachadurazinhas, não condiz pra gente ter uma escola integral porque as crianças ficam mais tempo na escola e mesmo que não fosse a gente precisaria de uma quadra melhor, reformar aquela quadra, espaço que não é só meu, às vezes fico nisso com as professoras, até hoje elas tem essa mania seu material e eu: não é o meu material, o material de Educação Física é o material da escola, os espaços são da escola, não é porque as aulas de Educação Física acontece na quadra que você não possa desenvolver alguma atividade na quadra e em alguns outros espaços, os espaços são da escola, os materiais são da escola.*

*Nosso pátio podia ser uma coisa mais bonitinha, aqueles brinquedos são muito detonados, eu vejo também que deixo muito material detonado porque as crianças detonam mesmo, elas não tem cuidado, tem muita criança que por mais que você vá falando não tem cuidado com o material e detona e falo a gente não tem mais material para colocar lá, deixo alguns separados que ainda uso nas aulas porque senão eu não consigo, não é por ser integral a questão de ser mais sustentável, vejo ações lá na escola que ainda são muito de desperdício, plástico, não separa o lixo, agora a gente começou a separar papel, então as crianças tem uma lixeira nas salas as lixeiras de papel, eles separam isso do resto, mas tem muitas outras coisas que a gente podia separar, deixar de usar copinho de plástico, deixar de imprimir tanta coisa porque tem coisa que não precisa, poderia achar uns projetos de gestão do ambiente e questão de sustentabilidade, vejo que a gente não tem essas ações, mesmo a organização, algumas das atividades vejo que precisava de retorno, eu sou a única professora de Educação Física lá e não tenho muita troca com outras professoras da minha área, a gente não tem muito isso, a gente entrega o planejamento e entrega as coisas, mas não tem ninguém que fale: Por que você pensou nisso? Por que você está fazendo isso? Ou sei lá, não está legal, mas acho que está faltando isso, não sei, acho que a gente não tem. Às vezes a gente tem o que você chegou a fazer e o que você ainda não fez, o que vai ser seu produto final, acho que falta um pouco isso. A gente teve que mandar as atividades para imprimir, mando sempre no e-mail uma atividade e falo: fica à vontade para fazer sugestões e para fazer apreciação e se tiver alguma dúvida ou alguma coisa assim. Nunca tem um retorno, eu entendo que elas tem muitas coisas para fazer, mas por exemplo na quarta a gente teve o TDC a tarde e de manhã elas tiraram o xerox das atividades e a tarde a “V” fala assim: Mas a gente recebeu muitas atividades sem e tem que lembrar que tem que colocar o cabeçalho, tem que colocar o espaço para o nome, espaço para data porque a gente perdeu um tempão arrumando e teve coisa que imprimiu assim. Mas eu falo era simplesmente mandar uma mensagem pra gente e falar precisa ajustar, tem um formato para as atividades, arrumem e mandem pra gente ainda hoje, sabe umas*

*coisas assim que são tão bobas e a gente perdeu um tempão fazendo isso porque estava faltando, mas por que? Imprimiu mesmo assim e eu falo por que? Manda, tá errado gente e falta isso e faltou isso, ajusta e depois me manda porque preciso pra hoje, a gente está aqui, então tem coisas que a gente não tem muito esse retorno, eu pelo menos não tenho, não sei as meninas que trabalham com a sala porque às vezes é muito o trabalho da sala entendeu? O que conta mais na verdade acaba sendo Português e Matemática.*

*Às vezes eu sinto um pouco dessa troca, por um lado elas colocam que confiam no nosso trabalho e tudo mais, mas acho que não é só uma questão de confiança, todo mundo tem que aprender, não acho que as minhas aulas são perfeitas, é legal você ter um olhar de fora de uma outra pessoa te dando um retorno, te dando algumacoisa e às vezes isso não vem, mas a gente ouve críticas por outro lado, não do nosso trabalho diretamente, mas você ouve comentários e eu falo: porque não chega para pessoa e conversa, porque você fez isso e fez desse jeito e qual o seu objetivo, coisas assim entendeu? Então não falo para pessoa, mas eu falo mal.*

*A alimentação, tem várias coisas da alimentação, mudou o cozinheiro e muda às vezes o horário do lanche e às vezes tem umas coisas é muito doce, o leite está muito doce, às vezes não tem o suficiente, não tem determinado legume e a gente fala alguma coisa que nem agora que entraram as meninas novas, elas cortam as coisas muito pequenas, a gente vai servir para as crianças e são uns pedaços de frutas pequenos, vai e fala pra elas que não precisa cortar tão pequeno porque é trabalho que elas tem e não dá, as crianças tem que pegar muito mais, elas sempre falam assim: mas é porque vocês não sabem que é difícil e as pessoas não entendem, não quero saber se a pessoa entende ou não gente, todo mundo é inteligente e posso falar uma primeira vez e ela não entender, mas vou falar duas, vou falar três... tem algumas coisas que emperram, coisas que elas falam que é difícil a comunicação e que já tentaram e não deu certo, elas vão meio que deixando pra lá e você fala poxa poderia ser diferente.*

*Nosso cotidiano tem essa rotina de quando a gente tem as primeiras aulas que eu chego você ir para sala, tem dia que as janelas estão abertas que é super legal e as cortinas e tem dia que não e às vezes tem dia que eu entro na última aula da manhã 10h40 e está fechada e falo com eles: gente tem que abrir e tem que ventilar o espaço, entro e abro todas as janelas e abre as cortinas e vê a organização das carteiras, geralmente está organizada, mas se a gente deve mudar alguma coisa, cumprimentar a criança e de falar, seguir o horário do café, às vezes é no horário certinho e às vezes atrasa ou é um pouquinho mais cedo, questão da higiene das crianças por mais que você fale tem criança que faz direitinho, lava mão com sabão e esfrega a mãozinha, tem criança que ainda vai lá debaixo da pia passa a mãozinha molhada e sai, várias delas sai chacoalhando a mão e aquilo pisa e está constantemente sujo, eles molham porque pisam e não tem como a sujeira e vai fazendo aquela pachocho e parece que não muda. Banheiro sujo, tem gente que ainda vai e não dá descarga, enfim essas coisas ... por mais que o pessoal da limpeza continue limpando, mas não adianta se cada um for lá e não ajudar na limpeza e deixar sujo vai ficar sujo, papel para limpar as mãos, para enxugar as mãos, às vezes é um desperdício vários papéis para cada criança e aquele monte de papel que joga fora, às vezes elas ajustam e já falei que eles davam dois, mas com uma mãozinha da criança pequenininha um era mais do que o suficiente porque tem criança que pega o papel e joga fora, o papel sequinho joga no lixo, ajustar essas coisas.*

*A alimentação, às vezes no almoço está farto e você pode pegar e tal e às*

*vezes não está e você não pode nem repetir e você fala: poxa mas se a gente repete, mas porque que hoje não dá pra repetir? Depois você vê comida porque não foi ajustada a quantidade certa para cada turma, trabalho com as crianças de gente vamos falar baixo na hora da alimentação e é hora de saborear, não põe o pé no banco, isso é impressionante e põe o pé no banco e põe o joelho e senta de mal jeito e eu falo: gente na casa de vocês se vocês quiserem fazer isso ok, mas aqui na escola a gente compartilha os espaços, vamos sentar direitinho pra gente poder comer e é o dia todo, todos os dias, nas refeições é esse discurso, essa rotina. As aulas de você ver os horários, seguir os horários certinhos porque às vezes você acaba demorando um pouquinho mais e o tempo de voltar ou eles acabam demorando mais para se organizar e esse fluxo de pessoas de um lugar para outro e o trabalho na sala, a organização das salas porque tem umas que são mais bonitinhas que as outras e a conservação também e esse trabalho da gente falar que eles são responsáveis pela limpeza porque eles chegam e está limpo e não está certo eles sujarem e deixarem sujo, papel, vamos catar e limpar e vamos dar uma varrida se for preciso, essa construção que você fala e parece que todo dia tem que falar porque não vai.*

*A gente tem várias trocas também com os funcionários e tem pessoas novas que estão acostumadas com outras formas e precisa desse ajuste e não acontece essa acolhida e aqui funciona desse jeito e é assim e ouvir a pessoa também sobre o que ela conhece, porque eu acho que todo conhecimento é interessante, mas também falar que na escola a gente faz, às vezes parece uma coisa muito sensível, toda vez que a gente fala alguma coisa da limpeza ou da alimentação parece que é um assunto sensível e não é uma coisa tranquila assim, por mais que as meninas pareçam ser gente boa... mas o que a direção fala é essa questão da compreensão, do entendimento do que elas estão pedindo e me parece que é difícil, mas vai melhorando, as coisas vão mudando, não é que é ruim só que a gente sempre tem algum ponto que pode melhorar, mesmo as professoras sobre a escovação não funciona direito porque esquecem de avisar, o horário da minha turma, eu estou dando uma atividade, às vezes eu vejo que tem gente que não consegue sair porque vai atrapalhar e vai continuando a aula, tudo bem, mas poderia avisar para próxima: olha agora eu não vou porque estou no meio dessa atividade, podem ir e depois vocês me avisam quando terminarem, eu vejo que não funciona porque as pessoas não se comunicam, eu esqueço também, mas eu falo: nossa eu fico de olho, bom no primeiro horário e eles já foram, poxa tal sala não foi deixa eu perguntar se eles vão ou se eu posso ir porque é um cuidado que a gente tem que ter porque às vezes a criança fica lá o dia inteiro e não escova os dentes, pequenas coisinhas...*

*Eu sou muito crítica com algumas coisas, documentos que envia e tal e deixa passar, mas perguntam coisas que já foi falado, tipo esse negócio do Google sala de aula é novo pra todo mundo e para aprender a mexer você tem que buscar como faz, tem uma outra professora que viu a Nova Escola está com vários cursos e mandou o link, na verdade foi a Tuca que já se aposentou que mandou porque ela recebeu de outro grupo e mandou num grupo que a gente tem porque ela não está mais no grupo da escola e eu mandei no grupo da escola e essa professora nova que entrou de Educação Especial é super atendida com essas coisas, ela está participando de todos, está fazendo vários testes, traz coisas legais e eu fiz essa live e já comecei a entender o que era, é uma coisa nova e entrei na plataforma e dou aquela olhada e tudo parece muito estranho e fiz esse tutorial, você começa ver a pessoa falando e tal e você vai lá e testa e criei uma sala para nós fazermos esse*

*teste como professora, mando as atividades para as professoras poderem receber como aluno, como os alunos vão receber e tudo mais, tem mais uma professora que mandou um tutorial e tem professora que ao invés de pegar o tutorial e abrir e ler, fala é difícil, mas como que faz? É nesse sentido às vezes as pessoas esperam muitas coisas e não vai atrás.*

*Eu sou da comissão do GEM, da organização de Jogos escolares municipais e a gente tem um grupo dos professores de Educação Física e é extremamente irritante, eu pelo menos acho irritante, esse ano ainda não porque com tudo isso está parado, mas nos outros anos você manda o regulamento, manda por e-mail do professor e disponibiliza no grupo de WhatsApp e manda as datas e manda tudo e tem gente que não lê e fica nítido porque pergunta: Mas isso aqui? Mas e isso aqui? E às vezes não é só uma vez e um perguntou dois dias atrás, passou dois dias o outro vai e pergunta a mesma coisa e eu falo é uma falta de preocupação mesmo de fazer o trabalho, eu tenho uma dúvida bom então tudo bem deixa eu ler esse documento primeiro, e ainda fiquei com dúvida, se eu lesse as mensagens anteriores, se eu procurasse e se me preparasse e parece muito pouco caso, não procuro saber e é mais fácil perguntar. Ficha de inscrição para! São coisas que são simples, pega e lê a ficha e tenta entender, você não entendeu pergunta, tem umas preenchidas de um jeito que você fala não é possível, não é possível que a pessoa fez isso, não se prepara para aquilo, acho meio irritante, parece um descaso mesmo, vou vendo o que eu viro...eu preciso buscar o conhecimento e não posso ficar esperando alguém me dar pronto ou alguém me falar, às vezes a pessoa está preocupada com uma coisa sendo que são outras que estão em pauta, tem preocupações anteriores.*

*Que bom que você gostou de acompanhar as atividades, te trouxe coisas boas, infelizmente a nossa área é igual Artes ou Inglês, ainda está tentando ganhar o seu espaço por mais que as pessoas falem que reconhecem o valor, que acham importante a gente vê que realmente não tem essa dimensão dessa compreensão, do quanto realmente faz diferença você trabalhar com essas disciplinas de uma maneira significativa, qual é a amplitude e o que aquilo traz para o aluno... eu tenho muito para melhorar, olho e falo: gente tenho que fazer isso e eu não trabalhei com isso ou eu poderia ter feito de outro jeito, eu tenho que pensar. Tem muita coisa pra melhorar, mas sinto analisando a trajetória eu já fui mudando muitas coisas e a gente está em constante processo de aprendizagem, tem muita coisa que acho que já faço melhor e tem muita coisa que eu preciso melhorar, preciso reestruturar, reorganizar melhor, tem muita coisa para aprender, mas acho que fui mudando bastante, fui melhorando muito desde o começo e acho que isso é importante, esse movimento da gente não estagnar e achar que aquilo que está bom.*

*Uma coisa que achei bacana que veio pra gente ano retrasado foram os livros de Educação Física para o professor, o material que chegou foi muito bonitinho e estou pegando várias coisas do livro, ajuda a ter várias ideias de uma organização, de uma separação por temas ou de como trabalhar algumas coisas e você vai acrescentando, vai dando uma cara, um suporte, você vê que só tem livros de Português, Matemática e História, mas seria muito bacana se a gente tivesse um livro para os alunos também de Educação Física porque tem muitas coisas, às vezes você quer registrar e eu faço com eles no caderno, mas é diferente de coisas que você já tem atividades e eles podem preencher, podem ler, tem as imagens que ajudam também e quando você vai imprimir ou vai fazer, até você conseguir montar o texto na linguagem deles e encontrar as imagens que no preto e branco vai ficar bom porque a gente não imprimi colorido e dá diferença, pensa se a gente tivesse um*

*material de cada um ali, tem umas ilustrações do livro do professor que são muito legais que às vezes mostra para eles o que a gente vai fazer, eles vão registrar o que eles fizeram na ginástica por exemplo e lá tem no livro o desenho da criança mesmo fazendo a parada de mão, fazendo a estrelinha e para criança é mais fácil de ver aquilo, se cada um tivesse o seu material ia ser muito bacana. Se tivesse o material de inglês, arte tem e é o único, não tem inglês e Educação Física, poderia acrescentar muito mais, tem várias coisas que tem pra melhorar.*

*Tem um grupo de Educação Física da prefeitura, não vão todos os professores, mas tem um pessoal muito bacana, com discurso e comprometimento, às vezes a maneira que eles falam das aulas e você vai trocando de alguma forma e conhecendo outras formas... a gente tem um grupo no WhatsApp, não está mais tendo encontros presenciais, eram formações do Cefortep, professores mesmo da rede que mandavam projeto para trabalhar, tinham encontros e você podia se inscrever e podia receber, eu participei de Danças Circulares e foi super legal, já participei de um que foi pra gente discutir a questão das lutas e são os professores de Educação Física que se reúnem e tem uma pessoa que organiza o grupo e vai colocando questões e foi muito legal, agora já tem uns 3 anos que não tem... eu não participei no da noite porque eu não podia, mas no da manhã acabou sendo pra gente organizar as coisas do GEM, é que eu gosto de coisas mais práticas, teve um ano que eles discutiram de rever algumas das diretrizes, de discutir e produzir documento, mas eu não, gosto de coisa que eu possa acrescentar, a gente teve um ano que teve uma parceria com a Unicamp, quando eu ganhei as cadeiras de rodas, eles montaram o PROAMA, então a gente teve todo um calendário e foram profissionais da Educação Física, os professores que eu conheço e cada um foi falando da questão da deficiência nas aulas de Educação Física escolar, um pessoal trabalhava com a Bocha, Golbol, atividades para pessoas com paralisia cerebral e com deficiência mental, a gente foi vivenciando e foi discutindo e no final as escolas inscritas receberam o material, então recebi as duas cadeiras de rodas e as bolas de Golbol e futebol de cinco, o que te proporciona trabalhar.*

*Um ano que foi muito legal a prefeitura fez uma parceria com uma tenista que tem um projeto social para divulgar o tênis, Patrícia Medrado, Instituto Patrícia Medrado, também foi aberto para quem queria se inscrever, a gente fez uma formação com ela de alguns encontros para como trabalhar com o tênis nas escolas, os materiais e de manipulação e coordenação, de compreender o tênis e no final a gente recebeu o material, as escolas que se inscreveram, então eu tenho as raquetes coloridas, as bolinhas de tênis e os conezinhos, são coisas que acrescentam, tipo tênis, o que eu conhecia do tênis? Eu já vi o tênis, eu conheço, mas em termos de adaptar e trabalhar com uma prática pedagógica com tênis nas escolas imagina, eu já joguei um pouco de brincadeira com os amigos, já até assisti, mas eu não tinha formação pra conseguir trabalhar e agora teve apostila com as atividades que a gente teve, coisas que te permitem trabalhar, é claro que não saio uma atleta de tênis, mas já consigo trabalhar e trazer um pouquinho desse material, então o que falta...por mais que a gente fale, a gente não tem formação em tudo, por exemplo dança é uma coisa que pra mim é difícil trabalhar, eu tento trabalhar com eles, mas não é uma coisa que eu fale que tenho uma tranquilidade de montar aula de dança, monto com coisas mais genéricas, coisas que eu vi de filme, apresento uma coisa com eles, mas não é uma coisa assim certinha, não é um conhecimento que eu estou estruturando exatamente com eles, então é bom ter coisas que ajudam a gente a fazer isso que é mais do que você só procurar na Internet e pegar, tenho uma amiga que é do Paraná e ela é professora do Estado, ela disse que o Estado lá eles implementaram a partir*

desse ano os cadernos... fizeram um currículo para todo o Estado, ela trabalha com Fundamental 2 e ela falou que recebeu e tem coisas que precisa adaptar e tem que trabalhar porque tem provas a cada bimestre, as crianças precisam saber o conteúdo, ela falou: eu recebi e tenho que trabalhar com o currículo de dança, tenho que trabalhar com a dança de salão e tenho que trabalhar com dança e eu falei: gente eu não sei trabalhar com salsa, não sei trabalhar valsa, ela tem uma lista entendeu? Tipos das danças que ela precisa... a ginástica, quais são as ginásticas que ela tem que trabalhar e desenvolver com eles e tem que trabalhar a parte de jogos eletrônicos e ela falou assim: eu não tenho toda essa formação, não tenho e também não tenho muitas vezes material, jogos eletrônicos, como vou trabalhar com eles videogame, mas a gente não tem esse material na escola.

Eu tenho mais familiaridade com esporte paraolímpico, trabalho de maneira mais tranquila, mas tem professores que não tem, nunca tiveram e a gente acaba puxando um pouco para aquilo que a gente conhece, que a gente teve experiências e em algumas outras coisas, mas eu acho que é muito difícil o trabalho com a Dança, a Tuca fazia um trabalho super legal, essa parte mais dos tempos e da contagem ela fazia e eu não dou conta, eu colocava a música e fazia os movimentos e são coisas que eu fui aprendendo, mas uma coisa mais livre, a prefeitura tem uma coisa super legal de abrir esses espaços de formação, mas falta um pouco da gente aproveitar esses espaços porque foram se perdendo, tem muita coisa, acho que tem muita coisabacana e dá pra fazer um trabalho bem bacana.

Se eu fosse falar com a "L" pequena, difícil, nunca pensei nisso. Mas acho que nesse sentido de vai e acredita e não desiste porque você ficou com medo ou porque tem incerteza se vai conseguir ou não, vai acredita e a gente aprende, acho que a gente tem que buscar o que a gente é feliz, porque às vezes a gente tem vários medos tipo eu não vou dar conta, eu não sou capaz de fazer isso e vou desistir do que eu quero, não. Vamos experimentar e vamos tentar coisas diferentes e vamos acreditar que é possível e vamos buscar ser feliz, naquilo que a gente quer e gosta e se não for aquilo que gostar também, muda e acho que é muito isso, de acredita, acredita que você é capaz e busca o que você quer e não deixa os empecilhos e o medo te impedir.

Até hoje eu tenho, às vezes surge uma oportunidade e surge alguma coisa que requer mais responsabilidade e tudo, fico pensando será que eu dou conta, será que vai ser bom, até das viagens quando eu vou para os campeonatos, você fica será que eu vou conseguir fazer um bom trabalho, eu fico com medo, mas penso eu não vou ficar pensando nisso não, eu vou... assumir algumas coisas e ter esse discernimento das oportunidades, procurar oportunidades e conseguir aproveitar essas oportunidades e conseguir discernir o que realmente é uma coisa que pode ser boa e uma coisa que talvez não, porque às vezes aparece alguma coisa e você saber se de repente você não está com medo, se é importante ir ou se não, de repente não é para agora nesse momento.

Gosto muito de ter coisas diferentes, ter oportunidades diferentes e fazer coisas diferentes, ano passado eu comecei a fazer balé e estou fazendo Lira, comecei o tecido e agora parei o tecido, sempre gosto de ter um repertório diferente, tem tanta coisa nesse mundo e não dá pra gente ficar só numa coisinha, tentar conhecer um pouco mais as outras coisas. Vamos ser feliz, vamos acreditar em você e correr atrás das coisas que a gente quer, tudo é possível.

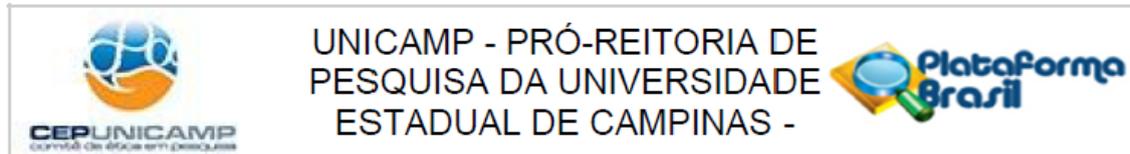
Pensando e voltando para trás é bem isso: não desista diante das coisas que não dão certo, dos fracassos ou de coisas que você queria ou tentou e não deu certo, de coisas que foram negadas porque às vezes a gente fica muito focada

*naquilo e foi melhor não ter acontecido porque surgiram outras coisas muito melhores depois, da gente ter também essa fé de que tem um plano maior, a gente quer tanto alguma coisa e quando a gente não consegue a gente fica tão frustrada e tão triste e depois quando passa o tempo outras coisas acontecem e a gente fala ainda bem que eu não consegui naquela época, então tem que acreditar nisso, tudo vem por um motivo, não perder essa fé e não desistir diante das dificuldades e aprender com elas, no projeto que a gente trabalhava a gente usava muito a frase: as pedras no caminho, que as pedras podem servir para gente criar um muro de lamentações ou um muro de impedimentos ou pode servir para construir um castelo, uma morada linda, tudo depende de como a gente olha para as situações, então a gente tem esse olhar sensível e de sempre tirar o melhor e de se tornar mais forte com o que acontece, setornar pessoas melhores, é isso.*

*Que bom que eu pude ajudar na sua pesquisa, que bom que você fez essa pesquisa, eu acho que não é fácil, eu acho que você deve ter encontrado muita resistência, a gente vê isso, eu vejo isso nas escolas, as pessoas tem muito medo, tem uma resistência muito grande ou de experiências passadas ou de não saber o que vai ser requisitado delas ou o que vai ser depois falado e exposto para os outros, então é uma resistência grande, espero que você consiga o que você queria e faça um trabalho maravilhoso e uma boa qualificação e se precisar de alguma coisa é só entrar em contato.*

*Te agradeço e te desejo muitas coisas boas, muito sucesso na sua pesquisa e lindos momentos para essa nova jornada que você vai ter pela frente, já está tendo que é todo processo e daqui a pouco vai nascer e é um novo momento.*

## PARECER COMITÊ DE ÉTICA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** CAMINHOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CIDADE DE CAMPINAS: COTIDIANO ESCOLAR, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E FORMAÇÃO HUMANA

**Pesquisador:** JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA

**Área Temática:**

**Versão:** 4

**CAAE:** 06819918.9.0000.8142

**Instituição Proponente:** Faculdade de Educação

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 3.257.501

## Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa que se segue pretende investigar a proposta de Educação Integral na cidade de Campinas e centra seu olhar no cotidiano escolar e nas concepções circulantes de Educação Integral por parte dos professores de uma escola, para isso temos como campo de pesquisa uma escola do município de Campinas (sendo atualmente cinco escolas envolvidas no projeto de Educação Integral). Temos como objetivo central compreender e refletir sobre as concepções circulantes acerca de Educação Integral, na perspectiva do estudo do/no/com cotidiano escolar, compreendendo este como um complexo sistema e o impacto para uma educação de qualidade que vise a formação humana em sua integralidade. Pensada a formação humana e os direitos humanos e sociais a Educação Integral viria para articular os processos escolares com políticas sociais. Pretendemos através de observação da realidade da escola e narrativas produzidas tanto pelos professores/as como pela pesquisadora refletir e analisar as concepções acerca de Educação Integral que permeiam o trabalho pedagógico nas escolas municipais-campo nos aspectos da prática pedagógica, da formação humana e os interesses que invadem o contexto educacional. Esperamos com nossa pesquisa somar enquanto um referencial no pensar a formação humana, a qualidade da escola pública e a reflexão acerca da importância do cotidiano escolar.

## Hipótese:

O cotidiano Escolar ressignifica a concepção de Educação Integral, considerando a Política de

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865

**UF:** SP **Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-6836

**E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.257.501

Educação Integral, porém não bastando somente o documentado.

**Critério de Inclusão:**

As professoras de uma escola de Educação e tempo Integral foram convidadas a participar da pesquisa, tendo a liberdade de aceitar ou não. Todas as docentes da escola-campo receberam o convite, o critério de inclusão era ser professora da escola.

**Critério de Exclusão:**

As professoras participantes podem escolher a qualquer momento não participar mais da pesquisa, acordo já apresentado no primeiro contato da pesquisadora junto as participantes.

**Objetivo da Pesquisa:**

A partir do olhar no/do cotidiano escolar, como são construídas, desconstruídas, pensadas e vividas as concepções circulantes sobre a Educação Integral pelas profissionais em suas práticas pedagógicas de Educação Integral numa escola municipal da cidade de Campinas.

**Objetivo Secundário:**

As concepções das participantes da pesquisa podem se encontrar, se complementar, se desconectar e poderão ou não estarem em diálogo com os documentos oficiais e esse é o nosso ponto para se pensar em cotidiano.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo a pesquisadora, os riscos são: "(...) baixos, uma vez que não temos a intenção de interferir no cotidiano da escola-campo, mesmo sabendo que com a pesquisa podemos alterar a prática pedagógica e as relações.

Quanto aos benefícios, a pesquisadora informa que:

"A pesquisa propõe para além da produção de dados a possibilidade de um processo de auto-formação, em que as professoras participantes podem analisar sua própria prática e ressignificar sua concepção acerca da Educação Integral."

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Este protocolo se refere ao Projeto de Pesquisa intitulado "CAMINHOS DA EDUCAÇÃO INTEGRAL NA CIDADE DE CAMPINAS: COTIDIANO ESCOLAR, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E FORMAÇÃO HUMANA",

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
 Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz" CEP: 13.083-865  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3521-6836 E-mail: cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.257.501

doutoranda Juliana Gomes Santos da Costa, com o apoio de [REDACTED]. A pesquisa foi enquadrada na Area Tematica "Ciencias Humanas". A Instituicao Proponente e a Faculdade de Educacao da UNICAMP. Segundo as Informacoes Basicas do Projeto, a pesquisa tem orcamento estimado em onze mil reais. O cronograma apresentado contempla a coleta de dados a partir de Janeiro de 2019. Serao abordados, ao todo 5 participantes.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Folha de rosto devidamente preenchida, datada e assinada Projeto Detalhado adequados comprovantes de vinculo

TCLE e cronograma precisa adequacao

Folha de rosto adequada

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após as adequações solicitadas, o protocolo foi considerado APROVADO

**Considerações Finais a critério do CEP:**

- Vale lembrar que as pesquisas só podem ser iniciadas a partir da aprovação da pesquisa. Os cronogramas de geração/coleta de dados deve acompanhar os relatórios parcial e final de pesquisa

- Cabe enfatizar que, segundo a Resolução CNS 510/16, Art.28 Inciso IV, o pesquisador é responsável por "(...) manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

- O participante da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (quando aplicável).

- Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas e aguardando a aprovação do CEP para continuidade da pesquisa.

- Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, inicialmente seis meses após a data deste parecer de aprovação e ao término do estudo.

**Endereço:** Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.

**Bairro:** Cidade Universitária "Zeferino Vaz" **CEP:** 13.083-865

**UF:** SP **Município:** CAMPINAS

**Telefone:** (19)3521-6836

**E-mail:** cepchs@unicamp.br



Continuação do Parecer: 3.257.501

- Caso a pesquisa seja realizada ou dependa de dados a serem observados/coletados em uma instituição (ex. empresas, escolas, ONGs, entre outros), essa aprovação não dispensa a autorização dos responsáveis. Caso não conste no protocolo no momento desta aprovação, estas autorizações devem ser submetidas ao CEP em forma de notificação antes do início da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1273479.pdf	31/03/2019 20:45:55		Aceito
Outros	CARTARESPOSTA_310319.doc	31/03/2019 20:45:24	JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_mar2019.doc	31/03/2019 20:32:00	JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_mar2019.pdf	27/03/2019 12:10:19	JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA	Aceito
Outros	matricula.pdf	22/12/2018 22:12:38	JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA	Aceito
Outros	Autorizacao.pdf	09/12/2018 00:53:47	JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	09/12/2018 00:53:00	JULIANA GOMES SANTOS DA COSTA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINAS, 10 de Abril de 2019

Assinado por:  
**Thiago Motta Sampaio**  
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Bertrand Russell, 801, 2º Piso, Bloco C, Sala 5, Campinas-SP, Brasil.  
 Bairro: Cidade Universitária "Zeferino Vaz" CEP: 13.083-865  
 UF: SP Município: CAMPINAS  
 Telefone: (19)3521-6836 E-mail: cepchs@unicamp.br